PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Letras

Ros'elles Magalhães Felício

ESTÓRIAS DE UM RIO, FALARES DE UM POVO:
uma descrição sociolinguística do linguajar dos pescadores de Januária, MG

Belo Horizonte
2021

Ros'elles Magalhães Felício

ESTÓRIAS DE UM RIO, FALARES DE UM POVO:
uma descrição sociolinguística do linguajar dos pescadores de Januária, MG

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira

Área de concentração: Variação e Mudança Linguística

Belo Horizonte
2021

FICHA CATALOGRÁFICA
Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Felício, Ros'elles Magalhães
F314e Estórias de um rio, falares de um povo: uma descrição sociolinguística do linguajar dos pescadores de Januária, MG / Ros'elles Magalhães Felício. Belo Horizonte, 2021.
247 f. : il.

Orientador: Marco Antônio de Oliveira
Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras

1. Sociolingüística. 2. Comunidades de prática - Januária (MG). 3. Pescadores - Januária (MG). 4. Língua portuguesa - Januária (MG) - Fonologia. 5. Linguistica - História. 6. Pescadores - São Francisco, Rio. 7. Língua portuguesa - Variação. 8. Língua portuguesa - Regionalismos - Minas Gerais I. Oliveira, Marco Antônio de. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.
SIB PUC MINAS

CDU: 806.90(815.1)
Ficha catalográfica elaborada por Elizângela Ribeiro de Azevedo – CRB 6/3393

Ros'elles Magalhães Felício

ESTÓRIAS DE UM RIO, FALARES DE UM POVO:

uma descrição sociolinguística do linguajar dos pescadores de Januária, MG

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Área de concentração: Variação e Mudança Linguística

Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira - PUC Minas (Orientador)

Profa. Dra. Maria do Socorro Vieira Coelho - UNIMONTES (Banca Examinadora)

Profa. Dra. Idalena Oliveira Chaves - UFV (Banca Examinadora)

Profa. Dra. Edenize Ponzo Peres - UFES (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Marco Antônio Rodrigues Vieira - UFV (Banca Examinadora)

Prof. Dr. João Henrique Rettore Totaro - PUC Minas (Suplente)

Profa. Dra. Sueli Maria Coelho - UFMG (Suplente)

Belo Horizonte, 27 de outubro de 2021.

À minha mãe, Maria do Socorro Magalhães Felício e aos meus irmãos.

Em memória de meu pai,
João Felício.

Em memória do professor
Manoel Ambrósio Alves de Oliveira.

AGRADECIMENTOS

À Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), ao Programa de Pós-Graduação em Letras, e aos seus professores, alunos e funcionários da Secretaria do Programa.

À Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES) e à sua Pró-Reitoria de Pós-Graduação que, através de seu Convênio com a Fundação FAPEMIG, concedeu minha bolsa de estudos nos primeiros anos do doutoramento.

Aos professores componentes da Banca Examinadora, por aceitarem a tarefa de leitura e avaliação deste texto.

Em especial, ao meu orientador, Professor Dr. Marco Antônio de Oliveira, por suas aulas competentes de Fonologia e de Variação e Mudança Linguísticas e pelo auxílio, acompanhamento, estímulo e pela paciência durante o longo percurso da escrita desta tese.

Aos pescadores do Rio de São Francisco, pela convivência e pelas horas de conversa, e a *Nequita*, pela minha condução segura nas águas do São Francisco.

A Eustáquio Azevedo, pela amizade, pelo cuidado e pelas prosas literárias.

A Ramiro Esdras Carneiro Batista (UNIFAP) e a Carlos Ceza de Carvalho (IFNMG), pela amizade e parceria na vida e na edição da obra *Brasil Interior - Palestras Populares Folk-lore das margens do São Francisco*.

A Ailson Alves Cardoso, pelo apoio logístico na pesquisa de campo, e a Ana Alaíde Amaral, pela produção de algumas fotos para esta tese.

Ao Professor José Moreira, pela recepção na Comissão Mineira de Folclore.

À Márcia Alkmin, pela receptividade no Arquivo Público Mineiro.

À Suzana Escobar (IFNMG), pela acolhida na capital.

À Denise Corrêa Alkmin Falcão, pelo apoio e incentivo constantes.

Ao meu amigo Jean Carlos Dias Santos, pelo auxílio com o programa estatístico.

À Carolina Queiroz Andrade, Diana Pillati, Dalva Del Vigna, Ana Márcia Ruas Aquino, Patrícia Fróes e à Kelly Alencar Fróes Fonseca, pelas observações e sugestões.

Aos meus amigos da UNIMONTES/Campus Januária, pelo auxílio em todas as situações.

A toda a minha família, sem a qual nada seria possível.

Ao meu cunhado e amigo Jacques Magalhães Pinto, por todas as lições de estatística.

Ao Gustavo, Samuel, João Victor, Davi, João Pedro, Théo, André e Ricardo, e à Mariana, Ísis, Hayla, Talita, Ana Luiza, que ainda ouvirão muitas *estórias de pescador*.

À Zoraide Magalhães Felício, pelas coisas que não cabem nessas linhas enumerar.

Ao Criador, pelos livramentos e lições.

"Só vejo os passarim aí em cima da praia cantano... as gaivota."
(D58MPP062).

RESUMO

Este estudo investiga o linguajar dos pescadores da cidade de Januária, norte de Minas Gerais, com o objetivo de apontar traços da língua portuguesa falada na região selecionada para o estudo, no período entre 1904 e 1912 e registrados em relevante obra sobre o tema. O texto descreve e analisa os processos fonológicos de rotacismo, metátese e nasalização espúria e os processos morfossintáticos da posposição do pronome possessivo e da concordância nominal de Número. Em seguida, localiza esses processos na constituição da língua portuguesa e em pesquisas de caráter dialetal e variacionista, utilizando os pressupostos teóricos da sociolinguística variacionista e da fonologia gerativa. O aporte metodológico incluiu a pesquisa bibliográfica e a de campo, com análise quali-quantitativa dos dados, que se basearam nos princípios teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista e na perspectiva etnográfica das redes sociais e comunidades de prática para a definição do *locus* da pesquisa, a escolha dos informantes, a decisão sobre a coleta e transcrição dos dados, a caracterização das variáveis linguísticas e sociais e os procedimentos para o tratamento e análise dos dados. Para a análise estatística, selecionou-se o programa estatístico *GoldVarb/* 2001. O estudo aponta para a possibilidade de condicionamento lexical para alguns dos processos em análise, e mostra que a posposição do pronome possessivo no sintagma nominal, embora já registrada na literatura da língua portuguesa do Brasil, pode ser considerada uma forma inovadora. Demonstra o texto, ainda, que a concordância nominal de número, à semelhança de outras regiões do país, ocorre categoricamente nos elementos pré-nucleares do sintagma nominal. Os resultados das análises confirmaram a hipótese principal deste estudo: a de que as características do linguajar dos ribeirinhos, já registrados na literatura pertinente anteriormente, estão presentes no falar da comunidade de prática de pescadores de Januária na atualidade, principalmente entre os idosos e aqueles com baixo nível de educação formal/escolaridade.

Palavras-chave: Sociolinguística. Comunidades de prática. Processos Fonológicos. Processos morfossintáticos.

ABSTRACT

This study investigates the language of fishermen in the city of Januária, located in northern Minas Gerais, to identify traces of the Portuguese language spoken in this region, in the period between 1904 and 1912, and registered by a notorious author. The text describes and analyzes the phonological processes of Rotacism, Metathesis and Spurious Nasalization and the Morphosyntactic processes of Possessive Pronoun Postposition and Nominal Number Agreement. Then, it locates these processes in the constitution of the Portuguese language and in researches of a dialectal and Variationist nature by using the theoretical assumptions of Variationist Sociolinguistics and Generative Phonology. The bibliographic and field methodologies and a quali-quantitative analysis were used, as well as based upon the theoretical-methodological principles of Variationist Sociolinguistics and on the ethnographic perspective of social networks and communities of practice to define the locus of research, to choose the informants, the collection and transcription of data, and decide about the characterization of linguistic and social variables and the procedures for the treatment and analysis of the data. For statistical analysis, the statistical program *GoldVarb*/2001 was selected. The study points to the possibility of lexical conditioning for some of the processes under analysis, and shows that the postposition of the possessive pronoun in the noun phrase, although already registered in the history of the Portuguese language of Brazil, can be considered a new form of using it. The text also demonstrates that the nominal number agreement, similarly used in other regions of the country, occurs categorically in the pre-nuclear elements of the noun phrase. The results of the analyses confirmed the main hypothesis of this study: that the characteristics of the language of riverside dwellers, as previously reported in pertinent literature, are currently present in the speech of the fishing community of Januária, especially among elderly individuals and those with low level of formal education/schooling.

Keywords: Sociolinguistics. Communities of practice. Phonological processes. Morphosyntactic processes.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Os pronomes possessivos, segundo a tradição gramatical 65

Quadro 2 - Perfil social dos informantes 117

Quadro 3 - Codificação da variável rotacismo em grupo consonantal 124

Quadro 4 - Codificação da variável rotacismo em final de sílaba interna 127

Quadro 5 - Codificação da variável metátese 130

Quadro 6 - Codificação da variável nasalização espúria 131

Quadro 7 - Codificação da variável posposição do pronome possessivo no sintagma nominal 135

Quadro 8 - Codificação da variável concordância nominal de número 141

Quadro 9 - Distribuição dos informantes: sexo 142

Quadro 10 - Distribuição dos informantes por faixa etária 143

Quadro 11 - Distribuição dos informantes: nível de escolaridade 144

Quadro 12 - Distribuição dos informantes: contato com o meio urbano 144

Quadro 13 - Codificação das variáveis sociais 145

LISTA DE MAPA

Mapa 1 – Microrregião de Januária 100

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Presença e ausência de rotacismo em grupo consonantal 149

Gráfico 2 - Presença e ausência de rotacismo em final de sílaba interna 161

Gráfico 3 - Presença e ausência de metátese do rótico 172

Gráfico 4 - Presença e ausência de nasalização espúria do [i] 181

Gráfico 5 - Posposição e anteposição do pronome possessivo 189

Gráfico 6 - Ausência e presença de concordância nominal de número 198

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Rotacismo em grupo consonantal: posição da sílaba do grupo consonantal.....150
Tabela 2 - Rotacismo em grupo consonantal: sonoridade do contexto precedente.....151
Tabela 3 - Rotacismo em grupo consonantal - contexto precedente: modo de articulação....152
Tabela 4 - Rotacismo em grupo consonantal: nível de escolaridade.....152
Tabela 5 - Cruzamento nível de escolaridade e faixa etária 153
Tabela 6 - Rotacismo em grupo consonantal: faixa etária.....154
Tabela 7 - Rotacismo em grupo consonantal: sexo 154
Tabela 8 - Cruzamento sexo e faixa etária 155
Tabela 9 - Rotacismo em grupo consonantal: contato com o meio urbano.....156
Tabela 10 - Rotacismo em grupo consonantal - contexto precedente: modo de articulação..157
Tabela 11 - Rotacismo em grupo consonantal: tonicidade da sílaba.....157
Tabela 12 - Rotacismo em final de sílaba interna: faixa etária 162
Tabela 13 - Cruzamento nível de escolaridade e faixa etária 162
Tabela 14 - Rotacismo em final de sílaba interna: ponto de articulação do segmento seguinte 163
Tabela 15 - Rotacismo em final de sílaba interna: classe gramatical.....164
Tabela 16 - Rotacismo em final de sílaba interna: vogal precedente 165
Tabela 17 - Rotacismo em final de sílaba interna: contato com o meio urbano.....165
Tabela 18 - Cruzamento contato com o meio urbano e sexo.....166
Tabela 19 - Rotacismo em final de sílaba interna: sexo 166
Tabela 20 - Rotacismo em final de sílaba interna: tonicidade da sílaba.....167
Tabela 21 - Rotacismo em final de sílaba interna: sonoridade do segmento seguinte 168
Tabela 22 - Rotacismo em final de sílaba interna: modo de articulação do segmento seguinte 168
Tabela 23 - Rotacismo em final de sílaba interna: nível de escolaridade.....169
Tabela 24 - Metátese: extensão da palavra.....173

Tabela 25 - Metátese: nível de escolaridade 174

Tabela 26 - Metátese: direção do segmento 175

Tabela 27 - Metátese: contexto de ocorrência 176

Tabela 28 - Metátese: sexo 176

Tabela 29 - Metátese: contato com o meio urbano 177

Tabela 30 - Metátese: posição da sílaba na palavra 177

Tabela 31 - Metátese: faixa etária 178

Tabela 32 - Nasalização espúria do [i]: vogal-alvo 182

Tabela 33 - Nasalização espúria do [i]: sexo 183

Tabela 34 - Cruzamento sexo e faixa etária 184

Tabela 35 - Nasalização espúria do [i]: contato com o meio urbano 184

Tabela 36 - Nasalização espúria do [i] : contexto precedente 185

Tabela 37 - Nasalização espúria do [i]: faixa etária 185

Tabela 38 - Nasalização espúria do [i]: nível de escolaridade 186

Tabela 39 - Cruzamento nível de escolaridade e faixa etária 187

Tabela 40 - Posposição do pronome possessivo: contato com o meio urbano 189

Tabela 41 - Posposição do pronome possessivo: número do sintagma nominal 190

Tabela 42 - Posposição do pronome possessivo: pessoa do discurso 191

Tabela 43 - Posposição do pronome possessivo: sexo 192

Tabela 44 - Posposição do pronome possessivo: faixa etária 193

Tabela 45 - Posposição do pronome possessivo: nível de escolaridade 194

Tabela 46 - Cruzamento nível de escolaridade e faixa etária 194

Tabela 47 - Posposição do pronome possessivo: presença/ausência de outro determinante no sintagma nominal 195

Tabela 48 - Posposição do pronome possessivo: animacidade do núcleo 196

Tabela 49 - Influência da variável posição do elemento aliada à classe gramatical no cancelamento de marcas 200

Tabela 50 - Influência da variável marcas precedentes dentro do sintagma nominal no cancelamento de marcas 201

Tabela 51 - Influência da variável contato com o meio urbano no cancelamento de marcas 202

Tabela 52 - Influência da variável sexo no cancelamento de marcas 203

Tabela 53 - Cruzamento sexo e contato com o meio urbano 204

Tabela 54 - Influência da variável faixa etária no cancelamento de marcas 204

Tabela 55 - Fatores amalgamados: faixa etária 205

Tabela 56 - Influência do nível de escolaridade no cancelamento de marcas 205

Tabela 57 - Fatores amalgamados: nível de escolaridade 206

Tabela 58 - Influência da variável saliência fônica no cancelamento de marcas 207

Tabela 59 - Influência da variável contexto fonético seguinte no cancelamento de marcas .. 208

LISTA DE ABREVIAÇÕES E SIGLAS

ALiMA	Atlas Linguístico do Maranhão
AQUIFONO	Banco de Dados de Aquisição Fonológica
CCV	Consoante, Consoante, Vogal
CVC	Consoante, Vogal, Consoante
CEFET MG	Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
CEMIG	Centrais Elétricas de Minas Gerais
COPASA	Companhia de Saneamento de Minas Gerais
EAFJ	Escola Agrotécnica Federal de Januária
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFNMG	Instituto Federal Norte de Minas Gerais
INSS	Instituto Nacional de Seguridade Social
MOBRAL	Movimento Brasileiro da Alfabetização
NURC	Norma Urbana Culta
PBG	Português Brasileiro Gurutubano
PEUL	Programa de Estudos sobre o Uso da Língua
PSF	Programas de Saúde da Família
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
UBS	Unidades Básicas de Saúde
UCPEL	Universidade Católica de Pelotas
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UNIMONTES	Universidade Estadual de Montes Claros
USP	Universidade de São Paulo
VARSUL	Variação Linguística na Região Sul do Brasil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 39
1.1 O linguajar dos pescadores de Januária (MG) 39

2 OS PROCESSOS LINGUÍSTICOS EM ESTUDO 45
2.1 Rotacismo 45
2.2 Metátese 52
2.3 Nasalização espúria 59
2.4 A posposição do pronome possessivo no sintagma nominal 65
2.5 A concordância nominal de número 70

3 QUADRO TEÓRICO 77
3.1 Teoria da variação e mudança linguística 77
3.1.1 Variação e mudança linguística 79
3.1.2 Variáveis sociais 81
3.1.2.1 Sexo do falante 81
3.1.2.2 Faixa etária 82
3.1.2.3 Nível de escolaridade 83
3.1.2.4 Contato com o meio urbano 83
3.2 Fonologia gerativa 84
3.2.1 Processos fonológicos 86
3.2.2 Regras fonológicas 87

4 A COMUNIDADE DE FALA ESTUDADA 93
4.1 O *locus* da variação: comunidade de fala, rede social e comunidade de prática 93
4.1.1 Comunidade de fala 93
4.1.2 Redes sociais como comunidade pessoal 96
4.1.3 Comunidade de prática 97
4.2 Cenário de estudo: apresentação de Januária 99
4.2.1 A comunidade de prática dos pescadores de Januária 104
4.2.1.1 Perfil social dos pescadores de Januária 105
4.2.1.2 Relações sociais e políticas dos pescadores 107
4.2.1.3 Aspectos da vida nos acampamentos de pescadores 109
4.2.1.4 O comércio do pescado e outras atividades econômicas 111

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 113
5.1 Concepções metodológicas da pesquisa: caracterização geral 113
5.1.1 Constituição da amostra 114
5.1.2 Coleta dos dados 118
5.1.3 Tratamento dos dados 118
5.2 Variáveis linguísticas 120
5.2.1 Rotacismo 121
5.2.1.1 Rotacismo em grupo consonantal 122
5.2.1.2 Rotacismo em final de sílaba interna 124
5.2.1.3 Metátese 127
5.2.1.4 Nasalização espúria 130
5.2.2 Posição do pronome possessivo no sintagma nominal definido 132

5.2.3 Concordância nominal de número 135
5.2.3.1 Posição do elemento aliada à classe gramatical 136
5.2.3.2 O princípio da saliência fônica 138
5.2.3.3 Marcas precedentes dentro do sintagma nominal 139
5.2.3.4 Contexto fonético seguinte 140
5.3 As variáveis independentes sociais 141
5.3.1 A variável sexo 141
5.3.2 A variável faixa etária 142
5.3.3 A variável nível de escolaridade 143
5.3.4 A variável contato com o meio urbano 144

6 ANÁLISE DOS DADOS 147
6.1 Rotacismo em grupo consonantal 148
6.1.1 Variáveis selecionadas pelo programa 150
6.1.1.1 Posição da sílaba do grupo consonantal 150
6.1.1.2 Sonoridade do contexto precedente 151
6.1.1.3 Contexto precedente: ponto de articulação 151
6.1.1.4 Nível de escolaridade 152
6.1.1.5 Faixa etária 154
6.1.1.6 Sexo 154
6.1.2 Variáveis descartadas pelo programa 156
6.1.2.1 Contato com o meio urbano 156
6.1.2.2 Contexto precedente: modo de articulação 157
6.1.2.3 Tonicidade da sílaba 157
6.1.3 Considerações sobre o rotacismo em grupo consonantal 158
6.2 Rotacismo em final de sílaba interna 160
6.2.1 Variáveis selecionadas pelo programa 162
6.2.1.1 Faixa etária 162
6.2.1.2 Ponto de articulação do segmento seguinte 163
6.2.1.3 Classe gramatical 164
6.2.1.4 Vogal precedente 164
6.2.1.5 Contato com o meio urbano 165
6.2.1.6 Sexo 166
6.2.2 Variáveis descartadas pelo programa 167
6.2.2.1 Tonicidade da sílaba 167
6.2.2.2 Sonoridade do segmento seguinte 168
6.2.2.3 Modo de articulação do segmento. 168
6.2.2.4 Nível de escolaridade. 169
6.2.3 Considerações sobre o rotacismo em final de sílaba interna 169
6.3 Metátese 170
6.3.1 Variáveis selecionadas pelo programa 172
6.3.1.1 Extensão da palavra 173
6.3.1.2 Nível de escolaridade 173
6.3.1.3 Direção do segmento 174
6.3.2 Variáveis descartadas pelo programa 175
6.3.2.1 Contexto de ocorrência 176
6.3.2.2 Sexo 176
6.3.2.3 Contato com o meio urbano 177
6.3.2.4 Posição da sílaba na palavra 177
6.3.2.5 Faixa etária 178

6.3.3 Considerações sobre metátese no corpus em estudo 178
6.4 Nasalização espúria do [i] 179
6.4.1 Variáveis selecionadas pelo programa 182
6.4.1.1 Vogal-alvo 182
6.4.2 Variáveis descartadas pelo programa 183
6.4.2.1 Sexo 183
6.4.2.2 Contato com o meio urbano 184
6.4.2.3 Contexto precedente 185
6.4.2.4 Faixa etária 185
6.4.2.5 Nível de escolaridade 186
6.4.3 Considerações sobre a nasalização espúria do [i] 187
6.5 Posposição do pronome possessivo no sintagma nominal 188
6.5.1 Variáveis selecionadas pelo programa 189
6.5.1.1 Contato com o meio urbano 189
6.5.1.2 Número do sintagma nominal 190
6.5.2 Variáveis descartadas pelo programa 191
6.5.2.1 Pessoa do discurso 191
6.5.2.2 Sexo 192
6.5.2.3 Faixa etária 193
6.5.2.4 Nível de escolaridade 193
6.5.2.5 Presença/ausência de outro determinante no sintagma nominal 195
6.5.2.6 Animacidade do núcleo 196
6.6 Concordância nominal de número 196
6.6.1 Variáveis selecionadas pelo programa 199
6.6.1.1 Posição do elemento aliada à classe gramatical 199
6.6.1.2 Marcas precedentes dentro do SN 200
6.6.1.3 Contato com o meio urbano 201
6.6.2 Variáveis descartadas pelo programa 202
6.6.2.1 Sexo 203
6.6.2.2 Faixa etária 204
6.6.2.3 Nível de escolaridade 205
6.6.2.4 Saliência fônica 206
6.6.2.5 Contexto fonético seguinte 208

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 211

REFERÊNCIAS 215

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA 233
APÊNDICE B - REGISTRO DE CAMPO 235

ANEXO A - A MULLA SEM CABEÇA 239
ANEXO B - O CARRO QUE CANTA 241
ANEXO C - A SERPENTE 243
ANEXO D - OS DIAMANTES DO TEJUCO 245

1 INTRODUÇÃO

1.1 O linguajar dos pescadores de Januária (MG)

A descrição dos dados de uma modalidade de qualquer língua natural pode revelar muito mais que o que seus aspectos estruturais. A par do registro de aspectos de caráter linguístico, a descrição de uma língua mostra nitidamente questões socioculturais, talvez, invisíveis para outras áreas do saber. Isso, porque a premente necessidade que se apresenta em um estudo de natureza sociolinguística é o desvelar da relação entre língua e sociedade que subjaz às falas de indivíduos de diferentes comunidades linguísticas, revelando traços específicos na manifestação dessa língua que, ainda que seja a mesma, é constantemente renovada, ao mesmo tempo em que é preservada pelo homem.

O homem mantém formas tradicionais da língua, o que não o impede de ceder às provocações externas que garantem à língua seu caráter renovador. Essa dualidade preservação e renovação é o que permite que o homem se comunique por meio da língua em qualquer tempo e em qualquer sociedade que tenha essa língua como materna.

A percepção dessa dualidade da língua, a constatação de que uma língua, sendo uma, pode manifestar-se como muitas e a curiosidade pelas formas linguísticas percebidas em comunidades tradicionais – especificamente comunidades de pescadores, instigou esta investigação do português falado por pescadores do rio São Francisco residentes na microrregião de Januária, norte de Minas Gerais, com o objetivo de descrever processos fonético-fonológicos e morfossintáticos detectados durante a oitiva, no início do contato com esses sujeitos.

Para tal investigação, e considerando o caráter sociolinguístico do estudo em questão, utilizamos os preceitos: teoria e metodologia da variação, de Labov (1972a, 1972b) e a abordagem teórica de Milroy (1987), Eckert (2000) e Meyerhoff (2006), de cunho antropológico.

Assim, por meio da observação participante, da interação com esses sujeitos e das entrevistas realizadas nos locais da pesca – ilhas e acampamentos ao longo da margem esquerda do rio São Francisco – e também nas casas de alguns pescadores na cidade e nas colônias[1] Z-2 e Z-16, constituímos um *corpus* representativo do Português falado por esses pescadores, a exemplo de outras pesquisas de caráter linguístico e etnográfico já realizadas

[1] Modelo de organização dos pescadores à semelhança de uma cooperativa.

em outras comunidades de pescadores no Brasil (COSTA, 2012; MARANHÃO, 1975; PEREIRA, 2011); e em Portugal, como a de Alves (1993).

Diante do linguajar desses pescadores, postulamos, para além da descrição e análise desse falar, a possibilidade de ele representar um estágio anterior da língua portuguesa falada na região. Assim, buscamos em narrativas de autores regionais evidências pretéritas da ocorrência desse linguajar, não obstante a consciência "[...] das restrições necessariamente impostas na transferência do oral para o escrito." (SILVA, 1996, p. 14).

O garimpo de narrativas do cotidiano ribeirinho representativas de uma cidade por muito tempo relativamente isolada, na margem esquerda do rio São Francisco, aguçou nossa percepção para características que, embora próprias da língua falada, estão registradas no vasto material produzido por um folclorista januarense, o professor Manoel Ambrósio Alves de Oliveira. A pesquisa que realizamos nesse material apontou para uma obra em especial intitulada *Brasil Interior: palestras populares folk-lore do Rio São Francisco*[2], escrita entre os anos de 1904 a 1912, mas publicada somente em 1935. A obra em questão, organizada em 12 lendas, 13 narrativas e 15 contos do imaginário regional e universal, retrata o *modus vivendi* dos sujeitos ribeirinhos à época da escrita da obra.

A leitura atenta dessa obra possibilitou-nos o contato com uma escrita que se configura como uma tentativa de reproduzir o português falado pelos ribeirinhos de Januária, no início do século XIX, como afirma Silva (1995, p. 22): "[...] a linguagem de Manoel Ambrósio, em seu *Brasil Interior*, se caracteriza como uma tentativa de conciliação de duas modalidades da norma culta: uma, que se espelha na Norma Culta; outra, que se reflete no dialeto caipira". Isso porque, ao dar voz aos personagens dessas narrativas, por meio do discurso indireto, Oliveira (1934) o faz de maneira a representar – ainda que na escrita – o português falado pelos ribeirinhos com todas as suas variações. Para si mesmo, como narrador, o autor conserva a escrita escorreita e atenta à, então vigente, normatização gramatical.

Nesse sentido, Almada (2006) assevera que

> Manoel Ambrósio transcreve de modo literal as formas do falar ribeirinho, procurando atenuar, instintivamente, as perdas naturais que sofrem as versões escritas de textos orais, em geral incapazes de transmitir a complexidade da fala, que é envolvida pelo gestual, pelo ritmo da voz e pela interação com a platéia. (sic) Mas, ainda que as transcrições adaptadas da oralidade não correspondam à complexidade das experiências concretas, elas são indícios importantes para a análise das transformações da linguagem. (ALMADA, 2006, p. 151).

[2] Essa obra foi reeditada pela Editora Unimontes com organização de Carlos Ceza de Carvalho, Ramiro Esdras Carneiro Batista e Ros'elles Magalhães Felício (2015).

As variações linguísticas registradas nessa obra apontam para processos fonético-fonológicos, morfossintáticos e lexicais característicos do português falado no início do século passado.

a) Entre os processos fonético-fonológicos, Oliveira (1934) registra casos de:

- Assimilação (dizeno < dizendo);
- Iotização (iota < ilhota);
- Rotacismo e lambdacismo (pranta < planta, plemo < prêmio);
- Nasalização (indimirada < admirada);
- Metátese (purduzi < produzir).

b) Entre as características morfossintáticas, destacam-se:

- A ausência de concordância entre o sujeito plural e o verbo: ([...] mas, porem, outros dava rezão delle sê pobre e tudo mais.)
- A tendência de marcação de plural somente nos determinantes (certos fulanejo, a**s** fronha).
- A recorrência das três estruturas de negação: pré-verbal (Nam tem mais curativo hoje*);* dupla negação (Não responde não); negação pós-verbal (Deos te chame n'alma não);
- o uso do mais em lugar da preposição com (topei elle mais a frepella dele*).*

c) O léxico registrado na obra reflete o *modus vivendi* dos ribeirinhos e:

- a percepção desses sobre o espaço geográfico (ióta/ilhota, crôa/coroa, vasantes);
- os equipamentos de trabalho (fisgas, batins, arpões, chuços, flechas);
- as crenças e lendas (livuzia/assombração, lubisono/lobisomem, mula-sem-cabeça);
- as comidas (lambuguesinha/lambujinha/tipo de molusco, pirão, corvina secca e gorda);
- as doenças (cangolê, catarrão/catarreira, ingrizia/confusão mental, mal de sete dias);
- os remédios (rapage de imbu, raiz da marelinha, cainana babadeira na cachaça, Juão-Bartandim, capim-rê, papaconha, piréte, capim-santo, roxinha)[3] e sal de

[3] Plantas medicinais registradas pelos nomes conhecidos na região.

glado[4];

- e ainda ações e atitudes (arrupará/reparar, labutá/labutar, debicá/beliscar, sunga/erguer, laborá/trabalhar).

Após a detecção dessas características, optamos, nesta tese, por investigar três processos fonético-fonológicos (rotacismo, nasalização e metátese) e dois morfossintáticos (posposição do pronome possessivo e concordância nominal de número), na comunidade de pescadores de Januária, objeto do estudo desta pesquisa, tomando por base a análise da língua falada no século passado e descrita na obra de Manoel Ambrósio. Essa opção possibilitou uma visão mais abrangente sobre a variedade linguística encontrada. Nesse viés, foram problematizados os seguintes aspectos:

a) o processo variável de alternância entre as consoantes líquidas (lateral e rótico) em grupo consonantal e em final de sílaba interna, o que caracteriza o rotacismo, conforme as ocorrências registradas por Oliveira (1934, p. 163; 265) "[...] j'árcansei uma encrencasinha." e "[...] prantaro, antonce, os menino aquelle bananal."
b) o processo variável de reordenamento de segmentos dentro de uma mesma palavra, o que caracteriza a metátese, como em: "É, meu véio, seu Cyriáco, pruque não ensina elle?" (OLIVEIRA, 1934, p. 14);
c) o processo variável de nasalização do [i], caracterizado pela falta de contexto favorecedor à nasalização dessa vogal, denominado nasalização espúria[5], conforme a ocorrência: "Proguntei eu por aqui assim indimirada [...]" (OLIVEIRA, 1934, p. 52);
d) o processo variável da posposição do pronome possessivo no sintagma nominal, como em "O remédio meu arrancou tudo [...]" (OLIVEIRA, 1934, p. 144);
e) o processo variável da concordância nominal de número como em "[...] eu entendi que ele arrecramava as fronha qu'eu tinha rasgado.*"* (OLIVEIRA, 1934, p. 304).

Tomamos por hipótese principal, para os fins desta tese, que os falares dos pescadores de Januária, na atualidade, refletem os falares dos ribeirinhos registrados por Oliveira (1934), na obra *Brasil interior: palestras populares folk-lore do Rio São Francisco*, escrita, como já mencionado, entre os anos de 1904 e 1912.

[4] Referência ao sal de Gláuber, utilizado para problemas estomacais.
[5] O termo "espúria" foi atribuído ao processo de nasalização ora investigado pelo professor Dr. Marco Antônio de Oliveira. Outros autores consultados denominam o processo como "nasalização marginal".

Nessa direção, questionamos: em que medida processos linguísticos observados na comunidade de prática, cujo conceito discutimos mais adiante, conservam os traços da língua falada do início do século passado? Isso posto, e buscando responder à questão anterior, definimos os objetivos para esta pesquisa.

Objetivo geral: apontar traços da língua portuguesa falada na região selecionada para o estudo, no período entre 1904 e 1912 e registrados na obra *Brasil Interior - Palestras Populares Folk-lore das margens do São Francisco,* de Manoel Ambrósio Alves de Oliveira.

Com base neste objetivo, definimos os seguintes objetivos específicos:

a) investigar processos linguísticos da língua falada pelos pescadores que remetem à língua falada do início do século passado;
b) descrever esses processos considerando as perspectivas sincrônica e diacrônica;
c) localizar esses processos na discussão sobre a constituição do português brasileiro (PB);
d) relacionar as características da comunidade de prática com elementos que apontam para as variações linguísticas;
e) analisar quantitativamente as características linguísticas da comunidade de prática contemporânea;
f) analisar os falares de indivíduos de uma comunidade de prática de pescadores do rio São Francisco, agregando conhecimento aos estudos descritivos do português brasileiro e contribuindo para a descrição do português falado na região norte de Minas Gerais.

Para responder a esses questionamentos e atingir os objetivos propostos, esta tese foi organizada em seis capítulos, sendo esta Introdução o primeiro.

No capítulo 2, Os processos linguísticos em estudo**,** descrevemos os processos linguísticos em investigação sob as perspectivas sincrônica e diacrônica. Ainda nesse capítulo, situamos os processos em análise frente às hipóteses de constituição do PB.

O capítulo 3 traz o Quadro Teórico desta pesquisa no qual descrevemos a sociolinguística variacionista utilizada tanto como aporte teórico quanto metodológico. Além da sociolinguística variacionista, o capítulo foca a fonologia gerativa para a descrição dos processos fonológicos.

No capítulo 4, discutimos as concepções de comunidade de fala, redes sociais e comunidade de prática e, em seguida, descrevemos a cidade de Januária e apresentamos a

comunidade de prática de pescadores selecionada como *lócus* da pesquisa.

No capítulo 5 descrevemos os procedimentos metodológicos adotados para desenvolver a pesquisa, da coleta ao tratamento dos dados.

O capítulo 6 apresenta a análise quali-quantitativa dos processos analisados.

E, em seguida, no capítulo 7, tecemos nossas considerações finais sobre a pesquisa e os resultados dela obtidos, ressaltando a contribuição do trabalho para os estudos linguísticos.

2 OS PROCESSOS LINGUÍSTICOS EM ESTUDO

Neste capítulo, descrevemos os processos linguísticos investigados na pesquisa, a saber: os processos fonológicos – rotacismo, metátese e nasalização espúria – e os morfossintáticos – posposição do pronome possessivo e a concordância nominal de número.

A escolha por esses processos visa a responder ao questionamento apresentado na introdução desta tese: em que medida processos linguísticos observados na comunidade em estudo conservam os traços da língua falada do início do século passado registrada por Oliveira (1934) em uma obra escrita no período de 1904 a 1912?

Amaral (1982), na obra *O dialeto caipira: gramática-vocabulário*, descreveu esses e outros processos, ao investigar o linguajar dos falantes paulistas da área do Vale do Paraíba. Segundo o autor, o dialeto ali falado estava condenado ao desaparecimento, uma vez que se encontrava acantoado em pequenas localidades à margem do progresso de então e na boca das pessoas idosas. No entanto, isso não se confirmou, dado o número de estudos que descrevem a ocorrência desses processos no português brasileiro atual, em diferentes regiões do país, dentre essas a da microrregião de Januária (MG), onde se localiza a comunidade de prática de pescadores selecionada para desenvolvermos este estudo.

A descrição feita neste capítulo fundamenta-se em pesquisas sobre a história da língua portuguesa, nos estudos de caráter dialetológico e trabalhos de cunho variacionista, para discutir os processos linguísticos investigados.

2.1 Rotacismo

Entre as consoantes líquidas, a realização de um rótico por uma lateral é um processo fonológico antigo no português brasileiro e pode ocorrer em dois contextos silábicos: na posição de ataque complexo, como em: “pranta” e planta; e em coda silábica, como nas ocorrências de “murta” e multa. Esse fenômeno variável tem sido descrito comumente como a substituição da lateral / l / pelo rótico / r /, o que caracteriza o rotacismo, conforme Câmara Junior (1972, p. 51): “[...] nos grupos de líquida como segundo elemento consonântico, há nos dialetos sociais populares o rotacismo do / l / que o muda em / r /.”

No Português, a lateral / l / e o rótico / r / criam contrastes, como bloco: broco (1ª pessoa indicativo presente do verbo brocar), atlas: atras (fem. pl. de atro), clave: crave (subj. de cravar), fluir, (correr): fruir (gozar). (CÂMARA JUNIOR, 1972, p. 50).

As origens desse processo encontram-se no latim, conforme Dubois (2006), descreve, a seguir:

> Denomina-se *rotacismo* a transformação da sibilante sonora [z] em [r] apical. Este processo se observa na fonética histórica do latim, onde os infinitivos amare, legere, audire etc., são originários da raiz verbal à qual se acresce uma desinência do infinitivo –se, onde o [z] intervocálico se torna [r]. Por extensão, o termo rotacismo designa a transformação do [r] a partir de outras consoantes, como [d] e, sobretudo, [l]. (DUBOIS, 2006, p. 523, grifo do autor).

Silva Neto (1956), de opinião semelhante quanto à origem latina do processo, afirma que algo como *Flagellum non Fragellum* já se podia observar no item 77 do *Appendix Probi*[6]:

> Temos aqui mais um exemplo de dissimilação: l~l = r~l. O mesmo se deu nestes vocábulos: milimellu > mariméllo (antes do XI séc.) > marmelo; ululare > arulare > urlare (cp. fr. hurler e it. urlare) > urrar; calamellu > caramelo; mala folia > maravalha [...]. (SILVA NETO, 1956, p. 115).

Coutinho (1976) reafirma as motivações históricas para o surgimento do rotacismo, o que atesta a presença desse fenômeno na formação da língua portuguesa. Mesmo sendo considerado antigo, o rotacismo é comum em áreas rurais do Brasil e sua ocorrência também é verificada no interior de Portugal. Não obstante a estigmatização desse processo por falantes escolarizados e do meio urbano, não se pode negar que ainda se trata de um processo produtivo.

Para Marroquim (1945, p. 37), a troca do "[...] r pelo l é um fenômeno geral na linguagem popular: carçada, fôrgo, sordado, corgo, arvura, por calçada, fôlego, soldado, córrego, alvura".

Nascentes (1953, p. 53), ao tratar do Português falado no Brasil, na obra *O linguajar carioca*, faz referência à alternância entre lateral e o rótico e descreve essa alternância como um processo que ocorre "[...] tal como na passagem do latim para o português".

Marroquim (1945) e Bueno (1963) atribuem ao Tupi a origem do rotacismo. Nesse sentido, Bueno (1963) afirma:

> Rotacismo foi o fenômeno da substituição do s por r intervocálico, no latim pré-arcaico: honoris, laboris, roris em lugar de honosis, labosis, rosis. A alternância das vibrantes r, l, como *pranta*, planta, *praneta*, planeta nunca foi rotacismo. A substituição de l por r (cabaro, cavalo) é do tupi que não possuía l. (BUENO, 1963, p. 241).

[6] O *Appendix Probi* é, segundo Cardeira (2006, p. 21), "[...] um dos mais importantes para o estudo do Latim Vulgar". "Cerca do ano 700 d. C. uns monges italianos copiaram um tratado gramatical atribuído a Valério Probo (que viveu em meados do século I d. C.) e juntaram-lhe alguns apêndices. Um destes apêndices é uma lista de 227 correcções elaborada, provavelmente, por um professor de gramática".

Castro (2001, p. 96) observa que a utilização do / r / pelo / l / ocorre comumente em dialetos das línguas bantu quicongo e quimbundo. Segundo essa pesquisadora, o processo que faz surgir no PB palavras como “pobrema, farta e aluguer” é o mesmo que, em quimbundo origina vocábulos como “calulu” ou “caruru” e “malafo” ou “marafo”.

Naro e Scherre (2007) ponderam que Holm (1992), mesmo considerando que a alternância entre [l] e [r] em ‘sultão/surtão’ e ‘branco/blanco’, especialmente depois de consoante, faça parte de uma tendência histórica, afirma que “[...] parece provável que o português popular seja também resultado de influência crioula. Em diversas línguas de substrato africano, [l] e [r] são alofones do mesmo fonema”. (HOLM, 1992, p. 49 *apud* NARO; SCHERRE, 2007, p. 126).

Contrários à vertente crioula de formação da língua portuguesa no Brasil, Naro e Scherre (2007), em resposta às considerações de Holm (1992), apresentam evidências da ocorrência desse fenômeno em dialetos do português europeu a partir de exemplos extraídos de Leite de Vasconcelos (1987/1901), tais como: azur > azul; carcar > calcar; de Peixoto (1968) em farta > falta, arfasia > alface e de Alves (1993), como em purmões > pulmões.

A hipótese assumida por Naro e Scherre (2007) é a denominada confluência de motivos. Segundo essa hipótese, o português brasileiro seria, na verdade, uma espécie de continuação do português arcaico, o que pode ser explicado pelo fato de ainda não se ter conseguido “[...] identificar nenhuma característica do Português do Brasil que não tenha um ancestral claro em Portugal” (NARO; SCHERRE, 2007, p. 13).

Amaral (1982), ao descrever o dialeto utilizado na zona rural do interior paulista, no mencionado clássico *O dialeto caipira: gramática-vocabulário*, afirma que a líquida lateral em final de sílaba muda-se para “r”: ‘quarquér’, ‘papér’, ‘mé’r, ‘arma’. Sobre o rotacismo em grupo consonantal, o autor afirma que “Esta troca é um dos vícios de pronúncia mais radicados no falar dos paulistas, sendo mesmo frequente entre muitos dos que se acham, por educação; ou posição social, menos em contacto com o povo rude.” (AMARAL, 1982, p. 82).

O rotacismo, principalmente em ataque complexo, tem sido tema de estudos de caráter dialetológico e variacionista realizados em vários estados do Brasil:

a) Altenhofen (2013), com dados oriundos do Atlas Linguístico-Etnográfico da região Sul do Brasil (ALERS);
b) Araújo Almeida e Zambotto (2009), na comunidade rural de Mata-Cavalo em Nossa Senhora do Livramento (MT);
c) Assad e Cox (1999), na Chapada dos Guimarães (MT);

d) Castro (2006), em Minas Gerais e no Paraná;
e) Coan e Freitag (2010), em Moita Bonita (SE);
f) Dias (2019) em Helvécia, Sapé, Cinzento e Rio de Contas; Espírito-Santo (2019), em São Miguel Paulista (SP);
g) Gomes (1987), em Ribeirão Preto (SP) e no Rio de Janeiro (RJ);
h) Reis (2010), em São Luís, Bacabal, Brejo e Pinheiro (MA);
i) Mollica e Paiva (1991), no Rio de Janeiro (RJ);
j) Oliveira (2009), em Paranhos (MS);
k) Plaza (2019), em Itatiba (SP).
l) Romano e Silva (2010), em 38 municípios do estado de São Paulo, com amostra de dados linguísticos extraídos do Atlas Linguístico do Brasil (ALIB);
m) Almeida (2000), na Baixada Cuiabana (MT);
n) Silva e Sousa (2012) na comunidade quilombola Cipoal dos Pretos (MA);
o) Tem (2010), no Rio de Janeiro (RJ).

Dentre esses trabalhos, resenhamos, a seguir, aqueles que embasaram nossas análises. A partir da observação dos fatores relevantes em cada um desses formulamos as variáveis linguísticas independentes descritas no capítulo 5.

Gomes (1987) em *Rotacismo em grupo consonantal: uma abordagem sincrônica e diacrônica* estudou o rotacismo com o objetivo de mostrar se o processo era passível de condicionamento estrutural e qual seria sua melhor descrição: como uma regra variável ou como um caso de difusão lexical. A pesquisa foi realizada em duas comunidades, na área metropolitana de Ribeirão Preto (SP) e do Rio de Janeiro (RJ). As variáveis linguísticas consideradas para descrever os possíveis condicionamentos para a ocorrência do rotacismo foram: a consoante do grupo; a vogal da sílaba*;* a tonicidade da sílaba e a posição da sílaba na palavra. As variáveis sociais foram classe social, faixa etária, sexo, estilo e dimensão geográfica.

Os dados de Gomes (1987) apontaram o rotacismo em grupos consonantais do português como um processo de enfraquecimento da líquida lateral. Além disso, a autora observou que a variação entre as líquidas não é sensível a condicionamento estrutural, ou seja, não pode ser previsto em termos fonológicos, processando-se, dessa forma, por difusão lexical, item por item.

Em relação às variáveis sociais, os resultados percentuais de faixa etária caracterizam o rotacismo como variação estável nas comunidades pesquisadas por Gomes (1987). Em

relação à variável sexo, em Ribeirão Preto a variável estigmatizada é mais utilizada pelos homens e no Rio de Janeiro, pelas mulheres. Quanto ao estilo, há uma interferência das características dialetais na avaliação do fenômeno: em Ribeirão Preto, as diferenças estilísticas são suprimidas e, no Rio de Janeiro, o rotacismo marca diferença fonológica entre as classes analisadas na pesquisa.

Costa (2006) utilizou a amostra da cidade de São José do Norte (RS), comunidade integrante do Banco de Dados do Projeto Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VARSUL) para o *Estudo do rotacismo: variação entre as consoantes líquidas.* A amostra constituída de 40 informantes foi estratificada por sexo (feminino e masculino), escolaridade (até quatro anos de estudo e mais de quatro anos de estudo) e faixa etária (até 40 anos, de 40 a 55 anos e mais de 55 anos). Os resultados demonstraram maior ocorrência do rotacismo em ataque complexo do que em coda silábica. Demonstraram, também, que os dados da faixa etária indicam um padrão de variação estável na comunidade para o rotacismo em ataque complexo e uma variação em progresso, com decréscimo do rotacismo, para o contexto de coda silábica.

Oliveira (2009), no estudo intitulado *A linguagem em Paranhos: aspectos sociolinguísticos*, analisou o rotacismo e outros fenômenos fonético-fonológicos na fala da comunidade de Paranhos (MS). A amostra analisada foi constituída por 16 informantes estratificados por sexo (masculino e feminino), faixa etária (18 a 35 anos e mais de 50 anos), escolaridade (ensino fundamental e não escolarizados) e origem (os nascidos em Paranhos e os que moravam em Paranhos há mais de 20 anos). Em relação ao sexo, os resultados desse estudo apontaram que o rotacismo é mais frequente entre os falantes do sexo feminino; em relação à faixa etária, a tendência à variação e aplicação do processo está presente tanto nos mais jovens quanto nos mais velhos.

Tem (2010), no estudo intitulado *Rotacização das líquidas nos grupos consonantais: representação fonológica e variação*, com base na fonologia gerativa e em estudos do tipo painel, analisou a comunidade de Jardim Moriçaba localizada em Senador Vasconcelos (zona oeste do Rio de Janeiro). Para esse estudo considerou as seguintes variáveis independentes:

a) modo de articulação do segmento precedente à líquida no grupo consonantal;
b) vozeamento do segmento precedente à líquida;
c) tonicidade da sílaba do grupo consonantal;
d) posição do grupo consonantal na palavra;
e) presença de outro segmento líquido na palavra;

f) faixa etária, sexo e a escolaridade dos informantes e dos pais.

A amostra foi constituída por 30 informantes contatados em 2006 (5-7 anos) e em 2010 (com 9-11 anos). A autora procedeu a uma análise comparativa do rotacismo em ataque complexo nos dados de 2006 e 2010 para observar uma possível mudança na fala, e concluiu que quanto mais escolarizadas as crianças, mais elas utilizam a variante padrão.

Reis (2010), no trabalho intitulado *Cravícula e carcanhá: a incidência do rotacismo no falar maranhense*, utilizou dados do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALIMA) referentes aos municípios de São Luís, Bacabal, Brejo e Pinheiro. A amostra foi constituída pelos dados de fala de 16 informantes estratificados por faixa etária, sexo, escolaridade e localidade. Neste trabalho, a autora analisou os vocábulos clavícula e calcanhar e, a partir deles, observou o comportamento do rotacismo no contexto de ataque complexo e coda silábica. A variável linguística posição do segmento líquido na sílaba foi relevante tanto em coda silábica quanto em ataque complexo e os fatores sociais apontados como relevantes foram a escolaridade (os menos escolarizados exibem mais casos de rotacismo) e a localidade (o rotacismo é mais usado nos municípios de Bacabal, Brejo e Pinheiro).

Coelho (2010), em *Os gurutubanos: língua, história e cultura*, descreveu a modalidade da língua portuguesa brasileira falada pelos moradores do Vale do Gurutuba, quilombolas norte-mineiros, no centro-norte de Minas Gerais. A pesquisadora empreendeu uma investigação sobre os caminhos percorridos pela língua portuguesa, relatando a história da escravidão até chegar ao território quilombola gurutubano, para elucidar as origens dos habitantes desse território. Além de apontar a origem e discorrer sobre o desenvolvimento da língua portuguesa falada no território, descreveu os níveis gramaticais (fonético-fonológico e morfossintático) e lexicais, identificando e registrando arcaísmos de natureza fonética, fonológica, morfossintática e lexical no falar dos gurutubanos.

Utilizando os pressupostos metodológicos da teoria da variação, os dados foram levantados nas visitas realizadas às 30 comunidades que compõem o território gurutubano, por meio de observações diretas do cotidiano e das gravações das falas dos moradores desse território, que se constituiu a comunidade de fala da pesquisa. As variáveis sociais observadas foram sexo, nível de contato, escolaridade, faixa etária, ocupação e classe social. Para essa investigação, foram estabelecidas três gerações: a entre 14 e 25 anos (geração 01), a entre 26 e 55 anos (geração 02) e a entre 56 e 86 anos (geração 03). Não foram registradas diferenças na fala de homens e mulheres, visto que os dois usavam o português de maneira semelhante; os adultos e idosos e a maioria dos jovens não tiveram educação formal; homens e mulheres

dividem os afazeres na lavoura e todos vivem sob as mesmas condições sociais e econômicas.

Nesse trabalho descritivo-explicativo sincrônico do português falado pelos gurutubanos, Coelho (2010) verificou e registrou – dentre outros processos – a ocorrência de rotacismo tanto em grupo consonantal, como em planta-‘pronta’, quanto em coda silábica, como em alcance-‘arcance’, alguma-‘arguma’ e bolsa-‘borsa’.

Romano e Fonseca (2015), no artigo *Uma abordagem sociodialetológica do fenômeno do rotacismo no município de Itajubá-MG*, discutem o fenômeno fonético-fonológico do rotacismo em contexto de encontro consonantal e em coda silábica. Para a análise do fenômeno, os autores consideraram aspectos teóricos e metodológicos da sociolinguística variacionista e da dialetologia, abordando o fenômeno sob uma perspectiva pancrônica: diacronicamente, desde o latim vulgar e, sincronicamente, em diferentes variedades do português contemporâneo.

O *corpus* de análise compõe-se de dados coletados com 24 informantes, naturais do município, homens e mulheres na faixa etária I (18 a 30 anos) e II (50 a 65 anos) residentes na zona urbana, conforme dois níveis de instrução: ensino fundamental completo ou incompleto (EF) e ensino superior completo (ES). As variáveis linguísticas independentes consideradas nesta pesquisa foram o contexto anterior, o contexto posterior, a tonicidade, a extensão do vocábulo, a posição no vocábulo e o item lexical. Os dados selecionados foram analisados estatisticamente pelo programa *GoldVarb*/2001, sendo uma análise para o fenômeno em grupo consonantal e outra para a posição de coda silábica. Os grupos de fatores que se mostraram relevantes para a aplicação da regra do rotacismo em grupo consonantal foram contexto posterior (vogal baixa central nasal [ã], vogal alta posterior [u] e vogal média alta posterior [o]); faixa etária (informantes da faixa etária II) e escolaridade (informantes de ensino fundamental).

No contexto de coda silábica, os autores registraram ocorrências do fenômeno na fala de um único informante e, ainda assim, em vocábulos específicos. Na comunidade em estudo, é possível que a preferência dos falantes seja pela norma de prestígio.

Dias (2019) analisou o rotacismo em ataque complexo em comunidades rurais afro-brasileiras do estado da Bahia – Helvécia, Sapé, Cinzento e Rio de Contas –, sob a perspectiva da sociolinguística variacionista e dos modelos fonológicos da teoria dos traços distintivos, a fonologia autossegmental e a teoria da sílaba. Os dados analisados fazem parte do Projeto Vertentes do Português Popular do estado da Bahia.

Os fatores linguísticos controlados na análise foram o contexto precedente, a presença de outro segmento líquido na palavra, a sonoridade do segmento precedente, a tonicidade da

sílaba, a posição da sílaba na palavra e a frequência lexical. Os fatores extralinguísticos controlados foram sexo, faixa etária, nível de escolaridade, estada fora da comunidade e as comunidades de Helvécia, Sapé, Cinzento e Rio de Contas. Em relação aos fatores linguísticos, o rotacismo nas comunidades estudadas é favorecido pela "ausência de outro segmento líquido na palavra, sílaba átona, segmento precedente sonoro, posição inicial de palavra e contexto precedente oclusivo". Em relação aos fatores extralinguísticos, os contextos favorecedores foram "os informantes mais velhos, informantes que sempre viveram na comunidade e as comunidades de Sapé e Rio de Contas". (DIAS, 2019, p. 96).

As ocorrências de rotacismo registradas por Oliveira (1934, p. 163; 265) como em "j'árcansei uma encrencasinha" e "prantaro, antonce, os menino aquelle bananal", em final de sílaba e grupo consonantal, respectivamente; e, algumas ocorrências percebidas nos falares da cidade onde se localiza a comunidade pesquisada - "nóis prantô na berinha do rio*",* "homi que nunca casô é sortêro*"*- mostram o rotacismo como um processo ainda em uso no linguajar da comunidade de prática em estudo.

Tendo descrito o processo do rotacismo, na subseção, a seguir, discorremos o processo de metátese.

2.2 Metátese

É um processo fonológico que se insere na categoria de processos de estruturação silábica, conforme proposta de Schane (1975). Esse fenômeno se caracteriza pelo reordenamento de segmentos dentro de uma mesma palavra. De origem grega, o termo *metátese* (meta: mudança e *thésis*: posição → mudança de posição), indica a troca de posições dos sons dentro de uma sílaba (VIARO, 2011).

Na concepção de Dubois (2006), a metátese é vista como uma troca de fonemas que se posicionam distantes um do outro, como se pode comprovar no trecho, a seguir:

> Fenômeno de *metátese* é aquele pelo qual certos fonemas mudam de lugar na cadeia falada. Limita-se, às vezes, este termo aos casos em que os fonemas estão à distância, e emprega-se o termo interversão* se se encontram em contato. Assim se explica em português a formação da palavra *sempre* (do latim *semper*), em francês a palavra *fromage* (de *formaticum*), em italiano as palavras *chioma* (de *comula*), *fiaba* (de *fabula*), em espanhol as palavras *peligro* (de *periculum*), *milagro* (de *miraculum*) (DUBOIS, 2006, p. 412, grifos do autor).

À semelhança do rotacismo, a metátese também já era verificada no latim falado, denominado *sermo usualis/vulgaris*, como se pode verificar no *Appendix Probi*.

Segundo Silva Neto (1956), na passagem do latim para o português, há ocorrências de transposição de segmentos, como as consoantes coronais /r, l, n, s/, como em super > supre; de vogais e de glides, como em *haube* > houve e de sílabas, chantar > tanchar.

Para Nunes (1945), Ali (2001), Coutinho (1974) e Câmara Junior (1975), a metátese parece ter se mantido ao longo da evolução da língua portuguesa como um processo comum da língua. Esses autores também apresentam formas derivadas por meio desse processo na passagem do latim para o português, quais sejam: fenestra > fresta e semper > sempre.

Atestando que a metátese é um processo fonológico comum, Viaro (2011, p. 159) assevera que no caso descrito lat. *semper* > *sempre,* assim como em lat. *super* > **sober* > *sobre* e *inter* > *entre,* a metátese foi utilizada como um expediente para evitar a apócope do –r latino.

Para Ali (2001), a metátese envolvendo o rótico era comum no português antigo, dada a necessidade de aproximação com outras consoantes, a exemplo de "t" (em torcer > trocer); "p" (em perverter > preveter) e "f" (em fermoso > fremoso). E, para Câmara Junior (2007), há dois tipos de metátese na evolução da língua portuguesa:

> 1) transposição de um /i/ ou um /u/ feito prepositiva de um ditongo crescente, para a sílaba precedente tônica, onde passa a constituir um ditongo decrescente com a vogal silábica; exs.: primariu > primairo (donde – primeiro), capio > caibo, habui > haube (donde – houve); 2) transposição do /r/, como segundo membro de um grupo consonântico, de uma sílaba interna ou final para a sílaba inicial; exs.: fenestra > fresta, pigritia > preguiça, tenebras > trevas. (CÂMARA JUNIOR, 2007, p. 167).

O registro dos termos fresta, preguiça, trevas nos dicionários ocorre de forma única, não variável. Mas, o mesmo não se verifica com os termos parlar ~ palrar e enjoar ~ enojar, que, embora derivados do mesmo processo, são registrados das duas formas em dicionários atuais. (HORA; TELLES; MONARETTO, 2007).

O fenômeno da metátese é dividido por Nogueira (1958) em três variedades distintas: progressiva, quando há transposição de um fonema da esquerda para a direita em um vocábulo (de bridão para bidrão); regressiva, quando há uma transposição de um fonema da direita para a esquerda (de *festra* do latim fenestra, para fresta) e recíproca, quando envolve a transposição entre dois fonemas de um mesmo vocábulo (de canalização para calanização).

Marroquim (2008), ao se referir à metátese no português popular falado no Brasil, afirma que esse fenômeno é comum entre os prefixos per, pre e pro. Para esse autor, a confusão que envolve o uso de per, faz com que esse seja habitualmente trocado em começo de sílaba como nas ocorrências: 'proguntá', 'preguntá', 'prefume', 'expromentá', 'premissão',

*'*prefeitamente'. Essa troca, ainda que menos frequente, é também verificada com o pre e o pro, como em 'percurá'*, '*preposta'*, '*prepósito'*, '*porteger'*, '*perjuízo'*, 'potreção'*.

Ocorrências de metátese com os prefixos citados por Marroquim (2008) também são verificados no falar caipira, conforme Amaral (1982, p. 22): perciso, pertende, purcissão. Para esse autor, casos como esses são "modificações acidentais".

No debate sobre a origem da língua portuguesa, em relação ao fenômeno da metátese, Raimundo (1933) e Mendonça (1948) consideram que dois tipos de metátese verificados entre falantes do PB são de procedência africana. O primeiro tipo se refere à metátese do [r] que, "ocorre em sílabas átonas, dormir → drumi, febre → freve, verdade → vredade." (RAIMUNDO, 1933, p. 71). O segundo tipo diz respeito à transposição do **es** protético da sílaba para **se**, como em escuta → secuta. Mendonça (1948) compara esse tipo de metátese ao processo que ocorre com as "[...] palavras portuguesas iniciadas por es, que passaram para o cafre, como: escova → *sikova,* escola → *sicora,* escaler → *silarera,* espada → *supada,* espoleta → *supoleta*." (MENDONÇA, 1948, p. 121).

A linguagem dos pescadores da ericeira registra a ocorrência de metátese no português de Portugal:

> 1 i: Quais (quase), Antoinho (Antònio), labatoiro (lavatório), palmatóira (palmatória), reloijo (relógio), buizo (búzio), duizas (dúzias). 2] u: (ou o) Auguenta (aguenta), tauba (tábua), auga (a par de água - raro) (água). Leite de Vasconcelos, *Esquisse*, p. 88, §43, C, registra *auga e tauba.* (ALVES, 1965, p. 171).

Hume (2001, p. 1, tradução nossa), caracteriza a metátese como um "[...] processo no qual, em certas línguas e sob certas condições, os sons trocam de posição uns com os outros"[7]. Embora a metátese seja um processo recorrente nas línguas em geral, é pouco estudado, seja na perspectiva diacrônica e sincrônica (HORA; TELLES; MONARETTO, 2007; HUME, 2001, 2004), seja na aquisição da fala (LAMPRECHT, 2002; REDMER, 2007; ZITZKE, 1998, 2001) ou da escrita (COELHO, 2016). Ainda para Hume (2001, p. 1, tradução nossa), o fato de a metátese ser percebida como fenômeno "[...] esporádico e irregular, restrito a erros de desempenho, à linguagem infantil ou à troca de sons" [8] pode ser a causa do pouco interesse pelo processo.

[7] "[...] [Metathesis is the] process whereby in certain languages, under certain conditions, sounds appear to switch positions with one another."

[8] "[...] [the view of] metathesis as sporadic and irregular, restricted to performance errors, child language or sound change".

Hume (2001, 2004), ao observar a metátese em diferentes línguas, postulou:

a) a direção de mudança na metátese pode diferir de língua para língua, o que significa que uma mesma combinação em línguas diferentes pode assumir ordens diferentes;
b) para algumas combinações de sons, apenas uma ordem é geralmente observada, interlinguisticamente, como resultado da metátese, enquanto outra ordem parece apenas provável para outras combinações;
c) as pistas acústicas/auditivas para a identificação das sequências que resultam da metátese são sempre melhores, ou otimizadas, se comparadas àquelas da ordem esperada.

No modelo de Blevins e Garret (2004), a premissa é a de que regularidades diacrônicas exercem papel decisivo em padrões fonológicos atuais, o que auxilia na simplificação de modelos sincrônicos. Os autores propõem a seguinte tipologia:

a) metátese perceptual (pe**r**.gun.ta → p**r**e.gun.ta);
b) compensatória (tá.bua →tau.ba);
c) coarticulatória (drik.pa → drip.ka →grego);
d) auditiva (ask → aks - inglês).

Não obstante os poucos estudos sobre a metátese nas línguas em geral, resenhamos, a seguir, alguns estudos sobre a metátese no PB. Fundamentados nesses estudos, formulamos algumas das variáveis linguísticas independentes – descritas no capítulo 5 desta tese –, para a análise da metátese na comunidade de prática de pescadores de Januária.

Hora, Telles e Monaretto (2007) analisaram a metátese na sincronia e na diacronia do PB, a partir dos modelos teóricos propostos por Hume (2001, 2004) e Blevins e Garret (2004). A hipótese sustentada por esses autores, no estudo Português Brasileiro: uma língua de Metátese? é a de que no PB a metátese é um processo de *status* marcado sincronicamente, cuja maior ocorrência é verificada nas variedades não padrão da língua ou em itens lexicais cuja mudança linguística já foi implementada. A metátese é ainda regulada por variáveis linguísticas – direcionalidade, posição de sílaba, restrições fonotáticas e contexto segmental –, conforme exemplos a seguir:

a) la.ga**r**.to → la**r**.ga.to (preferência do movimento à esquerda, em metáteses intersilábicas);

b) fo**r.**mi.ga → f**r**o.mi.ga (preferência do movimento na primeira sílaba da palavra, em metáteses intra e intersilábicas);
c) la**r.**va → *l**r**a.va (movimento restringido pela fonotática da língua, em metáteses intra e intersilábicas);
d) fo**r**.ça → f**r**o.ça (preferência do movimento quando a consoante seguinte à rótica for [+contínua], em metáteses intrassilábicas.

No estudo *O processo de metátese na diacronia e na aquisição do português*, Amariz (2014), usando como suporte a fonologia autossegmental, buscou:

a) descrever o fenômeno linguístico de metátese intersilábica;
b) comparar o fenômeno fonológico de metátese na aquisição e na diacronia do Português;
c) verificar a recorrência do processo na aquisição, de um lado, e na diacronia, de outro;
d) diferenciar aquisição de diacronia;
e) contribuir para o revigoramento do interesse por análises linguísticas a partir de um viés diacrônico;
f) apontar uma possível interface entre aquisição e diacronia.

Os dados da diacronia foram extraídos de gramáticas históricas e livros que tratam da diacronia do português e que explicam as transformações no latim vulgar. Os dados que compõem o *corpus* da aquisição fazem parte do Banco de Dados AQUIFONO, coordenado pelas professoras doutoras Carmen Lúcia Matzenauer, da Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), e Regina Lamprecht, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

As variáveis linguísticas controladas foram:

a) tonicidade da sílaba do segmento passível de metátese;
b) estrutura da sílaba do segmento passível de metátese;
c) número de sílabas da palavra;
d) posição na sílaba do segmento passível de metátese;
e) segmento-alvo de metátese quanto ao modo de articulação;
f) segmento-alvo de metátese quanto ao ponto de articulação;
g) consoante *onset* da sílaba seguinte àquela do segmento alvo de metátese quanto a

ponto de articulação;

h) consoante *onset* da sílaba seguinte àquela do segmento-alvo de metátese quanto ao modo de articulação.

E, como variável extralinguística, foram controladas as duas faixas etárias dos informantes da pesquisa (2 a 7 anos).

Os dados da aquisição foram submetidos à análise estatística do Programa *GoldVarb*/2001. Dos fatores selecionados pelo programa, os que se mostraram favorecedores foram o número de sílabas na palavra, a estrutura da sílaba envolvida, consoante *onset* da sílaba seguinte àquela do segmento passível de metátese quanto ao ponto de articulação, e a consoante *onset* da sílaba seguinte àquela do segmento passível de metátese, quanto ao modo de articulação.

Após concluir a análise dos dados das duas realidades linguísticas – diacronia e aquisição – Amariz (2014, p. 85) afirmou que "[...] a motivação para a ocorrência do processo é de ordem estrutural, isto é, a metátese é desencadeada pela estrutura da língua, tanto no que concerne à sílaba, quanto ao que concerne ao segmento".

Nessa linha, retomamos Hora, Telles e Monaretto (2007), quando afirmam que

> [...] fatores mais sincrônicos, explicados pela indeterminância de sinal ou otimização, de um lado, considerados por Hume (2001, 2004), ou fatores pautados no processo evolucionário da fonologia, de acordo com Blevins e Garrett (1998, 2004) precisam ser tomados conjuntamente e associados a fatores de natureza sociolinguística, a fim de alcançarmos uma explanação satisfatória do fenômeno de metátese no PB. (HORA; TELLES; MONARETTO, 2007, p. 195).

Sob a perspectiva da sociolinguística variacionista, a exemplo do processo do rotacismo, a metátese é verificada com maior frequência em informantes com poucos anos de escolarização e de maior faixa etária. No Brasil, o nordeste apresenta uma ocorrência mais numerosa desse fenômeno, enquanto que no sul do país, o fenômeno ocorre em poucos casos.

Almeida (2004) [9], ao descrever o quadro das consoantes que se ouvem no Vale do Cuiabá, ou Baixada Cuiabana, no Mato Grosso, registrou a transposição de fonemas, ou metátese como em: 'treminá' no lugar de terminar. Os sujeitos da pesquisa são os chamados cuiabanos da "beira do rio", com pouco ou nenhum grau de instrução, faixa etária média de 50 anos, pais e avós também cuiabanos, os chamados cuiabanos de "chapa e cruz".

[9] Pesquisa realizada no âmbito do projeto Filologia Bandeirante - Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de Goiás (UFG) e Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

Sobre a estratificação proposta, o autor observa:

> Na verdade, essas variáveis não determinam o falante ideal ou perfeito representante do dialeto, porque, com frequência, podemos encontrar as mesmas características linguísticas – comuns obviamente nos analfabetos, mais velhos e do interior – na expressão oral dos alfabetizados de qualquer faixa etária e que vivem na cidade. Principalmente se ainda não se afastaram por longos períodos do seu meio social, seja para trabalhar, ou estudar. (ALMEIDA, 2004, p. 149-150).

Os dados dessa pesquisa foram coletados por meio de conversas espontâneas, algumas sem a participação direta do pesquisador, na residência de um dos colaboradores, com amigos e familiares recontando histórias de vida. Em relação à faixa etária, numa mesma família, a variedade linguística dos filhos de até 12 anos reflete a variedade utilizada pelos pais. Com relação à variável sexo, os traços característicos do falar cuiabano são mais perceptíveis nas mulheres. O autor observa que elas permanecem em casa, enquanto os homens, em função do trabalho, convivem com outras variedades "além das fronteiras do falar local" (ALMEIDA, 2004, p. 150).

Coelho (2010), ao descrever o português brasileiro falado pelos gurutubanos, conforme descrição feita na seção sobre o rotacismo, verificou a ocorrência de metátese na fala desses sujeitos. Para o autor "a função básica da metátese no PBG é eliminar uma sílaba travada (CVC > CCV). Casos desse tipo podem ser identificados em perca-'*preca',* porque-'*pruquê'*, purgante-'*prugante',* torcia-'*trucia*'; vergonha-'*vregonha'*. (COELHO, 2010, p. 254, grifos do autor).

As ocorrências de metátese descritas ocorrem com a troca de posição do rótico dentro da sílaba, como em 'brabe**r**u' - ba**r**beiro, 'p**r**ocu' - po**r**co, *'*p**r**eguntá' – *'*p**r**iguntá' - pe**r**guntar', *'*p**r**eveso' - pe**r**verso' ou dentro da palavra: *'Cilira'* - Cirila, 'inc**r**ontaru' - incont**r**aram, 'lai**r**guí' - la**r**guei, 'male**r**adu' - ama**r**elado, *'*passale**r**a' - passa**r**ela (COELHO, 2010, p. 272).

Considerando a ocorrência de metátese registrada por Oliveira (1934, p. 14) - "É, meu véio, seu Cyriaco, **pruque** não ensina elle, você que não **percisa** tanto*?* - e uma amostra do linguajar dos pescadores de Januária em [...] aí eles **priguntaru:** o sinhô num toma uma cachacinha, não?," consideramos que a metátese, ainda que vista por muitos autores como Hora, Telles e Monaretto (2007) como sendo de ocorrência esporádica, é um fenômeno linguístico presente e recorrente na comunidade de prática deste estudo.

Feitas as considerações sobre o processo da metátese, apresentamos, na próxima subseção, a nasalização espúria.

2.3 Nasalização espúria

Nasalidade é o termo utilizado para definir os sons da fala que têm como principal característica articulatória o rebaixamento parcial do véu palatino, o que permite a comunicação entre o trato vocal e as fossas nasais. Essa comunicação produz uma ressonância nasal em consoantes e vogais. Dessa forma, o termo é utilizado para denominar os sons que apresentam ressonância nasal em sua produção.

Conforme Duarte e Teixeira (1979), a nasalidade é uma das características fonológicas e fonéticas que distinguem a língua portuguesa de várias outras, o traço mais característico do português.

Para Câmara Junior (1986), o encontro de uma vogal com uma consoante nasal resulta na nasalização, termo que indica um processo que confere o traço [+ nasal] a um segmento. É o que se pode visualizar em /ˈk**aN**to/ [ˈkɐ̃tʊ]“canto” e /ˈd**a**ma/ [ˈdɐ̃mə] “dama”. Em relação à nasalidade das vogais no latim, afirma que, na evolução da língua portuguesa é relevante a nasalação das vogais por assimilação aos fonemas consonânticos nasais / m / ou / n /. Para esse autor, a queda do / n / intervocálico que nasalou a vogal precedente, como em “rana > rãa > rã, manu > mão, luna > lʊ)a > lua” fez surgir o til na ortografia da língua portuguesa (CÂMARA JUNIOR, 1986, p. 175).

Há três fonemas consonânticos nasais na língua portuguesa, os quais são produzidos com o acréscimo da ressonância nasal à articulação oral: o fonema bilabial / m /, o dental / n / e o palatal / ɲ /. (CÂMARA JUNIOR, 1986). Na língua latina, já era conhecida a nasalidade dos fonemas consonânticos / m / e / n /. (FERREIRA NETTO, 2001). Há um consenso sobre o reconhecimento das consoantes nasais / n /, / m / e / ɲ / como fonemas, mas, isso não se verifica, quando se trata da nasalidade vocálica.

Câmara Junior (1986) refere-se à nasalidade vocálica do português como uma nasalidade secundária, por acreditar que vogais realmente nasais só existam no francês. Para esse autor, pioneiro dessa discussão no Brasil, as vogais nasais do português resultam do encontro de uma vogal oral com uma consoante nasal, como em /ˈp**oN**te/ [ˈpõtɪ] "ponte" e /ˈk**am**a/ [ˈkɐ̃mə] "cama". Consoante a isso, postula a existência de duas formas de nasalidade: uma de natureza fonológica e outra de natureza fonética. A nasalidade fonológica tem função distintiva e é gerada por uma regra categórica; a fonética não é distintiva e é gerada por uma regra variável que tem como resultado uma vogal nasalizada como em [bɐ̃ˈnɐ̃nə] "banana". Quando a regra não é aplicada, a vogal permanece oral como em [baˈnɐ̃nə] "banana".

Para a nasalidade fonológica de caráter distintivo, a vogal é nasal porque se une a um arquifonema nasal, como no exemplo: “genro” [ˈZeNhu] em oposição a “gero” [ˈZɛPu]. Ou ainda campa, manta e manga em oposição a capa, mata e maga. Essa definição é conhecida como a proposta bifonêmica de Câmara Junior (1986) que postula a existência de uma consoante seguinte à vogal nasalizada, o que faz supor que a realização da vogal ocorre com dois segmentos distintos.

A nasalidade fonética (ou alofônica) é resultado do contato de uma vogal com uma consoante nasal heterossilábica. A nasalização fonética não cria contrastes, isto é, não estabelece diferença de significado, como em [ˈkə̃mə], em oposição a *[ˈkamə] “cama”, por exemplo. Os estudos de Wetzels (1997), de Abaurre e Pagotto (1996) dão conta de que essa diferença não existe no PB. Isso porque, a vogal-alvo da nasalização, quando acentuada, é obrigatoriamente nasalizada.

Nos estudos das vogais nasais do PB há, de um lado, a possível interpretação de que a vogal teria assimilado totalmente a consoante nasal, tornando-se nasalizada, fazendo-se representar no nível fonético como apenas um segmento, conforme a proposta de Cagliari (1977). De outro lado, em seus estudos fonológicos, Abaurre e Pagotto (1996), Battisti (1998) e Bisol (2002) defendem a existência de uma consoante seguinte à vogal nasalizada, tal e qual a hipótese bifonêmica de Câmara Junior (1969), atribuindo, de fato, dois segmentos distintos na realização da vogal nasal.

Porém, a discussão principal acerca das vogais nasais dá-se em relação ao nível fonológico, uma vez que é nesse nível que as vogais têm caráter distintivo. Alguns autores, como Hall Junior (1943), acreditam não haver essa distinção, uma vez que a nasalidade é um fonema independente, o que significa dizer que a vogal propriamente dita é oral fonologicamente, não havendo fonemas vocálicos nasais. Outros autores defendem a existência de fonemas vocálicos nasais, a exemplo de Lüdtke (1953), Head (1964) e Back (1973).

Na caracterização dos segmentos nasais em língua portuguesa, alguns autores classificam os segmentos vocálicos em vogais nasais e vogais nasalizadas, embora essa terminologia não seja unânime entre esses autores. Em Couto (1997), é possível verificar essa classificação:

> [...] o [ã] de [‘kãma] é tão nasal quanto o de [kãta]. No entanto, o primeiro é uma vogal nasalizada automaticamente pela consoante nasal [m] seguinte, portanto não é um fonema nasal. O segundo, por seu turno, é intrinsecamente nasal, não há nada que o faça nasal. Ele é uma vogal nasal, portanto um fonema nasal, independente do oral /a/. (COUTO, 1997, p. 72).

Ainda sobre vogais nasais e vogais nasalizadas, Couto (1997, p. 72) pondera que "[...] embora sejam foneticamente nasais, ou seja, em sua produção, parte do ar vindo dos pulmões saia pelas fossas nasais, só as primeiras são fonemas nasais distintos dos orais correspondentes".

Silva (2003), ao apresentar as vogais nasais, não faz qualquer alusão à polêmica em torno de essas serem vogais verdadeiramente nasais ou nasalizadas. Aos casos que ocorrem obrigatoriamente em qualquer dialeto do Português, esta autora denomina nasalização; àqueles marcados por variação dialetal que não incorrem em mudança de significado ela denomina nasalidade. Assim, quando a não articulação da vogal nasal causa diferença de significado (exemplo: "lã/lá", "cinto/cito", "tampa/tapa"), temos a nasalização; quando a não articulação marca a variação dialetal e não causa diferença de significado, temos a nasalidade: [mɜ̃ˈmɜ̃ʊ̃] ou [maˈmɜ̃ʊ̃]; [ʒɜ̃ˈnɛlə] ou [ʒəˈnɛlə].

Consoante essas discussões, a condição para a ocorrência da vogal nasal no PB é a existência de um segmento nasal adjacente à vogal, o que lhe permite a assimilação do traço nasal. No entanto, o que se tem percebido em algumas cidades dos estados de Minas Gerais e Bahia é a ocorrência de nasalização de vogais em contextos fonéticos nos quais está ausente um segmento nasal adjacente, processo denominado, neste texto, nasalização espúria. Nesse processo, as vogais / e / e / i / são articuladas como [ĩ]. Essa vogal nasalizada passa a ocorrer nos contextos em que as vogais / e / e / i / seriam esperadas como em exemplo ~ inzemplo; educado ~ inducado; igual ~ ingual. Como podemos observar, essas ocorrências ocorrem em contextos que não apresentam segmento sonoro nasal adjacente à vogal, o que justificaria a assimilação dessa nasalidade.

Esse processo encontra-se registrado em *O dialeto caipira: gramática-vocabulário,* de Amaral (1982): onde é possível verificar que o / e / "inicial, aparece mudado em i nasal em inzame < exame, inguá < igual, inzempro < exemplo, inleição < eleição". Ainda para esse autor, "a nasalação de e inicial seguido de x é fenômeno observado em tempos afastados da língua (portuguesa), em palavras, como: *enxame* < *examen, enxada* < *exada, enxuito* < *exsuctum*. *Enxempro* encontra-se nos escritores mais antigos. Do mesmo modo, *inliçon* (eleição)." (AMARAL, 1982, p. 6, grifos do autor). Verificamos também que, em Portugal, registra-se o / i / nasalizado, como em '*ingreja*' em uma comunidade de pescadores na Ericeira (ALVES, 1993, p. 154, grifos do autor).

Marroquim (1945, p. 34-35) atesta que na "dialetação nordestina" há uma inclinação para as nasais que pode ser percebida em ocorrências como 'ãmar', 'Jãime', 'bãinha', 'cunzinha' etc. O autor registra, ainda, que palavras, como elogio, Itália, ilegal, igreja são

pronunciadas como ‘inlogio’, ‘Intalia’, ‘inlegal’, ‘ingreja’. Segundo esse autor,

> [...] há quem queira enxergar, nessa inclinação pela nasal, uma influência do *tupi.* Não creio que se consiga colocar essa teoria em bases sólidas e convincentes. Mesmo em palavras como *elogio, Itália, ilegal, igreja*, que o povo pronuncia *inlogio, Intalia, inlegal, ingreja*, a nasalação deve ser tomada antes como um recurso para dar mais corpo à vogal isolada, si não fôr um fenomeno de analogia – falsa analogia, em vista do profuso emprego do prefixo in, que de infeliz, insôsso, insensível, impossível etc. estendeu-se a inregular, inclusão, inleição, (inliçon no português arcaico) indo a correção até intaliano, inlogio, e, em geral, a todas as palavras começas em i. (MARROQUIM, 1945, p. 35).

Penha (1972), ao descrever o falar de São Domingos – bairro rural do município de Elói Mendes, no sul de Minas–, registra na seção Nasalação as seguintes ocorrências de nasalização espúria[10]: [sãkrisˈtʃɪɐ] (sacristia), [sãtaˈnays] (Satanás), [ĩˈzemprʊ] (exemplo), [ĩtaliˈãnʊ] (italiano), [ĩleyˈsãw] eleição) [ĩgnoˈrantʃɪ] (ignorante).

Embora não tenhamos encontrado muitas pesquisas abordando a nasalização espúria, descrevemos, na sequência, sob a perspectiva variacionista, alguns estudos que fundamentam a escolha pelas variáveis linguísticas independentes para a análise desse processo na comunidade de prática em estudo nesta tese.

No artigo *Vogais nasais em ambientes não nasais em alguns dialetos baianos*, Alves, Cavalcante e Pacheco (2007) observaram a nasalização de vogais na fala de sujeitos nativos das cidades de Ituaçu, Ibicaraí e Vitória da Conquista, na Bahia. Por meio da gravação de entrevistas com falantes dessas comunidades, levantaram uma amostra de palavras nasalizadas por esses falantes, dentre essas, encontramos cunzinha, ingreja, inrregular, inzame, indolatria, o que levou as pesquisadoras às seguintes conclusões:

a) os falantes das cidades de Ituaçu, Ibicaraí e Vitória da Conquista realizam vogais nasais independentemente da presença de uma consoante nasal adjacente;
b) somente as vogais altas anteriores são passíveis de sofrerem esse tipo de nasalização;
c) a vogal alta anterior, na função de prefixo, é realizada como prefixo {in-}, mesmo que o ambiente fonético bloqueie sua realização.

Almeida (2009, p. 129), ao descrever *as Vogais do falar ribeirinho cuiabano*, verificou que “em posição inicial, compondo sílaba leve, é possível registrar a realização [ĩ], alçada e nasalada, principalmente se a sílaba seguinte tiver no seu ataque, ou *onset*, a fricativa

[10] Embora a transcrição das ocorrências de nasalização espúria apresente divergências em relação ao modelo de transcrição adotado nesta tese, tais transcrições seguem a proposta de Penha (1972).

/ z /, como em [ĩˈzistʃɪ] *existe* e [ĩˈzẽplʊ] *exemplo.”*

Como mencionado anteriormente, Coelho (2010, p. 256) investigou a modalidade da língua portuguesa brasileira falada pelos moradores do Vale do Gurutuba, quilombolas norte-mineiros, no centro-norte de Minas Gerais. Ao investigar os processos relacionados às vogais, descreveu casos de nasalização e, dentre esses, registrou ocorrências de nasalização espúria: “[...] quando inicial a vogal / e / átona realiza-se em / i / nasal em sílabas pretônicas: educado> inducadu; exemplo > inchempu; igreja > ingreja; igual > ingal”.

Sobre esse processo Coelho (2010) afirma que

> Nos exemplos acima, temos um caso diferente do proposto pela gramática tradicional brasileira, embora sejam encontrados em algumas regiões rurais do Norte de Minas e também em Portugal, como em “ingreja–igreja, inducar-educar”, conforme relatos de Peixoto (1965, p. 61, 72, 77) e Alves (1993, 1965 p. 153-157) citados por Scherre e Naro (2007, p. 127). (COELHO, 2010, p. 256).

Alves (2014), utilizando os dados levantados por Coelho (2010), investigou três processos variáveis relacionados às vogais nasalizadas detectadas no dialeto dos quilombolas gurutubanos – norte de Minas Gerais. O objetivo de Alves (2014) foi descrever e analisar os processos de nasalização no dialeto gurutubano, a alternância de qualidade vocálica envolvendo a passagem de [ɐ̃] a [õ], a nasalização espúria do [i] e a nasalização vocálica identificadas na fala dos indivíduos da comunidade em questão, além de identificar os fatores linguísticos e sociais que favorecem ou que desfavorecem a ocorrência dos três fenômenos nessa variedade do português. Para essa investigação o autor adotou o modelo teórico da sociolinguística variacionista laboviana e da fonologia autossegmental, com os modelos da geometria de traços e da fonologia métrica.

Os dados coletados para a análise foram extraídos das falas espontâneas de 24 informantes nascidos e residentes no território quilombola gurutubano que foram estratificados por sexo, faixa etária, grau de instrução e nível de contato urbano. As variáveis linguísticas elencadas para a análise da nasalização espúria do [i] – processo que nos interessa nesta tese – foram o segmento precedente e vogal-alvo. A análise dos dados mostrou que o contexto favorecedor é o contexto inicial [ĩ] . Quanto às variáveis sociais, o sexo feminino favorece o processo de nasalização espúria do [i]; o fenômeno não é sensível ao grau de instrução; em termos de faixa etária a variável é bastante estável e contínua, podendo ser um traço da fala gurutubana que tende a permanecer; os indivíduos que possuem menor contato urbano favorecem o processo.

No estudo intitulado *O fenômeno da nasalização marginal no Português do Brasil: um estudo de atitudes*, nos moldes teórico-metodológicos da sociolinguística, com foco em estudos de atitudes linguísticas, Costa (2019) analisou as atitudes linguísticas de falantes das cinco regiões do Brasil diante dos processos de nasalização fonética denominados, pela autora, "marginais". Os processos arrolados são assimilação de longa distância (distância entre gatilho e alvo, sendo que o domínio do gatilho é outra sílaba que podemos ver em "mindingo" e "sombrancelha")*;* uniformização prefixal de /iN-/ (o processo de desfazimento de alomorfia – in ~ i - do prefixo /iN- / visto em "inlegal" x "ilegal); e a Nasalidade Espúria (processo de nasalização do [i], sem que haja um contexto favorecedor a essa nasalização que vemos em "idiota ~ indiota").

Para responder à pergunta de como os falantes de PB avaliam a nasalização dita marginal, os dados desse estudo foram obtidos *on-line*, por meio de uma plataforma de formulário do Google (*Google Forms*). Os falantes, num total de 212, todos de nível superior (completo e em curso) foram expostos aos estímulos que contemplassem todos os grupos de nasalização referenciados no trabalho. O objetivo da autora era detectar como indivíduos de grau escolar prestigiado veem uma fala comumente associada aos grupos de poder aquisitivo e escolaridade mais baixa e de menor prestígio social e cultural.

Os fatores considerados nessa análise foram o gênero (se as pessoas julgavam o falar mais feminino ou masculino), idade (se as pessoas julgavam o falar típico de um falante mais jovem ou idoso), urbanidade (se as pessoas julgavam a pronúncia mais típica de falares urbanos ou de rurais), escolaridade (se as pessoas julgavam essa pronúncia mais relativa a pessoas menos ou mais escolarizadas) e poder aquisitivo (se as pessoas julgavam o falar típico de pessoas com menor ou maior poder aquisitivo).

Com relação aos resultados, os informantes não conseguiram apontar se a nasalização indicava ser o falar mais feminino ou mais masculino; sobre a escolaridade e o poder aquisitivo, os respondentes avaliaram as variantes nasais como marcadoras de pessoas com baixa escolaridade e pouco poder aquisitivo; sobre o fator urbanidade, a nasalização foi associada aos falantes rurais. Sobre a idade, os respondentes julgaram que as formas orais (sem nasalização) são mais típicas de falantes mais velhos do que as variantes nasais.

Oliveira (1934, p. 52) no trecho "Proguntei eu por aqui assim indimirada [...]", registra um caso de nasalização espúria: indimirada. Ocorrências desta natureza também são observadas em Januária, cidade na qual se localiza a comunidade de prática analisada nesta pesquisa, como em "meu pai também era <u>ingual</u> eu". Considerando essas ocorrências, inferimos que a nasalização espúria é um processo linguístico em uso no linguajar dos

pescadores da comunidade de prática em estudo.

Uma vez descritos os processos fonológicos – rotacismo, metátese e nasalização espúria – passamos à descrição dos processos morfossintáticos também investigados nesta pesquisa: a posposição do pronome possessivo no sintagma nominal e a concordância nominal de número.

2.4 A posposição do pronome possessivo no sintagma nominal

Os pronomes possessivos são, conforme Bechara (2009, p. 166) "[...] os que indicam a posse em referência às três pessoas do discurso". O sistema de posse no Português é descrito como se houvesse uma correspondência direta de um para um, entre os pronomes pessoais sujeitos com os pronomes adjetivos possessivos, o que faz supor um equilíbrio dessas formas, conforme demonstra o Quadro 1, a seguir.

Quadro 1 - Os pronomes possessivos, segundo a tradição gramatical

Pronome Pessoal Sujeito	Pronome Possessivo
eu	meu/minha/meus/minhas
tu	teu/tua/teus/tuas
ele/ela	seu/sua/seus/suas
nós	nosso/nossa/nossos/nossas
vós	vosso/vossa/vossos/vossas
eles/elas	seu/sua/seus/suas

Fonte: Cunha e Cintra (1985, p. 310).

No entanto, o que se tem observado no português falado no Brasil é:

a) o quase desaparecimento de formas como vosso e flexões, na fala, e até na escrita;
b) o uso do possessivo seu (e de suas formas flexionadas) para se referir à segunda pessoa do discurso, em virtude da ascensão do pronome *você*;
c) o uso de dele para evitar a ambiguidade de posse em referência à terceira pessoa;
d) o uso de a gente em substituição aos pronomes sujeito nós e da gente como pronome adjetivo possessivo em substituição a nosso/nossa. Essas e outras mudanças apontam para o fato de que o sistema de marcação possessiva no PB está passando por

mudanças, como demonstram os trabalhos:

- Cerqueira (1993, 1996);
- Kato (1985);
- Lucchesi e Araújo (2020);
- Müller (1997a, 1997b);
- Neves (1993, 2000);
- Perini (1985); e
- Silva (1982, 1984, 1996).

Não obstante o impacto dessas mudanças para o sistema de posse no português brasileiro, interessa-nos, nesta pesquisa, a variação já prevista na gramática tradicional acerca da posição linear dos possessivos na frase. Conforme Cunha e Cintra (2001, p. 310), o pronome possessivo precede o substantivo que determina, como em "Eu estava na porta da minha casa, com a minha mãe e o meu pai". Embora a gramática descreva a possibilidade de o possessivo ocupar uma posição posposta a nome no sintagma nominal, Cunha e Cintra (2001) afirmam que isso é feito sob as seguintes condições:

a) quando este vem desacompanhado do artigo definido, como em: "Esperava notícias tuas para de novo te escrever";
b) quando o substantivo já está determinado (pelo artigo indefinido ou por numeral, por pronome demonstrativo ou por pronome indefinido*):* "Recebi, no Rio, no dia da posse no Instituto, um telegrama seu, de felicitações [...]";
c) nas interrogações diretas: "Onde estais, cuidados meus?";
d) quando há ênfase: — "Tu não lustras as unhas! Tu trabalhas! Tu és digna, filha minha! Pobre, mas honesta!" (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 311-312).

As ocorrências de sintagma nominal com pronome possessivo, anteposto e posposto exemplificadas nas gramáticas são, geralmente, colhidos em obras literárias e, segundo Cunha e Cintra (2001, p. 312) e outros gramáticos essa "[...] alternância de colocações presta-se a efeitos estilísticos".

Neves (1993), ao investigar a posição do pronome possessivo em um *corpus* do Projeto da Norma Urbana Culta (NURC), encontrou 251 ocorrências de possessivo anteposto ao nome, com artigo definido, contra apenas duas ocorrências de possessivo posposto ao

nome com artigo definido. Ainda que os números do possessivo posposto nessa investigação não tenham sido considerados produtivos, conforme Neves (2000, p. 475), em sua *Gramática de usos do português*, reitera que "[...] o deslocamento do possessivo para depois do substantivo é possível, ocorra ou não outro determinante na posição 1, e qualquer que seja o determinante de primeira posição que ocorra.", conforme evidenciam os exemplos:

a) "[...] E a cada partida sua, as velinhas se acendiam ao pé da virgem.
b) Isso é negócio seu?
c) Vou vender as pedras para o Maurício, aquele amigo meu. [...]". (NEVES, 2000, p. 475).

Em Perini (2010), essa posposição do possessivo, quando desacompanhada de artigo, apresenta significado genérico, referindo-se a uma classe geral e não a um ou mais indivíduos. Nessa perspectiva, "meu amigo" é uma pessoa específica, mas em frases como "amigo meu não passa necessidade", o referente é todo e qualquer amigo. Entretanto, ainda segundo o autor, a posposição do possessivo não tem o mesmo efeito quando o possessivo é usado junto aos determinantes um, aquele, esse. Dessa forma, construções como "Esse meu amigo ganhou o prêmio" e "Esse amigo meu ganhou o prêmio" não apresentam diferença de significado. Na relação estabelecida entre o possessivo e o determinante o, Perini (2010) descreve que este só ocorre com possessivo anteposto como em: "o meu amigo, mas não o amigo meu."

Para Borges Neto (1986), a posição do possessivo no sintagma nominal – anteposto ao nome ou a ele posposto – está relacionada à função expressa pelo sintagma nominal, seja referencial, seja atributiva, e essa posição implica alteração do significado do sintagma. Para exemplificar, o autor apresenta os exemplos de "minha casa", "meu carro" (possessivo anteposto) e "casa minha", "carro meu" (possessivo posposto). Nessa perspectiva, o falante só usaria o possessivo anteposto, se realmente fosse possuidor de uma casa ou de um carro, visto que essa posição faria pressupor a existência do objeto referido. Nesse caso, há uma descrição definida usada referencialmente. Em posição posposta no sintagma nominal, o possessivo indica caráter atributivo, uma vez que não há uma descrição definida que se possa afirmar referencial. Assim, na frase "Ninguém usará carro meu", a função do possessivo é de atribuição: o enunciador não possui um carro, mas, se um dia vier a possuir, ninguém usará.

Raimundo (1933), ao se referir à influência africana na formação da língua portuguesa no Brasil, afirma que essa influência não se limitou ao léxico, estendendo-se para muitos aspectos da sintaxe. Assim, o autor ensina que há "[...] tendência, em certos casos, para a

posposição do possessivo e do demonstrativo em giros com os seguintes: *mandei-lhe uma carta longa, carta minha, escrita com mágua; recebi vários papéis, papéis esses de grande importância*". (RAIMUNDO, 1933, p. 85, grifo do autor).

Contrário a essa posição de Raimundo (1933), Melo (1981) assim se posiciona:

> Também não se compreende como nosso grande vernaculista Jacques Raimundo tache de africana a tendência, em certos casos, para a posposição do possessivo e do demonstrativo em giros como os seguintes: mandei-lhe uma carta longa, carta minha, escrita com mágoa recebi vários papéis, papéis esses de grande importância. São portuguesíssimas tais construções. No primeiro exemplo, a expressão "carta minha" é um aposto explicativo e enfático. Seria possível aí antepor-se o possessivo: "minha carta"? E, de qualquer modo, não é velha na língua a posposição do possessivo? Alma minha gentil que te partiste? (MELO, 1981, p. 86).

Sob a perspectiva variacionista, Toledo (1998), ao investigar o *Sistema pronominal possessivo em uso na Ilha dos Valadares* (município de Paranaguá, no Paraná), observou que os falantes locais fazem uso de três formas de pronome possessivo:

a) uma tradicional, com o possessivo anteposto ao substantivo no sintagma nominal *"*(minha casa, tua casa, sua casa, nossa casa; meu carro, teu carro, seu carro, nosso carro)*"* (TOLEDO, 1998, p. 39);
b) uma forma *nova***,** expressão de posse estabelecida por preposição de + pronome lexical, de + "*pronome pessoal de terceira pessoa*, *de + pronome de tratamento*, *pronome possessivo adjetivo*" (casa de mim, casa de você, casa de nós; carro de mim, carro de você, carro de nós); nessa forma nova, a expressão de posse é posposta ao nome no sintagma nominal. (TOLEDO, 1998, p. 12; 55, grifos do autor);
c) e uma forma denominada inovadora**,** com o possessivo posposto ao nome no sintagma nominal (casa meu, casa teu, casa nosso; carro meu, carro teu, carro nosso).

Nessa forma inovadora, o possessivo é posposto ao nome no sintagma nominal com ou sem determinante na posição 1, como em "carro nosso", e com qualquer determinante nessa posição, conforme exemplos, a seguir:

a) "[...] Você pegou a receita meu. *(*com artigo definido);
d) [...] eu só quero uma informação seu. (com artigo indefinido)." (TOLEDO, 1998, p. 110).

Outra característica dessa forma inovadora, na Ilha dos Valadares, é a neutralização do gênero, como nas ocorrências “casa meu”, “casa teu”.

A amostra foi constituída por 78 moradores do local, nascidos ou vivendo no local, distribuídos por idade, nível de escolaridade e social. O sexo e a etnia não foram considerados na constituição da amostra, embora as informações sobre etnia tenham fornecido ao pesquisador pistas de possíveis influências africana e indígena, a considerar o processo de colonização de cada uma das comunidades pesquisadas. Para a coleta dos dados, o autor, inicialmente, elaborou questionários e entrevistas formais para a captação do pronome possessivo em uso na ilha, mas, diante da dificuldade de registrar a forma inovadora por meio desses instrumentos, adotou a seguinte estratégia: todo falante que produzisse a forma inovadora seria um informante. Com isso, Toledo (1998) não fez uma análise quantitativa dos dados, mas buscou descrever a ocorrência da forma inovadora na fala dos moradores da ilha.

Veado (1982, p. 10-11), na pesquisa intitulada *Comportamento linguístico do dialeto rural*, investigou “[...] a gramática dos falantes não escolarizados de uma região rural específica, com base em uma amostra criteriosamente estabelecida”. Para compor a amostra, esta autora baseou-se em gravações informais (não estruturadas) realizadas com 45 informantes selecionados e estratificados por idade (15 a 19 anos, 20 a 50 anos e 51 anos e acima disto); escolaridade (escolarizados até a 2ª série do 1º grau); naturalidade (nativos da região) e sexo. O roteiro de referência para a realização das entrevistas abordou o dia a dia dos informantes: costumes, dificuldades, anseios etc. Essas entrevistas foram realizadas na residência do informante ou em seu local de trabalho (o campo).

Essa investigação realizada na mesma microrregião onde se localiza a comunidade de prática de pescadores investigada neste estudo – Januária – apresentou (1) uma descrição geral de aspectos de natureza morfossintática, sendo esses de ocorrência regular ou sistemática e de ocorrência baixa ou nula; e (2) análise detalhada de um aspecto morfossintático – a concordância de número no sintagma nominal – segundo o modelo proposto pela teoria transformacional *standard*, de Chomsky (1965).

Ao descrever o tipo II da concordância de número no sintagma nominal – elementos pospostos e (antepostos) ao nome, Veado (1982, p. 71) observou que “[...] a posição de pronome posposto a N é muito comum e natural no dialeto rural”. Dentre esses pronomes, ela registra a posposição do possessivo nas ocorrências “os menino **meu**” e *“*uns primo **meu**”. É possível observar que essas ocorrências de posposição do possessivo ocorrem tanto com o artigo indefinido antecedendo o nome, quanto com o artigo definido.

Coelho (2010, p. 288), conforme a subseção 2.1 de sua tese, ao descrever o PBG, na região norte de Minas Gerais, observou que "[...] no PBG o uso do possessivo distingue-se do tradicional, porque o falante prefere usar a inversão como forma normal, ou seja: a posição normal do possessivo no sintagma nominal é após o nome que determina." É o que demonstram as amostras de fala coletadas pela mesma autora, a saber: "...**a <u>minina minha</u> morrô**..." (...a <u>menina minha</u> morreu...) e "... eu achi na **<u>idéa minha</u>**..." (COELHO, 2010, p. 288, grifos do autor) (...eu achei na <u>ideia minha</u>...). Assim, o uso do pronome possessivo posposto ao substantivo, com qualquer determinante, é uma norma do falar gurutubano.

Na mencionada obra de Oliveira (1934, p. 144), há registros dessa posposição do pronome possessivo, como em "o remédio meu arrancou tudo […]". Esse processo linguístico também é observado no linguajar dos pescadores de Januária como nestas ocorrências: "Os minino meu é fazeno concurso direto". (D64MRD100) e "A canoa <u>nossa</u> tava amarrada lá". (J52MPP0631). Levando em conta que essas ocorrências se assemelham àquelas identificadas por Coelho (2010) no dialeto gurutubano e por Toledo (1998) na Ilha dos Valadares, estruturamos as variáveis linguísticas para a análise desse processo, a partir da perspectiva desses autores.

Na subseção seguinte, discorremos sobre a concordância nominal de número.

2.5 A concordância nominal de número

Em língua portuguesa, a concordância é um processo sintático que consiste em se adaptar a palavra determinante às flexões da palavra determinada. Esse processo, quando ocorre entre o verbo e o sujeito denomina-se concordância verbal; quando a ocorrência é entre o núcleo de um sintagma nominal e seus determinantes a concordância é denominada nominal. Nas gramáticas tradicionais as regras para concordância nominal são apresentadas de forma consensual por diferentes gramáticos. Nesse sentido, assim se expressam:

> A concordância nominal é aquela que se verifica em gênero e número entre o adjetivo e o pronome (adjetivo), o artigo, o numeral ou o particípio (palavras determinantes) e o substantivo ou pronome (palavras determinadas) a que se referem. (BECHARA, 2009, p. 543).

> Concordância é o princípio sintático segundo o qual as palavras dependentes se harmonizam, nas suas flexões, com as palavras de que dependem. Assim, os adjetivos, pronomes, artigos e numerais concordam em gênero e número com os substantivos a que se referem (concordância nominal). (CEGALLA, 2005, p. 438).
> [...] é a que se faz do adjetivo – atributivo ou predicativo – com o substantivo a que se refere: *casa branca, menino delicado, laranjas maduras; estes homens são honestos; considero válidas as razões apresentadas*. (MELO, 1981, p. 222, grifos do autor).

Ao lado da presença da concordância nominal de número apresentada pela gramática tradicional, o português brasileiro apresenta situações nas quais essa concordância entre o determinante e o nome se realiza de maneira diferente daquela prevista, o que já atestaria o caráter variável desse fenômeno. Nas variedades populares da língua falada, a ocorrência predominante é a marcação do número verificada somente nos determinantes, e não se estendendo aos outros elementos do sintagma nominal.

Perini (2010), em sua *Gramática do português brasileiro*, registra essa concordância do português falado, afirmando que o português brasileiro

> trata essa regra de maneira diferente da língua escrita. A marca de plural, a saber, o sufixo – (e suas variantes alomórficas) o mais das vezes, ocorre apenas no primeiro elemento do SN, quando este é um determinante, um quantificador ou um possessivo (ou seja, os elementos pré-nucleares, exceto o modificador). (PERINI, 2010, p. 282).

Consideramos que exemplos de ocorrência dessa regra, aceitáveis no PB, tomando por base a colocação do suprareferido autor, são encontrados em "os livros/os livro; essas meninas despenteadas/ essas menina despenteada; meus filhos/ meus filho". Ao apresentar essas ocorrências, afirma que "[...] essas são regras gerais do PB, seguidas por praticamente todos os falantes, de todas as classes sociais e de todas as regiões. Não se trata de linguagem 'inculta' ou 'regional', mas do vernáculo comum a todos os brasileiros." (PERINI, 2010, p. 283).

Essa constatação de Perini (2010) já havia sido levantada em trabalhos dialetológicos, como o de Amaral (1982), para quem a pluralidade dos nomes, no dialeto caipira falado no interior de São Paulo, era indicada, geralmente, pelos determinativos: "<u>os</u> rei, <u>duas</u> dama, <u>certas</u> hora, <u>u'as</u> fruita, <u>aqueles</u> minino, <u>minhas</u> ermã, <u>suas</u> pranta" (AMARAL, 1982, p.28).

Em *A língua do Brasil*, também já se podia antever tal constatação a partir dos elementos coletados na obra, quais sejam: "as prima já chegaro, os home tá í." (MELO, 1971 p. 78), embora esse gramático tenha concebido esse fato não como uma variação da língua, mas como um desvio da norma culta.

Para Nascentes (1953, p. 81, grifos do autor), "[...] o plural é indicado pelos pronomes adjuntos ou pelos numerais que precedem o substantivo: os livros – *os livro,* dois livros – *dois livro,* meus livros – *meus livro,* estes livros – *estes livro,* poucos livros – *poucos livro".*

Na descrição elaborada por Marroquim (1934, p. 103), acerca da língua popular nos estados de Pernambuco e Alagoas, esse fenômeno também já era percebido: "[...] o número, no dialeto nordestino, é indicado apenas pelo determinativo, o substantivo e o adjetivo

qualificativo, quer estejam no singular, quer no plural, conservam a forma invariável, que é a do singular".

No falar mineiro, também há registro dessa concordância, consoante Teixeira (1938, p. 31, grifos do autor), afirma que o número "[...] é indicado pelos adjetivos determinativos conservando o substantivo forma invariável para o singular e plural: *a moça – as moça, o mininu – os mininu, um véiu – uns véiu, o irmão – os irmão, meus fregueis, todos dia, muitas veis".*

Essa variabilidade verificada no sistema de concordância nominal de número no PB é atribuída, por alguns estudiosos, a uma origem crioula, a exemplo de outros fenômenos investigados nesta tese. Entre esses estudiosos, Melo (1971) afirma que a influência das línguas africanas se faz sentir na simplificação e na redução das flexões, sendo considerada a influência mais profunda das línguas africanas. O autor ainda assevera que

> [...] realmente, em nossas linguagens populares rareiam as desinências de plural, que tendem a se restringir ao primeiro determinante da frase. E isso tão mais amplamente quanto mais baixa a camada popular. Assim se ouvem frases como estas: "Os home tá i"; "as prima já chegaro" (ou "já chegô"); "ele brigô c'os fiyo"; "esses minino são endiabrado" (ou "é endiabrado"); "são uns diabo os negrinho da cumádi Cândia", etc. (MELO, 1971, p. 78).

Guy (1989) acredita que o português não padrão seja oriundo de um processo de *crioulização* de origem africana e, no que se refere à concordância, postula que "[...] este padrão [no Brasil] de colocar a marca de plural no início do SN bem poderia ter sido baseado em um padrão africano." (GUY, 1989, p. 232).

Naro e Scherre (2007), partidários da hipótese denominada "confluência de motivos" sobre a origem do português brasileiro, acreditam que esse fenômeno já havia sido percebido no latim:

> Os fatos acima arrolados permitem levantar a hipótese de que o processo da queda do -s final no português do Brasil tenha tido seu início no português dialetal da Europa, que, por sua vez, estava apenas dando continuidade a uma deriva pré-românica. Consequentemente, é plausível supor que o impulso inicial do processo de perda da concordância nominal se situe também em fenômenos fonológicos trazidos da Europa, à semelhança da concordância verbo/sujeito. (NARO; SCHERRE, 2007, p. 36).

Segundo Scherre (1994, p. 38), "[...] o fenômeno da variação na concordância de número no português falado do Brasil, longe de ser restrito a uma região ou classe social específica, é característico de toda comunidade de fala brasileira". Para essa autora, esse

fenômeno é um caso de variação linguística inerente, o que se pode atestar a partir dos resultados de várias pesquisas realizadas sobre o assunto, como as de Braga (1977), ao analisar dados de fala de sujeitos de classe média e baixa de Uberlândia, em Minas Gerais; Ponte (1979) que focalizou o fenômeno da concordância nominal em uma comunidade de Porto Alegre; Dias (1993) que contrasta o urbano e o rural na fala brasiliense; Lobato (1994) que aborda a concordância nominal de número fundamentada na teoria de princípios-e-parâmetros e na sociolinguística variacionista.

Destacam-se, ainda, os estudos de Poplack (1980), que analisa a concordância nominal no espanhol de Porto Rico; a pesquisa de Guy (1981), que focaliza o fenômeno no espanhol de Porto Rico e no português brasileiro; e notadamente os trabalhos de Scherre (1978): *A regra de concordância de número no sintagma nominal em português*, no qual analisou dados de 10 falantes da área urbana do Rio de Janeiro, sendo seis semiescolarizados, alunos do Movimento Brasileiro da Alfabetização (MOBRAL), três universitários e um informante com 11 anos de escolarização, como dissertação de mestrado; e a *Reanálise da concordância de número no sintagma nominal em português* como tese de doutorado, em 1988, na qual reanalisou a concordância nominal de número, a partir dos dados do *corpus* do Censo do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL).

Em pesquisas realizadas por Braga (1977), Ponte (1979), Nina (1980) e Scherre (1978, 1988), em diferentes regiões do país acerca da concordância nominal, considerando pessoas escolarizadas e não escolarizadas, observamos que a regra de concordância de número no sintagma nominal pode ocorrer: com a marca de plural presente em todos os elementos do sintagma nominal; em alguns dos elementos do sintagma nominal; e somente em um elemento do sintagma nominal. Nesta última forma de ocorrência maior entre as variedades populares, a indicação do plural ocorre nos determinantes que se situam à esquerda do nome.

Outras pesquisas realizadas por Scherre e Naro (1998) argumentam que a concordância de número no português apresenta uma variação sistemática, exibindo variantes explícitas e variante zero (Ø) de plural em elementos verbais e nominais. Nessa pesquisa, os autores relacionam as variáveis linguísticas saliência fônica e posição social, anos de escolarização, sexo e faixa etária. Os resultados evidenciam como favorecedores das marcas de plural os elementos fonicamente mais salientes; os elementos não nucleares à esquerda do núcleo; os núcleos, em primeira posição na cadeia sintagmática; as pessoas com mais anos de escolarização e as do sexo feminino.

Guy (1981) analisou a concordância de número entre os elementos do sintagma nominal em falantes semiescolarizados da cidade do Rio de Janeiro considerando,

separadamente, as variáveis marcas precedentes (marcas estruturais que antecedem o elemento de análise em um sintagma nominal) e posição linear (posição ocupada pelo elemento no sintagma nominal). Scherre (1988), que inicialmente também separou essas variáveis, acredita que, quando analisadas ao mesmo tempo, é possível detectar qual posição foi mais ou menos marcada no sintagma.

Além dos estudos até aqui descritos acerca da concordância nominal de número, também descrevemos outros que embasaram a escolha das variáveis linguísticas independentes investigadas nesta tese.

Em uma pesquisa realizada na microrregião de Januária, conforme a subseção *2.1.4*, Veado (1982, p. 86), para a descrição do traço de número nos dados registrados no dialeto rural, tomou por base o traço de número plural nos elementos que estruturam o sintagma nominal e a posição superficial dos elementos no sintagma, que foram classificados nos seguintes tipos:

a) Tipo I – elementos antepostos a N no SN;
b) Tipo II – elementos antepostos e pospostos a N no SN;
c) Tipo III – N não precedido de elementos no SN;
d) Tipo IV – ausência de N no SN.

Por meio de uma análise transformacional no traço de número, observou que a forma não padrão de concordância nominal de número "[...] é que vem se impondo a cada dia no uso efetivo da fala urbana." (VEADO, 1982, p. 98). A análise apontou para o fato de que as variações linguísticas, no caso a forma "não padrão" em relação à "padrão" de concordância,

> [...] são possivelmente resultantes de fatores linguísticos e a aplicação vs. não aplicação de certas regras é que será condicionada, na maioria das vezes, por fatores extralinguísticos, ou seja: fala tensa vs. não tensa; formalidade vs. informalidade; maior grau de escolaridade vs. menor grau de escolaridade (VEADO, 1982, p. 98).

Por meio dessa análise, verificou que a marca de plural ocorre somente no determinante, conforme: "pelas casa dos amigo, dos colega..." ou ainda "muitos causo interessante". (VEADO, 1982, p. 98, grifos da autora).

Santos (2010), no estudo intitulado *Sobre a ausência de concordância nominal no Português falado em Pedro Leopoldo - MG: uma abordagem variacionista*, analisou a variável linguística constituída pela ausência e pela presença de concordância entre os elementos flexionáveis do sintagma nominal, com base nos pressupostos teórico-

metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística. Para compor a amostra, a autora utilizou dados de 27 entrevistas sociolinguísticas de falantes estratificados em classe social (classes média, alta e baixa), faixa etária (jovem, de 17 a 23 anos; adulto, de 40 a 47 anos; idoso, acima de 60 anos) e nível de escolaridade (ensino fundamental, ensino médio e ensino superior).

As variáveis linguísticas consideradas na análise foram:

a) elemento nuclear do SN:
   - posição;
b) elemento nuclear do SN:
   - classe gramatical;
c) elemento não nuclear do SN:
   - posição;
d) elemento não nuclear do SN:
   - classe gramatical;
e) elemento não nuclear do SN:
   - presença e ausência de flexão de plural.

Das 27 entrevistas realizadas, foram retirados 1.461 dados, que foram submetidos à análise estatística por meio do programa *Varbrul*. Essa análise mostrou que a ausência de concordância nominal ocorreu em 52% do total de dados analisados, o que confirmou a hipótese da pesquisa de que essa ausência de concordância é bastante frequente na fala dos moradores da comunidade de Pedro Leopoldo e é condicionada por fatores estruturais e não estruturais.

Pinheiro (2012) descreveu e analisou o fenômeno da concordância nominal de número na comunidade de fala da cidade de Belo Horizonte, sob a perspectiva da teoria da variação linguística laboviana. A amostra foi composta de dados retirados de 33 entrevistas espontâneas com falantes estratificados por classe social, faixa etária, escolaridade, estilo de fala, regionais da cidade e sexo.

As variáveis linguísticas consideradas para a análise foram: “saliência fônica, paralelismo formal, classe gramatical, posição linear, relação com o núcleo do SN, contexto fonético seguinte e segmento do contexto seguinte [...].” (PINHEIRO, 2012, p. 8). Dos 1.481 dados retirados das entrevistas, 18% apresentaram cancelamento de marca de plural no

sintagma nominal e 81% de presença de marca. A autora concluiu que o cancelamento de marca formal de plural no sintagma nominal na comunidade pesquisada foi influenciado pelos fatores linguísticos “posição linear, classe gramatical, saliência fônica e paralelismo formal” (PINHEIRO, 2012, p. 151) e pelo fator social escolaridade.

Levando em conta as pesquisas descritas anteriormente, os registros em Oliveira (1934, p. 304) como em “[...] eu entendi que ele arrecramava as fronha qu’eu tinha rasgado” e as primeiras observações sobre o linguajar dos pescadores: “[...] os póbi só se lasca tendeu?”, concluímos que a concordância nominal é uma variável linguística na comunidade de prática de pescadores de Januária.

Tendo descrito e discutido sobre os processos linguísticos em análise, discorremos, no próximo capítulo, o quadro teórico suporte desta pesquisa.

3 QUADRO TEÓRICO

Para a descrição das variáveis linguísticas e sociais selecionadas e para a análise quantitativa dos fenômenos linguísticos investigados, adotamos a sociolinguística variacionista ou teoria da variação e mudança. A partir desse modelo teórico-metodológico, foram investigados os processos fonológicos descritos no capítulo anterior: rotacismo em grupo consonantal, rotacismo em final de sílaba interna[11], metátese e nasalização espúria, assim como os fenômenos morfossintáticos da posposição do pronome possessivo e da concordância nominal de número nos falares dos pescadores de Januária (MG).

Além da teoria da variação e mudança, neste capítulo, apresentamos o modelo da fonologia gerativa clássica, para fundamentarmos a escrita das regras variáveis que possam sistematizar os processos em análise.

3.1 Teoria da variação e mudança linguística

A sociolinguística é uma área da linguística que estuda a língua em seu uso real, considerando para isso as relações existentes entre a produção de dados reais de fala e o contexto social. O termo "sociolinguística", segundo Elia (1987), apareceu pela primeira vez em 1953 em um trabalho de Haver Cecil Currie. São ainda marcos desse surgimento, no ano seguinte, a publicação dos livros de John Joseph Gumperz e a conferência de William Bright em Los Angeles.

Segundo Chambers (1995), o primeiro estudo sociolinguístico foi desenvolvido em 1963 por William Labov, em Martha's Vineyard, uma comunidade isolada da Costa da Nova Inglaterra, no estado de Massachussetts, nos EUA. Durante muito tempo, a invasão de veranistas do continente nessa comunidade ocasionou mudanças sociais que trouxeram interessantes consequências linguísticas para a fala dos moradores dessa ilha.

Ao analisar a variação fonológica da vogal núcleo dos ditongos /au/, como em *house*, e / ay /, como em *right* em Martha's Vineyard, Labov em 1963 verificou que o uso da variante local, considerada não padrão e estigmatizada – a pronúncia como um *schwa*[12]: [əu] e [əy] – passou a ser intensificada pelos moradores mais velhos da ilha em detrimento da variante dos veranistas, considerada inovadora e de prestígio. Essa atitude mostra a tentativa de identificar os moradores da ilha – donos do território – e os veranistas, que seriam os invasores,

[11] Na comunidade de prática de pescadores investigada não registramos casos de rotacismo em final de palavra.
[12] Som de voga representado pelo fonema /ə/.

evidenciando, assim, o fato de a língua ser um fator de identidade social. Ao estudo sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard (1963) seguiram-se "Estudos sobre a estratificação social no inglês falado na cidade de Nova Iorque" (1966); "A língua do gueto: estudo sobre o inglês dos adolescentes negros do Harlem, Nova York"; estudos sociolinguísticos da Filadélfia, entre outros" (TARALLO, 2000, p. 7).

Os principais objetivos da teoria da variação são estabelecidos a partir da ideia de heterogeneidade linguística e da inter-relação entre língua e sociedade, podendo ser resumidos da seguinte forma: analisar e legitimar variantes usadas numa comunidade de fala (LABOV, 1975) bem como entender a relação entre variação e mudança linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006).

Desse modo, a partir da sociolinguística, a língua passou a ser vista como um sistema em constante processo de mutação, e diretamente relacionado ao meio no qual está inserida. Diferentemente das principais correntes linguísticas – o estruturalismo e o gerativismo – cujas concepções formalistas concebiam a língua como um sistema abstrato e, por isso, não consideravam a questão da mudança, na sociolinguística, o objeto de estudo é a língua falada em situações reais de uso e observada em seu contexto social.

Nessa direção Labov (1972), afirma

> Os procedimentos da linguística descritiva fundamentam-se na concepção de que a língua é um conjunto estruturado de normas sociais. No passado, foi útil considerar que tais normas eram invariáveis e compartilhadas por todos os membros da comunidade linguística. No entanto, as análises mais detalhadas do contexto social em que a língua é utilizada vieram demonstrar que muitos elementos da estrutura linguística estão implicados na variação sistemática que reflete tanto a mudança no tempo quanto os processos sociais extralinguísticos. (LABOV, 1972a, p. 110-111, tradução nossa). [13] ·.

A ideia de homogeneidade como necessária para o funcionamento de uma língua é negada pela proposta de Labov (1972a) e passa-se a considerar os fatores sociais em seu processo de estruturação. A estratificação social e a avaliação social das variantes linguísticas, tanto no estudo de Martha's Vineyard quanto no estudo de Nova York, possibilitaram, segundo o autor, a descoberta dos padrões que governavam a variação na estrutura linguística.

[13] "The procedures of descriptive linguistics are based upon the conception of language as a structured set of social norms. It has been useful in the past to consider these norms as invariants, shared by all members of the speech community. However, closer studies of the social context in which language is used show that many elements of linguistic structure are involved in systematic variation which reflects both temporal change and extralinguistic social processes."

Ao destacar a importância dos fatores sociais na explicação da variação linguística, Labov (1972a) estabelece um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto social. Por esse modelo (sociolinguística variacionista ou teoria da variação) a língua é estudada nas comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais.

A teoria da variação ou sociolinguística variacionista é também conhecida como sociolinguística quantitativa pela utilização de dados numéricos a partir da coleta e quantificação desses dados. Essa abordagem quantitativa conferiu um caráter mais preciso e objetivo aos estudos linguísticos da variação, pois, conforme Weinreich, Labov e Herzog (1966, p. 107), "[...] não basta apontar a existência ou a importância da variabilidade: é necessário lidar com os fatos de variabilidade com precisão suficiente para nos permitir incorporá-los em nossas análises de estrutura linguística".

3.1.1 Variação e mudança linguística

O modelo teórico variacionista proposto por Labov (1972a), pautado na relação existente entre língua e sociedade, insiste na possibilidade de sistematizar a variação existente na própria língua. Segundo esse modelo, a análise linguística deve utilizar dados da língua falada extraídos por meio da comunicação face a face. Trata-se do vernáculo, enunciados produzidos em situação de fala mais natural.

Na pesquisa sociolinguística, o ponto de partida é o objeto de estudo. Esse objeto é encontrado em situações de fala espontânea, em situações naturais em que o objetivo do falante é "o que dizer" e não o "como dizer". Esses dados linguísticos são recolhidos por meio de gravações de um número considerável de informantes para uma posterior análise, ou seja, "[...] trabalha-se com o falante-ouvinte real, em situações reais de linguagem. Busca-se, através do estudo das manifestações linguísticas concretas, descrever e explicar o fenômeno da linguagem." (CEZÁRIO; VOTRE, 2008, p. 149).

O grande interesse dos sociolinguistas recai, então, segundo Tarallo (2000), sobre as diversas maneiras de dizer a mesma coisa, dentro de um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade, verificando as possíveis causas que influenciaram os sujeitos à escolha deste ou daquele uso. Essas formas linguísticas alternativas são denominadas variantes linguísticas e, em conjunto, constituem uma variável[14] linguística. No entender de Weinreich, Labov e

[14] Os termos variáveis dependentes e variáveis independentes foram trazidas da estatística, dado o caráter quantitativo adotado pela sociolinguística quantitativa.

Herzog (1966), a teoria da variação deve descrever a língua e os fatores sociais e linguísticos que controlam a variação.

A variabilidade da língua é inerente ao sistema linguístico, mas, ainda assim, pode ou não resultar em mudanças na língua. Na disputa entre as variáveis linguísticas, uma dessas formas variantes pode dar espaço a outra, o que se constitui em mudança em progresso. No entanto, ainda que essa variação apresente características contínuas, se não ocorrer um declínio progressivo ou o aumento de uma forma linguística sobre outra, o caso será de variação estável.

A variação se caracteriza por formas linguísticas em competição associadas aos valores sociais do grupo de falantes que utilizam essas formas linguísticas. O progresso que pode ocorrer ou não em direção a uma mudança é associado à adoção dos valores por membros de outro grupo (LABOV, 1972a).

Para Labov (2008), um fenômeno pode ser considerado variável, se atender a dois requisitos: manutenção do significado e possibilidade de ocorrência em um mesmo contexto. Com esses critérios estabelecidos, a sociolinguística variacionista postula duas estratégias (ou eixos) para a investigação da mudança linguística: a análise em tempo aparente e a análise em tempo real.

O primeiro eixo – tempo aparente – caracteriza-se pela possibilidade de, numa investigação sociolinguística, distribuir os falantes em diferentes faixas etárias (pessoas jovens, de meia-idade e velhos), para demonstrar uma correlação entre idade e uso de determinadas variantes. A alta ocorrência de uma variável pelos falantes de uma faixa etária mais jovem pode indicar uma mudança em progresso. Considerando que a mudança linguística move-se por gerações, a variável em análise pode encontrar-se em processo de implementação na comunidade sob estudo.

Para confirmar essas inferências feitas a partir da correlação entre idade e uso da língua, é necessário que se recorra ao segundo eixo, o tempo real, com a observação de dados de mais de uma sincronia (LABOV, 2008). Dessa forma, será possível observar se a mudança, prevista no estudo em tempo aparente se confirmou e se continua o seu percurso, ou se é, ao contrário, a mesma variação atestada anteriormente, demonstrando, dessa forma, ser uma variação estável.

Na análise em tempo real, pode-se optar pelo *panel study*, através do qual o pesquisador recontata os mesmos informantes em outro período de tempo *e o trend study*, amostra posterior com outros falantes da mesma comunidade. Essa amostra deverá ter os mesmos padrões da anterior, como divisão etária e número de falantes. A dificuldade de se

executar uma análise em tempo real foi reconhecida por Labov (1994), mas, é possível utilizar evidências em tempo real para corroborar uma análise em tempo aparente de maneira qualitativa.

3.1.2 Variáveis sociais

O controle de categorias sociais clássicas como a faixa etária, a escolaridade e o sexo refletem uma escolha metodológica da pesquisa, tendo em vista que a estratificação social representada por esses fatores está relacionada às características da comunidade de fala em estudo. Esses fatores são analisados na perspectiva de existência de determinada variação na fala de um grupo de indivíduos.

3.1.2.1 Sexo do falante

Nos processos de comunicação, homens e mulheres se expressam de maneiras distintas (PAIVA, 1994). Essas diferenças são facilmente percebidas na fala uma vez que, do ponto de vista acústico, homens têm a voz mais grave do que as das mulheres, dada a constituição anatômica de cada um. No entanto, para além das questões anatômicas, as variações verificadas entre os repertórios masculino e feminino são condicionadas culturalmente. Para Eckert e McConnel-Ginet (2003), sexo tem uma dimensão biológica e gênero uma dimensão social. Assim, o gênero não é uma característica inata do ser humano; é antes uma característica a ser aprendida pelos falantes.

Alguns estudos em sociolinguística (CHAMBERS, 1995; LABOV, 1972; ROMAINE, 1978; TRUDGILL, 1983) apontaram a preferência das mulheres pelas variantes linguísticas com maior prestígio. Assim, as mulheres tendem a liderar processos de mudança linguística que envolvem variantes prestigiadas, mas assumem uma atitude conservadora, quando as variantes são socialmente desprestigiadas. Nesse caso, os homens tendem a liderar a mudança.

Labov (1981), no entanto, reconheceu que essa tendência feminina às formas de maior prestígio é percebida nas sociedades em que as mulheres desempenham um papel ativo e participativo na vida pública. Em razão disso, é preciso observar questões como a mobilidade social e os papéis atribuídos a homens e mulheres na comunidade investigada.

3.1.2.2 Faixa etária

Consoante os estudos que tratam da variação e mudança linguística, a faixa etária dos falantes pode interferir na maneira como esses falantes usam a língua. Para perceber que a língua varia também em função da idade, basta observar a conversa de gerações de faixas etárias distintas para facilmente perceber que cada geração tem sua maneira própria de falar. Entre a linguagem dos idosos, dos adolescentes e das crianças são registradas diferenças marcantes, o que atesta as diferenças de acordo com as faixas etárias dos falantes, na mesma região, e em falantes de uma mesma cultura.

Os indivíduos numa comunidade podem apresentar diferentes características na fala, conforme a idade, dependendo do(s) grupo(s) a que eles pertencem e a que se associam, da habilidade que possuem para pôr em prática as normas linguísticas da sociedade etc. (LABOV, 2001). Observe-se, por exemplo, que uma criança em fase de aquisição da linguagem não articula determinados sons, que pessoas com idade avançada utilizam estruturas linguísticas não mais utilizadas pelos jovens e que esses, por sua vez, podem utilizar estruturas linguísticas incompreensíveis pelos adultos. Seja porque algumas estruturas caíram em desuso, seja porque algumas foram modificadas, notamos a preferência dos mais velhos pela língua padrão, enquanto entre os jovens a preferência é pela inovação das formas linguísticas.

Nesse sentido, Naro (2003) afirma que

> [...] os falantes adultos tendem a preferir as formas antigas, criando uma situação estranha, pelo menos à primeira vista: existem pessoas que, apesar de estarem em interação constante (do tipo pai/filho), costumam falar de maneira distinta. Entretanto, isso não chega a comprometer a comunicação, já que ambos os lados são capazes de utilizar e entender todas as formas. Trata-se apenas de uma tendência em direção a outra forma. Com o correr do tempo, é provável que a forma nova seja adotada por todos. (NARO, 2003, p. 44).

Não obstante a importância da observação do linguajar de sujeitos de diferentes faixas etárias, essa técnica não é suficiente para se analisar a mudança em progresso. Conforme Paiva e Silva (1998, p. 353), “é preciso distinguir as diferenças etárias que indicam mudanças linguísticas daquelas diferenças que simplesmente caracterizam a linguagem de jovens e velhos e se repetem em qualquer geração”.

Considerando que o pesquisador dificilmente acompanhará por anos a evolução de determinada variável dentro da comunidade, o fator faixa etária mostra-se importante, uma vez que possibilita a observação linguística de diferentes faixas etárias, o tempo aparente,

conforme discutido na subseção anterior. Contudo, somente uma análise em tempo real esclarecerá se realmente se trata de uma mudança linguística ou se o fenômeno consiste em uma variação própria de gradação etária.

3.1.2.3 Nível de escolaridade

O interesse dos sociolinguistas pela variável escolaridade demonstra a influência dessa variável em estudos de diferentes fenômenos linguísticos. Por exercer papel incisivo no comando das variantes cultas, vemos que níveis mais altos de escolaridade se correlacionam com traços linguísticos avaliados positivamente pela comunidade de fala, enquanto os níveis mais baixos são relacionados a traços linguísticos avaliados negativamente pela comunidade de fala.

Para Labov (2008), os falantes pouco escolarizados utilizam construções da linguagem não padrão enquanto que as variantes cultas predominam nos falantes escolarizados. Para Votre (1994), o avanço do falante no nível escolar é proporcional à proximidade que este estabelece com a modalidade padrão da língua. É esperado, então, que o falante, ao avançar na escolaridade, utilize cada vez menos formas linguísticas consideradas socialmente "desprestigiadas".

Mesmo em pesquisas nas quais a variável escolaridade não é considerada, vemos que existe predominância de formas linguísticas padrão entre falantes com maior nível de escolarização. Labov (2001), acerca de uma pesquisa na Filadélfia (EUA) com diversas variáveis linguísticas, afirma que o efeito da educação é cumulativo, dependendo muito mais de quanto tempo de escolarização têm as pessoas do que do *background* educacional da família de origem. Ou seja, quanto mais alto o nível de escolaridade de um indivíduo, mais ele tenderá a fazer uso das formas linguísticas detentoras de prestígio social.

3.1.2.4 Contato com o meio urbano

Esta variável pode ser considerada "o fator responsável pelo desenvolvimento e evolução das sociedades", segundo Silva Neto (1976). Para esse autor, o contato "[...] traz consigo, vindos de fora, diferentes pontos de vista, diferentes ideias, diferentes atitudes. É, em suma, o responsável pela mudança cultural". Em contrapartida, "[...] o isolamento condiciona um tipo arcaico da vida e, conseguintemente, uma linguagem mais conservadora." (SILVA NETO, 1976, p. 186).

Para Labov (1994), na relação entre contato e mudança linguística, quanto maior a frequência de contato entre os falantes, maior a expansão da mudança. Consideramos, assim, que a inexistência de contato entre falantes de diferentes repertórios linguísticos faz com que a variação não se expanda, restringindo-se a uma determinada comunidade de fala.

As redes familiares, afetivas, profissionais, dentre outras, proporcionam o estabelecimento dos contatos entre os falantes. O compartilhamento de interações induz ao sentimento de pertencimento à comunidade e, com isso, a língua passa a identificar o grupo e adquire valor social (LABOV, 2008].

Milroy (1987) define essa interação entre os indivíduos como "redes sociais" (*social networks*). A busca por uma conexão entre o isolamento das redes e a manutenção das línguas abriu espaço nos estudos sociolinguísticos e instigaram pesquisas para a depreensão e caracterização das redes sociais, tema discutido no próximo capítulo.

Considerando os processos fonológicos variáveis abordados neste estudo, na subseção, a seguir, discorremos sobre o modelo da fonologia gerativa clássica, como um dispositivo formal para a representação das regras variáveis em questão.

3.2 Fonologia gerativa

Nos estudos de fonologia, distinguem-se duas abordagens: uma de cunho estruturalista e outra de gerativista. Na abordagem estruturalista, a fonologia de uma língua apresenta-se consoante à descrição do sistema fonológico daquela língua, quais sejam um inventário de fonemas (unidade mínima de análise) e seus alofones (variante fonética de um fonema). (LEE, 2017).

Por sua vez, a abordagem gerativa, além de descrever e explicar os dados linguísticos, concebe cada fonema da língua como um conjunto de traços distintivos, assim definidos por Seara, Nunes e Lazarotto-Volcão (2015):

> Traços distintivos são as propriedades distintivas das unidades fônicas. São universais, independentes de qualquer língua e fornecem a base para a representação fonética de cada língua em particular. As vogais e consoantes, por essa concepção, podem ser decompostas em unidades menores que são os traços distintivos. Essas propriedades distintivas podem ser baseadas em critérios articulatórios, acústicos ou perceptuais. (SEARA; NUNES; LAZAROTTO-VOLCÃO, 2015, p. 131).

Conforme Schane (1975, p. 13), "a fonologia ocupa-se da estrutura sonora da língua; a fonologia gerativa, da teoria dessa estrutura". Ainda segundo este autor, "a estrutura teórica

subjacente à fonologia gerativa deve seu desenvolvimento principalmente a Noam Chomsky e a Morris Hale". A teoria e sua aplicação ao inglês foram expressas em seu monumental trabalho *The sound pattern of english* (MORRIS; HALE, 1968). O principal objetivo da Gramática Gerativa é, conforme Lee (2017, p. 31), "[...] explicitar o conhecimento linguístico/faculdade da linguagem do falante-ouvinte de cada língua, e a gramática é concebida como um sistema de regras que especifica a correspondência sons-significados em cada língua".

Ainda para esse autor,

> [...] de acordo com a teoria padrão da Gramática Gerativa, a gramática é um sistema modular que consiste em Léxico, Sintaxe e Fonologia. O Léxico é um componente no qual as informações não previsíveis e idiossincráticas estão guardadas e é dado pela gramática universal junto com o sistema de regras (regras de reescritas (sintáticas)); a Sintaxe é responsável pela ordem das sentenças por meio da transformação; a Fonologia é responsável pela estrutura sonora que se aplica na saída da Sintaxe e converte as informações sintáticas e semânticas em formas fonéticas. (LEE, 2017, p. 30).

Consoante à descrição anterior, notamos uma mudança de foco na análise linguística: o componente sonoro passa a ser visto apenas como parte integrante do mecanismo linguístico e o componente sintático a ser o foco da análise linguística (SILVA, 2003). Para Hernandorena (1999):

> O componente fonológico é, então, definido como a parte da gramática que atribui uma interpretação fonética à descrição sintática. Nesse sentido, a gramática gera um número infinito de sentenças, cada uma delas com sua representação semântica e fonética. Portanto, a correspondência som-significado é definida pela gramática da língua. (HERNANDORENA, 1999, p. 15).

Silva (2003) assim define a proposta:

> A análise gerativa assume a noção de processos transformacionais. A fala é gerada a partir de transformações impostas a representações subjacentes. As representações subjacentes pretendem espelhar o conhecimento lingüístico (sic). internalizado que o falante tem de sua língua. As representações subjacentes relacionam-se à competência lingüística (sic). A competência lingüística(sic) opõe-se ao desempenho. O desempenho é formalizado pelas representações de superfície que pretendem refletir o comportamento empírico da língua a ser analisada. (SILVA, 2003, p. 190).

As representações de superfície, conforme referidas por Silva (2003) na citação anterior, são derivadas da aplicação de regras fonológicas na representação subjacente. Para Lee (2017, p. 33) "[...] quando nenhuma regra fonológica é aplicada na representação

subjacente, a própria representação subjacente emerge como a representação fonética". A estrutura do componente fonológico da fonologia gerativa, pode ser resumida em: Representação Subjacente -> Regras Fonológicas -> Representação Superficial. (LEE, 2017).

3.2.1 Processos fonológicos

Na fonologia gerativa de Chomsky e Halle (1995), a busca por estabelecer uma relação entre a competência fonológica do falante e o seu desempenho, ou seja, entre a representação mental de processos fonológicos (alterações sonoras que ocorrem nas formas básicas dos fonemas, ao se realizarem foneticamente), conforme Cagliari (2002) e a sua realização torna necessário o estabelecimento de um conjunto de regras que gere uma saída a partir de uma representação abstrata. A saída, ou *output*, é a representação dos segmentos da cadeia da fala (uma representação fonética para cada sentença de uma língua, a partir de uma representação semântica). Essas regras, que seguem um dos pressupostos da teoria sintática chomskiana, são geradas por meio da gramática internalizada na mente dos falantes e caracterizam os processos fonológicos.

Schane (1975, p. 5) afirma que "quando se combinam morfemas para formar palavras, os segmentos dos morfemas vizinhos tornam-se justapostos e, às vezes, sofrem modificações". Essas alternâncias sonoras percebidas na língua caracterizam os processos fonológicos. O autor, organiza esses processos em quatro categorias: assimilação; estruturação silábica; enfraquecimento e reforço (ou diminuição e aumento); neutralização.

Na categoria dos processos fonológicos por assimilação, Schane (1975, p. 75-76), afirma que "[...] um segmento assume os traços distintivos de um segmento vizinho. Uma consoante pode tomar os traços distintivos de uma vogal, uma vogal, os traços distintivos de uma consoante, uma consoante pode influenciar outra ou uma vogal pode afetar outra".

Exemplos de processos fonológicos por assimilação são a palatalização, a labialização, a harmonia vocálica, a metafonia e a nasalização.

Os processos fonológicos resultantes de estruturação silábica, conforme Schane (1975), "[...] afetam a distribuição relativa de consoantes e vogais da palavra." Nesse contexto, tanto consoantes quanto vogais podem ser eliminadas ou inseridas por meio dos processos, a saber:

a) eliminação de consoante;
b) eliminação de vogal;

c) inserção de consoante e inserção de vogal (epêntese);
d) aglutinação consonantal;
e) aglutinação vocálica;
f) aglutinação de vogal e consoante;
g) modificações em classe principal; e,
h) metátese.

Entre os processos de enfraquecimento e reforço (diminuição e aumento), os segmentos são modificados conforme a posição que ocupam na palavra. Dentre esses processos são registrados a síncope, a apócope, a ditongação e a rotação vocálica.

Quando os segmentos se fundem em um ambiente específico, ocorre o fenômeno da neutralização. Para Schane (1975, p. 87), "[...] neutralização é um processo em que as distinções fonológicas são reduzidas em determinada ambiência. Por conseguinte, segmentos que contrastam em um ambiente têm a mesma representação no ambiente de neutralização". Esses processos distinguem-se entre os de neutralização vocálica e neutralização consonantal e, dentre esses, destaca-se o rotacismo.

3.2.2 Regras fonológicas

As alternâncias sonoras que constituem os processos fonológicos, como os apresentados, são descritas pela fonologia gerativa na forma de regras fonológicas denominadas "regras de reescrita". Segundo Schane (1975, p. 91), "se pudermos determinar as condições exatas sob as quais ocorre um processo fonológico, teremos, na verdade, formulado uma regra".

Se aliarmos a sociolinguística variacionista à fonologia gerativa, é possível investigar a frequência da operacionalidade de cada regra e identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem ou desfavorecem a aplicação dessas regras.

Conforme o modelo gerativista, regras fonológicas expressam os processos pelos quais a língua passa, de forma que representações subjacentes tornem-se representações fonéticas (ou de superfície). As regras fonológicas transformam, cancelam ou inserem segmentos e apresentam-se sob três tipos: regras de mudança de traço, regras de cancelamento e inserção e regras de permuta e coalescência.

Nas regras de mudança de traço, interessam:

a) quais segmentos foram modificados?
b) quais modificações sofreram?
c) sob quais condições se modificaram?

Para responder a essas perguntas, devemos indicar, respectivamente, o foco da regra, a mudança estrutural da regra, o contexto ou descrição estrutural da regra, conforme o seguinte exemplo:

Regra: / l / ⟶ [W] / ___$

Por essa regra, o segmento / l / (foco) se transforma em [w], o que caracteriza uma mudança estrutural, quando em posição final de sílaba, como nos exemplos:

/'mal/ → ['maw] “mal” e /'falta/ → ['fawta] “falta”

As barras inclinadas utilizadas nas regras indicam que o segmento entre elas representa um fonema. Os colchetes indicam que o segmento em questão é um alofone do fonema, uma transcrição fonética. A flecha significa que o elemento à esquerda transforma-se no elemento à direita. A barra inclinada à direita é utilizada para mostrar que à sua direita será especificado o contexto em que deverá ser aplicada a regra registrada à esquerda da barra. O traço horizontal é usado para indicar, no enunciado, o local exato de atuação da regra. O símbolo $ indica uma fronteira silábica.

As regras de cancelamento são escritas como **X → 0 / Z**. A eliminação é indicada pelo símbolo ∅. O segmento que será eliminado aparece à esquerda da seta e o ∅ à direita.

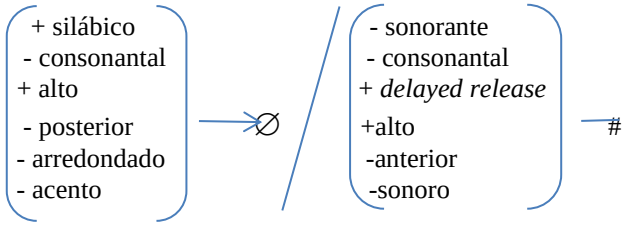
Regra: $\begin{bmatrix} C \\ + \text{nasal} \end{bmatrix} \rightarrow \varnothing \; \begin{bmatrix} V \\ + \text{nasal} \end{bmatrix} __$

A regra anterior proposta por Schane (1973) para a eliminação das consoantes nasais em francês, indica que as consoantes nasais são eliminadas depois de vogais nasalizadas.

Para Cagliari (2002, p. 101), a eliminação (ou apagamento, queda, truncamento) “ocorre quando há a supressão de um segmento da forma básica de um morfema.” Para esse cancelamento, o autor apresenta a regra em que se lê: apaga-se o [i] átono em final de palavra, quando precedido de uma africada palatoalveolar [ʧ].

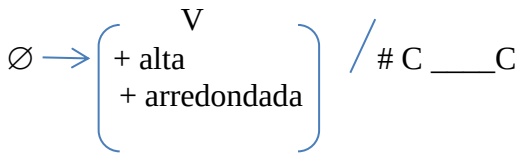
Exemplo: /pɔti/ [ˈpɔʧi] [ˈpɔʧi] [ˈpɔʧɪ] ['pɔʧ]

Regra:



As regras de inserção são escritas como **0 →X / Z**. Para Schane (1975, p. 65), “numa regra para inserção, o símbolo zero aparece á esquerda da seta e o segmento a ser inserido aparece à direita.” Para esse autor, “em hanunoo, quando a palavra é iniciada por duas consoantes, a vogal u é inserida para romper o grupo consonantal”, conforme a regra a seguir.

Regra:



Cagliari (2002, p. 100-101), afirma que a inserção acontece “quando há o acréscimo de um segmento à forma básica de um morfema.” Para a inserção, apresenta a regra em que se lê: “uma vogal acentuada, seguida de uma fricativa alveolar surda [s], em sílaba final de palavra, torna-se ditongada com o acréscimo do segundo segmento, que é um [i].”, como nos exemplos: / nɔs/ [ˈnɔɪs].

As regras de permuta e coalescência, conforme Schane (1975), são chamadas de regras transformacionais. O autor explica que

> A introdução do formato transformacional foi necessária para dois tipos de processos que não podem ser tratados pela notação padrão, a saber, a metátese e a coalescência, processos nos quais dois ou mais segmentos são afetados simultaneamente. (SCHANE, 1975, p. 68, tradução nossa) [15]

Schane (1975), ao descrever as regras de permuta, apresenta como exemplo a regra a seguir:

Regra: $V \begin{pmatrix} -\text{consonantal} \\ -\text{contínua} \end{pmatrix} CV \longrightarrow 1\ 3\ 2\ 4$

1 2 34

Sobre essa regra, Schane (1975) descreve:

> Em Hanunoo, o encontro consonantal formado por uma oclusiva glotal e uma consoante se torna consoante e oclusiva glotal quando são internos à palavra, isto é, entre as vogais. O formato transformacional é ideal para expressar intercâmbios desse tipo. (SCHANE, 1975, p. 97, tradução nossa).[16]

Regras que mudam a ordem de segmentos, como a apresentada são chamadas de regras de metátese (SCHANE, 1975).

Cagliari (2002, p. 101), assim como Schane (1975), descreve a metátese (ou comutação) como o "[...] fenômeno que troca um segmento de posição dentro de morfemas", e apresenta a seguinte regra:

Regra: [. . r . l . . .] → [. . l . r . . .] na palavra 'pilurito'

Exemplo: /deNtru/ [dêtru] → [drêtu]

12345 14235

Nesta regra, se um dos segmentos à esquerda sofre modificação, esta é indicada à direita, juntamente com o número do segmento modificado. Quanto aos segmentos que não sofrem alteração, esses são representados à direita pelos números correspondentes.

---

[15] "We introduce the transformational format because it is needs for two types of processes which cannot be handled by the standard notation, namely, metathesis and coalescence, processes which two or more segments are simultaneously affected."

[16] "In Hanunoo, the cluster glottal stop and consonant becomes consonant and glottal stop when it is internal to the word – that is, between vowels. The transformational format is ideal for expressing interchanges of this type"

Após esse breve esboço sobre a sociolinguística variacionista e a fonologia gerativa clássica, discutimos, no próximo capítulo, as abordagens teóricas de caráter antropológico que focalizam pesquisas de cunho etnográfico e qualitativo que também fundamentam este estudo, e, na sequência do capítulo, apresentamos e descrevemos, a partir da observação participante, a comunidade de prática dos pescadores de Januária e o *modus vivendi* desses sujeitos.

4 A COMUNIDADE DE FALA ESTUDADA

Tomando por base que o termo comunidade deriva do latim, *communitate*, e que ele consiste em um sistema baseado em algo que é compartilhado sob o conceito de coletividade, discutimos, neste capítulo, três conceitos derivantes da classificação de comunidade, quais sejam, comunidade de fala, rede social e comunidade de prática, tomadas em sociolinguística como lócus de análise da variação/mudança linguística (SEVERO, 2007), categorias de pesquisa (MILROY, 1987) ou modelo teórico-metodológico (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 1992).

Após esta discussão, apresentamos a cidade de Januária, onde se localiza a comunidade de prática investigada nesta pesquisa constituída pelos pescadores de Januária. Em seguida, apresentamos a comunidade de pescadores, seus costumes e crenças, o mundo do trabalho, as relações sociais etc.

4.1 O *locus* da variação: comunidade de fala, rede social e comunidade de prática

Na perspectiva dos estudos da variação/mudança linguística, pesquisas com foco em comunidades de fala são de nível macro, de caráter quantitativo, com estratificação dos sujeitos em categorias sociais pré-estabelecidas (escolaridade, sexo, faixa etária, profissão etc.). Já as pesquisas cujas instâncias de variação são as redes sociais e as comunidades de prática são de nível micro, de caráter etnográfico e qualitativo.

Registramos, no entanto, na literatura, pesquisas com ambos os níveis, como o estudo de Labov (1972b) sobre a comunidade de Martha´s Vineyard já mencionada anteriormente.

Considerando que a problemática desta tese visa a uma comunidade de pescadores, apresentam-se a seguir as três abordagens sociolinguísticas anteriormente identificadas – comunidade de fala, rede social e comunidade de prática – e a justificativa pela escolha da comunidade de prática como *locus* da variação linguística investigada nesta pesquisa.

4.1.1 Comunidade de fala

A concepção de Bloomfield (1926), embora generalizadora e abrangente, apresenta a comunidade de fala como "[...] um grupo de pessoas que interage por meio da fala." Sob uma visão mais restritiva, Gumperz (1968) argumenta que uma comunidade de fala é um grupo de falantes – não necessariamente de uma mesma língua – que compartilha um conjunto de

normas e regras para o uso da língua. Segundo esse autor, devem existir diferenças linguísticas específicas entre os membros de uma comunidade de fala e aqueles membros externos a essa comunidade. Sob esse viés, a definição de Gumperz incorpora o aspecto social da língua, da comunicação; todavia, limita a tendência natural de uma língua, a de interagir com outras.

Para Labov (1972b, p. 63), o termo refere-se a um "[...] grupo de pessoas que compartilham um conjunto de normas comuns com respeito à língua, e não como um grupo de pessoas que falam do mesmo modo". Para ele

> A comunidade de fala não é definida por nenhum acordo marcado no uso dos elementos da linguagem, tanto quanto pela participação em um conjunto de normas compartilhadas. Essas normas podem ser observadas em tipos evidentes de comportamento avaliativo e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariáveis em relação a níveis particulares de uso. (LABOV, 1972, p. 120-121, tradução nossa).[17]

A partir dessa definição, é possível perceber que, para caracterizar a comunidade de fala, Labov (1972b) prioriza o caráter de "consciência" das atitudes dos falantes em relação às normas gramaticais compartilhadas pelo grupo. Assim, os membros de uma comunidade de fala não falam, necessariamente, da mesma forma, mas compartilham uma série de avaliações sobre o uso da língua. Ao optar pela uniformidade das atitudes dos falantes em relação à língua, o referido autor delimita as fronteiras de uma comunidade de fala e evita certo tipo de variação, garantindo uma relativa homogeneidade ao seu objeto de estudo, não obstante a heterogeneidade da língua.

Porém, essa suposta homogeneidade da comunidade de fala proposta por Labov (1972) é contestada por outros pesquisadores que, ao discordarem, argumentam que uma comunidade de fala é heterogênea, se considerarmos não apenas a língua e as atitudes linguísticas dos indivíduos, mas também as relações sociais nas quais eles se inserem.

Figueroa (1994), ao se posicionar de maneira contrária à concepção de Labov, argumenta que o vínculo estabelecido entre indivíduo e comunidade de fala não é de subordinação do indivíduo à comunidade. Segundo o mesmo autor, é difícil observar o comportamento linguístico, uma vez que esse seria determinado pelo grupo; isso porque as pesquisas sociolinguísticas são fundamentadas no conceito de comunidade de fala e não no

[17] The speech community is not defined by any marked agreement in the use of language elements, so munch as by participation in a set of shared norms. These norms may be observed in overt types of evaluative behavior, and by the uniformity of abstract patterns of variation which are invariant in respect to particular levels of usage."

indivíduo. Considerando que os dados de uma pesquisa são levantados por meio de entrevistas com membros de uma dada comunidade de fala, Figueroa (1994, p. 89) questiona: "como sustentar que a língua se localiza na comunidade, quando o comportamento linguístico estudado é extraído dos indivíduos?"

A autora critica o fato de que, na concepção "comunidade de fala" não sobra espaço para o papel do indivíduo e suas ações particulares, o que estaria diretamente atrelado ao uso que os indivíduos fazem das regras e dos padrões linguísticos. Para Figueroa (1994), não está claro o papel desses atores na negociação linguística, ou como eles se vinculam a uma ou outra comunidade de fala, tornando-se, ou não, membros dela.

Severo (2008) também discorda da homogeneidade das atitudes propostas por Labov. Para essa autora, essa uniformidade requereria uma concordância dos indivíduos nas avaliações que eles fazem sobre as variantes linguísticas. Ainda, segundo Severo (2008), a pluralidade de contextos de uso da língua denota a heterogeneidade da comunidade de fala, visto que os indivíduos que compõem essa comunidade circulam em diferentes grupos sociais.

A ideia de homogeneidade também é contestada por Romaine (1980), porquanto, segundo ela, não pode haver homogeneidade na comunidade de fala, uma vez que as mudanças não ocorrem em toda a comunidade, por serem fenômenos individuais. Considerando que os sujeitos interagem com diferentes grupos, a tendência é que esses sujeitos assumam diferentes características linguísticas.

Gumperz (1996) e Milroy (2004) compartilham dessa concepção de ausência de homogeneidade, ao considerarem que a ocorrência das variações linguísticas ocorre via interação e essas variações são percebidas no próprio indivíduo, considerando a infinidade de relações sociais às quais esse indivíduo está sujeito. Para esses autores, uma comunidade de fala é heterogênea e se baseia na interdependência do indivíduo com a sociedade e com a língua.

Sobre esse debate acerca da concepção de "comunidade de fala", a posição de Patrick (2004) é de conciliação. Para esse autor, as propostas para um conceito de comunidade de fala como consensual – conforme Labov, ou contrastiva, como define Romaine, devem ser utilizadas em favor da pesquisa, para atender às necessidades do pesquisador. Os dois modelos são pertinentes e a escolha por qualquer um desses deverá ser motivada por questões inerentes à própria pesquisa e por "padrões mais amplos de organização social, econômica,

histórica e cultural que a tornam obrigatória". (PATRICK, 2004, p. 589, tradução nossa).[18]

As inúmeras questões que permeiam esse debate levaram alguns estudiosos, e o próprio Labov, a tratar a variação em níveis menores, mais restritos, a partir das noções de "rede social" e de "comunidade de prática". Assim, comunidade de fala, redes sociais e comunidades de prática são abordagens sociolinguísticas correspondentes às denominadas três ondas da sociolinguística, ou três tipos de abordagens sociolinguísticas (ECKERT, 2012), assim distribuídas:

a) a primeira onda, a da sociolinguística laboviana, tem como objeto de estudo a comunidade de fala, como nos estudos sobre a estratificação social no inglês falado na cidade de Nova Iorque;
b) a segunda onda, a das redes sociais, tem base etnográfica e trabalha com comunidades menores:
    - o estudo de Labov sobre o inglês afroamericano (AAVE);
    - o estudo de Milroy sobre comunidades de classe operária;
    - o estudo de Eckert sobre grupos adolescentes das comunidades de prática[19] *jocks* e *burnouts*;
c) as comunidades de prática – também de base etnográfica – que se configuram como um grupo de pessoas que se engajam em um empreendimento comum, como o estudo de Moore sobre a variação entre *were/was* (formas do passado do verbo ser em inglês), observação etnográfica em uma comunidade de prática de adolescentes da *Midland High School*, em Bolton, Inglaterra.

4.1.2 Redes sociais como comunidade pessoal

O conceito de redes sociais foi desenvolvido nos anos de 1960 e 1970 por antropólogos e, em outros campos das ciências sociais, as redes sociais tiveram grande impacto na investigação de como as inovações se propagam pela sociedade (MEYERHOFF, 2006). Nos estudos sociolinguísticos, o conceito de redes sociais foi introduzido como categoria de pesquisa por Milroy (1987), com a finalidade de explicar a relação entre os padrões da manutenção do vernáculo e os de mudança linguística (MILROY; GORDON,

[18] "broader patterns of social, economic, historical, and cultural organization [that] make it compelling."
[19] Jocks e burnouts correspondem a culturas de classe média e classe trabalhora, respectivamente, conforme referido pelos próprios adolescentes.

2003).

Ao contrário da perspectiva laboviana, que propõe que os fenômenos linguísticos sejam correlacionados aos indivíduos da comunidade de fala distribuídos em grupos sociais, de acordo com fatores como classe social, escolaridade, gênero, idade e origem geográfica, o conceito de rede social proposto por Milroy (1987) considera as relações sociais mais imediatas de um indivíduo como, por exemplo, as relações estabelecidas no trabalho, na família, na vizinhança, na escola etc. Para Milroy e Gordon (2003), os indivíduos criam suas comunidades pessoais com o objetivo de organizar esquemas que os ajudem a resolver seus problemas diários.

Num estudo realizado em três comunidades proletárias de Belfast, Irlanda, sobre a variação vocálica no inglês falado, Milroy (1987) verificou que é por meio da observação das redes de relacionamentos existentes entre os membros de um grupo que se pode explicar o emprego das variantes, ou seja, o "[...] estudo da fala vernacular do indivíduo inserido no seu contexto social diário é uma tarefa importante para a sociolinguística." (MILROY, 1987, p. 177). Nesse estudo, as redes sociais foram consideradas uma variável independente ao lado das variáveis sociais clássicas idade, gênero e classe social.

Na perspectiva de Milroy (1987), os graus de contato entre indivíduos que constituem as redes sociais, se dão sob duas perspectivas: a de densidade e a de multiplexidade. A primeira diz respeito à estrutura da rede e a segunda, ao conteúdo da rede. Ainda, segundo a autora, se a relação entre duas pessoas se dá somente em uma situação, como a entre o empregador e o empregado, esse vínculo será unilinear ou uniplex. Mas, se duas pessoas estiverem ligadas por vários vínculos, como os de parentesco, os das relações de trabalho, de vizinhança, entre outros, esse vínculo será multilinear ou multiplex, e verificado com mais frequência em sistemas sociais tradicionais e fechados (MILROY, 1987).

Assim, reconhecemos a rede social como sendo o total de relacionamentos nos quais os indivíduos estão envolvidos. Essas redes vão se formando ao acaso, conforme os vínculos criados pelos sujeitos em sua vida cotidiana, e são vistas como uma categoria real e concreta de análise, uma vez que o pesquisador avalia os indivíduos em situações de interlocução.

4.1.3 Comunidade de prática

Apresentado por Eckert (2000), o conceito de "comunidade de prática" consiste na ideia de um conjunto de pessoas que se reúnem em torno de um empreendimento particular, na negociação e no aprendizado de práticas que contribuem para o alcance de um objetivo

comum: grupo de adolescentes, da igreja, da escola, do trabalho etc. Nessa perspectiva, para a autora, os indivíduos têm as mesmas características do nível macro característico da abordagem das comunidades de fala (gênero, idade, escolaridade e profissão), mas, essas podem diferir quanto à fala, devido às suas participações sociais.

Além disso, os membros de uma comunidade de prática devem se engajar a contento, e não somente compartilharem de certa característica (ECKERT, 2000). Segundo a autora, os indivíduos, ao "escolherem" pertencer a uma dada comunidade, compartilham repertórios de práticas, incluindo as linguísticas. As variantes linguísticas assumem significação social, havendo relação direta entre língua e sociedade, e os estilos individuais ocupariam lugar central na investigação da variação linguística. Para Eckert (2000, p. 40), o conceito de comunidade de prática "[...] foca-se na filiação diária, na mobilidade do indivíduo e na co-construção da identidade individual e da comunidade".

Um estudo baseado na comunidade de prática deve seguir, segundo Holmes e Meyerhoff (1999) e Meyerhoff e Strycharz (2004), três critérios gerais, quais sejam:

a) os membros de uma comunidade de prática precisam estar juntos para se engajarem em suas práticas compartilhadas (interações regulares, engajamento mútuo);
b) os membros estão unidos por causa de um propósito, por compartilharem de algum empreendimento negociado em comum (negociação de interesses e propósitos);
c) o repertório compartilhado em uma comunidade de prática é o resultado cumulativo de negociações internas entre seus membros (certos usos linguísticos, gestos, rotinas etc.).

Diante do exposto, consideramos que a abordagem "comunidades de prática" alia práticas adotadas na abordagem de "comunidade de fala*"* (estratificação da amostra) e na de *"*redes sociais*"* (relacionamento entre os membros). Sendo assim, ao observarmos os sujeitos participantes desta pesquisa, os pescadores de Januária, adotamos a perspectiva da comunidade de prática para a descrição e análise da língua falada por esses sujeitos.

A seguir, apresentamos o cenário de estudo desta pesquisa: a cidade de Januária e a comunidade de prática de pescadores.

4.2 Cenário de estudo: apresentação de Januária

A origem do município de Januária, à semelhança de tantos outros municípios, vincula-se à incursão dos bandeirantes nos sertões movidos pela ambição dos primeiros colonizadores por ouro, prata e esmeraldas ocultas no solo mineiro. Descoberto o caminho para as minas, a História do Brasil relata a divisão das bandeiras na luta pelo "roteiro das minas". Muitos dos derrotados nessa batalha passam a se dedicar à lavoura, enquanto outros, seguindo o sertanista Januário Cardoso e, "esquecidos das pedras e metais", resolveram estabelecer-se às margens do rio São Francisco.

O que sabemos, a partir daí, é que os aborígenes que habitavam as margens do rio São Francisco resistiram como puderam, embora em luta desigual, à investida dos bandeirantes liderados por Januário Cardoso. Mas, em 23 de outubro de 1668, esses índios foram dizimados, promovendo o que Manoel Ambrósio denominou "espantoso morticínio", fazendo surgir o povoado de São Romão, hoje cidade de São Romão.

Repetindo o massacre dos índios em São Romão, os bandeirantes tomaram de assalto a pacífica aldeia dos Caiapós, ao pé da Serra do Itapiraçaba, em 1670, fundando o povoado de Brejo do Salgado (atual Brejo do Amparo). O desenvolvimento desse povoado se fez sentir com a instalação de um engenho de madeira para a produção de cana-de-açúcar e com o gado pastando nos campos, o que fez surgir a necessidade de um porto para o escoamento da produção. E este teve lugar em terreno da Fazenda Itapiraçaba. Funcionando como escoadouro da produção do Brejo dos Salgados, a localidade tornou-se próspera, transformou-se num arraial e recebeu o nome de Porto do Salgado.

Por sua vez, o Brejo dos Salgados, em 1814 desligou-se de São Romão e foi elevado à categoria de Julgado. Torna-se Vila, em 1833, e sua sede é transferida, não sem resistência, para o Porto do Salgado que, por sua vez, recebe o nome de Januária.

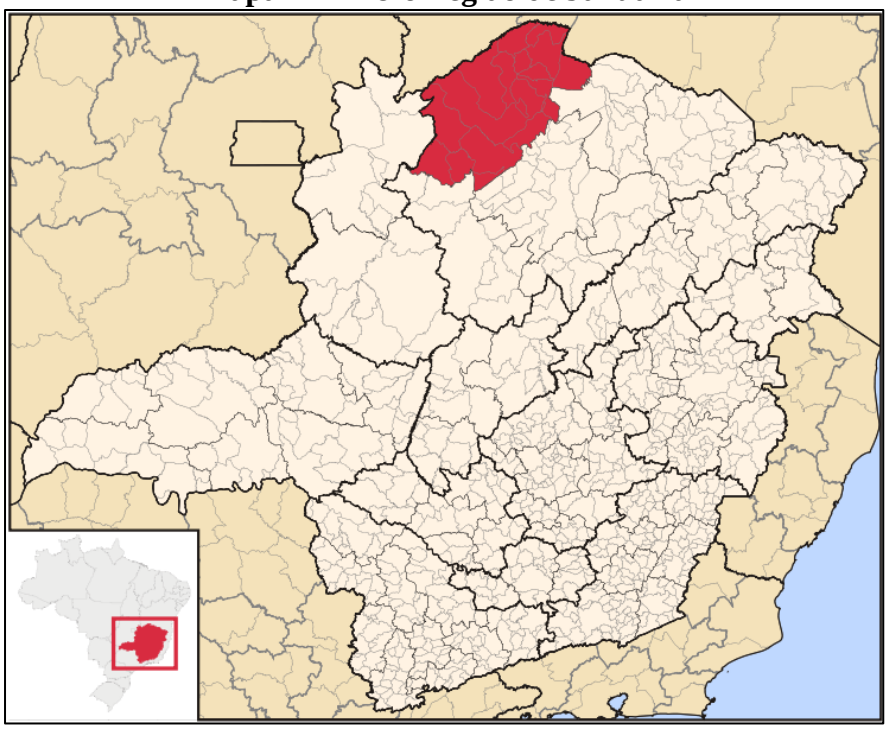
Feita essa breve descrição histórica, necessária para a caracterização da cidade que abriga a comunidade de prática desta pesquisa, descrevemos, a seguir, os aspectos físicos e político-geográficos de Januária.

Em suas Impressões de Viagem ao rio São Francisco, Ottoni (1906) assim se referiu à Januária:

> Estou em Januária, gostei da cidade e confesso que a achei alegre e aprazível. A cidade, colocada na margem esquerda do rio, num lindo taboleiro, tem uma fisionomia graciosa. Largas ruas, boas casas, bonitas praças, arborizamento com simetria, um alinhamento sem igual, muros alvos e caiados; tudo isso prendeu logo minha atenção. (OTTONI, 1906, p. 679).

Januária está localizada na mesorregião norte de Minas Gerais, à margem esquerda do rio São Francisco, lidera uma das sete microrregiões do estado e é composta pelos seguintes municípios: Bonito de Minas, Chapada Gaúcha, Cônego Marinho, Icaraí de Minas, Itacarambi, Juvenília, Manga, Matias Cardoso, Miravânia, Montalvânia, Pedras de Maria da Cruz, Pintópolis, São Francisco, São João das Missões e Urucuia.

Mapa 1 – Microrregião de Januária



Fonte: (JANUÁRIA, 2021).

A distância de Januária das principais cidades é: 608 km da capital Belo Horizonte, 448 km de Brasília-DF, 175 km de Montes Claros e 1.100 km de São Paulo.

Atualmente, Januária possui a maior extensão territorial do norte de Minas – 6.661,666 km –, mas, já foi considerado um dos maiores municípios do estado de Minas Gerais, constando, em sua origem, que o município chegava a 55.372 km2. A exemplo de outros municípios brasileiros, Januária, outrora grandiosa, fragmentou-se e deu origem aos seguintes municípios: Manga, Itacarambi, São João das Missões, Pedras de Maria da Cruz, Bonito de Minas e Cônego Marinho.

Januária, hoje, conta com os seguintes distritos:

a) Brejo do Amparo;
b) Riacho da Cruz;

c) Levinópolis;
d) Tejuco;
e) Pandeiros;
f) São Joaquim; e
g) Várzea Bonita (MATOS, 2007; PEREIRA, 2004).

Limita-se ao norte com os municípios:

a) Cônego Marinho e Bonito de Minas;
b) ao sul com o município de São Francisco;
c) a leste com o município de Pedras de Maria da Cruz; e
d) a oeste com o município de Chapada Gaúcha e com o estado da Bahia.

Localizado no norte de Minas entre o cerrado e a caatinga, o município de Januária apresenta clima tropical, semiárido, sendo quente na maior parte do ano, com temperaturas variando de 20 a 37° nos meses mais quentes e entre 14 e 29° no período mais frio. Não obstante os longos períodos de estiagem que ressaltam a paisagem seca revelada pela caatinga, no período das chuvas o verde recobre todo o cerrado.

Em 2013, a população de Januária atingiu 67.875 habitantes, com densidade demográfica (hab./Km) de 9,83, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020). Em 2010, segundo dados do IBGE, esse número era de 65.643 habitantes, sendo que a população residente no meio rural era de 24.141 habitantes e a urbana de 41.322 habitantes, ao contrário da maioria das cidades do norte de Minas que, como comprova Pereira (2004), ao afirmar: “uma análise, ainda que superficial do censo de 2000 (IBGE), revela que 52,80% dos municípios norte-mineiros possuem a população rural superior à população urbana.” (PEREIRA, 2004, p. 21).

Em que pese o fato de Januária figurar entre as cidades que apresentam maior concentração urbana do norte de Minas, verificam-se, em sua economia, concentrada principalmente no setor de serviços, muitas atividades associadas à questão agropastoril. Entre essas, destacam-se, segundo dados do IBGE (2010), a exploração de produtos de extração vegetal e silvicultura, como o carvão vegetal e a lenha e produtos alimentícios (frutas) como o umbu; a lavoura permanente com o cultivo de banana, coco-da-baía laranja, limão e mamão; a lavoura temporária de arroz, cana-de-açúcar, feijão, mamona, mandioca, milho e tomate; a produção de cachaça; a criação de asininos, equinos, bovinos, caprinos e um pequeno número

de bubalinos; a avicultura e a piscicultura.

Sobre a importância do comércio na economia do município, assim como em outros municípios do norte de Minas, o número de pessoas que se dedica a essa atividade é baixo. Cumpre lembrar, com Pereira (2004, p. 24) que "[...] o baixo poder aquisitivo da população limita o consumo e restringe o comércio."

Ao se referir à atual economia do município, Pereira (2004) assim se expressa:

> A grosso modo [*sic*], o capital que corre em Januária, é oriundo de proventos de professores, aposentados e funcionários públicos. Supermercados, farmácias, papelarias, uma gama de casas comerciais e bares giram em torno destes salários. Há uma tentativa de recuperação da produção de aguardente. Surgem novas marcas, como a Cachaça Amburana, estando em funcionamento doze engarrafadores. (PEREIRA, 2004, p. 371).

Nem mesmo o potencial turístico do município tem garantido a Januária expressividade econômica nesse setor. Não obstante a vocação turística do município, sustentada pela beleza do Rio São Francisco, suas lagoas e veredas, cachoeiras, o sítio arqueológico no Peruaçu, Januária nunca alcançou posição economicamente considerável em relação ao turismo.

A respeito da piscicultura, essa atividade sequer manteve a glória do passado, quando Januária figurava, em 1955, no quadro dos municípios pesqueiros, em primeiro lugar no estado: "segundo dados oficiais, foram produzidos em 1955, 197 toneladas de pescado, no valor de 2,3 milhões de cruzeiros". (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA, 1958).

Até o ano de 1997, só era possível chegar a Januária saindo de Montes Claros, por meio de uma balsa que fazia o transporte de pessoas, caminhões e automóveis de Pedra de Maria da Cruz a Januária. Com a inauguração da Ponte que liga Januária a Pedras de Maria da Cruz – em 7 de dezembro de 1996 – esse transporte agora só opera nos municípios de Itacarambi e Manga. Atualmente, o município é servido pela BR-135 que liga Januária a Montes Claros e a Belo Horizonte, e a MGT 479 que liga o município a Brasília (DF). Embora Januária esteja localizada à margem esquerda do rio São Francisco, não possui porto estruturado na sede, mas está a 50 km de Itacarambi, o segundo principal porto, depois do de Pirapora, que pode ser alcançado pela BR-135 (CASTRO, 2003; MATOS, 2007 PEREIRA, 2004).

Em relação à energia elétrica, o município é servido pelo sistema das Centrais Elétricas de Minas Gerais (CEMIG), desde a década de 1970.

No meio rural, os domicílios são assistidos por programas do governo que possibilitaram a utilização de antenas parabólicas, receptores de telefonia rural e sinal de telefonia celular.

O abastecimento de água é administrado pela Companhia de Saneamento de Minas Gerais (COPASA), desde 1984. Embora o município receba água tratada e canalizada nas residências, há muitas reclamações dos ribeirinhos acerca da falta de rede de esgoto na maior parte da cidade, e do fato de haver muito esgoto lançado no rio São Francisco.

Em relação aos sistemas de comunicação, o sistema de telefonia, desde 1998, é operado pela Telemar/Oi. Sinais de quase todas as redes de telefonia celular e da Internet são captados na cidade e em alguns espaços do meio rural. O município possui duas rádios FM e uma AM e sinal de televisão, com alcance em quase todo o meio rural; dois jornais de circulação semanal; TV associada da Rede Minas, com programação de noticiário local diário.

No contexto da saúde, o município conta com 12 Unidades Básicas de Saúde (UBS), oito Programas de Saúde da Família (PSF) e várias clínicas e consultórios particulares.

No setor educacional, Januária conta com duas instituições públicas de ensino superior: o Instituto Federal Norte de Minas (IFNMG) criado a partir da transformação da Escola Agrotécnica Federal de Januária (EAFJ) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET), no ano de 2002, e posteriormente IFNMG, e um *campus* avançado da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES) instalado em 1995. Não obstante a presença das instituições de ensino superior e da 17ª Superintendência Regional de Ensino (SRE), a educação básica no município já ocupou um dos últimos lugares nas avaliações do estado.

Após essa descrição sobre a cidade na qual reside o *corpus* para esta pesquisa, apresentamos, na próxima seção, os sujeitos desta pesquisa – os pescadores de Januária – caracterizando o *modus vivendi* desses sujeitos, uma vez que o estudo da variação linguística, como prática social, requer a observação dos falantes em comunidades de prática, além da realização da análise quantitativa (ECKERT, 2012). É por meio do estudo etnográfico que podemos observar, nas comunidades de prática, como as relações entre uso da linguagem, estilo e construção de identidade ocorrem para cada indivíduo.

4.2.1 A comunidade de prática dos pescadores de Januária

A vida dos pescadores de Januária - sujeitos desta pesquisa – tem sido marcada pela precariedade. Eles têm assistido, nos últimos anos, a uma redução significativa dos peixes de todas as espécies que outrora povoavam as águas do Rio São Francisco. Fatores ambientais têm cerceado o trabalho desses pescadores: o assoreamento do rio, a degradação ambiental, o desmatamento, as poucas chuvas, a morte dos peixes causada pela poluição (cianobactérias[20], esgoto urbano, esgoto industrial), fatos que podem ser comprovados na fala dos próprios pescadores:

> As vez, cê pesca. Cê batalha, batalha, batalha, num tá ganhando nada, então vai perdeno só... cada vez só acabano, se acabano. É muito complicado. Cê vê muito surubim morrê nesse rio. Quando o rio enche, cê vê muito surubim morrê. Cada um pêxe maió que a gente, morreno. A gente fica muito com dó. Já peguei pêxe de quase cinquenta quilo morreno, incostano na bera da grôa. Podendo assá lá pra gente cumê. (G32MI0661)[21].

Além disso, o pescador januarense também enfrenta problemas com as leis de regulamentação da pesca, que fiscalizam o tamanho do peixe, o tipo de peixe, a extensão da malha de pesca e ainda problemas de caráter político, como o represamento e desvio do rio por fazendeiros e empresas e a concorrência com a pesca amadora,

Nessa direção, na perspectiva de Leal e Brandão (2009),

> A incorporação do novo, as políticas públicas, as delimitações legais sobre o ambiente, incorporadas através de modelos externos às realidades locais, são alguns dos problemas enfrentados por essas populações, que perdem ou vêem (sic) transformados seus territórios, suas práticas cotidianas e seus conhecimentos tradicionais. (LEAL; BRANDÃO, 2009, p. 6).

Não obstante essas questões, o pescador januarense tem sobrevivido a esses impasses, e a pesca artesanal continua a ser a maior fonte de renda de todas as famílias. Em Januária, praticam-se as seguintes modalidades de pesca: a de rede, a de tarrafa, a de anzol e a com espinhel (também chamada de aço ou caçador). Vale ressaltar que são os pescadores que constroem – com habilidade – seus apetrechos de pesca: rede de emalhar, anzóis, canoas com motor (rabeta), paquetes etc. No rio, cada pescador, sozinho ou em grupo, tem o que eles

[20] "O aparecimento das algas comprova a ocorrência de um problema muito sério no rio por causa do excesso de esgoto. As cianobactérias produzem uma toxina que pode causar problemas digestivos nas pessoas que beberem da água e provocar coceiras naqueles que tomarem banho no rio". (Apolo Heringer Lisboa, coordenador do Projeto Manuelzão/UFMG, 2007.) (ANDRADE; RIBEIRO, 2019).

[21] Os códigos, utilizados para preservar a identidade dos sujeitos, estão descritos no capítulo 5.

chamam de lance de rede, ou seja, lugar específico de pesca.

4.2.1.1 Perfil social dos pescadores de Januária

A pesca profissional, embora praticada de forma artesanal, é considerada uma das atividades mais tradicionais de trabalho no rio São Francisco e, principalmente, em Januária. Ao longo das margens do rio, centenas de famílias ribeirinhas se dedicam a essa ocupação, que envolve, muitas vezes, mulheres e filhos em gerações que se sucedem. O conhecimento sobre esse ofício é passado de pai para filho, como afirma Ribeiro (1970):

> O pescador é um tipo social bem definido na região. Barranqueiro, toda sua vida é dedicada à profissão que passa de pais a filhos. Filho de pescador continua pescador. A herança que recebe são os instrumentos da pesca e as técnicas de pesca que aprendeu com o pai. (RIBEIRO, 1970, p. 36).

Os informantes desta pesquisa são homens e mulheres que atuam na pesca em Januária com seus filhos e netos, como é possível verificar na fala de um dos sujeitos da pesquisa:

> Ó, aí, ó ..Meu avó era pescadô, meu pai é pescadô, minha vó era pescadora, até hoje, eu tô... agora qu'eu acho que vô consiguí tirá minha cartêra de pesca. Pôque já tem mais de três ano, se num tivé mais, que eu tô tentanu tirá minha cartêra e num consigu. (R30MI066).

Esses sujeitos se encontram na faixa etária entre 12 e 102 anos, conforme amostra assim estratificada: 12 a 20 anos, 21 a 54 anos e 55 a 102 anos.

No que se refere ao nível de escolaridade, os pescadores que estão na faixa de 21 a 54 anos e 55 a 102 anos têm menos de quatro anos de escolaridade e, dentre esses, há aqueles que nunca frequentaram a escola. Entre os mais jovens – em geral, filhos e netos de pescadores – o nível de escolaridade é maior, estando na faixa de 4 a 8 anos.

Muitos dos pescadores entrevistados preferem que os filhos e netos frequentem a escola, o que justifica o maior nível de escolaridade entre os entrevistados na faixa etária entre 12 e 20 anos, como pode ser observado no dizer de um informante:

> O mais pequeno tem doze ano, o mais novo, né? Eu tenho oito neto, mas graças a Deus meus fi tudo é formado. Tudo formado. Nenhum que desse... nem remá direito sabe. Nem remá sabe. Mas num é porque eu num quis não, mas é que se eu fosse ensiná eles isso aí era mais pió pra mim. Num é? Era pió pra mim, ficava era ruim demais. E hoje o que vale é o estudo. Cê vai ali, faz um cursim ali, cê passa um serviço, vai trabaiá mais sossegado. Porque a vida de hoje de pesca num é fácil, né? Cê dorme é de todo jeito, cê num tem hora certa de cê cume... É bom numas parte mas ni outras num é bom, né? (J52MPP0631).

Os filhos e netos de pescadores, quando moradores das ilhas – como é o caso das Ilhas Capivara, Balaieiro, Alto Grande e Rodeador – frequentam escolas de Januária ou de Pedras de Maria da Cruz cujo acesso é feito pelo rio, em barcos que fazem o transporte escolar.

Entre os pescadores, a estratificação por gênero está distribuída entre sexo masculino e feminino. Dentre o efetivo de pescadores pertencentes à Colônia Z-2 de Januária (729) e à Colônia Z-16 de Pedras de Maria da Cruz (269), 10% são de mulheres pescadoras.

Na obra intitulada *Folclore de Januária*, de autoria de Ribeiro (1970, p. 36), há a seguinte afirmação: "as mulheres só pescam, de anzol, nas margens. E ainda assim, acidentalmente. O grosso da pescaria, porém, é atividade do sexo masculino". Tal observação retrata a pesca em Januária no ano de 1959.

Em pesquisa realizada em 2003, sobre o exercício da pesca profissional no alto médio São Francisco, Valencio *et al*. (2003) afirmam que:

> Raros são os casos de mulher pescadora, com registro profissional. Menos raros os daquelas que se apresentam como ajudantes de pesca ou mesmo clandestinas, suportando os riscos da fiscalização como complemento ao trabalho regularizado do marido. (VALENCIO *et al*., 2003, p. 23).

Ainda nessa mesma pesquisa, esses autores afirmaram que "[...] a chefia da casa compete exclusivamente ao homem. A mulher que exerce alguma atividade econômica somente o faz na companhia e como suporte da atividade do marido [...]" (VALENCIO *et al*., 2003, p. 427).

Contrariando as afirmações feitas anteriormente, que retratam outras épocas na pesca em Januária, os dados que compõem o *corpus* desta pesquisa mostram que, entre os sujeitos pesquisados, é notável a presença de mulheres pescadoras. Além de se ocuparem das tarefas do lar, eviscerar e comercializar o peixe, essas mulheres acompanham os maridos na lida da pesca. Muitas delas, ao contrário de dados levantados por Ribeiro (1970) e Valencio *et al.* (2003), são chefes de família e possuem carteira de pescadora, o que mostra que a profissão anteriormente dominada por homens, agora também é território feminino.

Nos acampamentos da Ilha da Capivara e do Remanso, há muitas mulheres pescadoras. Tal fato pode ser explicado, no caso da Ilha da Capivara, pela distância da cidade, o que faz com que o tempo de permanência dos pescadores nos acampamentos seja superior a outros mais próximos da cidade. Na Ilha da Capivara, as mulheres pescadoras pescam, às vezes, sozinhas, e, às vezes, acompanhando o marido.

No Remanso, onde há uma maior concentração de mulheres pescadoras, há uma família chefiada por uma mulher. Ela e as filhas pescam e tem registro profissional. Nesse acampamento, que fica bem próximo ao vilarejo de mesmo nome, as mulheres pescam ora com amigas, ora acompanhando os maridos.

4.2.1.2 Relações sociais e políticas dos pescadores

Para Montenegro, Nordi e Marques (2001, p. 46) "os pescadores fazem parte de uma rede ecossistêmica e suas interações não devem ser observadas apenas do ponto de vista do uso e apropriação dos recursos, mas no contexto das relações sociais".

O início do contato com esses sujeitos apontou para as diferentes formas como estes se denominam. A primeira delas é a do pescador-vazanteiro, ou seja, aquele que além da pesca também planta as vazantes cultivando milho, melancia, abóbora e feijão. Oliveira (2011), no artigo intitulado *Território e territorialidade entre pescadores e vazanteiros do médio São Francisco - MG*, pontua que assim como a pesca é uma atividade central no sistema de produção e consumo dos vazanteiros, é comum os pescadores dizerem "todo pescador tem a sua vazante". Para Ribeiro (1970, p. 44), a cultura da vazante é "[...] uma atividade típica, não do lavrador, mas do pescador".

A essa denominação seguem-se as de pescador de verdade, pescador gancheiro, pescador de ribada e o pescador de seguro. A primeira refere-se ao pescador que, numa relação ancestral com o rio, tira dele seu sustento e tem em relação a esse espaço um sentimento de pertença. O pescador de verdade pode ou não plantar vazantes do rio São Francisco; os que o fazem veem nesta atividade uma possibilidade de aumento da renda familiar, além daquela conseguida com a atividade pesqueira. Entre os pescadores de verdade, há aqueles que se denominam profissionais – embora o manejo com a pesca seja todo artesanal –, porque possuem Carteira de Pescador, estão registrados numa Colônia de Pescadores e seguem as regras ali determinadas, como o respeito à piracema e o pagamento ao Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS).

A comunidade de prática de pescadores de Januária organiza-se sob a forma de colônias de pescadores, quais sejam Z-2 (Januária) e Z-16 (Pedras de Maria da Cruz). Segundo Bernardo (2019, p. 20), "as colônias institucionalizadas receberam uma letra para designar sua existência e um número que a acompanha até os dias de hoje. A letra escolhida foi a Z, portanto, todas as colônias são designadas por um número precedido de um Z."

Originadas em 1920, as colônias "[...] constituem as formas predominantes de associativismo. A partir das colônias, os pescadores passaram a ter a sua primeira organização de ordem social." (BANCO DA AMAZÔNIA S.A /BASA; 1993; PARÁ, 2003). Com a promulgação da Constituição Federal de 1988, houve a equiparação das Colônias de Pescadores ao formato dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais, passando, assim, a associações sindicais dos pescadores(as) artesanais e de âmbito municipal (BATISTA; ISAAC; VIANA, 2004).

Além desses pescadores, há também aqueles que, mesmo tirando da pesca seu sustento e sobrevivendo da venda individual de peixe, os chamados "gancheiros", não estão associados à Colônia e não possuem registro de pescador: Para eles, "gancheiro é o pescadô que num tem documento... é conhecido aqui por gancheiro... é o que num tem documento, Dão... o que num tem documento, ele é gancheiro..." (J52MPP0631).

Muitos desses pescadores, já com idade avançada, preferem se aposentar como lavradores, uma vez que já ligados à terra, a esperar os 30 anos de registro como pescador que lhes garantiria o direito à aposentadoria, o que pode ser verificado no relato de um dos informantes a seguir:

> [...] foi... foi, porque eu num quis mermo, porque uns colega aí... é,... Mas é por conta que a idade minha... Lá diz que eu sou trabaiador rural... Num vale a pena não que a cartêra de pesca são trinta ano... Cê aposenta com trinta ano em pesca... Hoje pela idade que eu tô pra mim esperá mais trinta ano pra aposentar... (G55MAG050).

O pescador de *ribada* só pesca quando isso não significa um trabalho, ou seja, pesca porque há peixe em abundância no rio. Na concepção dos pescadores, é "quando o rio está bom de peixe", o que acontece principalmente na época da cheia.

O pescador de seguro possui outras atividades profissionais que podem garantir o sustento da família, mas tira a carteira de pescador por causa de benefícios da aposentadoria e o seguro-desemprego destinado a suprir as necessidades dos pescadores durante o período da piracema[22], conforme trecho a seguir retirado da fala de um dos informantes:

> [...] pur causa que o governo tá pagano esse dinheiro a essas pessoas que tira a carteira mas ele não tem necessidade... Ele não pesca... Ele tirou a cartêra mermo só pra todo ano ele pegá esse seguro... Mais ele num tem um barco lá no rio... Ele num tem uma rede... Outra hora ele tem uma rede ele dá pr'osoto pescá... Mais ele mermo não vai pescá lá e tudo... Ele tem documento de pesca... Intão esse o governo qué cortá.... Pra tê qui deixá só aquela pessoa que veve no rio e ele depende daquilo, né? (G55MAG050).

[22] Piracema ou Defeso: período compreendido entre novembro e março no qual os pescadores suspendem a pesca em função da reprodução dos peixes.

Tais denominações remetem à noção de identidade desses sujeitos pescadores. Embora muitos ribeirinhos possam ser naturalmente identificados como pescadores, esses assim se constituem, à medida que suas práticas e discursos lhes remetem a essa posição dentro da comunidade de prática.

4.2.1.3 Aspectos da vida nos acampamentos de pescadores

Os pescadores de Januária vivem entre a periferia da cidade e o rio, uma vez que, mesmo tendo moradia na cidade, passam a maior parte do tempo em acampamentos nas ilhas[23] ou no "beradão" [24]. Ali, constroem barracos singelos, de lona ou de adobe[25] cobertos de palha e se deslocam para a cidade no final da semana, da quinzena ou do mês. A rotina desses profissionais é descrita pelos próprios pescadores, conforme relato[26] que se segue:

> [...] ali tem esse Paulo mermo qui eu to falano... Qui é dono do seu vazante que nós tamo acabano de falá aqui... Ele vem praí na segunda e volta no sábado... Aí ele fica a semana toda pescano... Aí, tem veiz que ele fica o sábado e domingo,..Tem vez que não... Aí, ele tem uma casa ... Residência dele lá e vai final de semana... i os otos... Também, os colega dele também vem e fica a semana aí igual o Soró... Tem o Candim também... (G55MAG050).

Esse costume de "acampar" já foi descrito por Ribeiro (1970, p. 36), ao retratar a pesca em Januária, ao final dos anos 1950: "vive o pescador mais tempo no rio que em terra." e também por Thé, Madi e Nordi (2003):

> Uma das principais estratégias de pesca encontradas entre os pescadores estudados é a de "acampar", que se caracteriza principalmente pela permanência de grupos de pescadores em pequenos ranchos nas margens do rio São Francisco, localizados próximos aos pontos de pesca. Variou bastante o tempo de acampamento entre os pescadores estudados, indo de dois a 20 dias, após os quais retornam à cidade para comercializar os peixes e rever a família. (THÉ; MADI; NORDI, 2003, p. 198).

Nesses acampamentos, em caso de doenças, os pescadores, quando não se dirigem aos postos de saúde de Januária ou de Pedras de Maria da Cruz, valem-se de ervas, folhas e raízes para diferentes tipos de mal-estar: dor de cabeça, problemas no estômago, dor nos rins, cortes e machucados na pele.

---

[23] Ilha, para os pescadores, pode ser somente a beira de um barraco onde eles montam o acampamento.
[24] Beradão é o barranco do rio onde montam os acampamentos.
[25] Espécie de tijolo feito com terra crua, água e palha.
[26] Os nomes dos pescadores citados no relato são fictícios.

Para a elaboração desta tese, acompanhamos o trabalho dos pescadores em vários acampamentos – denominados ilhas – ao longo da extensão do rio São Francisco, na microrregião de Januária: Ilha de Pedro Preto, Ilhote[27], Alto Grande, Ilha do Balaieiro, Ilha do Corujo, Ilha da Capivara, Ilha do Remanso, Ilha do Rodeador, Ilha do Marimbondo e Ilha do Amargoso. Na fala dos pescadores entrevistados, se posta a certeza da sazonalidade de localização dessas ilhas e a destruição iminente dos barracos e ranchos à época da "cheia" no rio:

> [...]...Incheu qui minha casa foi pu... derrubô foi tudo minha fia inté agora eu nem terminei ainda que num tive condições de fazê... de terminá porque minha casa era de adrobo inclusive essa parede ai a água não derrubou essa dali... a minha casa era de adrobo intão a gente foi tirô da boca comprano fiado ai o marido pescano ajuntano um poquim daqui um poquim dali pa pode comprá esse tijolo pa podê fazê purque a gente mora ne ilha sempre a enchente um dia... um ano vem... O oto ano num vem né? (MH57FCO074).

Nesses acampamentos, os pescadores se alimentam basicamente de peixe frito ou ensopado com pirão (mistura do caldo da cabeça do peixe com farinha de mandioca) e do que plantam nas vazantes: milho, melancia, feijão, abóbora etc. A comida é feita em uma espécie de trempe[28] e servida em pratos esmaltados. Para acompanhar o peixe, servem, por vezes, uma dose pequena de cachaça.

Nos acampamentos, não há energia elétrica. Na Ilha da Capivara há energia advinda de placas de energia solar, mas, segundo os pescadores da ilha, a energia não funciona: "... dá não, essa luz ai geladêra... nem geladêra nem liquidificador, nem nada coisa que dá tranco ela num guenta de jeito ninhum, desarma, ai só mermo par um rádio..." (V53MCA081).

Nessa mesma ilha, uma das casas possui aparelho de televisão, mas esse quase nunca é ligado, conforme relato de uma moradora: "nóis tem a televisão; aí, os minino briga pa podê assisti televisão...num guenta tocá a televisão...num guenta nada... as bateria cabô..." (M50FCA078).

Nessa e nas outras ilhas, há sinal de celular e muitos pescadores já fazem uso dessa tecnologia.

Em muitos desses acampamentos, os peixes são também armazenados em grandes caixas de isopor com gelo. Naqueles mais próximos à cidade, como a Ilha do Rodeador, Pedro Preto, Alto Grande e Ilhote, o peixe é imediatamente transportado para a cidade por barcos ou são guardados dentro do próprio rio numa espécie de "viveiro" ou "gaiola" feita com varas,

[27] Ióte, na fala dos pescadores.
[28] Tipo de fogão formado por três pedras onde se coloca a panela.

segundo a descrição a seguir feita por um dos pescadores:

> ...aqui o peixe que nóis pega nóis já vende ele no mermo dia... aqui nóis num têm gelo... Às veiz nóis pega um peixe assim... às veiz nóis põe naquele ali ó...aquele coisinha lá... É um vivero tá entendeno? nóis põe ele vivo ali pra conservá ele vivo, né? (J52MPP063).

Nos acampamentos mais distantes, como é o caso da Ilha da Capivara e Ilha do Corujo, existe ainda o costume de salgar os peixes para conservá-los. Tal prática faz com que o valor do pescado diminua, uma vez que a preferência de quem compra o peixe é pela sua versão natural, chamada de "peixe fresco". O peixe salgado é usado comumente numa receita de "peixe com abóbora", tradicional entre os ribeirinhos.

Além do empreendimento comum – a pesca – esses sujeitos compartilham as formas de lazer e essas estão associadas ao rio – alguns viajam para pescar em outros lugares – ou às festas religiosas (romarias) em honra a algum santo. Essas romarias, conforme registro de Ribeiro (1970), são um costume não dos pescadores, mas de todos os ribeirinhos.

Como passam mais tempo nos acampamentos ao longo do rio, a vinda para a cidade também constitui uma forma de lazer, mas ainda atrelada à pesca: "[...] quando está em casa de dia, está dormindo ou fazendo paquete (pequena embarcação) ou rede de pescar ou outro instrumento de pesca." (RIBEIRO, 1970, p. 35).

4.2.1.4 O comércio do pescado e outras atividades econômicas

Os pescadores de Januária não encontram dificuldades na comercialização do pescado, já que a escassez de peixe aumenta a procura por parte dos compradores. Esses são sempre donos de algum estabelecimento comercial (peixarias, bares e restaurantes) que, quase sempre reclamam do preço do peixe.

Três formas de comercialização do peixe foram observadas: a primeira diz respeito à relação direta entre pescador e comprador, que se dá, por vezes, ainda na beira do rio ou na praia. Uma segunda maneira de comercialização é a entrega dos peixes para outro pescador que, embora registrado na Colônia, não pesca: somente comercializa os peixes em feiras livres e armazéns ou na própria residência. A terceira forma é a entrega dos peixes para a comercialização na própria sede da Colônia dos Pescadores, que funciona como um ponto de apoio para essa comercialização, quando há muito peixe.

Para os pescadores entrevistados, o gancheiro (pescador não cadastrado na Colônia) atrapalha esse comércio porque, sem as obrigações dos impostos pagos à Colônia, comercializa o peixe com um preço abaixo da tabela, conforme relato a seguir: "...Agora o ganchêro é aquele que apruveita... Ele num paga sindicato... Num paga INSS... Num paga, num paga nada i tá, i pega o pequeno ao graúdo vende ao mínimo preço que ele qué relaxa o preço da gente..." (J52MPP0631).

Entre as espécies de peixe, os pescadores relatam a pesca de Bagre, Cari, Curimba, Curimatá, Corvina, Dourado, Mandim, Matrinchã, Piau, Pirá, Piranha, Pocomã, Surubim, Traíra, Tambaquí e Tucunaré.

Muito pouco do que é pescado (cerca de 10%) é utilizado para consumo próprio. Isso porque, para as famílias que comercializam o peixe, o dinheiro para as despesas domésticas advém dessas vendas.

A Piracema, ou Defeso, garante ao pescador profissional (que possui carteira de pescador, que é registrado na Colônia dos Pescadores), o benefício de um salário-mínimo pago durante o período de novembro a março, época em que a pesca é proibida. Na percepção dos pescadores entrevistados, embora considerem o benefício como um direito adquirido, o valor dele é inferior ao que conseguem com a venda dos peixes em outras épocas do ano.

Além da pesca, os pescadores de Januária dedicam-se à plantação de vazante. Nas ilhas do Corujo e da Capivara, eles e suas famílias ainda criam bodes, porcos, galinhas e produzem farinha de mandioca.

Consoante à discussão feita neste texto sobre o lócus da variação linguística e a apresentação da cidade de Januária (MG), onde se localiza a comunidade de prática *locus* desta investigação, descrevemos, no próximo capítulo, os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, descrevemos os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa. Utilizamos a pesquisa bibliográfica, a de campo e a quali-quantitativa, esta uma abordagem que usa tanto os métodos quantitativos quanto qualitativos, para a realização de uma análise mais detalhada e criteriosa sobre o tema pesquisado. Considerando que o aporte metodológico utilizado baseia-se nos princípios teórico-metodológicos da Teoria da Variação, todas as etapas deste estudo estão alinhadas a esse modelo teórico-metodológico: as concepções gerais da pesquisa; o processo de amostragem da comunidade de prática dos pescadores, sujeitos deste estudo; a coleta de dados; a definição dos fenômenos linguísticos; a caracterização das variáveis linguísticas e das sociais e os procedimentos adotados para o tratamento e a análise dos dados.

5.1 Concepções metodológicas da pesquisa: caracterização geral

Como mencionado, nossa pesquisa é bibliográfica, de campo e quali-quantitativa. Segundo Gil (2002, p. 44-45), "a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos". Para o autor, esse tipo de pesquisa pode "[...] permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.", além de ser indispensável nos estudos históricos, visto que "[...] em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos".

A pesquisa de campo foi desenvolvida com base nos preceitos da pesquisa etnográfica que trata "do estudo e da descrição dos povos, sua língua, raça e religião [...]" Segundo Oliveira (2007, p. 73), "em regra geral a pesquisa etnográfica é mais utilizada por antropólogos, dada a especificidade no que diz respeito a compreender o homem e seu contexto sociocultural."

A pesquisa de campo, ou estudo de campo, tem como foco de estudo prático

> [...] uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. (GIL, 2002, p. 53).

Foi sob essa combinação teórico-prática, que desenvolvemos esta pesquisa, gerando dados para a análise e discussão com vistas a responder à problemática definida como eixo condutor. Nesse sentido, destacamos que, quanto à análise, o trabalho partiu de um olhar qualitativo, seguindo para uma discussão quantitativa dos dados coletados a partir do linguajar dos pescadores de Januária. Pesquisas com o delineamento quali-quanti, também denominadas métodos mistos, compreendem, segundo Creswell (2010), um conjunto inter-relacionado de constructos e proposições que combinam variáveis qualitativas e quantitativas para uma proposição de resultado da pesquisa, a exemplo da clássica investigação de Labov sobre a mudança sonora em Martha's Vineyard. Ao estudar a centralização dos ditongos / aw / e / ay / na ilha, Labov (2008, p. 19) afirma que o trabalho "[...] diz respeito à observação direta de uma mudança sonora no contexto de vida da comunidade na qual ela ocorre.", permitindo que seja inferida a relevância da combinação quali-quanti no estudo de fenômenos linguísticos.

Para a pesquisa teórica, a bibliográfica, trabalhamos sob uma abordagem exploratória da literatura relacionada à temática e, para a pesquisa de campo, o trabalho foi desenvolvido a partir da observação direta combinada com a aplicação de instrumento de entrevistas semiestruturadas, pensadas com o objetivo de orientar a pesquisadora durante os momentos de conversas e vivências na comunidade observada, o que caracterizou o viés etnográfico deste estudo.

O instrumento para a entrevista, apresentado no Apêndice A, foi organizado em dois eixos, sendo o primeiro denominado ficha social, cujo objetivo foi caracterizar os informantes em relação à naturalidade, sexo, faixa etária, escolaridade, profissão; e, o segundo, um roteiro para a observação sociolinguística e etnográfica. A reunião dessas duas áreas resultou no instrumento para a coleta de dados práticos para o estudo. A definição por essa prática teve o intuito de orientar a conversa entre os agentes da pesquisa (nesse caso a pesquisadora e os pescadores de Januária), a fim de atender o interesse do estudo.

5.1.1 Constituição da amostra

O período de observação de base etnográfica na comunidade de prática de pescadores de Januária, foi de 11 meses, permitindo à pesquisadora – além das entrevistas – a imersão, a convivência e a participação ativa na rotina da comunidade. Sobre esse assunto, Meyerhoff (2009)

> [...] entende que a técnica do observador-participante fundamenta-se na prática de se passar longos períodos de tempo junto aos informantes a fim de se observar o modo como eles utilizam a fala e reagem a ela e, também, como a linguagem é utilizada, estando ela arraigada às práticas sociais e ideológicas, sendo, então, um meio de se obter dados qualitativos muito mais que quantitativos. (MEYERHOFF, 2009, p. 39).

Conforme descrito no capítulo 4, a comunidade de prática de pescadores organiza-se sob a forma de colônias. Para estabelecer contato com os pescadores, buscamos primeiro o diálogo com os presidentes das colônias. Esse contato forneceu-nos informações gerais quanto às características da comunidade a ser observada, a saber:

a) a comunidade de prática dos pescadores de Januária, considerando as colônias Z-2 e Z-16, compõe-se de 929 pescadores;
b) os pescadores possuem baixa escolaridade;
c) homens e mulheres dividem a lida da pesca;
d) filhos e filhas de pescadores também ajudam na pesca, mesmo em período escolar;
e) a faixa etária desses pescadores varia entre 14 e 102 anos;
f) na época da pesca – março a outubro – os pescadores ficam acampados nas ilhas ou nas praias, ao longo do curso do rio.

A partir dessas informações, e considerando a perspectiva da sociolinguística variacionista, todos os sujeitos da pesquisa deveriam ser pescadores, nativos do município de Januária ou, e, em não sendo nativos, ter se mudado para esse município com até cinco anos de idade. Além disso, para constituir a amostra, os pescadores deveriam ser avaliados a partir das respostas do questionário aplicado no início das entrevistas, e que incluía as seguintes categorias de análise: sexo, faixa etária (entre 12 e 20 anos, 21 e 54 anos, 55 anos e acima) e grau de escolaridade (não escolarizado, escolarizado e tendo frequentado a escola durante 01 a 04 anos, 05 a 08 anos e 09 a 11 anos).

Além de possuir as características, conforme estratificação mencionada, de orientação sociolinguística variacionista, para atender às questões previstas para uma pesquisa etnográfica, os pescadores deveriam ser caracterizados quanto ao contato com o meio urbano, sendo este: maior ou menor.

Para selecionar os informantes, escolhemos a técnica “seletiva qualificada uniforme” (CAMPOY; ALMEIDA, 2005, p. 58-59). Por meio dessa técnica, a amostra deve ser constituída de forma homogênea, ou seja, cada célula social deve ser preenchida com o mesmo número de entrevistados. De acordo com Guy e Zilles

> [...] em uma pesquisa de cunho variacionista, o ideal é selecionar quatro ou cinco informantes em cada célula, para evitar, durante o momento da entrevista e constituição do *corpus* da pesquisa, um comportamento linguístico idiossincrático ou enviesado [...]. (GUY; ZILLES, 2007 *apud* VITÓRIO, 2014, p. 54)

No entanto, diante da dificuldade de encontrar informantes conforme a estratificação descrita, selecionamos 54 informantes. Sendo assim, delimita-se como amostra da pesquisa um número total de 54 pescadores que compõem a comunidade de prática da cidade de Januária, conforme o Quadro 2, a seguir.

Para preservar a identidade dos informantes da pesquisa, estabelecemos a seguinte codificação:

a) a primeira letra corresponde ao nome (há nomes com duas letras);
b) o número seguinte corresponde à idade;
c) a letra após o número refere-se ao sexo;
d) as duas letras seguintes denominam a ilha/acampamento do entrevistado;
e) os números iniciados por zero referem-se ao controle das gravações no arquivo.

No Quadro 2, a seguir, sintetizamos os dados do perfil social dos informantes deste estudo.

Quadro 2 - Perfil social dos informantes

	Código do informante	Sexo	Faixa etária	Escolaridade	Contato com o meio urbano
01	AF47MJ018	M	47	04 anos	Maior
02	P73MCV018	M	73	04 anos	Maior
03	J59MBARD018	M	59	04 anos	Menor
04	J52MTR018	M	52	11 anos	Maior
05	A30FRM018	F	30	11 anos	Menor
06	S58MRM028	M	58	Não alfabetizado	Menor
07	E45FRM029	F	45	04 anos	Menor
08	A32MRM030	M	32	04 anos	Menor
09	A45MRM031	M	45	08 anos	Maior
10	J60MRM032	M	60	03 anos	Menor
11	A45FRM033	F	45	03 anos	Menor
12	B64MRP039	M	64	Não alfabetizado	Menor
13	T55FPP039	F	55	04 anos	Maior
14	JL61MPP040	M	61	11 anos	Menor
15	G55MAG050	M	55	01 ano	Menor
16	M79MAG051	M	79	Não alfabetizado	Menor
17	M73FAG051	F	73	Não alfabetizado	Menor
18	D30MRD055	M	30	11 anos	Maior
19	B102MP056	M	102	Não alfabetizado	Maior
20	MM98FP056	F	98	04 anos	Maior
21	L50MPP061	M	50	03 anos	Menor
22	D58MPP062	M	58	04 anos	Menor
23	J52MPP0631	M	52	03 anos	Menor
24	J36MPP064	M	36	04 anos	Menor
25	S54MPP065	M	54	04 anos	Menor
26	G32MI0661	M	32	04 anos	Menor
27	J38MI0664	M	38	04 anos	Menor
28	R30MI0662	M	30	04 anos	Menor
29	G30MI0663	M	28	03 anos	Menor
30	M73MBA067	M	73	Não alfabetizado	Menor
31	A63MBA068	M	63	Não alfabetizado	Menor
32	C42MRD072	M	42	10 anos	Maior
33	MH57FCO074	F	57	Não alfabetizado	Menor
34	JB38MCA075	M	38	02 anos	Menor
35	R29MCA076	M	29	02 anos	Menor
36	L30FCA077	F	30	03 anos	Menor
37	M50FCA078	F	50	02 anos	Menor
38	N30FCA079	F	30	04 anos	Menor
39	V53MCA081	M	53	04 anos	Menor
40	M26FCA082	F	26	04 anos	Menor
41	N54MCA083	M	53	02 anos	Menor
42	A52MBA087	M	52	04 anos	Maior
43	CA17FBA089	F	17	10 anos	Menor
44	GE15FBA090	F	15	09 anos	Menor
45	LF16MAG091	M	16	08 anos	Menor
46	D14MBA092	M	14	08 anos	Menor
47	E65MPA098	M	65	02 anos	Menor
48	E52MPA099	M	52	04 anos	Menor
49	N30MRD0100	M	30	04 anos	Maior
50	D64MRD0100	M	60	Não alfabetizado	Menor
51	E56MRD0101	M	56	Não alfabetizado	Menor
52	P64MRD102	M	64	Não alfabetizado	Menor
53	M60FRD103	F	60	Não alfabetizado	Menor
54	J64MRD0104	M	64	Não alfabetizado	Menor

Fonte: Elaborado pela autora.

5.1.2 Coleta dos dados

Seguindo a perspectiva etnográfica adotada para esta pesquisa, para vivenciar o cotidiano da comunidade de prática de pescadores de Januária, visitamos as sedes das Colônias de Pescadores e as casas de alguns pescadores na cidade de Januária. Utilizando uma pequena embarcação (rabeta), percorremos os acampamentos nas crôas que se formam ao longo do rio São Francisco, na época da seca, ou seja, os acampamentos nas ilhas de Pedro Preto, Ióte, Balaieiro I e II, Corujo, Capivara, Rodeador, Marimbondo e Amargoso. Em alguns desses locais, os chamados "beiradões", o acesso também pode ser feito por terra. A opção pelo barco justificou-se pela possibilidade de visitar acampamentos situados em ambas as margens do rio e, principalmente, integrar-nos àquele universo para melhor compreendermos os sujeitos.

Em cada um desses lugares, observamos a lida dos sujeitos na pesca[29] e realizamos entrevistas face a face, semiestruturadas, a partir de um roteiro pré-estabelecido. Todas as entrevistas foram gravadas com o consentimento dos informantes. Além disso, ao final de cada entrevista, solicitamos a autorização dos informantes para o uso da gravação realizada e das fotos feitas durante a conversa. A autorização oral foi gravada no momento das entrevistas.

As entrevistas tiveram em média 36 minutos de duração, perfazendo um total de 32h 26minn e 18seg (trinta e duas horas, vinte e seis minutos e dezoito segundos de gravação). Para as gravações utilizamos um gravador de voz digital recarregável MP3, marca GPX-MX425.

5.1.3 Tratamento dos dados

Depois da gravação das entrevistas, procedemos à sua escuta e transcrição completa. Para a transcrição das entrevistas realizadas, foram adotadas as normas de transcrição propostas pelo projeto Norma Urbana Culta (SP). Não transcrevemos aspectos prosódicos como: truncamento; entoação enfática; prolongamento de vogais e consoantes; e silabação.

As transcrições foram realizadas na tentativa de aproximar à fala dos pescadores ribeirinhos ao registro dos fenômenos linguísticos observados nesta tese. A opção por conservar essas marcas dialetais justifica-se por serem elas características da oralidade e

[29] Alguns registros fotográficos da comunidade de prática de pescadores estão no Apêndice B desta pesquisa.

refletirem o linguajar da região investigada, além de elas poderem servir de dados para futuras pesquisas.

Para a análise quantitativa desta tese, e seguindo os preceitos da sociolinguística variacionista, adotamos o programa *Goldvarb/*2001, de onde foram retirados a frequência e os pesos relativos que serviram de base para as análises. O *Varbrul* constitui um conjunto de programas estatísticos que estabelecem, matematicamente, os fatores estruturais e não estruturais que contribuem para a aplicação, ou para a inibição de uma regra que represente um determinado processo linguístico variável. Esse grupo de programas calcula porcentagens e, depois de executar uma série de cálculos, produz os Pesos Relativos (PR) de cada fator. Após a preparação das células com as frequências dos fatores em análise, os programas selecionam os fatores mais significativos, assim como descartam os menos significativos para a análise da variável em questão.

O pacote *Varbrul* oferece uma versão para o *Windows*, o instrumental estatístico *Goldvarb/*2001, que avalia o peso individual ou a distribuição de cada um dos fatores de análise propostos (frequência relativa), assim como o valor de cada fator em relação aos demais fatores da amostra (peso relativo ou frequência relativa corrigida (PR)). Esses PRs apontam, em uma escala de zero a 1, a influência de cada fator sobre a variável analisada. Assim, PR acima de .50 indica favorecimento ao processo em foco; abaixo de .50, aponta para o não favorecimento da ocorrência desse processo, e próximos a .50 indicam a neutralidade do fator em questão.

O pacote de programas estatístico *Varbrul* desenvolve-se em níveis diversos de análise. No nível 0 (zero), o programa projeta o peso relativo global (i*nput*) e, a seguir, determina o grau de significância dos fatores de cada grupo, isoladamente. No segundo nível, chamado *step-up*, os fatores são analisados em conjunto e são realizadas várias combinações de fatores, que começam sempre da mais simples (envolvendo um menor número de fatores), até que se atinja o melhor modelo ou arranjo (*best step-up*) dos fatores, ou seja, examinando a interação entre os fatores, a análise seleciona aqueles que agem positivamente sobre o fenômeno estudado.

O terceiro nível de análise (*step-down*) é uma espécie de "prova dos nove" (SCHERRE; NARO, 2003) da regressão. Diferentemente do *step-up*, o *step-down* parte da combinação mais complexa de fatores e os vai removendo gradativamente. Conforme o *log-likelihood* é alterado, vão sendo removidos os fatores não significantes, até que se chegue ao melhor arranjo de fatores (*best step-down*). Ao final, o melhor arranjo do *step-up* e do *step-down* serão equivalentes (GUY; ZILLES, 2007).

Para a interpretação dos dados, na análise dos resultados, devemos observar o *Input*, que é o valor que indica a probabilidade de aplicação da regra. Quanto mais próximo de 1, maior a probabilidade de aplicação. Os quadros que deram sustentação para a análise quantitativa dos dados desta pesquisa foram originados a partir dos cálculos do *GoldVarb/* 2001.

Por ser um arquivo .exe (executável), não é necessária a instalação ou a complementação de outros programas. Os resultados da análise obtidos por meio do *GoldVarb*/2001 nos auxiliaram na confirmação ou não da hipótese inicialmente levantada.

O programa escolhido foi alimentado com o resultado dos dados da entrevista com os 54 pescadores. Cada item observado das variáveis linguísticas e sociais se seguia da definição de códigos conforme proposta do *Varbrul - Goldvarb/*2001. Vale destacar que esses códigos foram escolhidos de forma aleatória pela pesquisadora, considerando que podem ser letras, números e outros símbolos do teclado, com exceção dos seguintes: "ponto final, a barra inclinada para a direita, o abre-parênteses, o fecha-parênteses e o espaço em branco que têm significados especiais para o programa Varbrul." (SCHERRE; NARO, 2003, p. 155).

Consoante à descrição ora presentada sobre os procedimentos metodológicos desta pesquisa para a coleta e o tratamento dos dados, passamos à apresentação das variáveis investigadas neste estudo.

5.2 Variáveis linguísticas

A partir da leitura da obra *Brasil Interior: palestras populares folk-lore do Rio São Francisco*, escrita por Oliveira, no período de 1904 a 1912, estabelecemos os processos a serem investigados na comunidade de prática de pescadores de Januária, com vistas a atender a um dos objetivos deste estudo: investigar processos linguísticos da língua falada pelos pescadores que remetem à língua falada do início do século passado e registradas na referida obra. Tais processos constituem-se nas variáveis dependentes a serem analisadas:

a) o processo variável de alternância entre as consoantes líquidas (laterais e vibrantes) em grupo consonantal e em final de sílaba interna, o que caracteriza o rotacismo, conforme as ocorrências registradas:
   - "[...] j'<u>árcansei</u> uma encrencasinha.
   - [...] <u>prantaro,</u> antonce, os menino aquelle bananal.*"* (OLIVEIRA, 1934, p. 163; 265);

b) o processo variável de reordenamento de segmentos dentro de uma mesma palavra, o que caracteriza a metátese, neste estudo o reordenamento de / r /, como em:
   - "É, meu véio, seu Cyriaco, pruque não ensina elle?" (OLIVEIRA, 1934, p. 14);

c) o processo variável de nasalização do [i], caracterizado pela falta de contexto favorecedor à nasalização dessa vogal, denominada nasalização espúria, conforme a ocorrência:
   - "Proguntei eu por aqui assim indimirada [...]" (OLIVEIRA, 1934, p. 52);

d) o processo variável da posição do pronome possessivo – a posposição do pronome no sintagma nominal definido – como em:
   - "O remédio meu arrancou tudo [...]" (p. 144);

e) o processo variável da concordância nominal de número como em:
   - "[...] eu entendi que ele arrecramava as fronha qu'eu tinha rasgado". (OLIVEIRA, 1934, p. 304).

Nas subseções que se seguem, apresentamos as variáveis linguísticas independentes que foram controladas para cada um dos processos variáveis em análise neste estudo. Para cada um desses processos, estabelecemos variáveis linguísticas independentes com base nos resultados de estudos listados no capítulo 2.

5.2.1 Rotacismo

A troca entre as consoantes líquidas, ou a realização de um rótico por uma lateral, que caracteriza o rotacismo, pode ocorrer em grupo consonantal (como em *p**l**anta ~p**r**anta)*, em final de sílaba (a**l**moço ~ a**r**moço*)* e em final de palavra (papel ~ papér). Neste estudo, o rotacismo foi analisado somente em grupo consonantal e em final de sílaba interna, visto que não registramos ocorrência alguma desse processo em final de palavra. Nessa posição a líquida lateral ou sofre apagamento ou é realizada foneticamente como a semivogal [w].

Para analisar esse processo, consideramos como variáveis o rotacismo em grupo consonantal e o rotacismo em final de sílaba interna.

5.2.1.1 Rotacismo em grupo consonantal

O rotacismo em grupo consonantal, conforme descrito no capítulo 2, é um processo há muito tempo observado na língua portuguesa. Conforme Silva Neto (1952), na passagem do latim para o português, alguns itens léxicos, originariamente com grupo consonantal formado por obstruinte + lateral, se firmaram com a vibrante: obligare > obrigar, flaccu > fraco.

Para a investigação desse processo variável na comunidade de prática de pescadores de Januária, estabelecemos as seguintes variantes:

a) 1 - Presença de rotacismo ‘cronar’;
b) 0 - Ausência de rotacismo ‘clonar’;

Para determinar os fatores linguísticos que atuam no processo do rotacismo em grupo consonantal, recorremos às pesquisas descritas no capítulo 2:

a) Coelho (2010);
b) Costa (2006);
c) Dias (2019) ;
d) Gomes (1987); e
e) Romano e Fonseca (2015).

Dessa forma, além das variáveis sociais, quatro grupos de fatores linguísticos foram controlados na análise desse processo:

a) tonicidade da sílaba;
b) posição do grupo consonantal;
c) modo e ponto de articulação do segmento precedente;
d) sonoridade do segmento precedente.

A variável tonicidade da sílaba foi escolhida para verificarmos a relevância em que se encontra o grupo consonantal na aplicação do processo de rotacismo. Para a variável tonicidade da sílaba, a hipótese é a de que o grupo consonantal em sílaba átona favoreça a ocorrência do rotacismo, à semelhança dos resultados de Gomes (1987) e Dias (2019).

a) Para essa variável selecionamos os fatores:
   - **Tônica:** “Eles tem a formatura nossa... todo nosso... compreta.” (E65MPA098);
   - **Átona:** “...num vê nada só cara recramano.” (J38MI0664).

Observamos a posição da sílaba na palavra para identificar se a localização da sílaba que contém o grupo consonantal apresenta influência significativa para a aplicação do processo de rotacismo. A expectativa é que o rotacismo será favorecido pela posição inicial, à semelhança dos resultados de Tem (2010) e Dias (2019).

b) Para essa variável selecionamos os seguintes fatores:
   - **Posição inicial:** “O juiz tava pegano tava cronano as cartêra...” (D64MRD100);
   - **Posição Não Inicial:** “...Incrusive eu pescava mais ele ali.” (A45MRM031).

Ao analisar o contexto precedente, pudemos observar qual das duas classes de consoante permitida na primeira posição do grupo consonantal, qual seja, a consoante que antecede a líquida, possui mais influência na aplicação do processo. A hipótese é que as oclusivas favoreçam a ocorrência do rotacismo em grupo consonantal, conforme os estudos de Mollica e Paiva (1991) e Dias (2019).

c) Assim, para a variável contexto precedente (modo de articulação) os fatores foram:
   - **Oclusiva:** “Durvalino compretô sessenta...” (G55MAG050);
   - **Fricativa:** “...num tem influença pra estudá num estuda.” (E56MRD1011).

Ainda em relação ao contexto precedente, no que se refere ao ponto de articulação, a hipótese é que o fator velar favoreça a ocorrência do rotacismo em grupo consonantal, conforme os estudos de Mollica e Paiva (1991) e Dias (2019).

d) Para a variável contexto precedente - ponto de articulação -, os fatores foram:
   - **Labial:** “Não, num tem probrema não. ” (JL61MPP040);
   - **Velar:** “Num vê nada... Só cara recramando.” (J38MI0664);
   - **Alveolar**: “Tem jogo do Atlético.” (J38MI0664).

A hipótese para a variável sonoridade do contexto precedente é a de que o fator surdo favoreça a ocorrência do rotacismo, conforme os trabalhos de Mollica e Paiva (1991) e Tem (2010).

e) Para essa variável, os fatores foram:
   - **Surdo:** "**...**cê tenta expricá. " (L30FCA077);
   - **Sonoro:** "Já teve alguns probreminha assim... " (A45FRM033).

As variáveis linguísticas independentes propostas para a análise foram codificadas conforme o Quadro, 3 a seguir.

Quadro 3 - Codificação da variável rotacismo em grupo consonantal

Grupos de fatores	Descrição dos códigos
Tonicidade da sílaba	T Tônica a Átona
Posição do grupo consonantal	G Inicial G Não inicial
Contexto precedente (modo de articulação)	K Oclusivo f Fricativo
Contexto precedente (ponto de articulação)	H Labial S Velar Z Alveolar
Sonoridade do contexto precedente	U Surdo O Sonoro

Fonte: Elaborado pela autora.

5.2.1.2 Rotacismo em final de sílaba interna

O rotacismo em final de sílaba interna caracteriza-se, também, pela troca de uma consoante líquida por um rótico em posição final de sílaba interna. Para essa variável as variantes foram:

a) 1 - Presença de rotacismo em final de sílaba interna 'armoçá;
b) 0 - Ausência de rotacismo em final de sílaba interna 'almoçar';

Para a análise do rotacismo em final de sílaba interna, as variáveis linguísticas independentes selecionadas foram modo de articulação do segmento seguinte, ponto de articulação do segmento seguinte, sonoridade do segmento seguinte, tonicidade da sílaba, vogal precedente e classe gramatical.

Utilizando as variáveis modo de articulação do segmento seguinte e ponto de articulação do segmento seguinte buscamos identificar, dentre as consoantes que sucedem a líquida lateral, as que favorecem a ocorrência do rotacismo em final de sílaba interna.

Na variável modo de articulação, a hipótese é que o fator oclusivo será favorável à aplicação da regra, conforme os resultados de Giordani (2005).

a) Os fatores considerados para essa variável foram:
   - **Nasal:** “Nóis armucemo... cabemu de armuçá.” (B102MP056);
   - **Oclusiva:** “...pra sortá uma rede de arrasto sem pegá nada.” (D64MRD100);
   - **Fricativa:** “Ele ia na barsa pra Juazeiro da Bahia.” (P64MRD102).

A hipótese para a variável ponto de articulação é que o fator linguístico velar favorecerá a ocorrência do rotacismo em final de sílaba interna.

b) Para essa variável os fatores foram:
   - **Labial:** “... um armoço só né?” (MM98FP056);
   - **Velar:** “...em riba da cuimatá de quarqué jeito num pegava não.” (J60MRM032);
   - **Alveolar:** “Deu uma vorta assim ó... Saiu na frente [...]” (M79MAG051).

Investigamos, por meio da variável sonoridade do segmento seguinte, se esta influencia a ocorrência do rotacismo em final de sílaba. Nossa hipótese é a de que o fator *sonoro* será favorável à aplicação da regra.

c) Para esta variável os fatores foram:
   - **Sonoro:** “...aí a gente pega aí e sarga.” (V53MCA081);
   - **Surdo:** “...sinto farta demais demais.” (B102MP056).

A variável tonicidade da sílaba busca verificar se a tonicidade da sílaba alvo do processo interfere na ocorrência do rotacismo. Nossa hipótese é a de que o fator sílaba tônica

será favorável à aplicação da regra.

d) Para essa variável selecionamos os seguintes fatores:
   - **Tônica:** "...deu uma vorta assim ó... saiu na frente. " (M79MAG051);
   - **Átona:** "Um armoço só, né? " (MM98FP056).

Nossa hipótese para a variável vogal precedente é a de que o fator [-alto] favoreça a aplicação da regra de rotacismo em final de sílaba interna.

e) Para essa variável os fatores foram:
   - **Vogal [+alto]:** "...e nesse dia a casa vai ser firmada. " (P73MCV018);
   - **Vogal [+Baixo]:** "...pegô o barco ribô o barco nas artura... " (M73MBA067);
   - **Vogal [-alto]:** "... do borso meu mais do seu" (D64MRD100).

Com a variável *classe gramatical*, buscamos verificar a interferência da categoria gramatical na ocorrência do processo de rotacismo em final de sílaba.

Embora alguns autores considerem que a classe gramatical é "[...] critério irrelevante de observação para esse fenômeno" (GIORDANI, 2005, p. 132), nossa hipótese para essa variável é a de que o rotacismo seja mais recorrente nos substantivos e verbos, considerando que essas são as classes mais recorrentes da língua portuguesa.

f) Os fatores selecionados para essa variável foram:
   - **Verbo:** "...aí eu VORTEI mais ela e duas neta. " (M79MAG051);
   - **Substantivo:** "...ali são duas ARMA... " (P64MRD102);
   - **Adjetivo:** "Era tudo muito SARGADO. " (J52MPP0631);
   - **Pronome:** "...se tem ARGUM lugá pra í vai. (P64MRD102).

Descritas as variáveis independentes, apresentamos, no Quadro 4, a seguir, a síntese da codificação dos fatores de cada uma das variáveis.

Quadro 4 - Codificação da variável rotacismo em final de sílaba interna

Grupos de fatores	Descrição dos códigos
Modo de articulação do segmento seguinte	Z - Nasal K - Oclusiva X - Fricativa
Ponto de articulação do segmento seguinte	2 – Labial 3 – Velar 4 - Alveolar
Sonoridade do segmento seguinte	S- Surso Q - Sonoro
Tonicidade da sílaba	T – Tônica 7 – Átona
Vogal precedente	@ - Alta # - Baixa % - Média-alta
Classe gramatical	$ - Verbo & - Adjetivo 9 - Substantivo P - Pronome

Fonte: Elaborado pela autora.

5.2.1.3 Metátese

É o processo variável de reordenamento de segmentos dentro de uma mesma palavra, como ocorre em perguntar ~ preguntá. Assim como o rotacismo, a metátese também já existia no latim falado, conforme Silva Neto (1956). Segundo Hora, Telles e Monaretto (2007, p. 184) "[...] é um fenômeno antigo e persistente na Língua Portuguesa". Em Oliveira (1934, p. 14), são muitas as ocorrências de metátese como em: Contos dias sem drumi?

Para Blevins e Garret (2004), a metátese que atinge a relação consoante-vogal pode ser de quatro tipos: perceptual, compensatória, coarticulatória e auditiva. Hora, Telles e Monaretto (2007) afirmam que

> [...] a metátese perceptual envolve traços de longa duração em cadeias multisegmentais que se espraiam sobre uma seqüência (sic) inteira; a compensatória é prosodicamente condicionada, o que significa que traços em uma sílaba fraca

> migram para uma sílaba forte; a coarticulatória surge em grupos de consoantes com o mesmo modo de articulação, porém com diferentes pontos de articulação, e resulta de uma coarticulação facilitada pelos gestos articulatórios compartilhados; e a auditiva resulta da segregação auditiva do barulho sibilante do resto da cadeia da fala. (HORA; TELLES; MONARETTO, 2007, p. 180-181).

No português brasileiro são encontrados dois dos três tipos de metátese citados, a perceptual e a compensatória. A do tipo perceptual envolve o segmento consonantal em posição de grupo consonantal ou final de sílaba. Este segmento pode migrar, ou no interior da sílaba, caracterizando um movimento tautossilábico – quando a reordenação dos segmentos ocorre na mesma sílaba, como em (pe**r**mitir ~ p**r**imití – e um movimento heterossilábico – quando essa reordenação ocorre de uma sílaba para outra, como em dob**r**ado ~ d**r**obado.

Por sua vez, a metátese compensatória incide sobre a vogal alta fazendo com que esta seja redirecionada da penúltima sílaba da palavra para a posição de coda da sílaba precedente acentuada, como nos exemplos: "*rád**i**o ~ rá**i**du; táb**u**a ~ tá**u**ba*" (HORA; TELLES; MONARETTO, 2007, p. 193, grifos dos autores). Neste estudo, são analisadas somente a metátese do tipo perceptual, visto que não encontramos ocorrências de metátese compensatória entre os dados analisados.

Assim, analisamos somente a metátese perceptual que envolve os róticos como em p**r**ocurar ~ pe**r**curar. Tal opção se justifica por ser o rótico, segundo Hora, Telles e Monaretto (2007), o preferido na mudança e variação. Além disso, detectamos no *corpus* deste estudo somente uma ocorrência categórica de metátese envolvendo a sibilante alveolar / s /: satisfeito ~ sa**s**tifeito. Portanto, investigamos, para esse processo, a presença e a ausência da metátese, conforme as variantes definidas a seguir.

a) 1 - Presença de Metátese - primití;
b) 0 - Ausência de Metátese - permitir;

Para compreender a ocorrência desse processo, selecionamos as seguintes variáveis linguísticas independentes: contexto de ocorrência da metátese, direção do segmento, posição na sílaba, número de sílabas na palavra, conforme descrição a seguir.

Para analisar se o contexto de ocorrência influencia na ocorrência da metátese, selecionamos os fatores tautossilábico e heterossilábico já mencionados. A hipótese é a de que o processo de metátese seja favorecido pelo contexto tautossilábico, à semelhança do postulado nos estudos de Hora, Telles e Monaretto (2007) e Amariz (2014).

a) Os fatores para essa variável foram:
   - **Tautossilábico:** “É pruque basta acreditá... ” (B64MRP039);
   - **Heterossilábico:** *“*...então na hora que chega o serviço é drobado. ” (A45FRM033).

Com a variável direção do segmento, acreditamos na maior ocorrência de metátese no movimento à esquerda, o que caracteriza o fator metátese regressiva, como postulado em Hora, Telles e Monaretto (2007) e Amariz (2014).

b) Para verificar esse ponto, os fatores escolhidos para análise foram:
   - **Regressiva:** “Ele me p**r**eguntô como é que era...” (M73FAG051);
   - **Progressiva:** “...chegar ali, p**er**curá eles ali, o dono.” (E56MRD1011).

Em relação à posição da sílaba na palavra, a hipótese neste estudo, à semelhança do proposto por Hora, Telles e Monaretto (2007), é a de que a posição inicial favorecerá a ocorrência da metátese.

c) Para essa variável os fatores foram:
   - **Inicial**: “*A* miló coisa é sentá num pé de pau e **pre**guntá a Deus...” (B64MRP039);
   - **Não Inicial:** “...senão ês vai sofrê do**bra**do. ” (S58MRM028).

Quanto ao número de sílabas da palavra, acreditamos que duas sílabas (ou dissílabo) seja o fator favorecedor à aplicação do processo de metátese, como proposto no estudo de Amariz (2014).

d) Para analisar essa variável os fatores foram:
   - **Duas sílabas:** “...**pruque** a fé faiz seu contato com Deus.” (B64MRP039);
   - **Mais de duas sílabas:** “E aí só no ano que vem se deus **primiti**...” (E52MPA099).

No Quadro 5, a seguir, estão descritos os códigos para a variável metátese.

Quadro 5 - Codificação da variável metátese

Grupos de fatores	Descrição dos códigos
Contexto de ocorrência	T – Tautossilábico H - Heterossilábico
Direção do segmento	# - Regressiva @ - Progressiva
Posição da sílaba na palavra	§ - Inicial % - Não inicial
Número de sílabas	2 – Duas sílabas 3 – Mais de duas sílabas

Fonte: Elaborado pela autora.

5.2.1.4 Nasalização espúria

O processo variável da nasalização espúria – ocorrência de nasalização em contextos que não contam com as condições necessárias para a nasalização da vogal, como em *igual ~ ingual* – já era sentido em textos que remontam à constituição da língua portuguesa no Brasil, conforme descrevemos no capítulo 2.

Para a investigação desse processo na comunidade de prática de pescadores de Januária, estabelecemos uma variável dependente constituída de duas variantes:

a) 1 - Presença de nasalização espúria: ingreja, inzame*;*
b) 0 - Ausência de nasalização espúria: igreja, exame.

Conforme registrado na literatura relevante, alguns fatores linguísticos (ou estruturais) atuam no processo de nasalização espúria do [i]. Assim, para estabelecer as variáveis linguísticas independentes, baseamo-nos em estudos anteriores sobre esse processo, conforme descrevemos e discutimos no capítulo 2, com base em Alves, Cavalcante e Pacheco (2007), Coelho (2010), Alves (2014) e Costa (2019). Dessa forma, seis grupos de fatores linguísticos foram controlados na nossa análise.

Como se sabe, uma vogal oral é nasalizada na ausência de segmento sonoro nasal na cadeia sonora do item lexical, para que ocorra uma assimilação. Diante disso, questionamos:

elementos precedentes à vogal que sofre o processo de nasalização espúria podem ser favorecedores da ocorrência desse processo?

a) Essa variável contém os seguintes fatores:
   - **Presença de nasalidade no contexto precedente:** “Tem INGREJA aí...” (S54MPP065);
   - **Ausência de nasalidade no contexto precedente*:*** “... viu os INZEMPLO.” (E65MPA098).

Para essa variável – contexto precedente – a hipótese é a de que o fator presença de nasalidade no contexto precedente favorece a ocorrência da nasalização espúria.

Analisamos, também, que outras vogais que estariam envolvidas no processo variável de nasalização espúria. Detectamos, nas ocorrências de fala registradas da comunidade de prática de pescadores de Januária, somente palavras com as vogas / e / e / i /.

b) Consideramos essas vogais como fatores da variável vogal-alvo.
   - **Vogal / e / ~ [i]:** existe.
   - **Vogal / i / :** igreja.

Para a variável vogal-alvo, a hipótese é a de que o fator linguístico vogal / i / favorece a nasalização espúria, consoante os estudos de Alves, Cavalcante e Pacheco (2007) e Alves (2014).

Essas variáveis independentes foram codificadas conforme exposto no Quadro 6 a seguir.

Quadro 6 - Codificação da variável nasalização espúria

Grupos de fatores	Descrição dos códigos
Contexto precedente	N - Presença de nasalidade no contexto precedente G - Ausência de nasalidade no contexto precedente
Vogal-alvo	3 - Vogal / e / ~ [i] 4 - Vogal / i /

Fonte: Elaborado pela autora.

5.2.2 Posição do pronome possessivo no sintagma nominal definido

Tradicionalmente, conforme Cunha e Cintra (1985), o pronome possessivo precede o substantivo que determina, podendo, contudo, vir posposto em casos em que o substantivo vem desacompanhado de artigo definido; em casos em que o substantivo está determinado por artigo indefinido ou numeral, por demonstrativo ou por pronome indefinido; em perguntas diretas; e para dar ênfase.

No *corpus* deste estudo, estabelecido a partir dos processos verificados na obra de Manoel Ambrósio e, posteriormente coletados por meio das entrevistas realizadas na comunidade de prática de pescadores de Januária, verificamos a ocorrência do possessivo posposto ao SN ainda que este seja definido, como na ocorrência – a folia minha. Entre os estudos citados no capítulo 2, Toledo (1998) e Coelho (2010) também verificaram ocorrências com o pronome possessivo posposto ao substantivo acompanhado de artigo definido no estado de Santa Catarina e no norte de Minas Gerais, respectivamente. Esse processo variável da colocação do pronome possessivo no SN definido, como ocorre em a <u>minha</u> canoa ~ <u>a</u> canoa <u>minha,</u> assim como os processos fonológicos investigados neste estudo, têm registros na constituição do português brasileiro, consoante descrição também feita no capítulo 2. Foram excluídos dessa análise os sintagmas nominais em três situações:

a) com possessivo posposto cujo substantivo estivesse precedido por artigo indefinido ou numeral,
b) por demonstrativo ou por pronome indefinido;
c) o possessivo posposto em perguntas diretas e
d) o possessivo posposto usado para dar ênfase.

Assim, a variação na posição do possessivo no SN será investigada a partir das seguintes variantes:

a) 1 - Possessivo posposto ao SN definido: <u>a f</u>olia <u>minha.</u>
b) 0 - Possessivo anteposto ao SN definido: o <u>meu</u> fogão de lenha.

Essa investigação estabeleceu variáveis linguísticas independentes que podem favorecer ou desfavorecer a posposição do pronome possessivo em sintagmas nominais definidos: pessoa do discurso, número do sintagma nominal, presença/ausência de outro

determinante no sintagma nominal, e animacidade do núcleo do sintagma nominal.

Em relação à pessoa do discurso, diferentemente da Gramática Tradicional (CUNHA; CINTRA, 1985; LIMA, 1994) que aponta serem três as pessoas do discurso – a que fala (1ª pessoa), a com quem se fala (2ª pessoa) e a pessoa ou coisa de que se fala (3ª pessoa) –, adotamos neste estudo a noção de pessoa de discurso proposta por Benveniste (2005), que se baseia em um sistema de oposições, em que a 1ª, 2ª e 3ª pessoas opõem-se por meio da correlação de pessoalidade, considerando que as duas primeiras pessoas – eu-tu – apresentam marca de pessoa, enquanto a 3ª – ele – não apresenta tal marca, caracterizada, por isso, como não pessoa. Ainda, para esse autor, somente eu-tu têm papéis discursivos, ou seja, interagem linguisticamente no discurso; ele (não pessoa) é diferente de eu-tu, tanto no que diz respeito à sua natureza quanto à sua função pronominal.

Ao eleger a variável pessoa do discurso para verificar a influência dessa variável na posposição do pronome possessivo no SN, retomamos a afirmação de Castilho (2010), quando salienta que essa variação na posição do pronome possessivo ocorre com as formas da primeira e da segunda pessoa. No caso da terceira pessoa, o seu mantém esse comportamento, mas a forma dele pospõe-se categoricamente.

a) Para essa variável selecionamos como fatores:
   - **Primeira pessoa:** "...a rudice minha num deu pa atrapiá ocê não." (S54MPP065);
   - **Segunda pessoa:** "Cê pega o pêxe seu..." (A45MRM031).

Nossa hipótese, para essa variável, é que a posposição do pronome possessivo no sintagma nominal seja favorecida pela 1ª pessoa do discurso.

b) Para verificar a influência do número do SN na posposição do pronome possessivo, selecionamos os seguintes fatores:
   - **Singular:** "A canoa nossa tava amarrada lá." (J52MPP0631);
   - **Plural:** "Acho que os presidentes nossos divia vê isso aí." (R30MI0662).

A hipótese que fundamenta essa variável é a de que o processo de posposição do pronome possessivo no SN não seja sensível ao número do sintagma. Observando os dados de Veado (1982), que analisa a concordância nominal na mesma área de abrangência desta pesquisa, verificamos a ocorrência da posposição do possessivo tanto em sintagmas nominais

com marca explícita de plural, quanto em sintagmas sem essa marca. Ao selecionar a variável presença/ausência de outro elemento antecedendo ao nome no SN, procuramos verificar se a presença de outros elementos, além do artigo definido, nas posições que antecedem o nome +possessivo no sintagma nominal, condicionaria a posposição do pronome possessivo. Para Siqueira (2021, p. 30), "As opções de preenchimento no SN possessivizado também são variáveis para o possessivo posposto." Isso porque, segundo os dados de Neves (1993), o SN pode se organizar com um artigo definido antecedendo o nome +possessivo e com mais um elemento antecedendo o nome +possessivo, além do artigo definido.

c) Para essa variável selecionamos os seguintes fatores:
   - **Presença de outro elemento:** "Os próprio colega nosso." (P64MRD102);
   - **Ausência de outro elemento:** "...e o marido meu tamém." (M50FCA078).

A hipótese é a de que a posposição do possessivo no SN seja favorecida pela ausência de outro elemento no sintagma. Nessa linha, Siqueira (2021), postula que formas com mais de um elemento antecedendo nome +possessivo aparecem pouco na língua falada.

A variável animacidade do núcleo do SN foi selecionada para investigar se essa característica interfere no processo de posposição do pronome possessivo. Para Silva (1998, p. 179), "[...] percebe-se não haver diferença entre humanos e animais, ambos [+animado], mas, sim, entre esses dois e objetos [-animado]".

d) Os fatores deste grupo foram:
   - **(+Animado):** "A mulhé minha dá aula." (L50MPP061);
   - **(-animado):** "...Mas lá também tá ruim o lance nosso, nóis parô o lance." (R30MI0662).

A hipótese, que neste ponto levantamos, é a de que a posposição do pronome possessivo é favorecida em sintagmas nominais com referente [+animado].

Depois da descrição das variáveis linguísticas independentes relacionadas à posposição do pronome possessivo no SN, apresentamos, no Quadro 7, a seguir, a síntese da codificação dessas variáveis.

Quadro 7 - Codificação da variável posposição do pronome possessivo no sintagma nominal

Grupos de fatores	Descrição dos códigos
Pessoa do discurso	P 1ª pessoa s 2ª pessoa
Número do sintagma nominal	G Singular H Plural
Presença/ausência de outro determinante no sintagma	i Presença o Ausência
Animacidade do núcleo do sintagma nominal	$ + Animado & - Animado

Fonte: Elaborado pela autora.

5.2.3 Concordância nominal de número

A flexão é um dos mecanismos utilizados no português e indica as características de cada palavra, como o singular e o plural: livro – livros. O traço de número pertence ao SN. Assim sendo, se um SN é marcado como [+plural], todos os elementos que estão na composição desse sintagma devem apresentar essa marca na linguagem padrão culta, como em os meus livros novos.

No entanto, conforme descrevemos no capítulo 2, a concordância nominal de número é tratada nos estudos sociolinguísticos como um fenômeno variável, ou seja, ela, ora se aplica, ora deixa de se aplicar, em decorrência da atuação de determinados grupos de fatores. A descrição desse processo dá conta de que essa variação também foi percebida por Amaral (1982), Melo (1975), Marroquim (1934), Nascentes (1953), em diferentes regiões do Brasil.

Considerando o *corpus* deste estudo, verificamos que, ao lado da concordância nominal de número considerada padrão, sua ausência também vem ocorrendo. Assim, a variável dependente deste estudo é o processo variável de marcação de plural no SN e esse processo admite duas variantes: uma forma padrão, com todos os elementos do sintagma marcados e uma forma não padrão, na qual somente alguns elementos são marcados, conforme podemos verificar nos exemplos, a seguir.

a) Forma padrão: “Os meninos tavam inté falano...” (E52MPA099);
b) Forma não padrão: “As doençaØ vai apareceno.” (J36MPP064).

As variáveis linguísticas para esta análise, categoria gramatical aliada à posição, saliência fônica, marcas precedentes e contexto fonético seguinte, foram selecionadas com base nos estudos sociolinguísticos de Braga e Scherre (1976), Scherre (1988), Scherre e Naro (1998) e em outros estudos que utilizaram mesma fundamentação teórica destes autores: Andrade (2003) e Pinheiro (2012).

5.2.3.1 Posição do elemento aliada à classe gramatical

Em muitos estudos sobre a concordância nominal de número, como o de Pinheiro (2012), por exemplo, posição linear, relação com o núcleo e categoria gramatical são variáveis tomadas como distintas e, posteriormente, os resultados são cruzados a fim de se verificar a relação entre essas variáveis. Segundo Scherre (1988), o cruzamento de tais variáveis evita que fatos importantes sejam encobertos.

A posição linear refere-se às posições dos elementos dispostos em um SN. Naro e Scherre (2007, p. 37) propugnam que “[...] a primeira posição do sintagma nominal favorece variavelmente a presença da marca explícita de plural e as demais desfavorecem-na (sic), também variavelmente”. Para Naro e Scherre (2007), Scherre (1988) e Poplack (1980), a posição linear é uma, se não a mais, importante variável em trabalhos de cunho variacionista.

A relação com o núcleo do SN possibilita a verificação do comportamento dos elementos no sintagma e de cada um deles em relação ao núcleo. Assim, as posições de cada elemento são delimitadas em função do núcleo do sintagma nominal.

A organização das classes gramaticais em uma sentença é determinada pela posição que ocupam: determinantes (artigos/demonstrativos, indefinidos, possessivos, numerais), núcleos (substantivos e categorias substantivadas) e complementos (adjetivos). Mas, o modelo determinante+núcleo+complemento nem sempre é observado, como se percebe na sentença a seguir: “[...] é os grande projeto que tem bêra rio.” (R29MCA076). Nesse caso, o adjetivo grande aparece antes do substantivo projeto, o que mostra que o modelo determinante+núcleo+complemento nem sempre é seguido.

Nesse sentido, Scherre (1988) afirma:

> Não se pode estabelecer um paralelo entre determinante e primeira posição; substantivo e segunda posição, adjetivo e terceira posição. Mesmo nos SNs de três ou mais constituintes, o paralelo assim feito encobre fatos importantes: 1) determinantes na segunda posição são até mais marcados do que na primeira; 2) os substantivos têm mais chances de serem marcados na terceira posição do que na segunda; 3) os adjetivos, inversamente aos substantivos, se apresentam mais marcados na segunda do que na terceira posição. (SCHERRE, 1988, p. 156).

Como podemos deduzir, a depender da posição que ocupam, itens de uma mesma classe podem ter comportamento distinto em relação à concordância.

Nossa opção neste estudo foi transformar as variáveis - posição linear, relação com o núcleo e categoria gramatical – em uma única variável: posição do elemento aliada à classe gramatical. A hipótese para essa variável é a de que os elementos pré-nucleares (possessivos, artigos, demonstrativos, indefinidos), cuja função é de determinante, sofram menos cancelamentos de marcas por ocuparem a primeira posição do sintagma nominal; os elementos nucleares (substantivos, adjetivos e categorias substantivadas), por estarem nas últimas posições do sintagma nominal, sofram mais o cancelamento de marcas formais de plural.

a) Os fatores selecionados para essa variável foram:
   - Presença de marcas de plural em 1ª posição
     - ✓ “Os cabicêra tá seno os primeiro fazeno rôbo, né?” (N54MCA083);
   - Substantivo como núcleo na 2ª posição (esse fator reúne substantivo e categoria substantivada)
     - ✓ “ Esses governo discubriu...” (R29MCA076);
     - ✓ “Os otros que tá estudano ...”(A30FRM018);
   - Adjetivo posposto ao núcleo na 3ª posição
     - ✓ “Inté os menino pequeno tão ino pa Maria da Cruz. ” (G55MAG050);
   - Determinante posposto ao núcleo
     - ✓ “Mais antes os minino nosso ia pa escola...” (JB38MCA075);
   - Adjetivo anteposto ao núcleo
     - ✓ “As grande represa...” (R29MCA076);
   - Substantivo como núcleo na 3ª posição
     - ✓ “...os grande projeto que tem bêra rio.” (R29MCA);

- Determinante anteposto ao núcleo na 2ª posição
  - ✓ “OS meus irmãos aqui ...” **(**JB38MCA075)

5.2.3.2 O princípio da saliência fônica

Segundo Scherre (1988, p. 64), o princípio da saliência fônica “[...] consiste em estabelecer que as formas mais salientes, e por isso mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas do que as menos perceptíveis”. Para avaliar esse princípio, a autora trabalha com a formação de seis plurais, quais sejam: plural duplo, itens terminados em: -l, - ão, -R, -S e o plural regular.

Os resultados de Scherre (1988) indicaram que as formas mais complexas, com maior diferenciação material fônica como em ovo/óvos, leitão/leitões, casal/casais, recebem mais marcas de plural do que as formas com menor diferenciação, como coisa/coisas, carioca/cariocas.

Para avaliar a interferência da variável saliência fônica no *corpus* em estudo, selecionamos os seguintes fatores:

a) **Plural duplo**: São os itens em que há metafonia; abertura do som de uma vogal ô ~ ó:
   - “Muitos novo aí num enfrenta o serviço.” (M73MBA067);
b) **Itens terminados em / l /:** O plural se faz com alteração silábica -l ~ -is:
   - “...e assim pagá os profissional.” (J38MI0664);
c) **Itens terminados em / ão /, com mudança da vogal do ditongo:** O plural se faz com mudança na vogal, -ão ~ -õe ou -ãe:
   - “Muitas informação.. ” (MH57FCO074);
d) **Itens terminados em / r /:** O plural se faz através da inserção de -es:
   - “...vários pescadores mais antigo, né?” (A45MRM031);
e) **Itens terminados em / s /:** O plural se faz de dois modos: com a inserção de -es ou sem modificação alguma, uma vez que o plural fica semanticamente subentendido no fonema [s]:
   - “....muitas vezes as pessoas não creditam... ” (P73MCV018);
   - “...nos ônibus, nas lanchinha do escolar.” (GE15FBA090);

a) **Plural regular**

- O plural, nesses itens, se realiza apenas com a inserção de -s:

"...agora os pêxe diminui bastante." (A45FRM033);

b) **Plural regular em / ão /:** O plural se faz sem mudança na vogal (como se viu em -õe e -ãe):

- "Os dois irmão atravessaro esse rio aqui..." (L30FCA077).

Para essa variável, a hipótese é a de que os elementos com maior saliência fônica na relação singular/plural apresentarão mais marcas formais de plural no SN, do que aqueles com menor saliência fônica, conforme Scherre e Naro (1998).

5.2.3.3 Marcas precedentes dentro do sintagma nominal

A variável marcas precedentes analisa a relação entre a presença ou ausência de marca de plural em cada elemento dentro do sintagma nominal. Ao pesquisar o processo de concordância nominal no espanhol de Porto Rico, Poplack (1980) verificou que a presença de marcas de plural favorece a marcação em elementos do SN, ao passo que a ausência de marca precedente, identificada pelos zeros, conduz a mais zeros subsequentes.

Para a análise dessa variável foram considerados apenas os elementos contidos no SN, ou seja, para cada elemento do SN (nuclear e não nucleares), foi observado o elemento imediatamente antecedente. Para essa análise, tomamos como base o grupo de fatores proposto por Scherre (1988) e os estudos de Pinheiro (2012). A partir desses estudos foram propostos os seguintes fatores:

a) Dois elementos flexionados (em -s) precedentes

- "Fazer as coisas PIORES aí..." G32MI0661;
- "Você só vai achá essas rapaziadaØ NOVAØ..." (D30MRD055).

b) Apenas um elemento flexionado (em -s) precedente

- "Os GOVERNANTEØ num cria assim emprego..." (R29MCA076).

Verificamos se a variável marcas precedentes atua no cancelamento de marca formal de plural, partindo da hipótese de que "zeros levam a zeros e marcas levam a marcas". (SCHERRE, 1988).

5.2.3.4 Contexto fonético seguinte

A variável contexto fonético seguinte analisa o som que sucede cada um dos elementos constituintes de um SN. Scherre (1988) partiu do pressuposto de que essa variável afirmaria o modelo silábico consoante-vogal (CV) do português. Assim, a vogal seguinte favoreceria a retenção das marcas de plural, enquanto a consoante a desfavoreceria.

Para controlar também as marcas de plural nos elementos dos SNs, além da oposição consoante x vogal, Poplack (1980) observa que a pausa contribui mais que as consoantes e vogais para o cancelamento do -s.

a) Para essa variável os fatores foram:
   - **Consoante:** "...Os governantes num cria assim emprego..." (R29MCA076);
   - **Vogal:** "...As autoridades é que num cumpri." (R29MCA076);
   - **Pausa:** "...Os parentes..." (E52MPA099).

Considerando a possibilidade de que o padrão silábico CV do português brasileiro exerça influência no fenômeno da marcação de plural em um SN, a hipótese neste estudo foi a de que a consoante seguinte favoreça o cancelamento e a vogal o desfavoreça. Verificamos, ainda, se, além dessa oposição, a pausa também inibe ou não a presença das marcas de plural.

Depois da descrição das variáveis linguísticas independentes selecionadas para a análise da concordância nominal de número, apresentamos, no Quadro 8, a seguir, a síntese da codificação dessas variáveis.

Quadro 8 - Codificação da variável concordância nominal de número

Grupo de fatores	Descrição dos códigos
Posição	p Presença de marcas de plural em 1ª posição s Substantivo como núcleo na 2ª posição T Adjetivo posposto ao núcleo na 3ª posição % Determinantes pospostos ao núcleo K Adjetivo anteposto ao núcleo & Substantivo com núcleo na 3ª posição $ Determinantes antepostos ao núcleo na 2ª posição
Saliência fônica	a Plural duplo b Itens terminados em / l / c Itens terminados / õe / / aõ / d Itens terminados em / r / e Itens terminados em / s / f Plural regular em / s / g Plural regular em / ão /
Marcas precedentes	Q Dois elementos flexionados (em -s) precedentes z Apenas um elemento flexionados (em -s) precedente
Contexto fonético seguinte	5.Consoante 6 Vogal 7 Pausa

Fonte: Elaborado pela autora.

5.3 As variáveis independentes sociais

Tomando por base o instrumento aplicado, foi possível mapear as variáveis sexo, faixa etária, nível de escolaridade e contato com o meio urbano, conforme descrição a seguir.

5.3.1 A variável sexo

Considerando a comunidade de prática dos pescadores de Januária, o Quadro 9 apresenta o número de informantes distribuídos por sexo.

Quadro 9 - Distribuição dos informantes: sexo

Sexo	Número de informantes
Masculino	40
Feminino	14

Fonte: Elaborado pela autora

A expectativa da sociolinguística variacionista é de que todas as células sejam preenchidas com informantes, conforme Tarallo (2000, p. 29), "[...] de modo a garantir a representatividade da amostra". Assim, para cada uma das células é necessário um mínimo de cinco informantes. No entanto, conforme relatamos na subseção 5.1.1, tivemos dificuldades para encontrar informantes que atendessem à estratificação pensada para este estudo.

Conforme apresentado no Quadro 9, esta pesquisa analisou dados de 54 informantes, sendo 40 informantes do sexo masculino e 14 do feminino, com a intenção de verificar em qual dos dois gêneros os processos em estudo seriam mais recorrentes. Procuramos, ainda, avaliar a perspectiva da literatura sociolinguística, segundo a qual as mulheres utilizariam mais a variante de prestígio e os homens as variantes estigmatizadas.

A seguir, apresentamos a variável faixa etária dessa amostra.

5.3.2 A variável faixa etária

A fala dos indivíduos varia também de acordo com a faixa etária, o que nos leva a concluir que crianças, jovens, adultos e idosos de uma mesma comunidade falam de maneiras diferentes. Na perspectiva de Labov (2001, p. 101), as mudanças que ocorrem nas relações sociais no decorrer da vida são fundamentais para o entendimento das tendências de uso em cada faixa etária, pois elas operam diretamente sobre as escolhas linguísticas.

Para Chambers (1995, p. 158), a formação linguística dos indivíduos pode ser dividida em três períodos: infância – fase de aquisição do vernáculo sob a influência, inicialmente, dos pais e familiares e, posteriormente, dos professores e amigos; adolescência – etapa de aceleração das normas vernáculas para além da geração anterior, sob a influência de seus pares; idade adulta – época de padronização da fala.

O estudo da fala segundo a faixa etária nos permitiu identificar se há uma tendência à mudança no uso durante um processo linguístico que progride ou regride, conforme a idade dos falantes pesquisados. Nesse sentido, a variável faixa etária pode influenciar os fenômenos linguísticos, atuando como um indicador linguístico e social do sistema, mostrando a

ocorrência tanto das formas prestigiadas quanto das estigmatizadas da língua, as quais podem ser encontradas nas demais idades.

Consideramos, conforme Eckert (1997), que a faixa etária é apenas um rótulo que agrupa vários fatores de ordem social e biológica do indivíduo, fazendo com que seja necessário definir quantas e quais as faixas etárias que podem ser controladas e que fornecem pistas significativas para a compreensão real do fenômeno da variação e da mudança linguística. Em geral, nos meios sociais, os falantes mais jovens, quando comparados aos mais velhos, são mais inovadores em relação ao léxico.

A proposta de Labov (1994) é que se trabalhe com duas faixas etárias extremas: a dos mais velhos e a dos mais jovens. Já a proposta de Eckert (1997) é o trabalho com as faixas etárias representando o curso da vida linguística: infância, adolescência, vida adulta e velhice. Neste estudo, optamos por trabalhar a variável faixa etária de maneira semelhante a de Eckert (1997), desconsiderando, no entanto, a faixa etária infância. Conforme o Quadro 10, a seguir, buscamos verificar se as variáveis dependentes estão correlacionadas ao fator faixa etária.

Quadro 10 - Distribuição dos informantes por faixa etária

Faixa etária	Número de informantes
Jovem (12 a 20 anos)	04
Adulto (21 a 54 anos)	28
Idoso (55 anos acima)	22

Fonte: Elaborado pela autora.

A seguir, descrevemos a variável nível de escolaridade.

5.3.3 A variável nível de escolaridade

O nível de escolaridade, segundo Tarallo (2000), permite à sociolinguística estudar as variações linguísticas e sociológicas no contexto em que o informante está inserido, durante a interação e no momento da enunciação. Analisamos, por meio dessa variável, a influência exercida pelo nível de escolaridade sobre a ocorrência dos processos investigados neste estudo.

Na comunidade de prática dos pescadores de Januária, o nível de escolaridade delineia-se conforme o Quadro 11, a seguir.

Quadro 11 - Distribuição dos informantes: nível de escolaridade

Nível de escolaridade	Número de informantes
Nível 1 - Não alfabetizado	13
Nível 2 - 01 a 04 anos	31
Nível 3 - 05 a 08 anos	03
Nível 4 - 09 a 11 anos	07

Fonte: Elaborado pela autora.

Obviamente, inferimos que os processos linguísticos analisados nesta pesquisa são mais recorrentes nos indivíduos com menos anos de escolaridade. Assim, a pouca escolaridade favorece a incidência dos usos da norma não padrão da língua. Corroborando nossa conclusão Labov (2008) aponta que falantes pouco escolarizados optam por construções da linguagem não padrão enquanto que as variantes cultas predominam nos falantes escolarizados. A expectativa é que o falante, ao avançar na escolaridade, utilize cada vez menos formas linguísticas consideradas socialmente "desprestigiadas" (VOTRE, 1994).

Descrevemos, na subseção seguinte, a variável contato com o meio urbano.

5.3.4 A variável contato com o meio urbano

Para avaliar essa variável, incluímos na entrevista semiestruturada feita com os pescadores uma pergunta acerca das viagens feitas por esses sujeitos, sobre a duração do tempo que permaneceram em zona urbana, fora da comunidade de origem. Organizamos, então, as respostas da seguinte forma: para os informantes que já haviam viajado e permaneceram fora da sua comunidade por mais de seis meses, rotulamos com a letra (C) o contato mais longo com pessoas fora da comunidade e, para os que nunca viajaram ou que viajaram, mas permaneceram fora da comunidade por menos de seis meses, usamos a letra (N) indicativa de contato menos longo com o meio urbano.

Quadro 12 - Distribuição dos informantes: contato com o meio urbano

Contato com o meio urbano	Número de informantes
Maior contato	11
Menor contato	43

Fonte: Elaborado pela autora.

Acreditamos que o menor nível de contato dos pescadores com o meio urbano possa favorecer a ocorrência dos processos linguísticos, que analisamos nesta tese. Na perspectiva laboviana, quanto maior a frequência de contato entre os falantes, maior a expansão da mudança (LABOV, 1994). Em contrapartida, a ausência de contato entre falantes de repertórios linguísticos diferenciados inibe a expansão da variação. Esse contato é avaliado em pesquisas que o abordam considerando as redes sociais e as comunidades de prática, visto que se trata da interação entre indivíduos (MILROY, 1987).

A síntese das variáveis sociais adotadas neste estudo está codificada no Quadro 13, a seguir.

Quadro 13 - Codificação das variáveis sociais

Grupos de fatores	Descrição dos códigos
Sexo	M Masculino F Feminino
Faixa etária	J Jovem A Adulto I Idoso
Nível de escolaridade	R 1 a 4 anos B 4 a 8 anos V 9 a 11 anos E Não alfabetizado
Contato com o meio urbano	N Menor contato urbano C Maior contato urbano

Fonte: Elaborado pela autora.

Após a definição e codificação das variáveis independentes – linguísticas e sociais –, os dados coletados na comunidade de prática de pescadores de Januária foram submetidos ao programa estatístico *Goldvarb/*2001 para análise. No capítulo 6, apresentamos as análises, quantitativa e qualitativa, dos dados em estudo.

6 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos e discutimos os resultados da pesquisa sobre os processos fonológicos – rotacismo, metátese, nasalização espúria – e os processos morfossintáticos – posposição do pronome possessivo no sintagma nominal e a concordância nominal de número. Tais processos, conforme informado nos capítulos anteriores, foram selecionados a partir da observação de duas sincronias: o português do século XIX registrado nas narrativas que compõem a obra *Brasil Interior: palestras populares folklore das margens do São Francisco (*1912), do escritor januarense Manoel Ambrósio Alves de Oliveira, e o português contemporâneo, realizado com o suporte teórico da pesquisa sociolinguística, com o viés etnográfico, em uma comunidade de prática de pescadores de Januária.

Além de buscar verificação para a hipótese principal desta tese, analisamos quantitativamente a ocorrência dos processos em estudo na comunidade de prática de pescadores de modo a "[...] descrever os fatores investigados, deixando claro quais deles obtiveram significância e também quais deles deram resultados sem significância" (GUY; ZILES, 2007, p. 215).

Os processos selecionados constituíram-se, então, nas variáveis linguísticas em investigação:

a) o processo variável de alternância entre as consoantes líquidas (laterais e vibrantes) em grupo consonantal e em final de sílaba interna, o que caracteriza o rotacismo. Para analisar essa variável, a submissão dos dados ao programa *GoldVarb/*2001, foi realizada considerando-se como variáveis o rotacismo em grupo consonantal e o rotacismo em final de sílaba interna;
b) o processo variável de reordenamento de / r / dentro de uma mesma palavra, o que caracteriza a metátese;
c) o processo variável de nasalização do [i], caracterizado pela falta de contexto favorecedor à nasalização dessa vogal, denominado nasalização espúria;
d) o processo variável da posposição do pronome possessivo no SN definido;
e) o processo variável da concordância nominal de número em sintagmas nominais.

Essas variáveis linguísticas dependentes e as independentes utilizadas como controle foram descritas no capítulo 5 deste estudo. A partir dos índices percentuais e pesos relativos (PRs), procedemos à análise das variantes e das variáveis – linguísticas e sociais

independentes –, levando em conta a seleção e o controle das variáveis dependentes efetuados no programa *GoldVarb*/2001.

Diante do exposto, e considerando os dados dos cinco processos linguísticos observados, elaboramos a análise e a discussão que se organiza sob os seguintes tópicos:

a) análise das variáveis independentes (linguísticas e/ou sociais) que se revelaram significativas para o condicionamento da regra variável, ou seja, aquelas selecionadas pelo programa para cada um dos processos;
b) análise das variáveis independentes (linguísticas e/ou sociais) que não apresentaram efeito relevante para o condicionamento da regra variável e que foram, portanto, descartadas pelo programa em cada um dos processos analisados.

Os resultados do comportamento dos fatores de cada grupo são apresentados sob a forma de gráficos e tabelas que mostram o número de ocorrências, o valor percentual e os PRs de cada um dos fatores.

6.1 Rotacismo em grupo consonantal

Este fenômeno se caracteriza pela alternância entre as consoantes que ocupam a segunda posição no grupo consonantal, as líquidas [+lateral] / l / e a [- lateral] / r /. Esse processo fonológico pode ser representado pela regra variável, a seguir.

Regra 1:

(l) → < r > / C _____ V

Uma consoante líquida lateral / l / passa a [- lateral], / r /, em *onset* complexo.

Para esse caso, então, foram estabelecidas duas variantes: presença de rotacismo em grupo consonantal (prantava*)* e ausência de rotacismo em grupo consonantal (plantava).

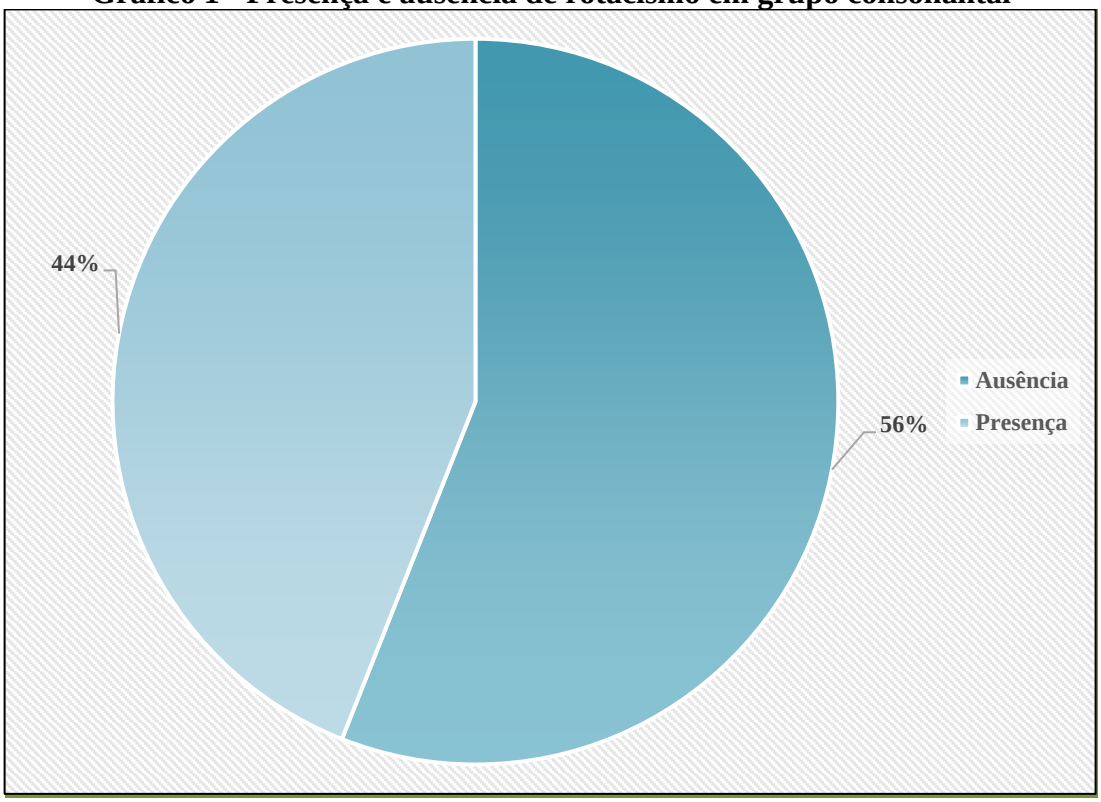
Para essa análise foram examinadas, quantitativamente, cinco variáveis linguísticas independentes com possibilidade para favorecer ou desfavorecer a ocorrência desse processo, a saber: tonicidade da sílaba, posição do grupo consonantal na palavra, contexto precedente: modo de articulação, contexto precedente: ponto de articulação e sonoridade do contexto precedente. Conforme descrição realizada no capítulo 5, a opção por essas variáveis

fundamentou-se nos estudos de Gomes (1987), Costa (2006), Coelho (2010), Romano e Fonseca (2015) e Dias (2019).

Além das variáveis linguísticas independentes, analisamos, ainda, a influência das variáveis sociais – sexo, faixa etária, nível de escolaridade e contato com o meio urbano –, na expectativa de que o rotacismo em grupo consonantal fosse sensível a fatores sociais.

Os dados revelaram uma taxa de 44% de ocorrências de rotacismo e 56% de ausência de rotacismo, como se pode visualizar no Gráfico 1, a seguir.

Gráfico 1 - Presença e ausência de rotacismo em grupo consonantal



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa.

No grupo de fatores faixa etária não detectamos ocorrência alguma de rotacismo entre os jovens (de 12 a 20 anos). Assim, essa variável foi analisada apenas com dois fatores: adulto (21 a 54 anos) e idoso (55 anos e acima).

No grupo de fatores nível de escolaridade, verificamos um *knockout*, que é "[...] um fator que num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente." (GUY; ZILLES, 2007, p. 158). Nesse caso, o *knockout* ocorreu no fator 9 a 11 anos *de* escolaridade, que demonstrou uso categórico do rotacismo. Como o *knockout* impede a realização das análises, a decisão, seguindo as possibilidades do programa, foi amalgamar o fator com *knockout* – 9 a 11 anos – ao fator 5 a

8 anos de escolaridade. Assim, o nível de escolaridade foi analisado com os seguintes fatores: não alfabetizado, 1 a 4 anos e 5 a 11 anos de escolaridade.

Feito esse ajuste, os dados foram novamente recalculados. Os resultados dessa rodada, que mostraram as variáveis com significância e sem significância estatística, seguem descritos e analisados nas próximas subseções.

6.1.1 Variáveis selecionadas pelo programa

O programa selecionou as variáveis linguísticas posição da sílaba do grupo consonantal, sonoridade do contexto precedente, contexto precedente: ponto de articulação e as variáveis sociais nível de escolaridade, faixa etária e sexo como relevantes para a ocorrência do rotacismo em grupo consonantal.

6.1.1.1 Posição da sílaba do grupo consonantal

A posição da sílaba do grupo consonantal foi a primeira variável linguística selecionada pelo programa. Para essa variável a hipótese levantada foi a de que o rotacismo em grupo consonantal seria favorecido em sílabas cuja posição fosse a inicial na palavra, e que seria desfavorecido em posição não inicial. Os resultados para essa variável são apresentados na Tabela 1, a seguir.

Tabela 1 - **Rotacismo em grupo consonantal: posição da sílaba do grupo consonantal**

	N/Total	**%**	**Peso**
Posição não inicial	56/162	34	0,326
Posição inicial	68/114	59	0,737
TOTAL	124/276	44	*Input* 0,437

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa.

Conforme os resultados dessa tabela, o PR 0,737 mostra que a posição inicial é a que favorece a ocorrência do processo fonológico do rotacismo, como em: plantou ~ prantô [pɾɐ̃ˈto], clonar ~ croná [kɾõˈna]**,** o que confirma a hipótese levantada para essa variável. Já a posição não inicial desfavorece a ocorrência desse processo com PR 0,326, como nas seguintes ocorrências: reclamando ~ recramano [hekɾaˈmɐ̃nʊ], complicado ~ compricado

[kũpɾiˈkadʊ], inflação ~ infração [ĩfɾaˈsɐ̃ʊ̃].

Os resultados mostrados na Tabela 1 confirmam a hipótese levantada para esse grupo de fatores: o rotacismo será favorecido em posição inicial e desfavorecido em posição não inicial, à semelhança dos resultados de Tem (2010), cujos PRs foram 0.52 para a posição inicial e 0.46 para posição não inicial. E, também, os resultados de Dias (2019), a saber: posição inicial com PR 0.59 e posição não inicial com PR 0.31.

6.1.1.2 Sonoridade do contexto precedente

A hipótese para a variável sonoridade do contexto precedente é a de que o fator surdo favorece a ocorrência do rotacismo, como nos estudos de Mollica e Paiva (1991) e Tem (2010). Os resultados da análise dessa variável, a segunda selecionada pelo programa, são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2 - Rotacismo em grupo consonantal: sonoridade do contexto precedente

	N/Total	**%**	**Peso**
Sonoro	16/24	66	0,826
Surdo	108/252	42	0,463
TOTAL	124/276	44	*Input* 0,437

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

Contrariando a expectativa deste estudo, o fator sonoro é o que favorece a ocorrência do rotacismo em grupo consonantal, com PR 0,826, como na ocorrência problema ~ pobrema [poˈbɾẽmɐ]. O fator surdo desfavorece a ocorrência com PR 0,463, como em planta ~ pranta [ˈpɾɐ̃tɐ].

6.1.1.3 Contexto precedente: ponto de articulação

A terceira variável linguística selecionada pelo programa, o contexto precedente: ponto de articulação (Tabela 3), apresentou os seguintes resultados.

Tabela 3 - Rotacismo em grupo consonantal - contexto precedente: modo de articulação

	N/Total	%	Peso
Labial	106/242	43	0,466
Velar	18/34	52	0,728
TOTAL	124/276	44	*Input* 0,437

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

Para essa variável verificamos a influência das consoantes labial e velar, ambas [-coronais], na ocorrência do rotacismo em grupo consonantal. Os resultados contrariam a expectativa inicial de que o fator labial favoreceria a ocorrência do rotacismo em grupo consonantal, a exemplo dos resultados de Dias (2019). O fator que favorece a aplicação da regra é o fator velar com PR 0,728, como ocorre em reclamando ~ recramano [hekɾaˈmɐ̃nʊ], clonar ~ croná [kɾõˈna], enquanto a labial desfavorece essa aplicação com PR 0,466, como em: completar ~ compretá [kõpɾɛˈta], implicar ~ impricá [ĩpɾiˈka].

Verificamos, no entanto, que o rotacismo não ocorreu em nomes próprios: Cláudio, Clarice, Montes Claros, Clara. Observamos que, embora o nome próprio, Clara, não sofra o processo de rotacismo, o adjetivo não se comporta da mesma maneira, apresentando a líquida [-lateral] como a segunda consoante do encontro consonantal: "...cê num vai ver ela, que ela tá crara." (C42MRDO72). O rotacismo também não foi verificado nas palavras glória (como uma saudação), Glória (nome próprio) e glicose.

6.1.1.4 Nível de escolaridade

A variável social nível de escolaridade foi a segunda selecionada pelo *GoldVarb/2001*, conforme Tabela 4, a seguir.

Tabela 4 - Rotacismo em grupo consonantal: nível de escolaridade

	N/Total	%	Peso
1 a 4 anos	96/212	45	0,560
Não alfabetizado	22/57	38	0,232
5 a 11 anos	6/7	85	0,919
TOTAL	124/276	44	*Input* 0,437

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa.

Conforme a Tabela 4, o fator que mais favorece a ocorrência do rotacismo em grupo consonantal é o fator 5 a 11 anos de escolaridade, com PR 0,919. O fator 1 a 4 anos favorece ligeiramente a ocorrência desse processo com PR 0,560. O fator não alfabetizado, PR 0,232, desfavorece a ocorrência do rotacismo, resultado que contrariou a hipótese inicialmente levantada para essa variável, ou seja, que a troca da lateral / l / pelo rótico / r / – que caracteriza o rotacismo – ocorreria com mais frequência entre os falantes não alfabetizados.

Considerando que as variáveis sociais não atuam sozinhas no favorecimento, ou no desfavorecimento de um processo, efetuamos o cruzamento[30] (*cross tabulation*) das duas variáveis nível de escolaridade e faixa etária, conforme a Tabela 5 a seguir.

Tabela 5 - Cruzamento nível de escolaridade e faixa etária

Nível de escolaridade	Adulto		Idoso	
	N/total	%	N/total	%
1 a 4 anos	60/154	39	36/58	62
Não alfabetizado	-	-	22/57	39
5 a 11 anos	5/6	83	1/1	100

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa.

Ao efetuar o cruzamento entre nível de escolaridade e faixa etária, vimos que os idosos apresentam proporções maiores de uso de rotacismo em grupo consonantal em todos os níveis de escolaridade: 62% no nível 1 a 4 anos; 39% no nível não alfabetizado; e, 100% no nível 5 a 11 anos de escolaridade. Esse resultado sugere que houve um momento em que as palavras foram aprendidas com o rótico, ou seja, em sua forma rotacizada. Sobre isso, reportamo-nos à afirmação de Gomes (1987):

> O rotacismo é um fenômeno antigo no português e é possível que tenha desaparecido apenas no português padrão. Alguns itens léxicos podem ter permanecido preferencialmente com a vibrante naqueles dialetos sociais e regionais que registram o fenômeno. (GOMES, 1987, p. 87).

Entre os adultos, o rotacismo é verificado nos níveis de escolaridade de 1 a 4 anos e 5 a 11 anos, em que se percebe, também, uma leve tendência à utilização da forma padrão, sem o rotacismo, pelos falantes dessa faixa etária. A hipótese é a de que os mais novos estão introduzindo a forma com as líquidas, num movimento contrário, possivelmente motivado

[30] O cruzamento de variáveis é um recurso apresentado pelo programa estatístico e foi utilizado em outros momentos da análise.

pelo prestígio de que essas formas desfrutam, frente ao forte estigma do rotacismo em grupo consonantal. Nesse caso, a forma ora introduzida seria uma alternativa de prestígio.

6.1.1.5 Faixa etária

A faixa etária (Tabela 6) foi a penúltima variável selecionada pelo programa *GoldVarb*/2001.

Tabela 6 - Rotacismo em grupo consonantal: faixa etária

	N/Total	%	Peso
Adulto	65/160	40	0,375
Idoso	59/116	50	0,669
TOTAL	124/276	44	*Input* 0,437

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa.

Os dados da Tabela 6 mostram que a maior probabilidade de ocorrência do rotacismo, PR 0,669, está entre os idosos. Esse resultado comprova a hipótese desta pesquisa de que a ocorrência desse processo fonológico seria favorecida pelos falantes dessa faixa etária.

O resultado aponta para uma possível extinção do processo na fala da comunidade de prática de pescadores de Januária, haja vista que não foram verificadas ocorrências do processo entre os mais jovens. Além disso, a faixa etária dos adultos desfavorece a ocorrência desse processo com PR 0,375.

6.1.1.6 Sexo

A variável social sexo foi a última selecionada pelo programa, Tabela 7, a seguir.

Tabela 7 - Rotacismo em grupo consonantal: sexo

	N/Total	%	Peso
Masculino	97/235	41	0,469
Feminino	27/41	65	0,670
TOTAL	124/276	44	*Input* 0,437

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa.

Conforme a Tabela 7, o fator feminino favorece a ocorrência do rotacismo com PR 0,670. O fator masculino desfavorece a ocorrência desse processo com PR 0,469. Esses resultados contrariam a hipótese laboviana, também a hipótese deste estudo, de que o rotacismo em grupo consonantal, sendo uma variante estigmatizada, seria mais usado pelos homens, uma vez que mulheres utilizam mais a variante de prestígio.

Para tentar entender esse resultado, efetuamos uma tabulação cruzada entre as variáveis sexo e faixa etária. Os resultados desse cruzamento encontram-se na Tabela 8, a seguir.

Tabela 8 - Cruzamento sexo e faixa etária

Sexo	Adulto		Idoso	
	N/total	%	N/total	%
Masculino	44/131	34	53/104	51
Feminino	21/29	72	6/12	50

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa.

O cruzamento entre as variáveis sexo e faixa etária mostra que não há diferenças percentuais entre homens e mulheres idosos. Mas, entre os adultos, percebemos uma diferença entre homens e mulheres, na qual as mulheres apresentam proporções maiores que as dos homens (72 > 34). O fato de as mulheres da comunidade de prática investigada estarem mais voltadas às tarefas domésticas, mesmo na lida da pesca, favorece a conservação de um linguajar mais próximo à fala rural.

Esse resultado é muito semelhante ao que Albó (1974) encontrou entre os falantes de quéchua em Cochabamba, com os homens favorecendo as formas de prestígio de um determinado sufixo, quando comparados às mulheres. Nesse sentido, assim se expressa o autor:

> Em relação ao sexo, a generalização inicial de que os homens tendem a ter mais conhecimento do espanhol do que as mulheres são válidas em quase todas as comunidades e ocupações. Esse fator só é neutralizado em grupos ocupacionais que requerem alguns estudos prévios. Em tais grupos, ambos os sexos têm a mesma habilidade em espanhol, mas obviamente há mais homens do que mulheres. [...] as correlações nos mostram nuances interessantes.] Definitivamente, a associação entre mulheres é maior nos grupos de camponeses. Também é de se esperar que os homens saibam mais espanhol do que suas esposas, quando os homens têm ocupações que exigem mais contatos com a cidade. (ALBÓ, 1974, p. 72, tradução nossa). [31]

[31] En cuanto al sexo, la generalización inicial de que los hombres suelen tenér mas conocimientos de castellano

6.1.2 Variáveis descartadas pelo programa

As variáveis eliminadas nas melhores rodadas de *step up* e *step down* pelo *GoldVarb*/2001 e que não mostraram significância estatística foram 9, 3 e 1: contato com o meio urbano, contexto precedente: modo de articulação e tonicidade da sílaba.

6.1.2.1 Contato com o meio urbano

A variável social contato com o meio urbano, a primeira descartada pelo programa, apresentou (Tabela 9) os seguintes resultados:

Tabela 9 - Rotacismo em grupo consonantal: contato com o meio urbano

	N/Total	**%**	**Peso**
Menor contato	99/228	43	0,510
Maior contato	25/48	52	0,454
TOTAL	124/276	44	*Input* 0,437

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa.

A Tabela 9 mostra que o rotacismo em grupo consonantal é favorecido pelo menor contato urbano, com PR 0,510, e desfavorecido em situação de maior contato, com PR 0,454, o que confirma a expectativa inicial deste estudo: o menor contato dos pescadores com o meio urbano favorece a ocorrência do processo fonológico em análise. Observamos que, embora essa variável tenha sido descartada pelo programa, seu efeito, ainda que mais fraco, confirma nossa hipótese inicial.

que las mujeres és valida en casi todas las comunidades y ocupaciones. Este factor sólo queda neutralizado en los grupos ocupacionales que requieren algunos estudios previos. En tales grupos ambos sexos tienen igual habilidad en castellano pero obviamente hay mas hombres que mujeres. [...] las correlaciones nos muestram matices interessantes. Definitivamente a associacion entre mujeres es más alta en los grupos campesinos. Es tambien de esperar que los homens sepan más castellano que suas esposas, cuando los varones tienen ocupaciones que requiren más contactos com la ciudad.

6.1.2.2 Contexto precedente: modo de articulação

Esta foi a segunda variável (Tabela 10) descartada pelo programa.

Tabela 10 - Rotacismo em grupo consonantal - contexto precedente: modo de articulação

	N/Total	%	Peso
Oclusiva	123/268	45	0,505
Fricativa	1/8	12	0,331
TOTAL	124/276	44	*Input* 0,437

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa.

A expectativa em relação a essa variável era a de que, entre as consoantes obstruintes que antecedem a líquida no grupo consonantal, a oclusiva seria favorecedora à aplicação da regra de rotacismo. Apesar de o PR 0,505 para o fator consoante oclusiva ser muito próximo do ponto neutro, esse PR favorece, ainda que levemente, a aplicação da regra de rotacismo em grupo consonantal, conforme as ocorrências: complicado ~ cumpricado [kũpɾiˈkadʊ], problema ~ pobrema [poˈbɾẽmɐ]. Nos trabalhos de Gomes (1987), Mollica e Paiva (1991) e Dias (2019), a consoante oclusiva também é a que favorece a aplicação da regra de rotacismo em grupo consonantal.

O fator consoante fricativa, com PR 0,331, desfavorece a aplicação da regra. Como exemplos de consoante fricativa antecedendo a líquida em grupo consonantal o *corpus* desta pesquisa traz as palavras influência ~ infruença [ĩfɾuˈẽsɐ], inflação ~ infração [ĩfɾaˈsɐ̃ʊ̃].

6.1.2.3 Tonicidade da sílaba

Os resultados para a variável tonicidade da sílaba do grupo consonantal, a última variável linguística descartada pelo programa, são apresentados na Tabela 11, a seguir.

Tabela 11 - Rotacismo em grupo consonantal: tonicidade da sílaba

	N/Total	%	Peso
Tônica	44/82	53	0,425
Átona	80/194	41	0,532
TOTAL	124/276	44	*Input* 0,437

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa.

O rotacismo em grupo consonantal é favorecido no contexto de sílaba tônica, conforme plantar ~ prantá [pɾɐ̃ˈta] com PR 0,532, e apresenta desfavorecimento em contexto de sílaba átona, com PR de 0,425 como nas ocorrências explicar ~ expricá [ispɾiˈka]; influência ~ infruença [ĩfɾuˈẽsɐ].

Esse resultado contraria a expectativa de que o grupo consonantal em sílaba átona favoreceria a ocorrência do rotacismo, à semelhança dos resultados de Gomes (1987) e Dias (2019). No entanto, observamos que esses resultados estão muito próximos de 0,50, o que sugere ser irrisória a diferença entre esses.

6.1.3 Considerações sobre o rotacismo em grupo consonantal

As variáveis selecionadas pelo *GoldVarb*/2001 como favorecedoras do rotacismo foram as variáveis linguísticas posição da sílaba do grupo consonantal, sonoridade do contexto precedente, contexto precedente: ponto de articulação e as variáveis sociais nível de escolaridade, faixa etária e sexo.

Sobre essas variáveis, chegamos às seguintes conclusões:

a) o rotacismo é favorecido em silabas cuja posição na palavra é inicial;
b) é favorecido por consoantes sonoras em contexto precedente;
c) é favorecido por consoantes velares como primeira consoante do grupo.

Mesmo com esses fatores favorecedores, verificamos que no *corpus* há muitas palavras com potencial para sofrer o processo de rotacismo, mas que mantêm a líquida [+ lateral] como segunda consoante do encontro consonantal, como em clube, classe, bloco, flor, flecha, plano, plástico.

Considerando a regra fonológica proposta no início desta análise, todo encontro consonantal tendo a líquida lateral em segunda posição poderia sofrer rotacismo. No entanto, não foram registrados encontros consonantais rotacizados formados por consoante alveolar (+ anterior, + coronal). As ocorrências verificadas com essa consoante foram pronunciadas com uma líquida [+ lateral] na segunda posição do encontro consonantal: Atlético (nome de clube de futebol e, também, compleição física de um atleta, se a palavra iniciar com letra minúscula), e Atlética (nome de uma associação, como em: Associação Atlética Banco do Brasil). Uma explicação pode estar no fato de que “no Português, o número de palavras com *tl* é reduzidíssimo.” (GOMES, 1987, p. 34). Também não verificamos ocorrências com o grupo

consonantal -gl, como em glória e glicose.

Os resultados apresentados mostram que no linguajar da comunidade investigada, uma líquida [+ lateral] pode passar, variavelmente, a [- lateral] em encontro consonantal. Considerando-se as situações descritas verificamos, no entanto, que esse processo não afeta todos os itens, ainda que esses satisfaçam as condições requeridas pela regra. Segundo Gomes (1987, p. 78), em situações como essa, é possível que se dê "através de difusão lexical, gradualmente, item por item".

O modelo de difusão lexical, conforme Oliveira (1992, p. 32) "[...] em sua essência, propõe que as mudanças sonoras sejam vistas como sendo lexicalmente graduais e foneticamente abruptas.", opondo-se dessa forma ao modelo neogramático que opera com os seguintes princípios: as mudanças sonoras não têm exceções; as mudanças sonoras são condicionadas apenas por fatores fonéticos; as mudanças sonoras são foneticamente graduais e lexicalmente abruptas. Ainda para o modelo neogramático, "[...] os contra-exemplos são sempre tratados como casos de analogia ou de empréstimo".

Por esse modelo, todas as palavras que contenham um determinado som, num determinado contexto, serão modificadas do mesmo modo e ao mesmo tempo. Com isso, a mudança sonora é vista como regular e afeta todos os itens lexicais da língua, desde que as condições específicas que regem as mudanças sejam satisfeitas.

Opondo-se ao modelo neogramático, o difusionismo lexical defende que as palavras têm suas pronúncias mudadas por meio de avanços discretos, perceptíveis, ou seja, foneticamente abruptos, mas individualmente, através do tempo, ou seja, gradualmente no léxico, consoante Labov (1981). Nessa perspectiva, uma mudança ocorre inicialmente em algumas palavras e propaga-se para outras com estrutura sonora semelhante.

Considerando a possibilidade da difusão lexical, aqui compreendida como a maneira como determinada mudança se implementa, nesse caso pelo léxico, acreditamos que o processo de rotacismo em encontro consonantal na comunidade estudada tenha ocorrido por meio da difusão lexical.

O rotacismo em grupo consonantal na comunidade de prática de pescadores investigada é favorecido pelos idosos e desfavorecido pelos adultos e, considerando que esse processo não foi verificado entre os jovens, é possível que as formas com rotacismo em grupo consonantal tenham sido, por muito tempo, a situação *default*[32] nessa comunidade. No cenário atual, elas estão em concorrência com as formas com a líquida, que desfrutam de maior

[32] Valor ou parâmetro padrão.

prestígio.

Tais constatações parecem apontar para o fato de que, sendo o rotacismo um fenômeno antigo no português, "[...] é possível que tenha desaparecido apenas do português padrão. Alguns itens léxicos podem ter permanecido preferencialmente com a vibrante naqueles dialetos sociais e regionais que registram o fenômeno." (GOMES, 1987, p. 87).

A seguir, apresentamos a análise do rotacismo em final de sílaba interna.

6.2 Rotacismo em final de sílaba interna

Em muitos dialetos brasileiros, a posição final de sílaba interna, quando ocupada por uma consoante líquida lateral, tende a se vocalizar, como no termo 'alto' [ˈawtʊ]. Em outros dialetos, como no linguajar da comunidade de prática de pescadores em estudo, detectamos a ocorrência da alternância entre a lateral / l / e o rótico / r /, como em 'algum' ~ 'argum' *[*aɦˈgũ], 'salgado' ~ 'sargado' [saɦˈgadʊ], exemplos que caracterizam o rotacismo em final de sílaba interna.

No *corpus* em estudo, não foram verificadas ocorrências de rotacismo em final de palavra. Nessa posição, na comunidade de prática de pescadores de Januária, a líquida lateral ou sofre apagamento, 'possível' ~ 'pussívi' [puˈsivɪ], ou é realizada foneticamente como a semivogal [w] 'papel' ~ 'papew' [paˈpɛw]. Diante dessa constatação, o processo de rotacismo foi analisado somente em final de sílaba interna, num total de 294 contextos examinados.

Para representar esse processo fonológico, propomos a regra variável a seguir.

Regra 2:

(l) → < r > / V _____ $C

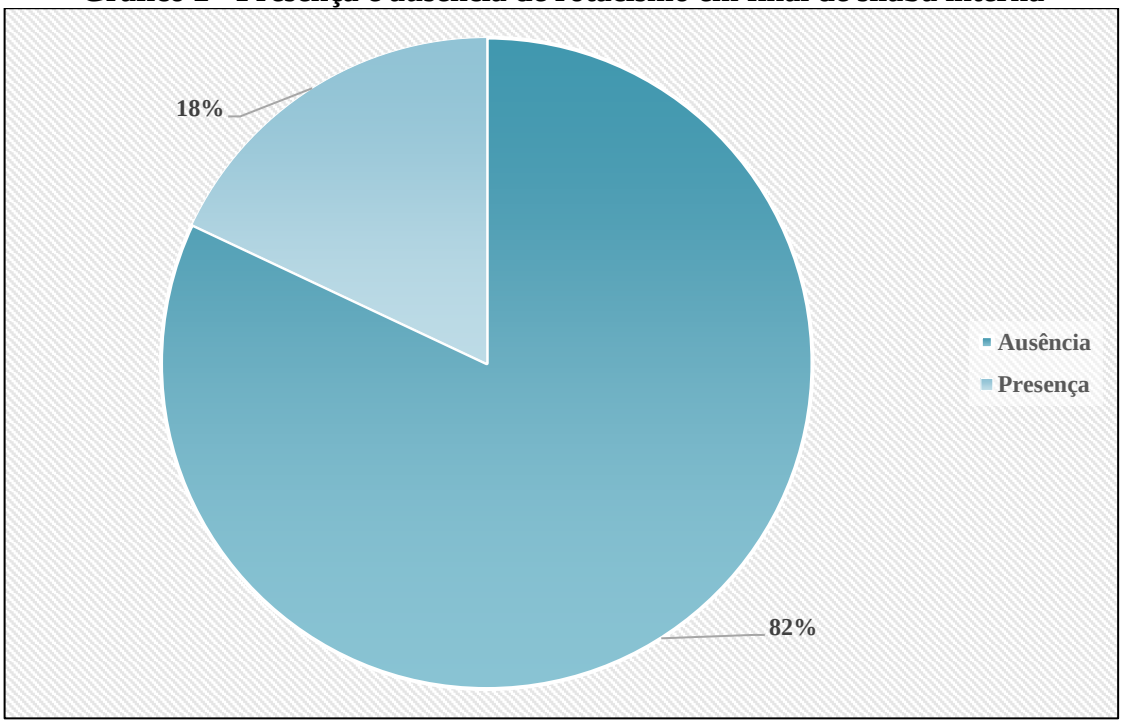
A regra mostra que uma consoante líquida lateral passa a / r / em contexto pós-vocálico em posição final de sílaba interna seguida de consoante. Para verificar a aplicação dessa regra no *corpus* em estudo, foram estabelecidas as seguintes variantes: presença de rotacismo em final de sílaba interna 'arcançava' [ahkɐ̃ˈsavɐ], e ausência de rotacismo em final de sílaba interna, 'alcançava'.

Para avaliar a influência de fatores linguísticos no processo em análise, foram propostas as seguintes variáveis linguísticas independentes: modo de articulação do segmento

seguinte, ponto de articulação do segmento seguinte, sonoridade do segmento seguinte, tonicidade da sílaba, vogal precedente e classe gramatical, além das variáveis sociais: sexo, faixa etária, nível de escolaridade e contato com o meio urbano.

Os dados coletados revelaram uma taxa de 18% de presença de rotacismo em final de sílaba interna, e 82% de ausência de rotacismo, como se pode visualizar no Gráfico 2, a seguir.

Gráfico 2 - Presença e ausência de rotacismo em final de sílaba interna



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa.

No grupo de fatores faixa etária, foi verificado um *knockout* no fator jovem, cujas ocorrências registradas foram todas de ausência de rotacismo em final de sílaba interna. Assim, o fator jovem foi amalgamado ao fator adulto e a variável foi analisada com dois fatores, adulto e idoso.

Um *knockout* também foi detectado no grupo de fatores nível de escolaridade. As ocorrências verificadas para o fator 9 a 11 anos foram categóricas para a ausência de rotacismo em final de sílaba interna. Por esse motivo, este fator foi amalgamado ao fator 5 a 8 anos e a variável foi analisada em três níveis de escolaridade: não alfabetizado, 1 a 4 anos e 5 a 11 anos de escolaridade.

Realizados esses ajustes, os dados foram submetidos ao programa para análise.

6.2.1 Variáveis selecionadas pelo programa

As variáveis sociais e linguísticas faixa etária, ponto de articulação do segmento seguinte, classe gramatical, vogal precedente, contato com o meio urbano e sexo foram selecionadas pelo programa como relevantes para a ocorrência do rotacismo em final de sílaba interna.

6.2.1.1 Faixa etária

A variável social faixa etária foi a primeira selecionada pelo programa e apresentou os seguintes resultados, conforme Tabela 12, a seguir:

Tabela 12 - Rotacismo em final de sílaba interna: faixa etária

	N/Total	**%**	**Peso**
Adulto	12/145	8	0,236
Idoso	43/149	28	0,759
TOTAL	55/294	18	Input 0,105

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa.

Esses resultados mostram que o rotacismo em final de sílaba interna é favorecido pelos sujeitos idosos com PR 0,759 e desfavorecido pelos adultos com PR 0,236, o que comprova a hipótese levantada para essa variável: que o rotacismo em grupo consonantal é favorecido pelos falantes idosos.

Para refinar essa análise, efetuamos o cruzamento das duas variáveis faixa etária e nível de escolaridade, conforme a Tabela 13 a seguir.

Tabela 13 - Cruzamento nível de escolaridade e faixa etária

Nível de escolaridade	**Adulto**		**Idoso**	
	N/total	**%**	**N/total**	**%**
1 a 4 anos de escolaridade	11/128	9	12/34	35
Não alfabetizado	-	-	31/107	29
5 a 11 anos de escolaridade	1/17	6	-	-

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

Esse cruzamento mostra que os idosos apresentam proporções maiores de rotacismo em final de sílaba interna nos níveis de escolaridade mais baixos, a saber, 1 a 4 anos (35%) e o não alfabetizado (29%).

Entre os adultos, esse processo ocorre no nível 1 a 4 anos (9%) e no nível 5 a 11 anos (6%), o que significa que a aplicação da regra diminui, à medida que a escolaridade aumenta.

6.2.1.2 Ponto de articulação do segmento seguinte

A variável ponto de articulação do segmento seguinte foi a segunda selecionada pelo programa, sendo ela a primeira entre as variáveis linguísticas. (Tabela 14)

Tabela 14 - Rotacismo em final de sílaba interna: ponto de articulação do segmento seguinte

	N/Total	%	Peso
Velar	22/70	31	0,959
Alveolar	26/204	12	0,248
Labial	7/20	35	0, 553
TOTAL	55/294	18	Input 0,105

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa.

Os resultados da Tabela 14 mostram que o fator velar [- anterior, - coronal], como nas ocorrências de ‘algum’ ~ ‘ar̲gum’ [aɦˈgũ], ‘qualquer’ ~ ‘quar̲qué’ [kʷahˈkɛ], é o que favorece a presença do rotacismo em final de sílaba interna, com PR 0,959. Esse resultado comprova a hipótese levantada para essa variável: de que o fator velar favoreceria a ocorrência do rotacismo em final de sílaba interna.

O fator labial [+ anterior, - coronal] também favorece, ainda que de maneira menos expressiva, a ocorrência de rotacismo, com PR 0,553. Para esse fator há ocorrências como em ‘alma’ ~ ‘ar̲ma’ [ˈaɦmɐ], ‘filmada’ ~ ‘fir̲mada’ [fiɦˈmadɐ]. O fator alveolar [+ anterior, + coronal], com PR 0,248 desfavorece o rotacismo como em ‘altura’ ~ ‘ar̲tura’ [ahˈtuɾɐ] e ‘falta’ ~ ‘far̲ta’ [ˈfahtɐ].

6.2.1.3 Classe gramatical

Alguns estudos sobre o rotacismo em final de sílaba interna consideram a variável classe gramatical irrelevante para a observação desse processo (GIORDANI, 2005). No entanto, nesta pesquisa, selecionamos essa variável como relevante. (Tabela 15).

Tabela 15 - Rotacismo em final de sílaba interna: classe gramatical

	N/Total	%	Peso
Pronome	11/48	22	0,178
Verbo	26/187	13	0,489
Adjetivo	5/10	50	0,898
Substantivo	13/49	26	0,773
TOTAL	55/294	18	Input 0,105

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa.

Os resultados confirmam parcialmente a hipótese levantada para essa variável, isto é, a de que a regra de rotacismo em final de sílaba interna seria favorecida por substantivos e verbos. Os resultados mostram que o rotacismo em final de sílaba interna é favorecido pelo adjetivo com PR 0,898 em ocorrências como em ‘salgado’ ~ ‘sa<u>r</u>gado’ [saɦˈgadʊ]; ‘alto’ ~ a<u>r</u>to [ˈahtʊ]; e pelo substantivo, com PR 0,773, em ocorrência como ‘falta’ ~ fa<u>r</u>ta [ˈfahtɐ]. Os fatores verbo e pronome indefinido desfavorecem a aplicação da regra com PR 0.489 ‘alcançar’ ~ ‘a<u>r</u>cançá’ [ahkɐ̃ˈsa] e PR 0,178 ‘algum’ ~ ‘a<u>r</u>gum’ [aɦˈgũ], respectivamente. Esses resultados demonstram, então, que a classe dos nominais (substantivos e adjetivos) é que favorece a ocorrência do rotacismo em final de sílaba interna.

6.2.1.4 Vogal precedente

A variável linguística vogal precedente foi a quarta selecionada pelo programa e apresentou os resultados descritos na Tabela 16.

Tabela 16 - Rotacismo em final de sílaba interna: vogal precedente

	N/Total	%	Peso
+ Baixo	30/127	23	0,259
- Alto	23/163	14	0,689
+ Alto	2/4	50	0,720
TOTAL	55/294	18	Input 0,105

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa.

A hipótese levantada para essa variável apontava que a vogal [-alto] é que favoreceria a aplicação da regra, mas os resultados mostraram que a vogal [+alto] é a que mais favorece a ocorrência do rotacismo em final de sílaba interna, com PR 0,720, conforme as ocorrências: filmada ~ firmada [fiɦˈmadɐ] e filme ~ firme [fiɦˈmɪ] .A vogal [-alto] é o segundo fator que mais favorece a ocorrência do rotacismo, com PR 0,689 como em bolso ~ borso [ˈbohsʊ], solteiro ~ sortero [sohˈterʊ]. A vogal [+baixo] desfavorece a ocorrência do rotacismo, com PR 0,259 como em: almoço ~ armoço [aɦˈmosʊ] e alcançar ~ arcançá [ahkɐ̃ˈsa].

6.2.1.5 Contato com o meio urbano

A variável social contato com o meio urbano foi a quinta variável selecionada pelo programa, Tabela 17, a seguir.

Tabela 17 - Rotacismo em final de sílaba interna: contato com o meio urbano

	N/Total	%	Peso
Menor contato	46/251	18	0,452
Maior contato	9/43	20	0,754
TOTAL	55/294	18	Input 0,105

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa.

Os resultados apresentados na Tabela 17 refutam a hipótese levantada para essa variável. A expectativa era a de que o menor contato urbano favoreceria a ocorrência do rotacismo, mas os pesos relativos mostram que essa aplicação é favorecida pelo fator maior contato, com PR 0,754, e desfavorecida pelo fator menor contato com PR 0,452.

Para compreender o resultado da variável contato com o meio urbano, que se comprovou contrário à hipótese levantada, efetuamos o cruzamento das variáveis contato com o meio urbano e sexo, conforme a Tabela 18 a seguir.

Tabela 18 - Cruzamento contato com o meio urbano e sexo

Contato com o meio urbano	Masculino		Feminino	
	N/total	%	N/total	%
Menor contato	46/221	21	-	-
Maior contato	8/40	20	1/3	33

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa.

Esse cruzamento mostrou que, entre os falantes com menor contato urbano, são os homens que favorecem a ocorrência do rotacismo em final de sílaba interna, visto que não foram registradas ocorrências dessa variável entre as mulheres com menor contato urbano (21 > 0). Entre os falantes com maior contato urbano, o percentual de ocorrências é maior entre as mulheres (33 > 20).

Esses resultados apontam para o fato de que, na comunidade de prática de pescadores de Januária, o rotacismo em final de sílaba interna ocorre tanto entre os homens com menor contato urbano quanto entre aqueles com maior contato, o que corrobora os resultados da variável sexo, conforme a análise a seguir, que aponta o homem como favorecedor da ocorrência do rotacismo.

6.2.1.6 Sexo

A variável social sexo (Tabela 19) foi a última selecionada pelo programa. A hipótese levantada nesta pesquisa era a de que o rotacismo em final de sílaba interna ocorria com mais frequência entre os falantes homens.

Tabela 19 - Rotacismo em final de sílaba interna: sexo

	N/Total	%	Peso
Masculino	54/261	20	0,552
Feminino	1/33	3	0,160
TOTAL	55/294	18	Input 0,105

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa.

E essa hipótese foi confirmada, conforme os dados da Tabela 19: a presença do rotacismo é favorecida pelos homens, com PR 0,552, e desfavorecida pelas mulheres, com PR 0,160. Esse resultado aponta para um fato já observado em outros estudos sociolinguísticos: as mulheres tendem a liderar os processos de mudança linguística que envolvem variantes prestigiadas, mas assumem uma atitude conservadora quando as variantes são socialmente desprestigiadas (PAIVA, 2007, p. 36).

6.2.2 Variáveis descartadas pelo programa

As variáveis linguísticas independentes tonicidade da sílaba, sonoridade do segmento seguinte, modo de articulação do segmento seguinte e a variável independente social nível de escolaridade não mostraram significância estatística, tendo sido, portanto, descartadas pelo programa.

6.2.2.1 Tonicidade da sílaba

A tonicidade da sílaba, primeira variável linguística descartada pelo programa, apresentou os resultados explicitados na Tabela 20 a seguir.

Tabela 20 - Rotacismo em final de sílaba interna: tonicidade da sílaba

	N/Total	**%**	**Peso**
Tônica	14/76	18	0,537
Átona	41/218	18	0,487
TOTAL	55/294	18	Input 0,099

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa.

Esse resultado confirma a hipótese inicial deste estudo de que a presença do rotacismo em final de sílaba interna seria favorecida em sílaba tônica (PR 0,537), como nas ocorrências ‘salga’ ~ sarga [ˈsaɲgɐ] , ‘volta’ ~ ‘vorta’ [ˈvohtɐ]. O contexto de sílaba átona desfavorece fracamente a presença do rotacismo, com PR 0,487, como em ‘algum’ ~ ‘argum’ [aɲˈgũ] e ‘soltava’ ~ ‘sortava’ [sohˈtavɐ].

6.2.2.2 Sonoridade do segmento seguinte

Os resultados para a segunda variável linguística descartada pelo programa são apresentados na Tabela 21 a seguir.

Tabela 21 - Rotacismo em final de sílaba interna: sonoridade do segmento seguinte

	N/Total	%	Peso
Sonoro	18/65	27	0,370
Surdo	37/229	16	0,538
TOTAL	55/294	18	Input 0,099

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa.

O fator surdo favorece ligeiramente a presença do rotacismo em final de sílaba interna, com PR 0,538, conforme o inicialmente previsto neste estudo, em casos como: 'solteiro' ~ 'sortero' [soh'teɾʊ] e 'qualquer' ~ 'quarqué [kʷah'kɛ]. Já o fator sonoro desfavorece a aplicação da regra, com PR 0,370, como ocorre em 'salgado' ~ 'sargado' [saɦ'gadʊ] e 'almoço' ~ 'armoço' [aɦ'mosʊ].

6.2.2.3 Modo de articulação do segmento.

Os resultados da variável modo de articulação do segmento seguinte, terceira variável linguística descartada pelo programa, são expostos na Tabela 22, a seguir.

Tabela 22 - Rotacismo em final de sílaba interna: modo de articulação do segmento seguinte

	N/Total	%	Peso
Oclusiva	44/264	16	0,471
Nasal	7/20	35	0,678
Fricativa	4/10	40	0,822
TOTAL	55/294	18	Input 0,099

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa.

A expectativa inicial deste estudo era de que o rotacismo em final de sílaba interna seria favorecido pelo fator oclusivo, a exemplo do postulado no estudo de Giordani (2005).

No entanto, o rotacismo em final de sílaba é favorecido pelo fator fricativo, com PR 0,822, como em balsa ~ barsa [ˈbahsɐ] e o fator nasal, com PR 0,678, como em alma ~ arma [ˈaɦmɐ]. O fator oclusivo desfavorece a presença do rotacismo, com PR 0,471, como ocorre em altura ~ artura [ahˈtuɾɐ].

6.2.2.4 Nível de escolaridade.

O nível de escolaridade (Tabela 23) foi a única variável social descartada pelo programa. A expectativa em relação a essa variável era a de que os sujeitos com menos anos de escolaridade favoreceriam a presença do rotacismo em final de sílaba interna.

Tabela 23 - Rotacismo em final de sílaba interna: nível de escolaridade

	N/Total	%	Peso
1 a 4 anos	23/162	14	0,568
Não alfabetizado	31/107	28	0,511
5 a 11 anos	1/25	4	0,125
TOTAL	55/294	18	Input 0,099

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa.

Os resultados confirmam o previsto, embora mostrem que o nível de escolaridade entre 1 a 4 anos é o que mais favorece a presença do rotacismo, com PR 0,568, seguido do nível não alfabetizado, cujo PR é de 0,511. O resultado para o nível de escolaridade 5 a 11 anos desfavorece a presença do rotacismo, com PR 0,125. Assim, como apontam os estudos de Collischonn e Quednau (2009), Reis (2010) e Plaza (2019), o rotacismo em final de sílaba interna na comunidade de prática de pescadores de Januária ocorre com mais frequência entre os falantes menos escolarizados.

6.2.3 Considerações sobre o rotacismo em final de sílaba interna

A análise do rotacismo em final de sílaba interna apontou as variáveis linguísticas ponto de articulação do segmento seguinte, classe gramatical, vogal precedente como relevantes para a ocorrência do rotacismo em final de sílaba interna.

Para a variável ponto de articulação do segmento seguinte, o fator velar e o fator labial favorecem a ocorrência do rotacismo em final de sílaba interna; para a variável classe gramatical, a classe dos nominais favorece a ocorrência do rotacismo em final de sílaba interna; e, para a variável vogal precedente, o fator vogal + alto e todas as vogais – baixas favorecem a ocorrência do processo.

Por esses resultados, percebemos que na comunidade de prática de pescadores de Januária, uma consoante lateral pode passar, variavelmente, a um rótico em final de sílaba interna. Entretanto, tal processo não afeta todos os itens na mesma condição dentro do *corpus*, mesmo aqueles cujas características foram selecionadas como favorecedoras do processo, como na palavra folgado.

Observamos, também, que a regra em questão - uma consoante líquida lateral passa a / r / em contexto pós-vocálico em posição final de sílaba interna seguida de consoante - poderia ser aplicada nos itens lexicais a[l]ga, fo[l]ga, ca[l]do, a[l]face, a[l]fabeto, á[l]cool, ca[l]ma, a[l]ternativa, mas, isso não ocorre. Ainda, detectamos termos que sofreram o processo, estando no diminutivo, como o item arvinha*;* mas, o mesmo não se verificou com a palavra alva.

Tais fatos nos levam a considerar que o rotacismo em final de sílaba interna, na comunidade de prática de pescadores de Januária, também esteja ocorrendo por difusão lexical.

6.3 Metátese

O reordenamento linear de segmentos é o que caracteriza a metátese. processo que consiste na troca de dois segmentos dentro da mesma palavra, o que pode se dar na mesma sílaba (metátese tautossilábica) ou entre sílabas distintas (metátese heterossilábica). Esse processo pode permutar tanto segmentos consonantais que constituem ataques silábicos simples, como o segundo elemento de um ataque complexo ou coda silábica.

No processo de metátese, a consoante líquida é a mais atingida, tendo em vista que pode ocupar, no sistema da língua portuguesa, a posição de coda ou de segundo elemento de ataque complexo. Tais posições caracterizam-se como posições marcadas, o que lhes confere uma maior probabilidade de variação.

A restrição fonotática para a ocorrência da metátese, seja tautossilábica seja heterossilábica, é a produção de sequências mal formadas na língua como em “la**r**va < *l**r**ava; morte < *m**r**ote; e sobra < *sroba, rubro < *rrubo, lastro < *lrasto, sofrer < *srofer.” (HORA; TELLES, 2019, p. 177).

Conforme Schane (1973), a metátese é um processo que não pode ser formalizado pela notação padrão, mas, sim por uma regra transformacional, conforme apresentamos, a seguir.

Regra 3:

+ soante
- nasal

C V C - lateral V C V → 1 4 2 3 5 6 7
1 2 3 4 5 6 7

Exemplo: ‘d o b **r** a d o’ → ‘d **r** o b a d o’ [dɾoˈbadʊ]
1 2 3 4 5 6 7 1 4 2 3 5 6 7

A regra em questão mostra o processo de metátese heterossilábica, com a transposição de segmentos acontecendo de uma sílaba para outra.

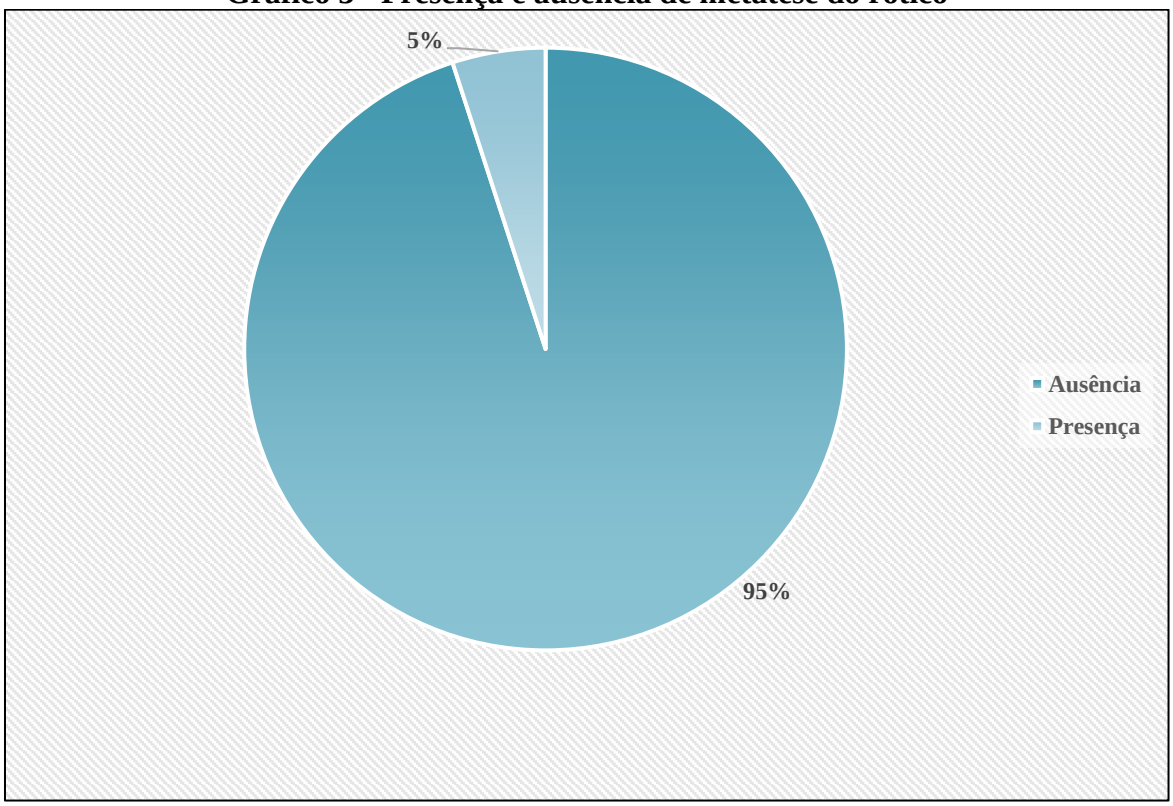
Neste estudo, conforme descrevemos no capítulo 5, analisamos somente a metátese perceptual que envolve o rótico [+ soante, - nasal, – lateral], como ocorre em ‘p**r**ocurar’ ~ ‘pe**r**curar’ [pehkuˈɾa]. Identificamos no *corpus* uma única ocorrência de metátese com a sibilante alveolar / s / em ‘satisfeito’ ‘sa̲stifeito’ [sasʧiˈfeɪtʊ]. Por se tratar de ocorrência categórica, limitamo-nos a registrar o fato, sem considerá-lo na análise estatística.

Para a análise dessa variável foram estabelecidas as variantes: presença de metátese – ‘pre̲guntá’ - [pɾegũ'ta] e ausência de metátese – ‘pe̲rguntar’.

Para a análise da metátese foram examinados quantitativamente quatro grupos de fatores linguísticos com possibilidade para favorecer ou desfavorecer a ocorrência desse processo: contexto de ocorrência da metátese, a direção do segmento, a posição da sílaba na palavra e a extensão da palavra. Embora não tenhamos identificado trabalhos que priorizassem a metátese numa análise variacionista, fundamentamos a proposta das variáveis nos estudos descritos no capítulo 2, a saber: Almeida (2004), Amariz (2014), Coelho (2010), Hora, Telles e Monaretto (2007), Hora e Telles (2019).

Além das variáveis linguísticas, analisamos ainda a influência dos grupos de fatores sexo, faixa etária, nível de escolaridade e contato com o meio urbano, na expectativa de que a metátese pudesse ser influenciada por fatores sociais. Os dados revelaram uma taxa de 5% de ocorrência de metátese e 95% de ausência desse processo, conforme o Gráfico 3 a seguir.

Gráfico 3 - Presença e ausência de metátese do rótico



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa.

No grupo de fatores faixa etária ocorreu *knockout* no fator jovem (12 a 20 anos), com a realização categórica de palavras não metatizadas. Como o *knockout* impede a realização das análises, a decisão, seguindo as possibilidades do programa, foi amalgamar o fator jovem ao fator adulto. Assim, a variável foi analisada com dois fatores: adulto e idoso.

No grupo de fatores nível de escolaridade, verificamos *knockout* no fator 5 a 8 anos e no fator 9 a 11 anos de escolaridade. Os dois fatores demonstraram uso categórico de palavras não metatizadas. Para evitar o *knockout*, a decisão foi não considerar esses fatores na análise estatística. Assim, o nível de escolaridade foi analisado somente com dois níveis de escolaridade: não alfabetizado e 1 a 4 anos de escolaridade.

Eliminados os *knockout*, os dados foram novamente submetidos ao *GoldVarb*/2001. Os resultados dessa rodada, que mostraram as variáveis com significância e sem significância estatística, seguem descritos e analisados nas próximas subseções.

6.3.1 Variáveis selecionadas pelo programa

Dentre as variáveis linguísticas e sociais relacionadas para a análise da metátese, o programa selecionou somente as variáveis extensão da palavra, nível de escolaridade e

direção do segmento, como tendo significância estatística para a ocorrência da metátese.

6.3.1.1 Extensão da palavra

Para essa variável, o programa apresentou os resultados descritos na Tabela 24, a seguir.

Tabela 24 - Metátese: extensão da palavra

	N/Total	%	Peso
Duas sílabas	10/332	3	0,445
Mais de duas sílabas	9/21	42	0,971
TOTAL	19/353	5	*Input* 0,038

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

Como é possível verificar na Tabela 24, o fator mais de duas sílabas foi o que se mostrou favorecedor à aplicação do processo de metátese, com PR de 0,971. Já o fator duas sílabas não se mostrou favorável à realização de metátese, haja vista o PR de 0,445. Os resultados quanto à variável extensão da palavra revelam que, quanto mais longo o item, maior a chance de ocorrência da metátese.

Esse resultado não se assemelha aos resultados de Amariz (2014), porquanto, neste estudo, o favorecedor foi o fator duas sílabas, com PR 0,740, enquanto o fator mais de duas sílabas desfavoreceu a ocorrência da metátese com PR 0,280.

Ocorrências de metátese em palavras com mais de duas sílabas podem ser observadas, respectivamente, em: "...aí eles priguntaru...o sinhô num toma uma cachacinha não?" (B102MP056). "E, então na hora que chega o serviço é drobado" **(**A45FRM033).

6.3.1.2 Nível de escolaridade

A variável nível de escolaridade (Tabela 25), a segunda e única variável social selecionada pelo programa, foi analisada na expectativa de que a metátese seria favorecida pelos falantes não alfabetizados.

Tabela 25 - Metátese: nível de escolaridade

	N/Total	%	Peso
Não alfabetizado	10/110	9	0,662
1 a 4 anos	9/211	4	0,436
TOTAL	19/321	5	*Input* 0,038

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

Por esses resultados da Tabela 25, o fator não alfabetizado, com PR 0,662 é o que favorece a ocorrência da metátese. O fator 1 a 4 anos de escolaridade desfavorece o processo com PR 0,436.

No estudo de Coelho (2010, p. 232), não foram registrados contextos favorecedores, uma vez que "[...] os adultos e idosos e a maioria dos jovens não tiveram educação formal; homens e mulheres dividem os afazeres na lavoura e todos vivem nas mesmas condições sociais e econômicas".

Sobre a variável nível de escolaridade, Hora, Telles e Monaretto (2007) afirmam:

> No PB, parece que o processo de transposição de sons está relacionado à escolaridade, principalmente, pois sua realização ocorre preferencialmente em informantes com poucos anos de escolarização. Dados de fala do Sul do País, obtidos no banco de dados do Projeto Variação Lingüística Urbana no Sul do País, VARSUL (1989), revelam que a metátese ocorre em poucos casos. Por outro lado, dados dos *corpora* provenientes do Nordeste evidenciam a ocorrência mais larga desse fenômeno. (HORA; TELLES; MONARETTO, 2007, p. 187).

Ainda, para esses autores, tanto nos dados do Nordeste quanto nos dados do Sul do Brasil "[...] seqüências (sic) com / p / são as preferidas (pretender, preciso, perguntar, prateleira, pedestre etc.), e os deslocamentos em estruturas Consoante, Consoante, Vogal (CCV), para Consoante, Vogal, Consoante (CVC) parecem sofrer algum estigma social." (HORA; TELLES; MONARETTO, 2007, p. 187).

6.3.1.3 Direção do segmento

Para a variável direção do segmento, a hipótese inicial desta pesquisa era a de que haveria maior ocorrência de metátese no movimento à esquerda, ou seja, metátese regressiva. Vejamos o que apontam os dados na Tabela 26, a seguir.

Tabela 26 - Metátese: direção do segmento

	N/Total	%	Peso
Regressiva	18/348	5	0,508
Progressiva	1/5	20	0,108
TOTAL	19/353	5	*Input* 0,038

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

A direção do segmento que favorece a ocorrência da metátese nesta pesquisa é a regressiva, com PR 0,508. Por outro lado, como o número de dados para a Metátese Progressiva é pequeno, não podemos fazer nenhuma afirmação importante e segura com base nos resultados numéricos da Tabela 26, muito embora os resultados de Hora, Telles e Monaretto (2007) para os dados da diacronia e os de Amariz (2014) para os dados de aquisição, também tivessem verificado a preferência do movimento à esquerda, no processo de metátese.

Na direção regressiva, o rótico em metátese perceptual tautossilábica, migra da posição de coda (CVr) para a de *onset* complexo (CrV) como nas ocorrências ‘permitir’ ~ ‘primití’ [pɾimiˈʧi], ‘perguntar’ ~ ‘preguntá’ [pɾegũˈta], com deslocamento à esquerda.

Nessa direção, Coelho (2010), ao descrever o dialeto gurutubano, afirma:

> O /r/ pode trocar sua posição dentro da sílaba ou dentro da palavra, como nos seguintes exemplos: “brabêru-barbeiro”, “Cilira-Cirila”, “incrontarum-incontraram”, [...] “maleradu-amarelado”, “passalera-passarela”, “procu-porco”, “preguntá-prigunta-perguntar”, “prevesu-perverso”, “vregonha-vergonha”. (COELHO, 2010, p. 272).

Almeida (2004, p. 160, grifos no autor), ao descrever as consoantes do Português falado no Vale do Cuiabá, destaca entre os fenômenos gerais, como uma das ocorrências mais relevantes, a “Transposição de fonemas, ou Metátese: [tRemi)»na] [como ocorre em] *treminá,* no lugar de *terminar*.”

6.3.2 Variáveis descartadas pelo programa

Contexto de ocorrência, sexo, contato com o meio urbano, posição da sílaba na palavra e faixa etária foram as variáveis linguísticas e sociais descartadas pelo programa. Embora essas variáveis não se mostrassem significativas para o processo de metátese, e por isto foram descartadas, nossa opção, neste estudo, é apresentar todos os resultados.

6.3.2.1 Contexto de ocorrência

Contexto de ocorrência foi a primeira variável linguística descartada pelo programa. Observemos os resultados na Tabela 27, a seguir:

Tabela 27 - Metátese: contexto de ocorrência

	N/Total	%	Peso
Tautossilábico	18/351	5	0,497
Heterossilábico	1/2	50	0,864
TOTAL	19/353	5	*Input* 0,031

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

Essa variável apresentou os seguintes resultados: PR 0,497 para o fator tautossilábico (dentro da mesma sílaba), conforme vimos em 'permitir' ~ 'primití' [pɾimiˈʧi]; e PR 0,864 para o fator heterossilábico (entre as sílabas da palavra) como em 'dobrado' ~ 'drobado' [dɾoˈbadʊ]. Contudo, esses resultados estão comprometidos, uma vez que o fator heterossilábico conta com apenas dois dados, o que pode distorcer os cálculos.

6.3.2.2 Sexo

Os resultados para a variável social sexo estão apresentados na Tabela 28, a seguir.

Tabela 28 - Metátese: sexo

	N/Total	%	Peso
Masculino	15/295	5	0,505
Feminino	4/58	6	0,465
TOTAL	19/353	5	*Input* 0,031

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

Os dados indicam que o fator masculino, com PR 0,505, é minimamente favorecedor da realização da metátese. Ainda que minimamente, os homens realizam mais a metátese que as mulheres, o que corrobora a teoria laboviana que postula que a mulher tende a usar mais a variante padrão. O fator feminino, nesse processo, desfavorece ligeiramente a ocorrência da metátese.

Nesse sentido, os estudos de Coelho (2010, p. 232), também no norte de Minas Gerais, revelam que "[...] não foram registradas diferenças na fala de homens e mulheres, visto que os dois usam o português de maneira semelhante [...]".

6.3.2.3 Contato com o meio urbano

A primeira variável social descartada pelo programa foi contato com o meio urbano. Vejamos os resultados na Tabela 29, a seguir.

Tabela 29 - Metátese: contato com o meio urbano

	N/Total	%	Peso
Menor contato	16/261	6	0,570
Maior contato	3/92	3	0,309
TOTAL	19/353	5	*Input* 0,031

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

O fator menor contato urbano favorece a ocorrência da metátese com PR 0,570, o que confirma a expectativa inicial deste estudo. O fator maior contato urbano desfavorece a ocorrência da metátese com PR 0,309. Esses resultados confirmam a expectativa em relação a essa variável: a de que o menor contato urbano favorece a ocorrência desse processo.

6.3.2.4 Posição da sílaba na palavra

A variável linguística posição da sílaba na palavra foi a primeira descartada pelo programa. Vejamos os resultados na Tabela 30:

Tabela 30 - Metátese: posição da sílaba na palavra

	N/Total	%	Peso
Inicial	18/351	5	0,500
Não inicial	1/2	50	0,423
TOTAL	19/353	5	*Input* 0,031

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

A expectativa em relação a essa variável era a de que a metátese seria favorecida pela posição inicial da sílaba na palavra. Todavia, o resultado mostrou que a posição inicial não favorece nem desfavorece a ocorrência do processo, visto que o PR é neutro (PR 0,500). Ocorrências de metátese em posição inicial podem ser vistas em ‘porquê’ ~ ‘pruquê’ [pɾuˈke], ‘permitir’ ~ ‘primití’ [pɾimiˈʧi]. O fator posição não inicial desfavorece a ocorrência da metátese com PR 0,423, conforme a ocorrência em ‘dobrado’ ~ ‘drobado’ [dɾoˈbadʊ]. Contudo, como o número de casos, apenas dois, para a posição *não inicial* é muito pequeno, neste caso, nada de definitivo podemos afirmar.

Quanto à posição da sílaba envolvida, Hora, Telles e Monaretto (2007, p. 91) afirmam que “a tendência observada na ocorrência da metátese perceptual (incluindo a do tipo heterossilábica) é a de o fenômeno se dar no início da palavra, mais recorrentemente em sua primeira sílaba”.

6.3.2.5 Faixa etária

A expectativa inicial deste estudo era a de que a metátese seria favorecida pela faixa etária dos idosos. Vejamos o que os resultados, Tabela 31, a seguir, apontam:

Tabela 31 - Metátese: faixa etária

	N/Total	%	Peso
Idoso	14/208	6	0,593
Adulto	5/145	3	0,368
TOTAL	19/353	5	*Input* 0,031

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

A faixa etária que mais utiliza a metátese é a dos idosos, o que nos remete à expectativa inicial deste estudo. Com PR 0,593, é perceptível que essa faixa etária favorece a ocorrência da metátese. A faixa etária dos adultos, com PR 0,368 desfavorece o processo.

6.3.3 Considerações sobre metátese no corpus em estudo

A análise do processo fonológico da metátese do / r /, neste estudo, partiu do princípio de que esse seria um processo em variação no linguajar da comunidade de prática de pescadores de Januária. Seguindo tal princípio, avaliamos a aplicação da regra fonológica da

metátese do segmento / r /, nas ocorrências verificadas no *corpus* em análise, estabelecendo grupos de fatores com possibilidade de favorecer ou desfavorecer a aplicação da regra.

A análise estatística dos dados apontou como favorecedores à aplicação da regra: a extensão da palavra, o nível de escolaridade e a direção do segmento. Os demais grupos de fatores foram descartados pelo *GordVarb/*2001, por não apresentarem significância estatística para a ocorrência do processo.

O *corpus* em análise inclui palavras que não sofreram o processo de metátese, mesmo tendo mais de duas sílabas e com potencialidade para que o rótico efetuasse um movimento em direção regressiva, como é o caso dos léxicos 'perfume' e 'particular'. O segmento rótico nessas palavras poderia ter migrado da posição de coda silábica para a de *onset*, produzindo ocorrências de metátese perceptual tautossilábica regressiva, como em *'*perfume' ~ *'*prefume' [pɾeˈfũmɪ] e *'*particular' ~ 'praticulá' *[*pɾaʧikuˈla].

O fato de a metátese do rótico não ocorrer em algumas palavras com condicionamento similar ao das palavras afetadas por esse processo, chamou-nos a atenção para a possibilidade de esse também ocorrer por difusão lexical, à semelhança do que ocorre no rotacismo, tanto em grupo consonantal como em final de sílaba interna.

Tendo apresentado o processo da metátese do / r /, na próxima subseção, discorremos sobre a análise da nasalização espúria do [i].

6.4 Nasalização espúria do [i]

A nasalização observada na comunidade de prática de pescadores de Januária apresenta casos em que:

a) o [ɪ)] inicial é monomorfêmico, ou seja, faz parte do radical como nos itens importante e inverno;
b) casos nos quais o [ɪ)] inicial é de natureza prefixal, significando negação, em caso que são bimorfêmicos (Prefixo + Base), como em impossível, infeliz;
c) casos em que o alomorfe prefixal de negação não é [ɪ)], mas [ɪ], como em irregular, mas que pode sofrer, no que se refere ao prefixo, uma extensão analógica, vindo a ser realizado como "inregulá*"*.

Além desses casos, verificamos ocorrências de um tipo específico de nasalização: o processo variável de nasalização espúria do [i] caracterizado pela falta de contexto favorecedor à nasalização dessa vogal, ou seja, casos inesperados de nasalização cujos contextos não oferecem condições para a ocorrência da vogal nasal, qual seja: a existência de um segmento nasal adjacente à vogal, o que permite a essa a assimilação do traço nasal.

No *corpus* em análise, a nasalização espúria ocorre com o fone [i] em posição inicial na palavra, seja ele proveniente do fonema / i /, como em igual ~ ingual [ĩˈgʷaɯ]; igreja ~ ingreja [ĩˈgɾeʒɐ] ou proveniente do fonema / e /, que sofre o processo de alteamento de pretônica, passando a [i], como em 'exame' ~ *'*inzame' [ĩˈzɐ̃mɪ]*;* 'exemplo' ~ 'inzemplo' [ĩˈzẽplʊ]*;* 'exige' ~ 'inzigi' [ĩ'ziʒɪ].

A regra proposta para esse processo é a 4, a seguir.

Regra 4:

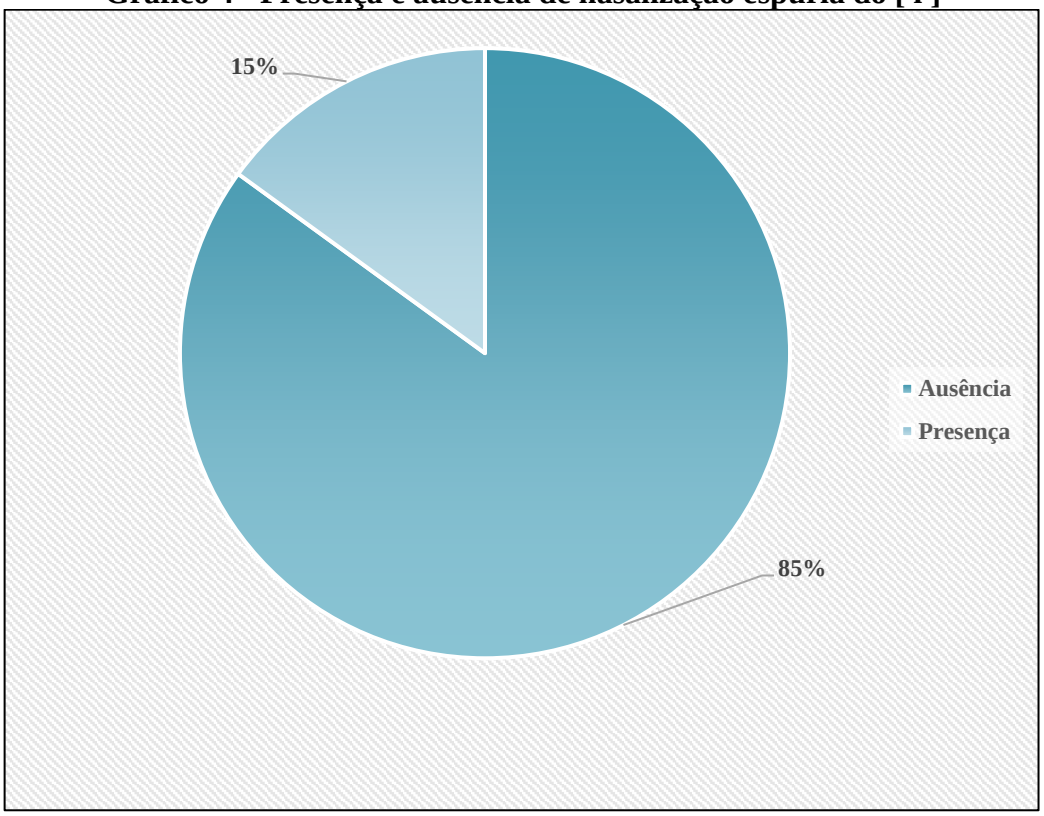
[i] → < +nasal > / #_____ C
[- nasal]

Para analisar essa variável, estabelecemos as variantes presença de nasalização espúria do [i] , como em ingual [ĩˈgʊaʊ] e ausência de nasalização espúria do [i], como em igual [iˈgʊaʊ].

Foram examinados seis grupos de fatores, anteriormente descritos no capítulo 5: contexto antecedente, vogal-alvo, sexo, faixa etária, nível de escolaridade e contato com o meio urbano.

Ao efetuar as rodadas no Programa *GoldVarb*/2001, verificamos que o fenômeno linguístico observado – nasalização espúria do [i] – ocorreu em 39/252 (39 ocorrências de um total de 252 dados analisados), ou seja, em 15% do total de dados analisados. (Gráfico 4).

Gráfico 4 - Presença e ausência de nasalização espúria do [i]



Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

Verificamos um *knockout* no grupo de fatores faixa etária. No fator jovem, só ocorreram elementos sem a presença de nasalização espúria do [i]. A opção, nesse caso, foi amalgamar os fatores jovem e adulto e constituir um único fator. Com isso, a variável faixa etária passou a ser analisada com dois fatores: idoso e adulto, em consonância à proposta de Labov (1994) de que se trabalhe com os extremos das duas faixas etárias: a dos mais velhos e a dos mais jovens.

No fator nível de escolaridade também ocorreu *knockout* no fator 5 a 8 anos de escolaridade. Não foram verificados elementos com nasalização espúria do [i] entre os informantes com essa escolarização. Para eliminar o *knockout*, o fator 5 a 8 anos foi amalgamado ao fator 9 a 11 anos. Assim, a variável nível de escolaridade passou a ser analisada sob três fatores: não alfabetizado, 1 a 4 anos de escolaridade e o fator *5 a 11* anos de escolaridade (amálgama dos fatores *5 a 8* e *9 a 11 anos*).

Eliminados os *knockout*, efetuaram-se as rodadas no *Goldvarb*/2001. Os resultados dessa rodada, que mostraram as variáveis com significância e sem significância estatística, são descritos e analisados nas próximas seções.

6.4.1 Variáveis selecionadas pelo programa

Dentre as variáveis linguísticas e sociais arroladas para a análise da variável nasalização espúria do [i], a única selecionada pelo *Goldvarb*/2001 foi a vogal-alvo.

6.4.1.1 Vogal-alvo

Os fatores para essa variável foram a vogal subjacente / e /, que se realiza foneticamente como [i] por alçamento vocálico, e a vogal subjacente / i /, conforme resultados apresentados na Tabela 32 a seguir.

Tabela 32 - Nasalização espúria do [i]: vogal-alvo

	N/Total	%	Peso relativo
Vogal / e /	35/84	41	0,905
Vogal / i /	4/168	2	0,245
TOTAL	39/252	15	Input 0,070

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

O resultado mostra que a nasalização espúria do [i] é favorecida pela vogal / e /, com PR 0,905 como em ‘exemplo’ [ĩˈzẽplʊ]; ‘exame’ [ĩˈzẽmɪ], sendo, além disso, desfavorecida pela vogal / i /, cujo PR é 0,245, como em ‘igreja’ [ĩˈgɾeʒɐ] e ‘igual’ [ĩgʷaɯ], resultado que, além de refutar a hipótese levantada para este estudo de que a vogal / i / seria favorecedora desse processo, também contraria os estudos de Alves (2014, p. 96), cujos resultados apontam o / i / como favorecedor da nasalização espúria do [i], quando afirma que “somente a vogal / i / favorece o processo, com PR 0,822, como em ‘igreja’ [ɪ)]greja. Ao contrário da vogal [e], que se realiza foneticamente como [i] e desfavorece o fenômeno, como em ‘educado’ , [ɪ)]ducado, com PR 0,169.”

No entanto, esse resultado se aproxima da percepção de Alves, Cavalcante e Pacheco (2007) sobre as vogais nasalizadas, num estudo desenvolvido em uma comunidade do estado da Bahia. Para essas autoras,

> A hipótese de que a qualidade vocálica é propiciadora da nasalidade é endossada por palavras como [ĩˈzẽmɪ], que, quando pronunciada sem o alteamento vocálico [eˈzẽmɪ] , possui a vogal oral e não nasal. Quando há o alteamento vocálico, ou seja, vogal média transforma-se em alta; tem-se então, um ambiente

> que licencia a ocorrência desse processo de nasalização. (ALVES; CAVALCANTE; PACHECO, 2007, p. 9).

6.4.2 Variáveis descartadas pelo programa

Os grupos de fatores eliminados nas melhores rodadas de *step up e step down* e que não mostraram significância estatística foram sexo, contato com o meio urbano, contexto antecedente, faixa etária e nível de escolaridade.

6.4.2.1 Sexo

A variável sexo apresentou os resultados mostrados na Tabela 33 a seguir.

Tabela 33 - Nasalização espúria do [i]: sexo

	N/Total	%	Peso relativo
Masculino	35/217	16	0,488
Feminino	4/35	11	0,572
TOTAL	39/252	15	Input 0,056

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

Esses resultados apontam que a nasalização espúria do [i] é favorecida pela variável sexo feminino (PR 0,572) e desfavorecida pelo masculino (0,488). E esse resultado, ao mesmo tempo em que responde à questão sobre qual sexo seria favorecedor da ocorrência da nasalização espúria do [i], contraria a expectativa da sociolinguística variacionista, segundo a qual as mulheres utilizam mais a variante de prestígio e os homens as estigmatizadas.

Esse resultado assemelha-se aos de Alves (2014, p. 94) sobre o dialeto quilombola gurutubano. Naquele estudo, "[...] o gênero/sexo feminino favorece o processo de nasalização espúria do [i], com PR 0,804, enquanto que o gênero/sexo masculino desfavorece o processo em questão com PR 0,051".

Para buscar uma possível explicação para esse resultado, efetuamos um cruzamento (Tabela 34) entre as variáveis sexo e faixa etária.

Tabela 34 - Cruzamento sexo e faixa etária

Sexo	Idoso		Adulto	
	N/total	%	N/total	%
Masculino	24/126	19	11/91	12
Feminino	-	-	4/23	17

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

O cruzamento entre as variáveis sexo e faixa etária mostra que a nasalização espúria ocorre entre os homens idosos, mas não ocorre entre as mulheres idosas (19% > 0%). Entre os adultos, a nasalização ocorre mais entre as mulheres do que entre e os homens (17% > 12%).

6.4.2.2 Contato com o meio urbano

A variável contato com o meio urbano apresentou os seguintes resultados (Tabela 35):

Tabela 35 - Nasalização espúria do [i]: contato com o meio urbano

	N/Total	%	Peso relativo
Menor contato	37/224	16	0,525
Maior contato	2/28	7	0,309
TOTAL	39/252	15	Input 0,056

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

O fator menor contato urbano, que constitui uma rede densa, na perspectiva de Milroy (1987), favorece a ocorrência da nasalização espúria do [i], com PR 0,525. Já o fator maior contato urbano, uma rede frouxa também, segundo Milroy, desfavorece essa ocorrência, com PR 0,309. Esse resultado confirma a hipótese levantada neste texto para essa variável: falantes com menor contato urbano apresentarão mais casos de nasalização espúria.

Conforme Labov (1994), quanto maior a frequência de contato entre os falantes, maior é a expansão da mudança. Ao contrário disso, a inexistência de contato entre falantes de diferentes repertórios linguísticos faz com que a variação não se expanda, restringindo-se a uma determinada comunidade de fala; no caso desta pesquisa, uma comunidade de pescadores. Considerando essa afirmativa de Labov, os dados apresentados para a variável contato com o meio urbano sinalizam que essa variável é uma marca dialetal na comunidade

investigada, resultado que se assemelha às conclusões de Alves (2014), sobre o dialeto gurutubano.

6.4.2.3 Contexto precedente

A variável *contexto precedente* apresentou os resultados descritos na Tabela 36.

Tabela 36 - Nasalização espúria do [i] : contexto precedente

	N/Total	%	Peso relativo
Presença de nasalidade no contexto precedente	6/28	21	0,319
Ausência de nasalidade no contexto precedente	33/224	14	0,524
TOTAL	39/252	15	Input 0,056

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

Os resultados mostram que a ausência de nasalidade no contexto precedente com PR 0,524 favorece, ainda que fracamente, a ocorrência da nasalização espúria, como nos exemplos: 'tudo existe' ~ [tudoĩˈzistʃɪ] e 'por exemplo' ~ [poɾĩˈzẽpɾʊ].

O fator presença de nasalidade no contexto precedente desfavorece a ocorrência do processo com PR 0,319, conforme ocorrência em 'sem exigir' [sẽĩziˈʒi].

6.4.2.4 Faixa etária

A variável faixa etária apresentou (Tabela 37) os seguintes resultados:

Tabela 37 - Nasalização espúria do [i]: faixa etária

	N/Total	%	Peso relativo
Idosos	24/138	17	0,597
Adultos	15/114	13	0,384
TOTAL	39/252	15	Input 0,056

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

Esses resultados mostram que a nasalização espúria do [i] é favorecida pelos idosos, com PR 0,597 e desfavorecida pelos adultos, com PR 0,384, o que confirma a hipótese

inicialmente levantada para essa variável.

6.4.2.5 Nível de escolaridade

A variável nível de escolaridade (Tabela 38) apresentou os seguintes resultados:

Tabela 38 - Nasalização espúria do [i]: nível de escolaridade

	N/Total	%	Peso relativo
1 a 4 anos	32/169	18	0,617
Não alfabetizado	6/58	10	0,310
5 a 11 anos	1/25	4	0,201
TOTAL	39/252	15	Input 0,056

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

O nível de escolaridade 1 a 4 anos é o que favorece a ocorrência da nasalização espúria do [i] com PR 0,617. Os fatores não alfabetizados (PR 0,310), e 5 a 11 anos de escolaridade (PR 0,201) desfavorecem a ocorrência dessa variante.

A hipótese levantada para essa variável é a de que a nasalização espúria do [i] ocorreria com mais frequência entre os falantes menos escolarizados, tendo em vista que, para Labov (2008), os falantes pouco escolarizados optam por construções da linguagem não padrão, enquanto as variantes cultas predominam no linguajar dos falantes escolarizados. Assim, conforme Votre (1994), na medida em que avançar na escolaridade, o falante tenderá a utilizar, cada vez menos, formas linguísticas consideradas socialmente "desprestigiadas".

Os resultados da Tabela 38 confirmam parcialmente essa hipótese, uma vez que mostram maior ocorrência da variável entre os falantes com escolaridade de 1 a 4 anos (PR 0,617) e menor ocorrência entre os falantes com escolaridade de 5 a 11 anos (0,201). No entanto, os falantes não alfabetizados, fator que hipoteticamente mais favoreceria a ocorrência da variável, mostrou-se desfavorecedor desse processo, com PR 0,310.

Para buscar uma possível explicação para esse fato, efetuamos o cruzamento entre as variáveis nível de escolaridade e faixa etária, conforme exposto na Tabela 39, a seguir.

Tabela 39 - Cruzamento nível de escolaridade e faixa etária

Nível de escolaridade	Idoso		Adulto	
	N/total	%	N/total	%
1 a 4 anos	17/75	23	15/94	16
Não alfabetizado	6/58	10	-	-
5 a 11 anos	1/5	20	-	-

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

Por mais que inicialmente tivéssemos considerado a nasalização espúria do [i] uma variante inovadora, percebemos que entre os idosos, esse processo ocorre em sujeitos de todos os níveis de escolaridade, o que faz supor que, em algum momento, a construção nasalizada foi aprendida pelos idosos. Já entre os adultos, essa variante aparece somente na faixa etária de 1 a 4 anos de escolaridade. A inexistência da nasalização espúria do [i] entre os jovens e adultos mais escolarizados pode indicar que essa variável está desaparecendo da comunidade e uma variável de prestígio, sem a nasalização, está sendo introduzida pelos jovens e adultos.

6.4.3 Considerações sobre a nasalização espúria do [i]

A análise que efetuamos sobre o processo fonológico da nasalização espúria do [i] apontou para um processo em variação no linguajar da comunidade de prática de pescadores de Januária. Observando as ocorrências verificadas no *corpus* em análise, estabelecemos os grupos de fatores com possibilidade de favorecer ou desfavorecer a aplicação da regra.

Por sua vez, a análise estatística efetuada sobre os dados apontou um único grupo de fatores como favorecedor à aplicação da regra: a *vogal-alvo*. Os demais grupos de fatores foram descartados pelo *GordVarb*/2001, por não apresentarem significância estatística para a ocorrência do processo.

Verificamos, na análise, que muitos itens lexicais com potencial para a ocorrência da nasalização espúria não sofreram esse processo, como demonstram os termos: educado ~ iducado; educação ~ iducação; ideia, ilusão, idoso, idade, isolado. Esse fato levou-nos a inferir que, assim como os outros processos fonológicos investigados neste estudo, o processo de nasalização espúria no *corpus* em estudo também esteja ocorrendo por difusão lexical.

Tendo apresentado e discutido as análises dos processos fonológicos, passamos à análise dos processos morfossintáticos: posposição do pronome possessivo no SN e concordância nominal de número.

6.5 Posposição do pronome possessivo no sintagma nominal

O processo variável da posição do pronome possessivo no SN definido é analisado por meio dessa variável. Para essa análise, foram estabelecidas as variantes: posposição do pronome possessivo no sintagma nominal: "A mulhé minha dá aula." (L50MPP061) e sua anteposição no sintagma nominal: "O meu barco foi roubado aí." (J36MPP064).

Conforme descrição apresentada no capítulo 5, somente o SN definido é objeto dessa análise. Assim, foram excluídos os SNs com possessivo posposto cujo substantivo está determinado por artigo indefinido ou numeral, por demonstrativo ou por pronome indefinido; o possessivo posposto em perguntas diretas; o possessivo posposto usado para dar ênfase.

Para essa variável, propomos a seguinte regra:

Regra 5:

$$\textbf{(POSS - N)} \rightarrow \textbf{<N - POSS)>} \; / \; \begin{bmatrix} \textbf{N} \\ \textbf{[+ definido]} \end{bmatrix}$$

Um SN formado por P. Possessivo+Nome passa, variavelmente, a Nome+P. Possessivo no sintagma nominal cujo núcleo é [+ definido], como em (a minha canoa →a canoa minha).

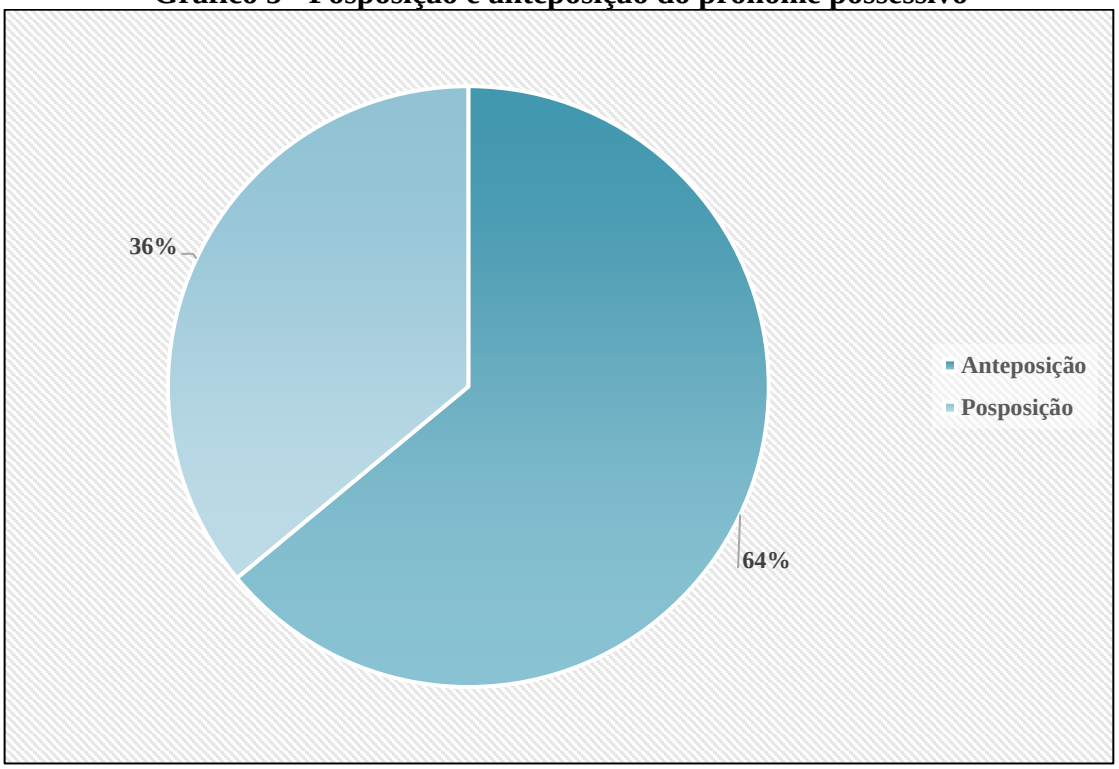
Foram encontrados poucos estudos sobre o tema e eles foram descritos e discutidos no capítulo 2.

Tomando por base alguns desses estudos, como os de Coelho (2010), Neves (1993), Siqueira (2021), Toledo (1998) e Toledo (2015), foram examinados quantitativamente quatro grupos de fatores linguísticos com possibilidade para favorecer ou desfavorecer a aplicação da regra de posposição do pronome possessivo, a saber: pessoa do discurso, número do sintagma nominal, presença/ausência de outro determinante no sintagma nominal, e animacidade do núcleo do sintagma nominal.

Além das variáveis linguísticas, analisamos ainda a influência dos grupos de fatores sexo, faixa etária, nível de escolaridade e contato com o meio urbano, na expectativa de que a posposição do pronome possessivo fosse influenciada por fatores sociais.

Os dados revelaram uma taxa de 36% de aplicação da regra de posposição do pronome possessivo e 64% de anteposição, conforme o Gráfico 5, a seguir.

Gráfico 5 - Posposição e anteposição do pronome possessivo



Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

6.5.1 Variáveis selecionadas pelo programa

O programa selecionou as variáveis contato com o meio urbano e número do sintagma nominal como relevantes para a ocorrência da posposição do pronome possessivo, doravante PPOS, no SN definido.

6.5.1.1 Contato com o meio urbano

Contato com o meio urbano (Tabela 40) foi a primeira variável social selecionada pelo programa.

Tabela 40 - Posposição do pronome possessivo: contato com o meio urbano

	N/Total	%	Peso relativo
Menor contato	40/81	49	0,655
Maior contato	7/48	14	0,253
TOTAL	47/129	36	*Input* 0,336

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

A hipótese levantada, inicialmente, era a de que o menor contato urbano favoreceria a aplicação da regra de posposição do PPOS. Isso foi confirmado pelos resultados: o menor contato urbano favorece a aplicação da regra, com PR 0,655. O maior contato desfavorece a aplicação da regra, com PR 0,253.

Esses resultados apontam para o fato de que a regra de posposição do PPOS é mais utilizada entre os pescadores nas interações dentro da comunidade de prática (rede densa), do que nas interações desses com o meio urbano (rede frouxa). O mesmo fato foi também verificado por Toledo (1998) e Toledo (2015) na Ilha dos Valadares e Coelho (2010), no Vale do Gurutuba, considerando que as comunidades observadas por estes pesquisadores estão localizadas fora do meio urbano e seus falantes possuem pouco contato com este meio.

Conforme Labov (2008), as redes familiares, afetivas e profissionais, entre outras, proporcionam o estabelecimento dos contatos entre os falantes. O compartilhamento de interações induz à comunidade ao sentimento de pertencimento e, com isso, a língua passa a identificar o grupo e adquire valor social.

6.5.1.2 Número do sintagma nominal

Esta foi a única variável linguística selecionada pelo programa, conforme Tabela 41 a seguir.

Tabela 41 - Posposição do pronome possessivo: número do sintagma nominal

	N/Total	%	Peso relativo
Singular	39/117	33	0,469
Plural	8/12	66	0,772
TOTAL	47/129	36	*Input* 0,336

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

Conforme os resultados apresentados na Tabela 41, o fator plural é o que favorece a posposição do PPOS, com PR 0,772. Já o fator singular desfavorece a aplicação da regra, com PR 0,469. Vejamos algumas ocorrências:

a) “Os minino meu é fazeno concurso direto.” (D64MRD100).
b) “A canoa nossa tava amarrada lá.” (J52MPP0631).

Veado (1982, p. 70, grifos do autor), em estudo realizado na mesma região desta pesquisa, registrou essa posposição do possessivo no sintagma nominal: "O pronome possessivo posposto a N não apresenta o traço de número na superfície, bem como não o apresenta o N. Neste caso, apenas o(s) elemento(s) que precede(m) N traz (em) o traço de número: [...] - *os menino* ***meu***; - *uns primo* ***meu***."

Essa autora ainda observa que "[...] se o pronome está anteposto a N é marcado com a flexão de pluralidade e se posposto, não é marcado." (VEADO, 1982, p. 70).

6.5.2 Variáveis descartadas pelo programa

Foram descartadas pelo programa as variáveis pessoa do discurso, sexo, faixa etária, nível de escolaridade, presença/ausência de outro determinante no sintagma e animacidade do núcleo do sintagma nominal.

6.5.2.1 Pessoa do discurso

Os fatores da variável pessoa do discurso apresentaram os resultados dispostos na Tabela 42, a seguir.

Tabela 42 - Posposição do pronome possessivo: pessoa do discurso.

	N/Total	**%**	**Peso relativo**
1ª pessoa	42/114	36	0, 498
2ª pessoa	5/15	33	0,517
TOTAL	47/129	36	*Input* 0,327

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

Esses resultados demonstram que a 1ª pessoa não favorece e nem desfavorece a aplicação da regra de posposição do PPOS, tendo em vista o PR 0,498 ser muito próximo ao ponto neutro. No enunciado a seguir, verificamos a aplicação da regra de posposição do PPOS em 1ª pessoa: "...mas que a rudice <u>minha</u> num deu pa atrapiá ocê não." (S54MPP065),

O fator 2ª pessoa favorece levemente a aplicação da regra, com PR 0,517: "O voto <u>seu</u> tá com você." (D58MPP062).

Conforme descrevemos no capítulo 5, ao investigar o sistema possessivo em uso na Ilha de Valadares, no Paraná, Toledo (1998, p. 109), identificou a posposição do PPOS entre

os falantes da ilha e, a essa posposição ele denominou forma inovadora, como se lê em suas palavras: “essa forma inovadora é idêntica ao PPOS canônico. Porém, diferentemente do uso canônico, este PPOS inovador aparece posposto ao substantivo no sintagma nominal”.

Em Valadares, Toledo (1998) levantou ocorrências de posposição do PPOS na 1ª pessoa, como em “Você pegou a receita meu”[33]. (A5.1) e “Você está matando a pedra nosso.” (C41).

Na 2ª posição, Toledo (1998, p. 105) encontrou uma única ocorrência com 2ª pessoa: “Não, Adilson, eu só quero uma informação seu” (61).

Coelho (2010), ao descrever a língua falada pelos gurutubanos no norte de Minas Gerais, também registrou ocorrências da posposição de PPOS com 1ª pessoa, conforme apontou nas ocorrências: “A inducação nossa era assim pá trabaiá.” (AOT2G01) e “...u casamentu meu foi nu civili...” (AOT2G01).

6.5.2.2 Sexo

Esta foi a primeira variável social descartada pelo programa. Observemos os números na Tabela 43, a seguir.

Tabela 43 - Posposição do pronome possessivo: sexo

	N/Total	%	Peso relativo
Masculino	42/115	36	0,511
Feminino	5/14	35	0,413
TOTAL	47/129	36	*Input* 0,327

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

A expectativa em relação a essa variável, considerada inovadora, era a de que as mulheres se mostrassem mais conservadoras, conforme a perspectiva laboviana. Os resultados confirmaram essa expectativa: a regra de posposição do PPOS é favorecida pelos homens com PR 0,511 e desfavorecida pelas mulheres com PR 0,413, dedução que se aproxima das conclusões de Toledo (2015) sobre a posposição do PPOS, consoante à fala de Valadares:

> Não se percebe que o fator sexo esteja direcionando o uso da forma inovadora. Há que se ressaltar, porém, o caráter conservador das mulheres, o que inibe o aparecimento da forma inovadora entre as mulheres menos escolarizadas e de mais

[33] Na PPOS em Valadares, Toledo (1998) observou que está havendo casos de anulação da marca de gênero para o pronome, mesmo fato observado por Coelho (2010) entre os quilombolas do Vale do Gurutuba.

> idade em relação aos homens em igual condição. (TOLEDO, 2015, p. 204).

Coelho (2010), ao registrar a posposição do PPOS no dialeto gurutubano, observa que não detectou diferenças entre os falares de homens e mulheres.

6.5.2.3 Faixa etária

Esta variável, conforme descrição anterior, não apresentou ocorrências no fator jovem. Para o fator adulto o PR foi de 0,468 e para o fator idoso, PR 0,540. (Tabela 44).

Tabela 44 - Posposição do pronome possessivo: faixa etária

	N/Total	%	Peso relativo
Adulto	26/72	36	0,468
Idoso	21/57	36	0,540
TOTAL	47/129	36	*Input* 0,327

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

Os resultados confirmam a expectativa deste estudo que apontavam o fator idoso como favorecedor à posposição do PPOS, embora esta variável tenha sido descartada.

Toledo (2015), ao revisitar os dados da pesquisa feita na Ilha de Valadares em 1998, entrevistou novamente alguns dos informantes e, embora não tenha feito uma análise quantitativa sobre os dados, apontou o fato de que essa variante inovadora não ocorreu entre crianças em idade escolar e foi inconclusiva em relação aos analfabetos funcionais com mais idade.

6.5.2.4 Nível de escolaridade

A expectativa em relação a essa variável era a de que a posposição do pronome possessivo seria favorecida pelos indivíduos com menos anos de escolaridade. Vejamos o resultado na Tabela 45, a seguir.

Tabela 45 - Posposição do pronome possessivo: nível de escolaridade

	N/Total	%	Peso relativo
5 a 8 anos	2/6	33	0,863
9 a 11 anos	1/2	50	0,616
1 a 4 anos	33/100	33	0,479
Não alfabetizado	11/21	52	0,456
TOTAL	47/129	36	*Input* 0,327

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

No entanto, os resultados mostram que a aplicação da regra de posposição do PPOS é favorecida pelos indivíduos com mais anos de escolaridade: PR 0,863 para o fator 5 a 8 anos de escolaridade e PR 0,616 para o fator 9 a 11 anos.

Os sujeitos com menos anos de escolaridade e os não alfabetizados desfavorecem a aplicação da regra com PR 0,479 para o fator 1 a 4 anos e PR 0,456 para o fator não alfabetizado.

Considerando que o resultado contraria nossa expectativa em relação a essa variável, efetuamos o cruzamento de nível de escolaridade e faixa etária, conforme Tabela 46, a seguir.

Tabela 46 - Cruzamento nível de escolaridade e faixa etária

Nível de escolaridade	Adulto		Idoso	
	N/total	%	N/total	%
1 a 4 anos	23/59	39	10/41	24
5 a 8 anos	2/6	33	-	-
Não alfabetizado	-	-	11/16	69
9 a 11 anos	1/2	50	-	-

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

Embora o maior percentual de ocorrência seja verificado entre os idosos não escolarizados, a regra de posposição do PPOS é aplicada pelos falantes adultos nos níveis de escolaridade 1 a 4 anos, 5 a 8 anos e de 9 a 11 anos, o que pode explicar o fato de os pesos relativos apontarem os níveis mais altos de escolaridade como favorecedores do processo.

Os percentuais de aplicação da regra entre os falantes escolarizados apontam para o fato de esta não ser uma regra visada pelo discurso normativo da escola, seja pelo aspecto

semântico que envolve o uso do artigo definido no SN posposto, seja pelo fato de que sobre essa variante não recaia estigma algum.

Ao contrário dos resultados que obtivemos, Toledo (2015, p. 205) afirma que "[...] mesmo num *corpus* tão restrito de dados, podemos supor o efeito da escolaridade controlando a forma inovadora do PPOS".

Coelho (2010, p. 232) não avaliou quantitativamente a influência da variável social *escolaridade* nos dados da pesquisa no Vale do Gurutuba. Segundo a autora, "[...] a escolaridade é outro fator difícil de ser mensurado, devido ao fato de que os adultos, idosos e a maioria dos jovens do território não tiveram acesso à educação formal".

6.5.2.5 Presença/ausência de outro determinante no sintagma nominal

Esta foi a terceira variável linguística (Tabela 47) descartada pelo programa.

Tabela 47 - Posposição do pronome possessivo: presença/ausência de outro determinante no sintagma nominal

	N/Total	%	Peso relativo
Presença	5/7	71	0,658
Ausência	42/122	34	0,491
TOTAL	47/129	36	*Input* 0,327

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

A expectativa em relação a essa variável era que a regra de posposição do PPOS seria favorecida pela ausência de outro elemento no sintagma, dado que formas com mais de um elemento antecedendo nome + possessivo aparecem pouco na língua falada, conforme Siqueira (2021).

Os resultados contrariaram essa expectativa, tendo em vista que a presença de outro elemento no SN foi o fator favorecedor da aplicação da regra com PR 0,658, ocorrência encontrada em: "Os próprio colega nosso." (P64MRD102) e "Também pesquei com o atual sogro meu." (A32MRM030).

O fator ausência de outro elemento, com PR 0,491, muito próximo ao ponto neutro, demonstra não ter influência na aplicação da regra. "A minina minha que tem bode." (M50FCA078).

6.5.2.6 Animacidade do núcleo

A expectativa em relação a essa variável (Tabela 48) era de que a regra de posposição do PPOS fosse favorecida em sintagmas nominais com referente [+animado].

Tabela 48 - Posposição do pronome possessivo: animacidade do núcleo

	N/Total	%	Peso
+ animado	26/73	35	0,447
- animado	21/56	37	0,569
TOTAL	47/129	36	*Input* 0,327

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

Os dados mostram que a aplicação da regra de posposição do PPOS é favorecida pelo traço [–animado], com PR 0,569, como na ocorrência: "E a rede nossa é grande pega do rio de lá nesse de cá." (M50FCA078). Esse resultado contraria a expectativa inicial deste estudo. O traço [+ animado] desfavorece a aplicação da regra, com PR 0,447, como se vê em "Mais antes os minino nosso ia pa escola..." (JB38MCA075).

Ao final dessa análise, lembramos que o programa selecionou como significativas as variáveis contato com o meio urbano e número do SN e as considerou relevantes para a ocorrência da posposição do pronome possessivo no SN definido. A hipótese para a variável contato com o meio urbano foi confirmada: o menor contato favoreceu a aplicação da regra. O mesmo não aconteceu com a variável número do SN. A hipótese de que a posposição do PPOS não seria sensível ao número do sintagma foi refutada, uma vez que o fator singular se mostrou favorecedor à aplicação da regra.

Na sequência, passamos à análise da variável concordância nominal de número.

6.6 Concordância nominal de número

A concordância nominal de número, observada na comunidade de prática de pescadores de Januária, mostra que, paralela à concordância proposta na gramática tradicional, ocorre também a ausência de concordância na fala desses sujeitos, como podemos observar nas ocorrências compiladas do *corpus* da pesquisa, a saber:

a) 1 - Ausência de concordância
   - “Os pêxeØ fica mais difícil de vendê aqui em cima.” (L50MPP061).

b) 0 - Presença de concordância
   - “As meninas... não é ruêra, essas coisa não.” (D58MPP062).

Neste estudo fizemos opção por analisar somente os elementos flexionáveis do SN, dado o número reduzido de SNs com termos invariáveis como no sintagma vários amigo e SNs com numerais, como em dois vestido. Nos dois casos, o núcleo do SN não recebeu nenhuma marca de plural, inferindo-se a pluralidade pelas características dos termos em 1ª posição.

Também não analisamos neste estudo, a exemplo de Pinheiro (2012), SNs formados com as expressões os trem, desses trem, ocorrências comuns em muitos falares mineiros. No *corpus* desta pesquisa, essa expressão aparece sempre sem flexão, com as marcas de plural somente no determinante.

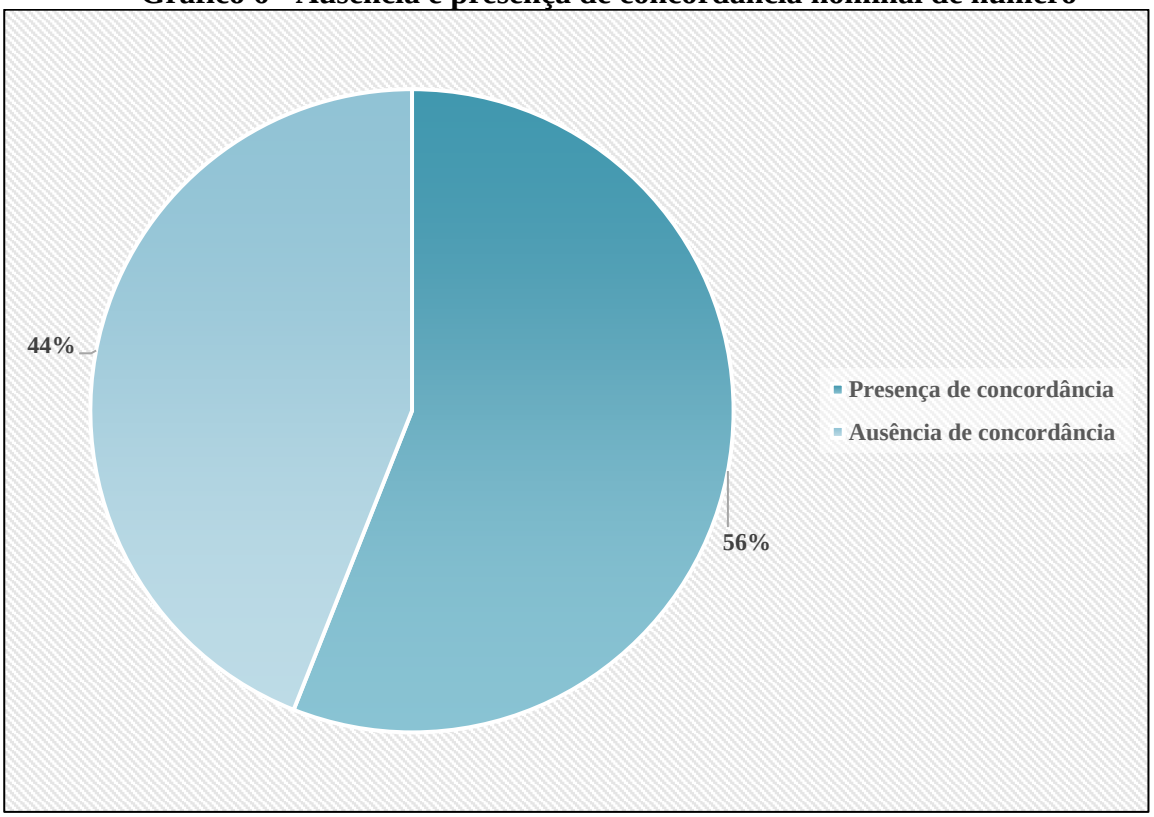
Para proceder à análise da concordância nominal de número, examinamos quantitativamente quatro grupos de fatores linguísticos – categoria gramatical aliada à posição, saliência fônica, marcas precedentes e contexto fonético seguinte –, para entender como cada um desses grupos de fatores e os fatores de cada grupo atuam no fenômeno de cancelamento de marcas formais de plural em elementos do SN.

Conforme descrição apresentada no capítulo 5, a escolha por essas variáveis fundamentou-se nos estudos de Braga e Scherre (1976), Scherre (1988) e Scherre e Naro (1998) e em outros estudos que se basearam nessa mesma fundamentação teórica, como os de Andrade (2003) e Pinheiro (2012).

Além das variáveis linguísticas, analisamos a influência dos grupos de fatores sexo, faixa etária, nível de escolaridade e contato com o meio urbano para o cancelamento das marcas de plural.

Ao submetermos as ocorrências do *corpus* em estudo à análise quantitativa, foram levantados 1424 dados. Desse total, 632 dados (44%) não apresentaram marcas de plural, ou seja, dados sem concordância nominal plena**,** enquanto 792 dados (56%) apresentaram marcas de plural, conforme Gráfico 6, a seguir.

Gráfico 6 - Ausência e presença de concordância nominal de número



Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

A variável categoria gramatical aliada à posição apresentou *knockout* no fator marcas de plural em 1ª posição, com 100% de presença de marcas, o que confirma a afirmação de Naro e Scherre (2007, p. 37) de que "a primeira posição do SN favorece variavelmente a presença da marca explícita de plural [...]". Para resolver esse *knockout*, a opção foi não usar o fator na análise.

O fator determinante anteposto ao núcleo, na 2ª posição, sofreu *knockout* com 100% de presença de marcas de plural, como na ocorrência "Os meus irmãos aqui..." (JB38MCA075). Considerando o número reduzido de ocorrências para esse fator, optamos também por não usá-lo na análise. Outro *knockout* foi verificado para o fator determinante posposto ao núcleo, com 100% de ausência de marcas de plural, conforme o exemplo: "Os presidente nossoØ divia vê isso aí ..." (G32MI0661). Para resolver esse *knockout*, a opção foi amalgamar os fatores: determinante posposto ao núcleo e adjetivo posposto ao núcleo.

O último *knockout* foi verificado no fator *adjetivo anteposto ao núcleo*, com 100% de ausência de marcas de plural, como em "As grandeØ represa ..." (R29MCA076). Em função das poucas ocorrências de adjetivos antepostos ao núcleo, optamos pela não utilização desse fator em nossa análise.

As atitudes tomadas em relação aos *knockout* verificados na variável categoria gramatical aliada à posição seguiram as possibilidades apresentadas por Guy e Zilles (2007, p. 160), a saber, "há duas maneiras principais de eliminar o fator com nocaute e, ao mesmo tempo, reter os dados: amalgamar o fator com outro, ou não usar o fator na análise." Assim, a variável categoria gramatical aliada à posição foi analisada com dois fatores: elementos nucleares na 2ª posição e elementos pospostos ao núcleo na 3ª posição.

Resolvidos os *knockout*, os dados foram novamente submetidos à análise quantitativa do *GoldVarb*/2001, conforme descrição que se segue.

6.6.1 Variáveis selecionadas pelo programa

Entre as variáveis linguísticas e sociais formuladas para o presente estudo, foram selecionadas pelo programa a posição do elemento aliada à classe gramatical e marcas precedentes e contato com o meio urbano.

Na sequência, comentamos o efeito de cada uma dessas variáveis e, em seguida, comentamos as variáveis descartadas pelo programa.

6.6.1.1 Posição do elemento aliada à classe gramatical

Esta variável linguística foi a primeira selecionada pelo programa. Conforme informamos anteriormente, alguns fatores dessa variável não foram utilizados em nossa análise. Assim, não foram considerados na análise dessa variável os dados correspondentes aos fatores marcas de plural em 1ª posição, determinante anteposto ao núcleo na 2ª posição e adjetivo anteposto ao núcleo, o que significa um total de 700 dados. Com isso, tivemos um total de 724 ocorrências, sendo 626 (86%) de ausência de marcas de plural e 98 (14%) de presença de marca de plural.

Os resultados para essa variável seguem apresentados na Tabela 49.

Tabela 49 - Influência da variável posição do elemento aliada à classe gramatical no cancelamento de marcas

	N/Total	%	Peso
Elementos nucleares na 2ª posição	587/684	85	0,502
Elementos pospostos ao núcleo na 3ª posição	39/40	97	0,459
TOTAL	626/724	86	*Input* 0,867

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

O fator elementos nucleares na 2ª posição (substantivo e categoria substantivada), com PR 0,502, não favorece e nem desfavorece o cancelamento de marcas de plural, uma vez que o peso relativo está muito próximo do ponto neutro. Mas, o percentual alto de substantivos sem marca de plural na 2ª posição (85%) pode ser explicado pelo fato de os elementos em 1ª posição já receberem marca de plural. Vejamos uma ocorrência:

a) *"*Os BICHO também pricisa.*"* (A45MRM031).

O fator elementos pospostos ao núcleo na 3ª posição desfavorece o cancelamento de marcas no SN com PR 0,459. Nesta posição, estão adjetivos e determinantes, como na ocorrência:

b) *"*As coisas PIORES aí..." (G32MI0661).

6.6.1.2 Marcas precedentes dentro do SN

Marcas precedentes é uma variável linguística muito discutida entre os pesquisadores da área, conforme discorremos no capítulo 5.

Ao escolher essa variável (Tabela 50), buscamos verificar se no linguajar da comunidade em estudo estaria atuando o princípio do paralelismo formal, segundo o qual "[...] marcas levam a marcas e zeros levam a zeros." (SCHERRE, 1988, p. 173).

Tabela 50 - Influência da variável marcas precedentes dentro do sintagma nominal no cancelamento de marcas

	N/Total	%	Peso relativo
Dois elementos flexionados (em -s) precedentes	83/132	62	0,728
Apenas um elemento flexionados (em -s) precedente	549/1292	42	0,475
TOTAL	632/1424	44	*Input* 0,867

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

O fator dois elementos flexionados (em -s) precedente**s**, com PR de 0,728 favorece o cancelamento das marcas de plural nos elementos seguintes, conforme demonstra a ocorrência a seguir:

a) "Essa<u>s</u> enchente<u>s</u> grande..." (G55MAG050).

Já o fator apenas um elemento flexionado (em –s) precedente, cujo PR é de 0, 475, desfavorece o cancelamento de marcas de plural no elemento seguinte, como podemos verificar em:

b) "Eu vi... a<u>s</u> lanchinha<u>s</u> chegou aí agora..." (E52MPA099).

A hipótese de Scherre (1988) sobre essa variável, que é também a nossa, é confirmada pelo fator dois elementos flexionados (em -s) precedente com PR 0,728. Mas, no fator apenas um elemento flexionado (em -s) precedente, com apenas um elemento marcado, o efeito é neutro (PR 0.475).

6.6.1.3 Contato com o meio urbano

Para a terceira variável selecionada pelo *GoldVarb*/2001, contato com o meio urbano, nossa expectativa era a de que o menor contato dos pescadores com o meio urbano favorecesse o cancelamento de marcas formais de plural. Os resultados da análise dessa variável podem ser observados na Tabela 51, a seguir.

Tabela 51 - Influência da variável contato com o meio urbano no cancelamento de marcas

	N/Total	%	Peso
Menor contato	494/1101	44	0,523
Maior contato	138/323	42	0,424
TOTAL	632/1424	44	*Input* 0,867

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

Por esse resultado, concluímos que o cancelamento de marcas formais de plural é favorecido pelo menor contato urbano, com PR 0,523, e desfavorecido pelo maior contato, cujo PR é de 0,424. Esse resultado confirma a hipótese inicial deste estudo: a de que o menor contato urbano seria favorecedor do cancelamento de marcas.

O fato de o falante ter maior contato com sua própria comunidade faz com que as características linguísticas dessa comunidade sejam estreitadas em torno da variante ali utilizada. Na comunidade de prática de pescadores de Januária, considerando que o menor contato urbano é mais acentuado (PR 0,523), a maior interação dos falantes (MILROY, 1987) é com a variante estigmatizada: a ausência de concordância nominal de número.

Feita essa discussão sobre as variáveis linguísticas escolhidas como significativas para o cancelamento de marcas de plural passamos, então, às variáveis descartadas pelo programa.

6.6.2 Variáveis descartadas pelo programa

Sexo, faixa etária e nível de escolaridade, variáveis sociais e saliência fônica e contexto fonético seguinte, variáveis linguísticas, foram descartadas pelo programa. Embora não seja possível confirmar as hipóteses inicialmente levantadas em razão da não significância dessas variáveis, essas serão discutidas tendo em vista a afirmação de Guy e Zilles (2007, p. 216), de que "[...] na análise quantitativa, dado grupo de fatores pode não ser significativo, mas o resultado é, em si, importante em relação ao que já sabemos a respeito da língua estudada ou do fenômeno enfocado na análise".

Discorremos, a seguir, a influência das variáveis sociais sexo, faixa etária e nível de escolaridade e saliência fônica e contexto fonético seguinte, variáveis linguísticas, no cancelamento das marcas formais de plural.

6.6.2.1 Sexo

Esta variável buscou verificar como se comportam homens e mulheres em relação ao cancelamento das marcas formais de plural no SN. A perspectiva da sociolinguística laboviana, reiteramos, é a de que as mulheres utilizam mais a variante de prestígio e os homens as variantes estigmatizadas.

A variável social sexo apresentou os resultados descritos na Tabela 52, a seguir.

Tabela 52 - Influência da variável sexo no cancelamento de marcas

	N/Total	%	Peso
Masculino	543/1225	44	0,499
Feminino	89/199	44	0,505
TOTAL	632/1424	44	*Input* 0,863

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

Os resultados para essa variável, - PR 0,499 para os homens e PR 0,505 para as mulheres - mostram que homens e mulheres se comportam de forma idêntica em relação ao cancelamento de marcas.

Em estudos nos quais se compara a fala de homens e mulheres, há que se considerarem os aspectos socioculturais da comunidade pesquisada. Isso, porque esses aspectos diferem de comunidade para comunidade, especialmente se essas se localizam em espaços distintos, como os centros urbanos e o meio rural. Conforme esclarecem Lucchesi e Araújo (2020, p. 3): "[...] os resultados das análises sociolinguísticas realizadas sobre comunidades rurais e da periferia das grandes cidades exibem resultados totalmente distintos daqueles observados nas sociedades urbanas industrializadas". Complementando essas assertivas estes autores acrescentam que

> No caso das comunidades rurais brasileiras, os homens tendem a liderar os processos de mudança em direção às formas de prestígio. Isso porque são eles que têm mais contato com o mundo exterior dos grandes centros urbanos por estarem mais integrados no mercado de trabalho. Já as mulheres, na maioria das vezes circunscritas ao universo doméstico e de trabalho na roça, tendem a conservar mais as formas da fala rural, bem distantes do padrão urbano culto. (LUCCHESI; ARAÚJO, 2020, p. 3).

Diante dos resultados, efetuamos o cruzamento das variáveis sexo e contato com o meio urbano, o que é apresentado na Tabela 53, a seguir.

Tabela 53 - Cruzamento sexo e contato com o meio urbano

Sexo	Masculino		Feminino	
	N/total	%	N/total	%
Menor contato	420/937	45	74/164	45
Maior contato	123/288	43	15/35	43

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

O cruzamento das variáveis mostra que não há diferença percentual no cancelamento das marcas de plural entre homens e mulheres, nas situações de menor ou de maior contato, o que confirma os dados da Tabela 53: homens e mulheres têm comportamento semelhante no cancelamento das marcas formais de plural na comunidade de prática de pescadores de Januária, ou seja, ambos parecem adotar, de modo idêntico, as normas locais.

6.6.2.2 Faixa etária

Para a variável faixa etária o objetivo foi verificar a atuação dos jovens, dos adultos e dos idosos, em relação ao cancelamento de marcas. A análise dessa variável permite identificar se há uma tendência à mudança no uso de um processo linguístico que progride ou decresce, conforme a idade dos falantes pesquisados. Geralmente, conforme Eckert (1997), nos meios sociais, os falantes mais jovens, quando comparados aos mais velhos, são mais inovadores em relação ao léxico.

Vejamos os resultados na Tabela 54, a seguir.

Tabela 54 - Influência da variável faixa etária no cancelamento de marcas

	N/Total	%	Peso
Idoso	284/639	44	0,513
Adulto	345/779	44	0,488
Jovem	3/6	50	0,718
TOTAL	632/1424	44	*Input* 0,863

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

Diante do número pequeno de dados para o fator jovem, resolvemos amalgamar os dados dos fatores jovem e adulto e rodar novamente os dados, na tentativa de refinar a análise. Os resultados seguem apresentados na Tabela 55.

Tabela 55 - Fatores amalgamados: faixa etária

	N/Total	%	Peso
Idoso	284/639	44	0,494
Adulto	348/785	44	0,505
TOTAL	632/1424	44	*Input* 0,863

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

Os resultados da rodada após a amálgama dos fatores jovem e adulto apresentou PR 0,494 para o fator idoso e PR 0,505 para o fator adulto. Esses resultados mostram que idosos e adultos comportam-se de maneira idêntica, em relação ao cancelamento de marcas.

6.6.2.3 Nível de escolaridade

A terceira variável descartada pelo programa – nível de escolaridade – é observada neste estudo a partir da premissa de que falantes pouco escolarizados optam por construções da linguagem não padrão, enquanto que as variantes cultas predominam entre os falantes escolarizados.

Os resultados da análise dessa variável são apresentados na Tabela 56, a seguir.

Tabela 56 - Influência do nível de escolaridade no cancelamento de marcas

	N/Total	%	Peso relativo
1 a 4 anos	471/1056	44	0,513
Não alfabetizado	111/253	43	0,423
9 a 11 anos	32/75	42	0,501
5 a 8 anos	18/40	45	0,641
TOTAL	632/1424	44	*Input* 0,863

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

Os resultados relativos à escolaridade mostram que o fator 5 a 8 anos de escolaridade é o que favorece o cancelamento de marcas, com PR 0,641, seguido do fator 1 a 4 anos, com PR 0,513. O fator 9 a 11 anos de escolaridade não favorece e nem desfavorece o cancelamento, tendo em vista que o peso relativo está muito próximo ao ponto neutro (PR 0,501). O fator que desfavorece o cancelamento de marcas é o dos não alfabetizados com PR 0,423, contrariando a expectativa de que o cancelamento de marcas seria favorecido por esse fator.

Na tentativa de refinar esses dados e melhor demonstrar a influência da escolaridade no cancelamento de marcas formais de plural, amalgamamos o fator 1 a 4 anos e o fator não alfabetizado e também o fator 9 a 11 anos e o 5 a 8 anos. Esses novos fatores foram denominados, respectivamente, menor grau de escolaridade e maior grau de escolaridade**.** Os resultados estão expostos na Tabela 57.

Tabela 57 - Fatores amalgamados: nível de escolaridade

Escolaridade	N/Total	%	Peso relativo
Maior grau de escolaridade	50/115	43	0,519
Menor grau de escolaridade	582/1309	44	0,498
TOTAL	632/1424	44	*Input* 0,863

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

Após a amálgama dos dados, os resultados mostraram que o fator maior grau de escolaridade, favorece, levemente, o cancelamento de marcas com PR 0,519. Já o fator menor grau de escolaridade não interfere no cancelamento de marcas, tendo em vista que o PR 0,498 está muito próximo do ponto neutro. Esses resultados mostram que a escolaridade não interfere na concordância nominal de número na comunidade de prática de pescadores de Januária.

6.6.2.4 Saliência fônica

A variável linguística saliência fônica foi analisada na perspectiva de que as formas mais salientes tendem a ter mais marcas, e as menos salientes tendem a ter menos marcas. A seguir (Tabela 58), os resultados para essa variável.

Tabela 58 - Influência da variável saliência fônica no cancelamento de marcas

	N/Total	%	Peso relativo
Plural regular em / s /	535/1227	43	0,477
Itens terminados em / l /	6/11	54	0,432
Itens terminados em / r /	44/86	51	0,748
Plural regular em / ão /	8/16	50	0,552
Plural duplo	7/15	46	0,458
Itens terminados em /ão/, com mudança da vogal do ditongo	13/27	48	0,574
Itens terminados em / s / e	19/42	45	0,590
TOTAL	632/1424	44	*Input* 0,863

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

Os resultados mostram que os itens terminados em / r / são os que apresentam maior índice de cancelamento da marca de plural (PR 0,748), seguidos dos itens terminados em / s / (PR 0,590), dos terminados em /ão/, com mudança da vogal do ditongo (PR 0,574) e do plural regular em /ão/ (PR 0,552). Vejamos as ocorrências, a seguir.

a) **Itens terminados em / r /:**
   - "É...os PESCADÔØ agora, ninguém qué remá mais..." (P64MRD102).

b) **Itens terminados em / s /:**
   - "Já vai num sei quantos MÊSØ..." (G30MI0663).

c) **Itens terminados em / ão / com mudança da vogal do ditongo:**
   - "As PREVISÃOØ mermo é o tempo..." (J60MRM032).

d) **Plural regular em / ão /:**
   - "Os ÓRGÃOS passam, né?" E52MPA099

Os fatores plural regular em / s / com PR 0,477, plural duplo com PR 0,458, itens terminados em / l / com PR 0,432 desfavorecem o cancelamento de marcas, como nas ocorrências a seguir:

a) **Plural regular em / s /:**
   - "...os GOVERNANTES num cria assim..." **(**R29MCA076)

b) **Plural duplo:**
   - "Os POVO antigo falava ..." (M73MBA067)

c) **Itens terminados em / l /:**
   - "Sim ... os DESCARTÁVEIS." (P64MRD102)

Esses resultados contrariam a proposta de Scherre (1988, p. 64) quando afirma que "as formas mais salientes, e por isso mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas do que as menos perceptíveis".

6.6.2.5 Contexto fonético seguinte

Esta variável linguística, que analisa o som que sucede cada um dos elementos constituintes de um SN, quais sejam, a vogal e a consoante, serviu também para analisar a influência da pausa no cancelamento das marcas formais de plural, Tabela 59 a seguir.

Tabela 59 - Influência da variável contexto fonético seguinte no cancelamento de marcas

	N/Total	%	Peso
Consoante	348/983	35	0,470
Pausa	162/185	87	0,635
Vogal	122/256	47	0,516
TOTAL	632/1424	44	*Input* 0,863

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa.

Como vimos, a variável contexto fonético seguinte não se apresentou relevante para o fenômeno em questão, porquanto descartada pelo programa. Os resultados apresentados mostram que o contexto mais favorável ao cancelamento da marca é a pausa, com PR 0,635. O fator consoante desfavorece o cancelamento com PR 0,470 e o fator vogal, com PR 0,516, favorece levemente o cancelamento de marcas.

Vejamos algumas ocorrências:

a) **Pausa:** "Primeiro ela procurou os ANO..." (P73MCV018).
b) **Consoante:** "Os OTRO **t**inha ligação tamém." (JB38MCA075).
c) **Vogal:** "As ÁGUA **e**ra mais tamém..." (S58MRM028).

A hipótese inicialmente levantada para este estudo, fundamentada em Scherre (1988), era a de que o padrão silábico CV do Português influenciasse no fenômeno da indicação de plural em um SN, com a consoante seguinte favorecendo o cancelamento de marcas e a vogal desfavorecendo o cancelamento. No entanto, essa hipótese foi refutada pelos resultados da análise, conforme descrevemos anteriormente Tal fato, acreditamos, pode ser atribuído ao comportamento arbitrário da pausa no processo de cancelamento de marcas de plural.

Encerrado este capítulo de análise, no capítulo seguinte tecemos nossas considerações finais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Guiadas pela hipótese de que havia uma relação entre a linguagem falada pelos ribeirinhos registrada por Manoel Ambrósio Alves de Oliveira em sua obra *Brasil Interior - Palestras Populares Folk-lore das margens do São Francisco,* escrita entre 1904 e 1912, e o linguajar atual utilizado pelos pescadores de Januária (MG), que iniciamos esta pesquisa.

Os primeiros contatos com a comunidade de prática de pescadores deste município, *locus* desta pesquisa, sugeriam que muitos processos fonológicos e morfossintáticos descritos na obra citada ainda se manifestavam, atualmente, no linguajar de pescadores do rio São Francisco. Assim, dentre os muitos processos detectados, optamos por analisar: três processos fonológicos - rotacismo, metátese e nasalização espúria - e dois morfossintáticos - posposição do pronome possessivo e concordância nominal de número -, para comprovar ou refutar a hipótese inicialmente levantada.

Para localizar cada um desses processos na história da língua portuguesa, dedicamo-nos à pesquisa bibliográfica sobre a constituição do Português Brasileiro e buscamos registros dos processos que remetessem à época da escrita da obra *Brasil Interior - Palestras Populares Folk-lore das margens do São Francisco,* ao mesmo tempo em que identificávamos as possíveis origens de cada um desses processos.

Esta pesquisa levou-nos a importantes registros do Português Brasileiro: *O Dialeto Caipira,* de Amadeu Amaral; *A língua do Nordeste*, de Mário Marroquim; a *História da Língua Portuguesa*, de Serafim da Silva Neto; a *Arcaicidade da língua popular brasileira,* de João Alves Pereira Penha; *O falar mineiro,* de José de Aparecida Teixeira; além de gramáticas históricas, dicionários, registros folclóricos e vocabulários regionais. Os registros encontrados evidenciaram a existência dos processos em análise, mostrando que alguns datam da passagem do latim para o português. Além de localizar os processos numa perspectiva diacrônica, buscamos pesquisas de caráter dialetológico e variacionista que tivessem como objeto de investigação os processos em análise neste estudo. E verificamos que, sobre alguns desses processos, o rotacismo em grupo consonantal e a concordância nominal de número, há muitos estudos.

Tendo adotado a sociolinguística como perspectiva teórica e metodológica para este estudo, procedemos à estratificação dos sujeitos em sexo, faixa etária, nível de escolaridade e contato com o meio urbano. Ressaltamos, para este estudo, a importância de aliar a perspectiva macro da sociolinguística variacionista às perspectivas da segunda e terceira onda dos estudos sociolinguísticos: as redes sociais e as comunidades de prática.

Em busca de confirmar nossa hipótese principal, seguindo as orientações da sociolinguística variacionista e a perspectiva etnográfica para a coleta de dados, percorremos um longo caminho na convivência com a comunidade de prática de pescadores de Januária: na Colônia Z-2 (Januária) e na Z-16 (Pedras de Maria da Cruz); nas residências dos pescadores na cidade; nos povoados de Alto Grande e Remansinho; e, principalmente, seguindo de barco pelo rio São Francisco para alcançar os "iótes" e as "crôas" formados no meio do rio; os "beradões"; as ilhas de Pedro-Preto, Balaieiro, Quebra-guiada, Rio do Peixe, Marimbondo e Prainha.

A pesquisa etnográfica apontou a confirmação da hipótese principal que orientou este estudo: os falares dos pescadores de Januária na atualidade refletem os falares dos ribeirinhos registrados por Manoel Ambrósio Alves de Oliveira em sua obra escrita entre 1904 e 1912. No entanto, para atender aos objetivos da pesquisa e confirmar as hipóteses secundárias, era preciso verificar em que medida os processos fonológicos do rotacismo, metátese e nasalização espúria e os processos morfossintáticos posposição do pronome possessivo e concordância nominal de número ainda se manifestavam na fala dos pescadores. Para isso, estabelecemos os possíveis condicionadores das variáveis em estudo e procedemos à análise estatística de cada um dos processos, utilizando o programa *GoldVarb*/2001.

O *GoldVarb*/2001 selecionou como favorecedoras do rotacismo em grupo consonantal as variáveis linguísticas posição da sílaba do grupo consonantal, sonoridade do contexto precedente, contexto precedente: ponto de articulação e as variáveis sociais nível de escolaridade, faixa etária e sexo. A análise mostrou que esse processo é favorecido pelas sílabas em posição inicial na palavra e, no contexto precedente, pelo fator sonoro e pelo fator velar. Quanto às variáveis sociais, o rotacismo é favorecido pelo sexo feminino; em relação à faixa etária é favorecido pelos idosos; e, em relação ao nível *de* escolaridade, o rotacismo é favorecido pelos mais escolarizados, mas já se observa entre estes uma tendência em favor da consoante lateral em lugar do rótico, talvez pelo prestígio que a ausência de rotacismo representa.

Para o rotacismo em final de sílaba interna foram significativas as variáveis ponto de articulação do segmento seguinte, com o fator velar e o fator labial, favorecendo a ocorrência do processo; a variável classe gramatical, com os nominais como favorecedores; e, para a variável vogal precedente, o fator vogal [+ alto], favorecendo a ocorrência do processo que, entretanto, não se mostrou sensível aos fatores sociais.

Por terem significância estatística para a ocorrência da metátese, dentre as variáveis linguísticas e sociais relacionadas para a análise da metátese, o programa selecionou a

extensão da palavra, o nível de escolaridade e a direção do segmento. Em relação à extensão da palavra, o fator favorecedor foi mais de duas sílabas; sobre o nível de escolaridade, a maior ocorrência se encontra entre os indivíduos não alfabetizados e, no que tange à direção do segmento, a metátese regressiva é a que mais ocorre.

A análise da nasalização espúria do [i] apresentou somente uma variável considerada significativa, a vogal-alvo. A hipótese inicialmente levantada para essa variável – a de que a vogal [+ alta] seria favorecedora do processo - não foi confirmada: a nasalização espúria é favorecida pela vogal [-alta] / e / que se realiza foneticamente como [i]. A nasalização espúria do [i] também não é condicionada por fatores sociais.

Sobre os processos fonológicos analisados, observamos que são antigos na língua portuguesa, já foram identificados em outras regiões do país, nem todos são sensíveis a fatores sociais e, em função de não atingirem todas as palavras que potencialmente poderiam sofrer esses processos, é possível que estejam ocorrendo por meio de difusão lexical. O fato de esses processos terem sido verificados com mais frequência entre os idosos, permite-nos inferir que há uma tendência ao seu desaparecimento na comunidade de prática de pescadores de Januária.

A análise do processo morfossintático posposição do pronome possessivo apontou como significativas as variáveis contato com o meio urbano e número do sintagma nominal. Em relação ao contato com o meio urbano, o processo é favorecido pelo menor contato e, em relação ao número do sintagma, o fator que favorece é o singular.

O fato de essa variável não ser sensível ao fator social escolaridade pode se justificar pelo fato de essa regra não ser visada pelo discurso normativo, seja pelo aspecto semântico que envolve o uso do artigo definido no sintagma nominal posposto, seja pelo fato de não haver estigma em relação a essa posposição, o que pode justificar também o fato de esse processo não ser investigado com a mesma frequência de outros processos.

A análise da concordância nominal de número apontou as seguintes variáveis linguísticas: posição do elemento aliada à classe gramatical e marcas precedentes e a variável social contato com o meio urbano. A posição do elemento aliada à classe gramatical apontou para o fato de que, na comunidade de prática de pescadores de Januária, os elementos que aparecem na primeira posição do sintagma nominal (artigos, possessivos, indefinidos e quantificadores) são categoricamente marcados. Os elementos localizados na segunda posição do sintagma nominal (substantivo e categoria substantivada) e na terceira posição (adjetivos e determinantes) são menos marcados. Esse processo também é mais frequente entre os indivíduos com menor contato com o meio urbano

Ao final deste estudo, confirmamos a hipótese inicial de que o linguajar dos pescadores de Januária conserva muitos dos processos fonológicos e morfossintáticos descritos por Manoel Ambrósio, especialmente os que foram analisados neste estudo.

Embora neste estudo tenhamos nos debruçado sobre processos recorrentes em outras áreas do país, como o rotacismo em grupo consonantal e a concordância nominal de número, percebemos que ainda há um longo caminho a ser percorrido em pesquisas sobre os processos analisados nesta tese, tendo em vista a presença desses em muitas localidades da região norte de Minas Gerais.

O que investigamos nesta tese constitui apenas uma mínima centelha no imenso universo que o tema descortina e, por isto, ele não se exaure neste estudo.

Esperamos que este trabalho contribua para motivar futuras pesquisas sobre o tema.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Bernadete Marques; PAGOTTO, Emilio Gozze. Nasalização no português do Brasil. *In*: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (coord.). **Gramática do português falado**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996, p. 495-526. v. 6. (Série pesquisas)

ALBÓ, Xavier. **Los mil rostros del quéchua:** sociolingüística de Cochabamba. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 1974.

ALI, Manoel Said. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 8. ed. rev. e atual. Mário Eduardo Viaro. Brasília, DF. Editora Universidade de Brasília, 2001.

ALMADA, Márcia. Estórias fantásticas do Rio São Francisco. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, v. 1, n. 42, p. 148-154, jan./jun. 2006.

ALMEIDA, Maria Ivete Soares de; PEREIRA, Anete Marília. **Leituras geográficas sobre o norte de Minas Gerais**. Montes Claros: UNIMONTES, 2004.

ALMEIDA, Manoel Mourivaldo Santiago. As consoantes do português falado no Vale do Cuiabá. **SIGNUM: Estudos da Linguagem**, Londrina, n. 7, v. 1, p. 149-163, jun. 2004.

ALMEIDA, Manoel Mourivaldo Santiago. **Aspectos fonológicos do Português falado na Baixada Cuiabana**: traços de língua antiga preservados no Brasil (Manuscritos da época das Bandeiras, século XVIII). 2000. Tese (Doutorado em Letras)- Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

ALMEIDA, Manoel Mourivaldo Santiago. **Vogais do falar ribeirinho cuiabano**. 2009. Tese (Livre-Docência em Filologia e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Áreas linguísticas do português falado no Sul do Brasil: um balanço das fotografias Geolinguísticas do ALERS. *In*: AGUILERA, Vanderci de Andrade. (org.). **A geolinguística no Brasil**: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: Editora da UEL, 2013, p. 177-208.

ALVES, Diocles Igor Castro Pires. **O processo de nasalização no dialeto Quilombola Gurutubano**. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras)- Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

ALVES, Joana Lopes. **A linguagem dos pescadores da Ericeira**. Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa, 1993.

ALVES, Cirlene de Jesus; CAVALCANTE, Layane Dias; PACHECO, Vera. Vogais nasais em ambientes não nasais em alguns dialetos baianos: dados preliminares. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS, 1., 2007. Vitória da Conquista. **Anais** [...]. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007. p. 39-107. Disponível em: http://anais.uesb.br/index.php/periodicos-uesb-br-spel/article/viewFile/1296/1190. Acesso em: 14 abr. 2021.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**: gramática-vocabulário. São Paulo: Hucitec; Brasília, DF: INL, 1982.

AMARIZ, Clarissa de Menezes. **O processo de metátese na diacronia e na aquisição do português**. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras)- Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014. Disponível em: http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/ri/2724/5/O%20processo%20de%20met%C3%A1tese%20na%20diacronia%20e%20na%20aquisi%C3%A7%C3%A3o%20do%20portugu%C3%AAs.pdf. Acesso em: 14 abr. 2021.

ANDRADE, Cristiana; RIBEIRO, Luiz. **Cianobactérias**: Rios das Velhas e São Francisco ameaçados por excesso de algas. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2019. Disponível em: https://www.fundaj.gov.br/index.php/revitalizacao-de-bacias/9843-cianobacterias-rios-das-velhas-e-sao-francisco-ameacados-por-excesso-de-algas. Acesso em: 14 abr. 2021.

ANDRADE, Leila Minatti. **Rupturas e contínuos da concordância nominal de número em textos orais de informantes em Tubarão (SC) e São Borja (RS)**. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2003.

ARAUJO, Gabriel Antunes de; ALMEIDA, Manoel Mourivaldo Santiago; ZAMBOTTO, Criseida Rowena Lima. O vigor do rotacismo na baixada cuiabana. *In*: MORAIS, Maria Aparecida Correa Ribeiro Torres; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira. (org.). **História do português paulista**. Campinas: Editora da UNICAMP/Publicações IEL, 2009. v. 2.

ASSAD, Cáder Faisal; COX, Maria Inês Pagliarini. O ele e o erre só trazem compricação: um estudo das representações de [l] e [r] na escrita de crianças em processo de alfabetização. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 8, n. 13, p. 143-156, 1999.

BACK, Eurico. São fonemas as vogais nasais do Português? **Construtura: Revista de Lingüística, Língua e Literatura**, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 297-318, 1973.

BANCO DA AMAZÔNIA S.A /BASA. **Estudo sobre a pesca artesanal**. Belém/PA: Análise Setorial, 1993.

BATISTA, Vandick da Silva; ISAAC, Victoria Judith; VIANA, João Paulo. Exploração e manejo dos recursos pesqueiros da Amazônia. *In*: RUFFINO, Mauro Luis. (ed.). **A pesca e os recursos pesqueiros na Amazônia brasileira**. Manaus: IBAMA/ProVárzea, 2004.

BATTISTI, Elisa. A nasalização no português brasileiro pela Teoria da Otimidade. **Revista Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 59-89, 1998. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2185. Acesso em: 14 abr. 2021.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2009.

BENVENISTE, Emile. A natureza dos pronomes. *In*: BENVENISTE, Emile. **Problemas de linguística geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak, Maria

Luísa Néri. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005. p. 277-283.

BERNARDO, Luzimar Alves. Pescadores artesanais na praia de Copacabana: histórias e memórias – tradição e temporalidades. 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

BISOL, Leda. Estudo sobre a nasalidade. *In*: ABAURRE, Maria Bernadete Marques; RODRIGUES, Ângela Cecília de Souza (org.). **Gramática do português falado**: novos estudos descritivos. São Paulo: FAPESP; Campinas (SP): Ed. UNICAMP, 2002. v. 8. (Série pesquisas).

BLEVINS, Juliette; GARRETT, Andrew. The evolution of metathesis. *In*: HAYES, Bruce; KIRSCHNER, Robert; STERIADE, Donca. (ed.). **Phonetically based phonology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 117-156.

BLEVINS, Juliette; GARRETT, Andrew. The origin of consonant- vowel metathesis. **Language**, New York, v. 74, n. 3, p. 508-556, 1998. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/417792. Acesso em: 14 abr. 2021.

BLOOMFIELD, Leonard. A set of postulates for the science of language. **Language**, New York, v. 2, n. 3, p. 153-164, Sep. 1926. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/408741. Acesso em: 14 abr. 2021.

BORGES NETO, José. Os possessivos como indicadores de referência e atribuição. **DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 145-149, 1986.

BRAGA, Maria Leuza. **A concordância de número no sintagma nominal no Triângulo Mineiro**. 1977. Dissertação (Mestrado em Letras)- Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1977.

BRAGA, Maria Leuza; SCHERRE, Maria Marta Pereira. A concordância de número no SN na área urbana do Rio de Janeiro. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE LINGUÍSTICA, 1., 1976, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: PUC, 1976. p. 464-477.

BRITO, Ana Maria. Português europeu/Português brasileiro: algumas diferenças sintácticas. **Pré (publications)**: **Romansk institut, Aarhus Universitet,** n. 168, p. 12-34, 1999.

BUENO, Francisco da Silveira. **Estudos de filologia portuguêsa**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1963.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **An experimental study of nasality with particular reference to brazilian portuguese**. 1977. Theses (Doctor in Philosophy)- University of Edinburgh, Edinburgh, 1977.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise fonológica**: introdução à teoria e prática com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. Erros escolares como sintomas de tendências lingüísticas no português do Rio de Janeiro. *In*: CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Dispersos**. Rio de Janeiro: FGV, 1972.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 40. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **História da lingüística**. Tradução de Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **História da lingüística**. Petrópolis: Vozes, 1975.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Problemas de lingüística descritiva**. Petrópolis: Vozes, 1969.

CAMPOY, Juan Manuel Hernández; ALMEIDA, Manuel. **Metodología de la investigación sociolingüística**. Málaga: Editorial Comares. 2005.

CARDEIRA, Esperança. **O essencial sobre a história do Português**. Lisboa: Caminho, 2006.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTRO, Inez Silvia Batista. **Perfil econômico do norte de Minas Gerais**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2003.

CASTRO, Vandersi Sant'Ana. **A resistência de traços do dialeto caipira**: estudo com base em Atlas Linguísticos Regionais Brasileiros. 2006. Tese (Doutorado em Linguística)- Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

MONTENEGRO, Sineide Correia Silva; NORDI, Nivaldo; MARQUES, José Geraldo Wanderley. Contexto cultural, ecológico e econômico da produção e ocupação dos espaços de pesca pelos pescadores de Pitu (Macrobrachium Carcinus) em um trecho do Baixo São Francisco, Alagoas-Brasil. **Interciencia**, Caracas, v. 26, n. 11, 2001. Disponível em: http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0378-18442001001100002. Acesso em: 4 jun. 2020.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 45. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

CERQUEIRA, Vicente Cruz. A forma genitiva dele e a categoria de concordância (AGR) no Português Brasileiro. *In*: KATO, Mary Aizawa; ROBERTS, Ian (coord.) **Português brasileiro**: uma viagem diacrônica. Campinas: Ed. Universidade Estadual de Campinas, 1993, p. 129-160.

CERQUEIRA, Vicente Cruz. **A sintaxe do possessivo no português brasileiro**. 1996. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996. Disponível em: http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/271038. Acesso em: 22 jul. 2020.

CEZÁRIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião Josué. Sociolinguística. *In*: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. São Paulo, SP: Contexto, 2008.

CHAMBERS, Jack K. **Sociolinguistic theory**. Oxford, Cambridge: Blackwell Publishing, 1995.

CHOMSKY, Noam. **Aspects of the theory of sintax**. Cambridge, Massachusetts, MIT Press, 1965.

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. **The sound pattern of english** (ed.). New York: Harper and Row, 1968.

COAN, Márluce; FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 4, n. 2, p. 173-194, fev. 2010. Disponível em: http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11618. Acesso em: 22 jul. 2020.

COELHO, Bianca de Carvalho. **Transposições ortográficas e estrutura da sílaba na escrita infantil**. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos)- Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2016.

COELHO, Maria do Socorro Vieira. **Os gurutubanos**: língua, história e cultura. 2010. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Letras

COLLISCHON, Gisela; QUEDNAU, Laura Rosane. As laterais variáveis da Região Sul. *In*: BISOL, Leda; COLLISCHON, Gisela. (org.). **O português do Sul do Brasil**: variação fonológica. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2009, p. 152-173.

COSTA, Luciane Trennephol da. **Estudo do rotacismo**: variação entre as consoantes líquidas. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras)- Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

COSTA, Paula Pinheiro. O fenômeno da nasalização marginal no português do Brasil: um estudo de atitudes. **Linguística Rio**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 38-59, fev. 2019. Disponível em: http://www.linguisticario.letras.ufrj.br/uploads/7/0/5/2/7052840/a3.pinheirocosta.pdf. Acesso em: 22 jul. 2020.

COSTA, Raquel Pires. **Estudo linguístico no litoral maranhense**: léxico e cultura dos pescadores do município de Raposa, no Maranhão. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos)- Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-96LMHJ. Acesso em: 22 jul. 2020.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

COUTO, Hildo Honório do. **Fonologia e fonologia do português**. Brasília, DF: Thesaurus, 1997.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2010.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DIAS, Ludquellen Braga. **O rotacismo em comunidades rurais afro-brasileiras do Estado da Bahia**. 2019. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura)- Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/31538. Acesso em: 22 jul. 2020.

DIAS, Maria Clara Alvares Correia. **A variação na concordância nominal**: um contraste entre o urbano e o rural na fala brasiliense. 1993. Dissertação (Mestrado em Lingüística)- Programa de Pós-Graduação em Lingüística, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 1993.

DUARTE, Yara; TEIXEIRA, Raquel. O processo de nasalização das vogais em português sob o enfoque da fonologia gerativa. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 14, n. 37, p. 20-35, set. 1979.

DUBOIS, Jean *et al*. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.

ECKERT, Penelope. Age as a sociolinguistic variable. *In*: COULMAS, Florian. **The handbook of sociolinguistics**. Oxford: Blackwell, 1997, p. 151-167.

ECKERT, Penelope. **Linguistic variation as social practice**. Oxford: Blackwell Publishing, 2000.

ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual Review of Anthropology**, Palo Alto, n. 41, p. 87-100, 2012.

ECKERT, Penelope; MCCONNELL-GINET, Sally. **Language and gender**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

ECKERT, Penelope; MCCONNEL-GINET, Sally. Think practically and look locally: languageand gender as community-based practice. **Annual Review of Anthropology**, New York, v. 21, p. 461-490, 1992.

ESPÍRITO SANTO, Júlia Maria França. **Entre o campo e a cidade**: rotacismo em São Miguel Arcanjo. 2019. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

ELIA, Silvio. **Sociolinguistica:** (uma introdução). Rio de Janeiro: Padrão, 1987.

FIGUEROA, Esther. **Sociolinguistic Metatheory.** Oxford: Pergamon, 1994. (Language & Communication Library; 14).

FERREIRA NETTO, Waldemar. **Introdução à fonologia da língua portuguesa**. São Paulo, SP: Paulistana, 2001.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIORDANI, Mariana Norberto Palma. O rotacismo em final de sílaba. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, n. 7, p. 129-134, 2005.

GOMES, Christina Abreu. **Rotacismo em grupo consonantal**: uma abordagem sincrônica e diacrônica. 1987. Dissertação (Mestrado em Letras)- Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

GUMPERZ, John Joseph. Introduction to part IV. *In*: GUMPERZ, John Joseph, LEVINSON, Stephen C. **Rethinking linguistic relativity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 359-373.

GUMPERZ, John Joseph. The speech community. *In*: SILLS, David. L. MERTON, Robert King. (ed.). **International Encyclopedia of the Social Sciences**. London: MacMillan, 1968. p. 381-386.

GUY, Gregory Riordan. **Linguistic variation in brazilian portuguese**: aspects of phonology, syntax and language history. 1981. Theses (Doctor in Linguistics) – University of Pennsylvania, London, 1981.

GUY, Gregory Riordan. Sobre a natureza e origens do português popular do Brasil (On the nature and origins of popular Brasilian Portuguese). *In*: CONGRESO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS, 45., 1989. Bogotá. **Anais** [...]. Bogotá: CIA, 1989. p. 227-245.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana Maria Stahl. **Sociolinguística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HALL JUNIOR, Robert Anderson. The unit phonemes of Brazilian portuguese. **Studies in Linguistics**, New York, v. 1, n. 15, p. 1-16, 1943.

HEAD, Brian Franklin. **A comparison of the segmental phonology of Lisbon and Rio de Janeiro**. 1964. Tese (Douctor Linguistics) – University of Texas, Austin, 1964.

HERNANDORENA, Carmen Lúcia Matzenauer. Introdução à teoria fonológica. *In*: BISOL, Leda. (org.). **Introdução a estudos de fonologia do Português brasileiro**. Porto Alegre, Editora da PUCRS, 1999.

HOLM, John. Popular Brazilian Portuguese: a Semicreole. *In*: ANDRADE Ernesto de; KIHM, Alain (org.). **Actas do Colóquio sobre crioulos de base lexical portuguesa**, 1992, Lisboa: Edições Colibri, DL 1992. (Actas & colóquios; 3).

HOLMES, Janet; MEYERHOFF, Miriam. The community of practice: theories and methodologies in language and gender research. **Language in Society**, Cambridge, v. 28, n. 2, p. 173-183, 1999.

HORA, Dermeval da; TELLES, Stella. Metátese. *In*: CASTILHO, Ataliba T. de (coord.). **História do português brasileiro**: mudança fônica do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2019. (História do português brasileiro; 3).

HORA, Dermeval da; TELLES, Stella; MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. Português brasileiro: uma língua de metátese? **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 178-196, set. 2007.

HUME, Elizabeth. Metathesis: formal and functional considerations. *In*: HUME, Elizabeth; SMITH, Norval; WEIJER, Jeroen Maarten van de (ed.). **Surface syllable structure and segmen sequencing**. Leiden: HIL, 2001. p. 1-25.

HUME, Elizabeth. The indeterminacy/attestation model of metathesis. **Language**, New York, v. 80, n. 2, p. 203-237, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. Conselho Nacional de Estatística. **Januária**: Minas Gerais. [Rio de Janeiro]: IBGE, 1958. (Coleção de monografias; 148).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: https://censo2010.ibge.gov.br/. Acesso em: 24 maio 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Portal virtual**. 2013. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/. Acesso em: 3 fev. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População Januarense**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/januaria/panorama. Acesso em: 3 fev. 2021.

JANUÁRIA. *In:* WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco, CA: Wikimedia Fonudation], 2021. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/a/a5/MinasGerais_Micro_Januaria.svg/1200px-MinasGerais_Micro_Januaria.svg.png. Acesso em: 27 nov. 2021.

KATO, Mary Aizawa A complementaridade dos possessivos e das construções genitivas no português coloquial: réplica a Perini. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 1, n. 1/2, p. 107-120, 1985.

LABOV, William. Building on empirial fondation. *In*: LEHMAN, Winfred P.; MALKIEL, Yakov (ed.). **Directions of historical linguistics**. Texas: Univ. Of Texas, 1981.

LABOV, William. On the use of the present to explain the past. *In*: PROCEEDINGS OF THE INTERNATIONAL CONGRESS OF LINGUISTS, 11., 1975, Bologna; Luigi Heilmann (ed.). **Anais** [...]. Bologna: Il Mulino, 1975.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, William. **Principles of linguistic change**. Oxford: Blacwell Publishers, 1994.

LABOV, William. **Principles of linguistic change**: Social factors. Oxford: Blackwell Publishing, 2001. v. 1-2.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972a.

LABOV, William. The logic of non-standard English. *In*: LABOV, William. **English in the inner city**: studies of black English vernacular. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 1972b. p. 201-240.

LABOV, William. **The social stratification of english in New York City**. Washington: Center of Ampplied Linguistics, 1966.

LAMPRECHT, Regina Ritter. **Metathesis in phonological acquisition**: a window to constraint ranking in the child's system. Palmela, Portugal: GALA- Generative Approaches to Language Acquisition, 2002.

LEAL, Alessandra Fonseca; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Tempos e espaços em comunidades tradicionais de Minas Gerais - Apresentação. *In*: LEAL, Alessandra Fonseca; BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Tempos e espaços nas Comunidades Rurais no Alto e Médio São Francisco, Minas Gerais**: uma pesquisa interdisciplinar sobre permanências e mudanças nos modos de vida em Comunidades Rurais Ribeirinhas. Relatório de Pesquisa: Edital MCT/CNPq 61/2005. Uberlândia/Montes Claros: CNPq, 2009.

LEE, Seung Hwa. Fonologia gerativa. *In*: HORA, Demerval da; MATZENAUER, Carmem Lúcia (Org.). **Fonologia, fonologias**: uma introdução. São Paulo, SP: Contexto, 2017. p. 31-45.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

LOBATO, Lucia. A concordância nominal no Português do Brasil à luz da Teoria de Princípios e Parâmetros e da Sociolinguística Variacionista. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 10, n. 3 [s. spec.], p. 173-212, 1994.

LÜDTKE, Helmut. Fonemática Portuguesa II -Vocalismo. **Boletim de Filosofia,** Lisboa, v. 14, p. 197-217, 1953.

LUCCHESI, Dante; ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. **A teoria da variação línguística:** a teoria da variação linguística. Salvador: Vertentes, 2020. Disponível em: http://www.vertentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica. Acesso em: 12 dez. 2020.

MARANHÃO, Tullio Persio. **Etnografia da pesca em Icaraí, Ceará**. Brasília, DF: Departamento de Ciências Sociais, 1975.

MARROQUIM, Mario. **A língua do Nordeste**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

MARROQUIM, Mario. **A língua do Nordeste**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

MARROQUIM, Mario. **A língua do Nordeste**: (Alagoas e Pernambuco). 4. ed. Maceió: Editora da UFAL, 2008.

MATOS, Vera Lúcia de A. **Januária no tempo e- no espaço**. 3. ed. Januária: Edição do Autor, 2007.

MELO, Gladstone Chaves de. **A língua do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1971.

MELO, Gladstone Chaves de. **A língua do Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1975.

MELO, Gladstone Chaves de. **A língua do Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria editora Ltda, 1981.

MENDONÇA, Renato. **A influência africana no Português do Brasil**. 3. ed. Porto: Livraria Figueirinhas, 1948.

MEYERHOFF, Miriam; STRYCHARZ, Anna. Communities of practice. *In*: CHAMBERS, James. K.; TRUDGILL, Peter.; SCHILLING-ESTES, Natalie. (ed.). **Handbook of variation and change**. Oxford: Blackwell Publishing, 2004. p. 526-548.

MEYERHOFF, Miriam. **Introducing sociolinguistics**. New York: Routledge, 2006.

MEYERHOFF, Miriam. **Introducing sociolinguistics**. New York: Routledge, 2009.

MILROY, Lesley. **Language and social Networks**. 2. ed. Oxford: Basil Blackwell, 1987.

MILROY, Lesley. Social networks: communities of practice. *In*: CHAMBERS, James. K.; TRUDGILL, Peter.; SCHILLING-ESTES, Natalie. (ed.). **Handbook of variation and change**. Oxford: Blackwell Publishing, 2004. p. 549-572.

MILROY, Lesley; GORDON, Matthew. **Sociolinguistics**: method and interpretation. 4. ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.

MOLLICA, Maria Cecília; PAIVA, Maria da Conceição de. Restrições estruturais atuando na relação entre [l]/[r] e [r] 0 em grupos consonantais em português. **Boletim da ABRALIN: Boletim da Associação Brasileira de Lingüística**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 181-189, 1991.

MOORE, Emm. Interaction between social category and social practice: explaining was/were variation. **Language Variation and Change**, Cambrigde, v. 22, n. 3, p. 347-371, 2010.

MÜLLER, Ana Lucia de Paula. **A gramática das formas possessivas no português do Brasil**. 1997a. Tese (Doutorado em Lingüística)- Programa de Pós-Graduação em Lingüística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997a.

MÜLLER, Ana Lucia de Paula. A lógica subjacente entre as formas possessivas de terceira pessoa: seu *versus* dele. **Revista da ANPOLL: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Logística**, Florianópolis, n. 3, p. 11-32, 1997b.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). **Introdução à sociolingüística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 15-25.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Edição da Organização Simões, 1953.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

NEVES, Maria Helena de Moura. Possessivos. *In*: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). **Gramática do português falado**: as abordagens. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1993. p. 149-213. v. 3.

NINA, Terezinha de Jesus Carvalho. **Concordância nominal /verbal do analfabeto na Micro-Região de Bragantina.** 1980. Dissertação (Mestrado)- Instituto de Letras e Artes da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1980.

NOGUEIRA, Rodrigo de Sá. Tentativa de explicação dos fenomenos fonéticos em português. 2.ed. Lisboa: Clássica, 1958.

NUNES, Jose Joaquim. **Compêndio de gramática histórica do português**. São Paulo: Clássica Editora, 1945.

OLIVEIRA, Beatrice Graciella Azevedo Motta de. **A linguagem em Paranhos**: aspectos sociolinguísticos. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras)- Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2009.

OLIVEIRA, Cláudia Luz de. Território e territorialidade entre pescadores e vazanteiros do médio São Francisco - MG. *In*: ROCHA, Letícia Aparecida; NASCIMENTO, Neusa Francisca; FERREIRA, Thaísa Gomes (org.). **Diagnóstico da pesca artesanal no Norte de Minas, Alto/Médio São Francisco**. Buritizeiro: CPPNAC, 2011. Disponível em: http://www.arquivo.cppnac.org.br/wp-content/uploads/2013/08/Diagn%C3%B3stico-da-Pesca-Artesanal-no-Norte-de-Minas-Alto-M%C3%A9dio-S%C3%A3o-Francisco.pdf. Acesso em: 12 dez. 2020.

OLIVEIRA, Manoel Ambrósio Alves de. **Brasil interior:** palestras populares - folk-lore das margens do São Francisco. Januária, Minas Geraes. São Paulo: Nelson Benjamin Monção, 1934. v. 1.

OLIVEIRA, Manoel Ambrósio Alves de. A mulla sem cabeça. *In*: OLIVEIRA, Manoel Ambrósio Alves de. **Brasil interior**: palestras populares - Folk-lore das margens do São Francisco. Organização de Ramiro Esdras Carneiro Batista, Carlos Céza de Carvalho e Ros'elles Magalhães Felício. Montes Claros/MG: Editora UNIMONTES, 2015. p. 51-54.

OLIVEIRA, Manoel Ambrósio Alves de. A serpente. *In*: OLIVEIRA, Manoel Ambrósio Alves de. **Brasil interior**: palestras populares - Folk-lore das margens do São Francisco. Organização de Ramiro Esdras Carneiro Batista, Carlos Céza de Carvalho e Ros'elles Magalhães Felício. Montes Claros/MG: Editora UNIMONTES, 2015. p. 59-60.

OLIVEIRA, Manoel Ambrósio Alves de. O carro que canta. *In*: OLIVEIRA, Manoel Ambrósio Alves de. **Brasil interior**: palestras populares - Folk-lore das margens do São Francisco. Organização de Ramiro Esdras Carneiro Batista, Carlos Céza de Carvalho e Ros'elles Magalhães Felício. Montes Claros/MG: Editora UNIMONTES, 2015. p. 55-57.

OLIVEIRA, Manoel Ambrósio Alves de. Os diamantes do Tejuco. *In*: OLIVEIRA, Manoel Ambrósio Alves de. **Brasil interior**: palestras populares - Folk-lore das margens do São Francisco. Organização de Ramiro Esdras Carneiro Batista, Carlos Céza de Carvalho e Ros'elles Magalhães Felício. Montes Claros/MG: Editora UNIMONTES, 2015. p. 207-211.

OLIVEIRA, Marco Antônio. Aspectos da Difusão Lexical. **Revista de estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, ano 1, v. 1, p. 31-41, jul./dez. 1992.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

OTTONI, Carlos Honório Benedito. Da Diamantina a São Francisco: impressões de viagem, Imprensa Oficial de Minas Gerais. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 669-681, jan./jun. 1906.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. *In*: MOLLICA, Maria Cecília (org.). **Introdução à sociolingüística variacionista**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1994. p. 69-73.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. *In*: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (org.). **Introdução à Sociolingüística**: o tratamento da variação. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 33-42.

PAIVA, Maria da Conceição de; SILVA, Giselle Machline de Oliveira e. A visão de conjunto das variáveis sociais. *In*: SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Padrões sociolinguísticos**: analise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998. p. 335-378.

PARÁ. Secretaria Executiva de Trabalho e Promoção Social. **A pesca artesanal no estado do Pará:** perfil sócio econômico e organizacional dos pescadores filiados ás colônias. Belém, PA: SETEPS, 2003.

PATRICK, Peter L. The speech community. *In*: MEYERHOFF, Miriam; STRYCHARZ, Anna. Communities of practice. *In*: CHAMBERS, James. K.; TRUDGILL, Peter; SCHILLING-ESTES, Natalie. (ed.). **Handbook of variation and change**. Oxford: Blackwell Publishing, 2004. p. 573-597.

PEDROSA, Julien; LUCENA, Rubens. Fonologia estruturalista. *In*: HORA, Demerval da; MATZENAUER, Carmem Lúcia (Org.). **Fonologia, fonologias**: uma introdução. São Paulo, SP: Contexto, 2017.

PEIXOTO, Maria Ermelinda. **Germil:** notas etnográfics e linguagem. 1968. Dissertação (Licenciatura e Filologia Românica) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Filologia Românica, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1968.

PENHA, João Alves Pereira. **Aspectos da linguagem de São Domingos**: tentativa de descrição de linguagem rural brasileira. Franca: [s. n.], 1972. 31 f. (mimeo).

PEREIRA, Thais Dutra. **A linguagem da pesca em Comunidades Baianas**: um estudo dialetal em Siribinha e Bom Jesus dos Passos. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, mestrado em Língua, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

PEREIRA, Anete Marília. A urbanização no sertão norte-mineiro: algumas reflexões. *In*: PEREIRA, Anete Marília; ALMEIDA, Maria Ivete Soares de (org.). **Leituras geográficas sobre o Norte de Minas Gerais**. Montes Claros: Editora da UniMontes, 2004.

PEREIRA, Antônio Emílio. **Memorial Januária:** terra, rios e gente**.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004.

PERINI, Mário. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial 2010.
PERINI, Mário. O surgimento do sistema possessivo do português coloquial: uma abordagem funcional. **Revista de DELTA**: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 1, n. 1/2, p. 1-16, 1985.

PINHEIRO, Ludmila Reis. **A concordância nominal no português de Belo Horizonte**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

PLAZA, Luna Sartoratto. **O dialeto caipira no município de Itatiba-SP**. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

PONTE, Vanessa Maria Lobo, **A concordância nominal no linguajar de uma comunidade pobre de Porto Alegre**. 1979. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1979. Disponível em: http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=1345. Acesso em: 15 ago. 2020.

POPLACK. Shana. Deletion and disambiguation in Puerto Rican Spanish. **Language**, New York, v. 56, n. 2, p. 370-385, 1980. Disponível em:

http://www.sociolinguistics.uottawa.ca/shanapoplack/pubs/articles/Poplack1980Deletion.pdf. Acesso em: 14 maio 2020.

RAIMUNDO, Jacques. **O elemento Afro-Negro na Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Renascença Editora, 1933.

REIS, Gizelly Fernandes Maia dos. Cravícula e carcanhá: a incidência do rotacismo no falar maranhense. **Revista Littera,** São Luís, v. 1, n. 1, p. 33-40, jun./jul. 2010.

REDMER, Clarissa Diassul da Silva. **Metátese e epêntese na aquisição do PB**: uma análise via teoria da Otimidade. 2007. Dissertação de (Mestrado em Letras)- Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2007.

RIBEIRO, Joaquim. **Folclore de Januária**. Rio de Janeiro: MEC/Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1970.

ROMAINE, Suzanne. Postvocalic [r] in Scottish English: sound change in progress? *In*: TRUDGILL, Peter (ed.). **Sociolinguistic patterns in british english.** London: Edward, 1978. p. 144-157.

ROMAINE, Suzanne. What is a speech community? *In*: SOCIOLINGUISTIC. **Variation in speech communities**. London: Edward Arnold, 1980. p. 13-24.

ROMANO, Valter Pereira; FONSECA, Cecília Godoi. Uma abordagem sociodialetológica do fenômeno do rotacismo no município de Itajubá-MG. **Web-Revista Sociodialeto**, Campo Grande, MS, v. 6, n. 16, p. 1-19, jul. 2015.

ROMANO, Valter Pereira; SILVA, Jonas Passos da. Bicicleta ou bicicreta: um estudo do rotacismo na fala de paulistas a partir dos dados do Atlas Lingüístico do Brasil. *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, 1., 2010, Maringá. **Anais** [...]. Maringá: Editora da UEM, 2010.

SANTOS, Lilia Soares Miranda. **Sobre a ausência de concordância nominal no português falado em Pedro Leopoldo, MG**: uma abordagem variacionista. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

SCHANE, Sanford A. **Generative phonology**. englcwood cliffs. Nova Jersey: Prentice-Hall, 1973.

SCHANE, Sanford A. **Fonologia gerativa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. **Revista Internacional de Língua Portuguesa,** Lisboa, v. 12, p. 37-49, dez. 1994.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **A regra de concordância de número no sintagma nominal em português**. 1978. Dissertação (Mestrado em Letras)- Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1978.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Reanálise da concordância de número no sintagma nominal em português**. 1988. Tese (Doutorado em Letras/Lingüística)- Programa de Pós-Graduação em Letras/Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. *In*: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (org.). **Introdução à Sociolingüística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. p.-147-169.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Sobre a concordância de número no Português falado do Brasil. *In*: CONGRESSO INTERNAZIONALE DI LINGUÍSTICA E FILOLOGIA ROMANZA, 21., 1998, Tübingen; RUFFINO, Giovanni. (org.). **Dialettologia, geolinguistica, sociolinguistica**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1998. p. 509-523.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. **Fonética e fonologia do português brasileiro**. São Paulo, SP: Contexto, 2015. (Coleção para conhecer).

SEVERO, Cristine Gorski. A comunidade de fala na sociolinguística laboviana: algumas reflexões. **Revista Voz das Letras**, Concórdia, n. 9, p. 1-17, 2008. Disponível em: http://www.nead.uncnet.br/2009/revistas/letras/9/92.pdf. Acesso em: 5 fev. 2021.

SEVERO, Cristine Gorski. A questão da identidade e o *locus* da variação/mudança em diferentes abordagens sociolingüísticas. **Revista Letra Magna**, ano 4, n. 7, 2. sem. p. 1-15, 2007.

SILVA, Cosme Damião da. **O estilo indireto livre no Brasil interior de Manoel Ambrósio**. Belo Horizonte: UFMG/FALE/NAPq, 1995.

SILVA, Giselle Machline de Oliveira e. Estertores da forma seu na língua oral. *In*: SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Padrões sociolinguísticos**: analise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 171-182.

SILVA, Giselle Machiline de Oliveira e. Estertores da forma *seu* na língua oral. *In*: SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Padrões sociolinguísticos**: analise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998. p. 170-181.

SILVA, Giselle Machline de Oliveira e. **Estudo da regularidade na variação dos possessivos no português do Rio de Janeiro**. 1982. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1982.

SILVA, Giselle Machiline de Oliveira e. Variação no sistema possessivo de terceira pessoa. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 78/79, p. 54-72, 1984.

SILVA, Monique Souza; SOUSA, José Haroldo Bandeira. Monotongação e rotacismo: processos fonológicos na fala da comunidade quilombola de Cipoal dos Pretos. **Revista de Letras**, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 7-14, jan./jun. 2012.

SILVA NETO, Serafim da. **Fontes do latim vulgar**: o appendix probi. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1956.

SILVA NETO, Serafim da. **História da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1952.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da filologia portuguesa**. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.

SILVA, Thaïs Cristófaro. **Fonética e fonologia do Português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SIQUEIRA, Manoel. Análise contrastiva da estrutura do sintagma nominal possessivizado no português brasileiro. **Matraga,** Rio de Janeiro, v. 28, n. 52, p. 25-43, jan./abr. 2021.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

TEIXEIRA, José Aparecida. O falar mineiro. **Revista do Arquivo Público Municipal**, São Paulo, v. XLV, p. 5-100, 1938.

TEM, Luiza Fernandes. **Rotacização das líquidas nos grupos consonantais**: representação fonológica e variação. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras)- Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

THÉ, Ana Paula Grinfskói; MADI, Elisa Furtado; NORDI, Nivaldo. Conhecimento local, regras informais e uso do peixe na pesca do alto-médio São Francisco. *In*: GODINHO, Hugo Pereira; GODINHO, Alexandre Lima (coord.) **Águas, peixes e pescadores do São Francisco das Minas Gerais**. Belo Horizonte: Ed. Pontifícia Universidade de Minas Gerais, 2003. Cap. 21, p. 389-406.

TOLEDO, Adilson do Rosário. Revisitando o pronome possessivo em uso na Ilha de Valadares. *In*: FAGUNDES, Edson Domingos; LOREGIAN-PENKAL, Loremi; MENON, Odete Pereira da Silva. **O falar paranaense**. Curitiba: Editora da UTFPR, 2015. p. 189-209.

TOLEDO, Adilson do Rosário. **Sistema pronominal possessivo em uso na Ilha de Valadares**. 1998. Dissertação (Mestrado em Letras)- Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1998.

TRUDGILL, Peter. **On dialect**. Oxford: Blackwell Publishing, 1983.

VALENCIO, Norma Felicidade Lopes da Silva *et al*. A precarização do trabalho no território das águas: limitações atuais ao exercício da pesca profissional no alto-médio São Francisco. *In*: GODINHO, Hugo Pereira; GODINHO, Alexandre Lima (coord.) **Águas, peixes e pescadores do São Francisco das Minas Gerais**. Belo Horizonte: Ed. Pontifícia Universidade de Minas Gerais, 2003. Cap. 23, p. 423-446.

VEADO, Rosa Maria Assis. **Comportamento lingüístico do dialeto rural**. 1982. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1982.

VIARO, Mário Eduardo. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. A língua falada em Alagoas: coleta e transcrição dos dados. *In*: FREITAG, Raquel Meister Ko. (org**.). Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística**. São Paulo: Edgard Blucher, 2014.

VOTRE, Sebastião Josué. **A pesquisa de campo em Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1994.

ZITZKE, Bethânia Coswig. **Uma análise da ocorrência de metáteses na fala de crianças em fase de aquisição de linguagem**. 1998. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Letras) – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

ZITZKE, Bethânia Coswig. Um levantamento de metáteses na fala de crianças em fase de aquisição da linguagem. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 219-227, 2001.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança de lingüística**. São Paulo: Parábola, 2006.

WETZELS, Leo. The lexical representation of nasality in Brazil Portuguese. **Probus**, v. 9, n. 2, p. 203-232, 1997.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

FICHA SOCIAL
NOME:
NATURALIDADE: Obs: Se o entrevistado não for natural de Januária, passar para a próxima questão.
Com quantos anos mudou-se para Januária?
SEXO: ( ) MASCULINO ( ) FEMININO
FAIXA ETÁRIA: ( ) 12 A 20 ANOS ( ) 21 A 54 ANOS ( ) 55 ANOS ACIMA
ESCOLARIDADE: ( )Não alfabetizado ( )01 a 04 anos ( )05 a 08 anos ( )09 a 11 anos
PROFISSÃO:_____**HÁ QUANTOS ANOS?**_____
ROTEIRO PARA OBSERVAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA

TEMA	**PERGUNTAS**
RELACIONAMENTOS PESSOAIS	Você mora com sua família? Com quem você mora? O que eles fazem (estudam, pescam, etc)? Você se dá bem com eles? Onde moram seus parentes (perto, longe)? Qual parente você tem mais contato? Você tem amigos? Eles também são pescadores? Quando está na cidade você costuma visitar outros pescadores? A sua família é amiga das famílias de outros pescadores?
HABITAÇÃO	Você gosta da sua casa? Como ela é? Você gosta de Januária? Por quê? Você sempre morou aqui? Como são seus vizinhos? Também são pescadores? Como era Januária antes da construção da ponte? Você se lembra da época da balsa? Você já andou de balsa? Quantos dias você fica nas ilhas/acampamentos? Você gosta de ficar lá? Há energia elétrica? O que você faz quando adoece na ilha? Usa algum remédio do mato? Sua família também vai para as ilhas e acampamentos?
LAZER	.Você gosta de festas? Você participa das festas em honra ao rio São Francisco? .E as romarias, você já foi em alguma? .Você frequenta a igreja? E participa das comemorações da igreja? .Você costuma viajar para outro estado? Ou para outra região de Minas Gerais? .Já viajou por questões de saúde? .Já ficou fora de Januária por muito tempo? .E música, você gosta? Sabe tocar algum instrumento?

HISTÓRIAS	.Como foi a sua infância? O que você fazia? Você brincava de quê? Com quem? Onde? Você estudava? O que seus pais faziam? .Seus pais ou avós gostavam/gostam de contar histórias? Você sabe contar alguma história sobre o rio São Francisco? .E histórias de pescador, você sabe contar? .Você acredita nas lendas que as pessoas contam sobre o rio São Francisco? .Você já ouviu falar sobre a lenda do caboclo d'água? E a mãe d'água? .Na lida da pesca, você já viu alguma coisa estranha no rio?
A LIDA NA PESCA	.Você pesca desde quando? Seus pais também pescavam/pescam? Com quem você pesca? Você é cadastrado na colônia dos pescadores? Você vai às reuniões da colônia? .Qual material você usa para pescar? .Quais os tipos de peixe você pesca no rio São Francisco? .Ainda existe muito peixe no rio? .Onde você vende o peixe? Na rua? Na feira? Entrega na colônia? .Você já correu algum risco de morte no rio? E quando o rio enche você tem medo? .Na época da Piracema você trabalha em outra função? .Você planta vazante? O que você planta na vazante?

APÊNDICE B - REGISTRO DE CAMPO

As imagens neste apêndice são do acervo pessoal da autora desta tese, tendo sido produzidas no período de coleta de dados na comunidade pesquisada e, algumas foram tiradas pela fotógrafa Ana Alaíde Amaral, durante a pesquisa de campo.

Pesquisadora e pescadores no acampamento Ióte. Ao fundo, barracos de lona

Fonte: Foto de Ros'elles Magalhães Felício.

Pescador em acampamento na Ilha do Rodeador, no rio de São Francisco

Fonte: Foto de Ros'elles Magalhães Felício.

Pesquisadora e família de pescadores na Ilha da Capivara (Pedras de Maria da Cruz). Ao fundo, casa de adobe

Fonte: Foto de Ros'elles Magalhães Felício.

Pescador tecendo rede de emalhar nº 12 em uma rua de Januária (MG).

Fonte: Foto de Ros'elles Magalhães Felício.

Colônia de Pescadores Z-16, em Pedras de Maria da Cruz (MG)

Fonte: Foto de Ana Alaíde Amaral.

Carranca em praia do rio São Francisco em Januária(MG)

Fonte: Foto de Ros'elles Magalhães Felício.

Pescador “grupiando” peixe no rio de São Francisco

Fonte: Foto de Ana Alaíde Amaral.

ANEXO A - A MULLA SEM CABEÇA

- Arrunego d'aquella que, dizem, eu não seio, não juro, qu'é, mulla de pad'e, Kuk!Kuk!Kuk!Kuk!Kuk! (guttural) Cruis! eu t'arrunego treis vêis! Cruis da bracafusada, da encrenca da tua pantaforma! Eu so seio dizê qu'era n'um dia de sexta-feira de corésma. Era bem tarde já. Eu e mamãe, nois tinha cabado de chegá em casa, ô dispois das encomendação das arma. Nois é vinha de carreira, coge mortas d'assombrada. Mamãe, coitada, esta cahio na porta da rua, de bruço, que nem genipapo maduro, em conto eu destrancava a porta. Entrou arrastada nos meus braço, tremendo cumo varas verde, cansada em tembos de deitá a arma p'la bocca. Non vê, que conde acabou-se c'oa encommendação, qu'era na rua de riba no cruzêro da Bôa Morte, cada um dos companheiros pitou seu fumo e tomou seu rumo e nois tambem tumemo o nosso. E nois é vinha puxano muito e nois morava longe no fim da villa.

Malli fiquemo só, condo uvimo uma matinada qué vinha da rua de riba, e mamãe disse logo: - Minha fia, queira Deos nois não temo hoje córqué branquifeste! E eu fiquei logo me temblano, sipono o que seria. Mêdo, que Deos dava! E puxa que puxa! Puxa qu'e puxa! Tira que tira! quisape, quitrape!... que a arma stava pra sahir pla bocca! E o trem lai vem e nois demo pra corrê. Panhemo nas mão os xinello, botemo a saia pla cabeça e mettemos o arco. E o trêm atrais de nois! Pramode coisa que nos vio, e avançou c'uma tribusana, c'aquella bataria que chegava a tremê a terra. Eu não sabia o que era; mamãe, antonce, foi quem conheceu de longe.

- Minha fia, stamos perdida! E eu pensei logo qu'era difunto.

- Aquillo é a mulla sem cabeça, disse ella, parano. Não corre mais não, qu'é mais pió. Deita-te de bruço n'areia, cobre bem a cabeça e esconde as unha dos pé e das mão. Se ella vié e nos cherá, não tem nada.

- Mas, mamãe a tribusana é grande, l'evém aqui perto... e pramode qu'é duas tribusana?... - Cala bocca, menina, deita! por Nossa Senhora! E nois... brucutú! n'areia, na beira d'um fedegosal.

A lûa stava quilára que nem o dia! Conde nóis fumo deitano, a tribusana parou coge perto de nóis n'uma encrenca... fim! ai! ai! Era duas mullona.

Vinha tinino aquella ferrage, n'uma latomia, c'uma pantomia que fazia horrô. Eu acho que uma sentio o bafo que o vento trazia da outra, e por isso foi que uma parou, esperano. A outra, a de riba, nam mancou! Foi chegano e aqui no contenente arribou-lhe uma bardelada na outra, que foi de quarto abáxo, que chegou escanchá. E trancáro uma briga que fedeu chamusco, aquelle fedozão de enxôfre. Eu arribei bem, antonce, a ponta do lançó da encommendação pra vê. Uma bruziguiada do inferno! Coge qu'assombro, condo fui dano c'os oios na bixa.

Era patada e dentada que sahia aquellas lasca de fogo! Arreparei bem as duas porcona, as duas mullona, cada qual có duas estrella na testa. Era fogo só! E ellas, papú brucutú! papú brucutú! Dava roncos e rinchava que parecia dois bixos feróis, dois diabo em pessôa. E batero ferrage!... batero ferrage!... brigaro horas larga, que cum poucas o gallo cantou.

Aqui, cond'o gallo cantou, apartaro a briga, e uma correu pra riba, outra pra báxo, que sumiro n'aquella mundaça.

Antonce nois lavantemo; e, pernas pra que te tem?

Cheguemo em casa pra morrê, e o trabaio malhó que deu-me pra socegá mamãe?

Conde nois stava pra deitá, batero na porta cum força.

- Quem bate?

- É de pais.

- De páis quem?

- Eu, fulana!

- Ah! Ah! ah!

Mamãe, que, por inlivia, sabia mais ó mêno do causo, me coxixoume em segredo, pondo os dois dedo na bocca.

- É dona fulana. Ella é que é a mulla sem cabeça que nóis vimo.

- In cumas, mamãe? proguntei eu por aqui assim indimirada e báxinho: d. fulana!?

- Não quero vê promoves, eim? Tu fais que não vê, que de nada sabe; eu vou abri a porta e tu não te alavanta, nem pru sonho. E sahiu e foi abri a porta.

Eu, pan! fiz que stava drumino e roncava... de mentira.

Mamãe destrancou a porta e conversou báxim qu'eu não uvi. So uvi mamãe dizê: não tem ninguem.

A muié entrou gemeno; stava que fazia last'ma. Oia? Cada lápo d'est'amanho... no corpo todo! A outra mula era valente, e eu acho que trazia navaia e era d'outra freguezia.

Comeu a outra em vida que não mancou e coge a mata. Nam foi nada; subiu pra riba da cama e debáxo de muito segredo (aqui pra nóis), o vigáro, ô dispois do causo passado, que soube, veio in nossa casa, horas morta, e levou antonce pra casa d'elle a tal fregazona d'elle. Antonce, conde se proguntava, se dizia qu'era catharrão cum feverão. Ella, se maldizeno, contava de semp'é á mamãe a sua sina. Coitada! tinha uma má sina. Muitas vêis quizera largá o pad'e; mas porém, a sina d'ella puxava, e ella, que só dava pr'aquillo, não tinha remeidos a dá. Hoje ninguem vê mais disto (qu'indas hai)! mais, n'outro tempo, cumo no meu, era um risco! Deos amostrava muitos inzemplos. Ainda hai a mulla sem cabeça; custa muito, mas porem, hai. Essas cousas de Deos umfum!... ninguem deve marmurá. Mamãe veio sabê, ô dispois muito tempo, qu'essas gente são iscommungado. O pad'e que se mette c'oa vida d'essas tafula, desneque alevanta da cama, o premêro Deos te sarve e o premêro pilosiná é iscummungá ella sete vêis, antes de rezá. Condo reza o breviaro, sete; antes de carçá o xinello, sete tambem, qu'é pra leva pra greja a fulaneja debáxo dus pé; antes de começá a missa sete; sete antes de tocá na pedradella; sete ante o prémêro donozobisco; sete no mei' da missa; sete no alevanta do Senhô; sete antes do cale, sete ô dispois que acaba a missa. E tudo isso em sete coresma elle é obrigado a fazê. Que conde interá as sete coresma e sete sexta feira, na béspa, é hora da fulana, a tafula, virá a tal mulla; sem ella esperá (n'uma sexta feira é que começa); chega cuma doida no monturo, tira a roupa toda, põe na cerca, esfrega pra lá, pra cá; que cum poucas non tem que vê; rompe na mundaça aquella bixa!... Sete freguezia! Tem de corrê o fado sete freguezia! Quem qué pega uma mulla d'esta, stano de tocaia, é accendê uma vella branca benta, si tem corage, pruque o causo é feio e escaroso. Vem batê em riba, non tem que vê; mas porem, é muito riscoso. Só a ferrage d'ella... unfum! ai! ai! Os óios nosso c'oas unha é candeia pra ellas. Condo se qué sabê si uma tafula stá virano, panha-se um caco de teia e cobre o rasto della n'areia, cond'ella vai pra missa, e fica-se de mamparra até que ella vorta pru onde já passou. Retira-se ô dispois, o caco que é de se vê o rasto de um burro ferrado. Custa muito virá a mulla, ispramentes as que não se chama Anna. Estas vira de sete anno. (OLIVEIRA, 2015, p. 51-54).

ANEXO B - O CARRO QUE CANTA

Maria da Cruz! Ah! Maria da Cruz!

Canta o teu carro ainda no fundo d'água?

Há uns bons trinta annos dizia convicto o preto velho José Theodoro (e com elle ainda o povo do arraial):

- Canta! E pruque não canta?

José Theodoro com sua cabeça adoravelmente branca, qual se n'ella trouxesse eternamente atado fino lença de alvíssima cambraia, era então um nonagenario parlador de feliz memoria e espirito vivo, forte ainda no labor da vida.

Revenciavam-n'o, porque quando falava, quasi um seculo emergiase da sombra, encarnando-se em suas palavras autoritarias, sizudas, de uma firmeza inaballavel e ingenuidade taes que affrontavam ao ouvinte o mais desabusado.

Velho africano de cara lanhada, oriundo das antigas senzallas da famoza senhora e dona das Pedras do Padre(Manoel Cardoso) ou Pedras de Baixo – Maria da Cruz, a inconfidente de 1736, José Theodoro era o patriarcha do povoado.

E quem o idiota para contestar isto ou aquilo que elle falasse entre a gente? Pol-o em duvida, correria o risco de passar por um impostor de marca maior, olhado logo com maos olhos, porquanto, dizia-se que o velho era apreciado até de altos personagens que em sua casa procuravam hospedagem, com o firme proposito de ouvil-o, e para isto vinham de longe. Esta fumaça e fama ennevoavam a envaedecida imaginação e amor proprio do africano a ponto de tal, que era um gosto vel-o tirar do bolso da calça o seu cornimboque de chifre de bode, atarracar as ventas com duas valentes pitadas de torrado, limpar os raros bigodes com o respectivo lenço de alcobaça e repetir com insistencia:

- Nhorsim! O carro canta, sim sinhô, todo dia que chega as horas morta da noite. E dest'arte Carlos Ottoni e outros tiveram que registrar lendas do José Theodoro com suas phantasias, que, como as demais com que mimoseava os seus hospedes, começavam sempre por esta:

- Maria da Cruz, era tão grande, tão rica, e tão pudorosa, que chegou attestá seu thesouro com o do Rês de Portugá. De uma feita ella levantou aqui um baruião de tal modo perigoso, que condo o Rês soube, mandou prendê ella cos cumpanheiro por inveja de seus teres, e tomou-lhe tudo, arrasando a casas, deitando sal em cima, acabano c'os escravo, qu'era que nem chuva, e bens cuma as terra e gado do campo; ella, na corrente, marchou pra la das Cobras no Ri' de Janeiro e la morreu na cadeia. Tudo isto pruque fôra muito má. Muié d'estouro e d'esparro, pabulona! Seus escravo e camaradage não tinha descanso; trabaiava nos domingo e dia de guarda. Nunca houve missunaro, nem pregadô que não mardiçoasse ella, mais ella nem mimba! Pouco s'emportava, não fazia causo! Nunca os escutou. E os missunaro cós pregadô dizia:

- Dêxa-t'está, Maria da Cruz, que quem vivê verais o teu fim! Tempos é de vim que quem por aqui passá, é de proguntá: - Antonce, cadêl-a a dona Maria da Cruis? E ninguem é de arrespondê. Tu trabaia nos domingo e dia santo e não houve conseios; mas porem, tudo quanto é teu é de rendê cuma correia no fogo. E dito e feito. Se bem disse, mió sahio. Todo o povo marmurava e se quéxava p'uma bocca só; a escravatura morria nos açoito e no trabaio. Um dia de domingo na hora da missa um carro é vinha entrano n'esta pavoação, cantano c'uma toada muito triste, carregado de tachos grande de fornaia e outros de cosinhá angú pros negros.

Aquillo já era por luxo e mangação qu'ella fazia.

Ora, o povo qu'havera de dizê? E se fosse dizê, abri a bocca se cór o meno, tudo panhava, apois ella não era de caçoada. O pad'e vigaro da freguezia n'aquelle estantim tinha feito uma preba pramode os trabaio de domingo, que Deos dera os domingo pramode se

descansá, e quem assim não purcedia, abusava, era mal assuccedido, por isso se via muitas fortuna arruinada. Maria da Cruz achava-se n'esse dia na missa; mas porem, c'um muxôxo nem fé deu d'aquillo. Na hora em que o pad'e vigaro alavantava o Senhô, uvia-se aquelle baruião!

Que foi, que não foi, acode, acode, quetá, tei'-mão!? O povo enterrou os pé de dentro da grêja, mas porem, já foi tarde. Os boi arrancáro, dispararo de dentro do arraiá n'uma carreira medonha e tão medonha que não houve ôa-ôa, nem acão acão! Derrepente se fez aquelle féchafécha adiente, mas porem, tudo bardado. Os boi, carro, c'os tacho tudo, c'o escravo, carreiro, c'o tudo atacou e tafuiou plo fundo do rio a dentro que nunca mais se teve notiças d'elles. Um anno ô dispois, Maria da Cruz era presa nas corrente pra Ia das Cobra no Ri' de Janêro que o Rês tinha mandado prendê ella.

Isto ficou servindo d'inzemplo.

Passa annos e annos; cond'é la um tempo a gente do arraiá e nois tudo ouve, horas morta, inté dias que é hoje, o carro cantano no fundo do rio e vai desceno aguas-abáxo c'o escravo tocano os boi. (OLIVEIRA, 2015, p. 55-57).

ANEXO C - A SERPENTE

A serepente do Rio de São Francisco, dizia um velho barranqueiro, é uma real'dade! Não é dos meos tempos; é dos antigo, os prémeiros habitante de G' nos tempo do mest'e de campo nas santas missão de Frê Biatino. Este Frê Biatino era um pad'e de bôa vida, mais que ninguém sabia. Stava-se carriano pedra de uma legua e mais pramode se dinificá outra egreja, pruque a que ficava no suburque do povoado não prestava. Elle em pessôa é quem triminava o serviço que havia bastantes anno que ninguem s'atrevia a concului, pruque era sabido: mettê a cara c'a obra... pan! morria n'aquella certeza.

Os ufriciás não s'astrevia mais. Uns intisicava, outros cahia de mulestra supra. Um que quis se amostra de valente, este endoidou e enlocou de tal modo, que correu pro rio e nunca mais appareceu inté dias que foi hoje.

No vê que a ingreja era na berada do rio; lavatou-se os inlicercio sem ter nada; mas, conde os paredão subiro inté certo ponto, d'esse cujo ponto antonce, se descobria um reconclo que o rio fazia e desse dito cujo, em certas hora apparecia dois bogaio tão acceso, que uma estrella é moleque pra paracê c'o elle em riba d'agua.

Infeliz do que botasse os óios pra lá! Já era vóis que em outras era muita gente alli tinha se sumido, em bens cuma muitos canoeiros e animás.

De tempos em tempos um ruge-ruge c'uns estrondo n'agua fervia as mareta do peráo e a terra tremia querendo s'afundá'. Se dizia que era os bixo d'agua brigano c'os peixe brabo, c'as coisas encantada qu'este rio inté hoje tem. E os tempo ia se passano e a ingreja cahia no esquecimento, conde o santo missunaro Frê Caetano tomou conta do serviço.

Logo qu'elle metteu cara e arribou c'a obra, vio-se logo a deferença.

O maderame foi cortado em deversios logás, mandado por elle: portas de tal parte, janellas de tal outra, mad'e d'outra, cruzeiro d'outra, areia d'outra, em bens cuma, pedra d'outra, cali d'outra também e tudo mais n'essa cumfirmidade inté acabá. O missunaro era santo mêmo. Um home, na occasião que se tirava essas pedra, foi machucado no pé por umas d'ellas. Carregou, dispois, a canôa e foi o premêro que chegou no porto, onde se achava o pad'e pra sisti desembarcá as ditas pedra e mais mistriás. Stava elle tirano e foi tirano e foi conde sinão conde, disse por aqui assim o pad'e por essas palav'as, apontano pro fundo da canôa:

- Meu fio, tira aquella pedra e supara ella práquelle ladro.

- Uai! Pramodes que, seu pad'e mest'e?

- Pruque ella é do diabo, fio! Oia teu pé cumo stá machucado!? Você xingou ella, não é verdade?

- Sim sinhô. - Apois? Não sirve pro trabaio.

Ora, isto foi um horrô pro povo e foi antonce que se vio que o pad'e era de bôa vida, estordenaro mêmo, apois não comia nada que padecesse morte. Cond'era hora do sermão, a gente via elle sahi de casa, sumi no mei' da rua, e conde se percurava elle... ei! n'é de'hoje seu pad'e, qu'elle já stava no pulp'to! E ninguem via prudonde elle passava. Se caçava elle no pulp'to, elle já stava veio... frio... em casa; se caçava em casa, elle já stava dahi uma legua no serviço das pedra. E sem faze farta e sem dá pru fé, apparecia no servicio da madeira, duas pra treis legua. Ora, um pad'e assim, que fazia d'essas passadage, não tem que vê: era inziminado. E de maneiras que, cumo eu ia dizendo, conde acabou-se a ingreja, dise elle um dia ao povo que elle não dizia aonde, nem conde, nem conde não; mas porem, que todo dia de sabb'do pra domingo o povo rezasse reunido n'aquella ingreja, apois elle sabia que por alli morava uma serepente braba que elle tinha marrado com um fio de barba d'elle; que ella ja stava cheia de penuge e não tardava a criá aza. Se chegasse a criá e sahise se cór ó meno ca cabeça de fora, so co urro della arrasaria sete cidade cós seus pavoado em tres dia. Qu'ella era

moradeira dentro do Rio São Francisco. Toda las vêis que o povo rezasse o ufriço de Nossa Senhora, havéra de cahi uma pena das aza d'ella.

- O'ia lá! disse elle, no dia de despedida; Adeos! Inté dia de juiz! Se a serepente sahi, só dois irimão mabaço é quem é de mattá ella pro tempo adiente, e um dos irimão matará o outro, e o grito da serepente é de estrondá no Rio todo de São Francisco. E o povo chorava cumo criança bateno nos peito: misericórdia, seu pad'e mest'e! (OLIVEIRA, 2015, p. 59-60).

ANEXO D - OS DIAMANTES DO TEJUCO

Roubo á corôa portuguesa

Quem quizer saber do gosto até onde podem chegar as phantasias populares do sertão, provoque-se-lhes a endemica mania dos thesouros enterrados.

Sonhos, apparições de almas do outro mundo, contos reaes, contos mentirosos, contos de contos, historietas absurdas, casos virgens, ignorados, infalliveis discripções, velhos e novos retiros, velhas e novas tentativas, exemplos aos milhares, aos milhões, toda essa farandulagem de grandeza e interminável sêde e desejos de oppulencias que transpiram verdadeiro thesouro, realissimo: de formosas lendas, de bellos episodios edificantes, necessarios, de homens, de usos, de costumes, de logares, de remotissimas eras, repintadas de quadros da vida nacional com suas emoções, suas reminicencias, seus soffrimentos, affrontas, vinganças e heroismos patrioticos, que os seculos vão envolvendo na poeira esmagadora de seus mysterios.

E com suas tradições e attestados indeleveis de gerações decahidas pelo desamor ao trabalho, falam-nos os templos, as cidades, as aldeias, as tapéras e ruinas varias, intrincados desertos, subterraneos, cavernas e serranias.

Em toda parte onde estampam-se os idéaes impossiveis da cobiça, jamais esta perdoou um palmo de terra siquer, ou respeitou o mais sagrado monumento.

O vandalismo com o sacrilegio, de mãos dadas, tudo devastam, nada poupando nem mesmo os tumulos. E registremos de passagem, antes do presente conto, um facto de nossos dias, se nos permittem.

No cemiterio do Brejo do Amparo fôra sepultada uma viuva de um dos longinquos sitios do districto. Seis mezes depois, espalhava-se a noticia de que aquella senhora, antes de fallecer, recommendára de certo modo particular e insistente á uma de suas filhas o maior cuidado e empenho – collocar em seu caixão um travesseiro que para aquelle fim de antemão preparara. Queria, sem duvida, sobre elle adormecer, sonhar até ao último dia. A desvelada filha religiosamente cumprira aquelle sagrado dever – pedido da extrema hora. Gozava a viuva reputação de arranjadona em bens e recursos pecuniarios de alguns contos de réis em ouro, prata e moeda de papel; mas, depois de sua morte, nada de dinheiro! Nem um vintem!

Dahi o boato alarmante de bocca em bocca no arraial, atarracado de mexericos e descreditos contra a memoria da pobre morta. Maldito dinheiro!

A filha fora victima da usura da mãe que levára para o tumulo, n'aquelle travesseiro grande, parte da fortuna. Rapariga desasada, ignorante, bruta!

Com esses visos de verdade ou de mentira, o caso é que fôra violado o tumulo da viuva por tres truculentos miseraveis, que remexendo o sagrado deposito, estupidamente separaram a cabeça do cadaver do tronco já delido, arrancando com esta o celebre travesseiro.

Este acto de bravura tresandava a coragem de algumas garrafas de cachaça.

Deixando aberto o funebre asylo, apressadamente os salteadores escalaram o baixo muro de pedra do cemiterio por onde haviam entrado, e longe d'alli de carreira pelo campo, foram repartir o cobiçado thesouro do travesseiro; com effeito para o gaudio de ladrões e imprevidencia de muita gente tola, recalcado e empanturrado de bellisimas e ja um tanto mofadas notas do banco de... molambos e capim!

Dito isto, continuemos e ouçamos uma bem curiosa narrativa popular:

- Não acreditam os senhores em mal assombrado? perguntava em uma roda palestrante o velho Querino do arraial N.

Um dos assistentes apressou-se em responder:

- Todos, menos eu! que mal-assombrado vivo com tanta cousa que me acontece.

- Antonce é o senhor o mais home e o mais macho dos que stão na roda, eim?

- Não, tio Querino; não é por isto, e sim porque, apezar de eu ter alguns annos e o Sr. Deis doblo dos meu, não hai, cumo eu nunca vi, nem se pode dá, notiças certa adonde seje facio s'encontrá um couro d'alma d'outro mundo.

- Or'astá, Mané, seu pae! Antonce, pruque o Sr. nunca vio couro d'alma, nada inzeste do que os outro cumfirma? Apois, bem? eu também nunca cunheci seu bisavô; mas porem, seio que elle inzestio e tinha bem couro.

- La conto a isso, não hai ypotes.

- Ah! apois assim é o de mais. De tudo hai no mundo. Os senhores cunhece a serra da Caveira?

- Se nóis conhece!?...

- Apois aposto que, se algum dia quarqué dos Senhores alli chegá, é de sahi de lá ás carreira pramode as livosia que la apparece. Eu que lhes conte, in bens cumo a todos que me ouve. A quarqué hora do dia ou da noite, (e da noite antão)! fum! não hai cristão c'arregeste as pantaforma e bizoronha. A gente vê cachorro co gado, suças e tambôs, baruios, pareceno qu'ahi vem muita gente no mei' da pauzoeira do Catingão serrado, conde la nam tem gente nenhuma, e é um diserto que so mora onça. É que alli ja foi uma grande pavoação. Muitos vestige se vê de antigas tapera den d'esses carrasco e catandubas leraba, in desna da serra da Caveira inté, cordão acima, ás matta do Rio Verde Grande que vem das banda do Tijuco, das Frumiga e terras de Grã Magô; apois neste mundão tudo de um Deos inzeste muitos cabedá enterrado de prata, ouro e diamante.

- Prata, ouro e diamante!?

- É cumo stou lhes dizeno: prata, ouro, diamante e muito das Minas dos Quatroeguaes, chamado, que se descobriro no tempo do Borba Gata, do Mest'é de Campo Jenuaro Cardoso, do Vianna, dos imboaba e dos polistra. Estas Minas arrastaro o povaião da Bahia, que encheu de premenentes o sertão da marotada que veio a brigá, ô dispois, n'uma guerra que virou de muito sangue. Os antigo me falaro nisso muitas vêis. Os senhores pode duvidá; mas porem, nessas matta do Rio Verde de ri'abaxo, das cabiceira inté o pé da serra da Caveira, morava muitas quadria de ladrão que atacava dia e noite os forastêro. Nesse tempo com a fama de ouro qu'era muito, abrio-se um'estrada que partia da Bahia pra Cachoeira – 12 légua. Era o premêro pouso. O segundo, da Cachoeira no Juão Amaro – 25 legua; do Juão Amaro nas Tranquêra – 43 legua; das Tranquêra á dereita inté aqui na berada do Rio das Véia – 54 legua, e dalli inté as Mina – 51 legua. Mió conte Deos, 237 no todo do bolo. Apois bem, n'esse camim matou-se muita gente pra robá. Era um perigo. Dis'que que Mest'e de Campo mêmo foi um dos taes que matou muita gente. Os Murrim era cercado de muraia, e pra se possá den' do arraiá... um fum! uai! tinha seus premove; era com muito prixume com licencia delle e ja se sabia; conde se desconfiava que o freguêis levava... eim? era recommendado logo pra passá bem passado. Infeliz desse dito cujo! Não comia mais feijão, nem farinha, não nascia mais capim. Era só botá o coração ao longe e entregá a rapadura. Mas, porem, ô dispois da guerra do Vianna, se descobriro as lavra do diamante do Tijuco.

Diamante cumo quê, cumo bagaço, pru riba do tempo stava bestano! Ora, não fartou quem nelle não avançasse, inté o Rêis de Portugal. Esse também virou guirimpêro e imporibio se vendê o diamante grosso.

Todos los outro guirimpêro so podia nigociá pedra fina e miuda que as grossa, as pedra bôa... elle vapo! Era da cria e se hia entregá no depósto, que já stava tão cheio, que o encarregado tinha pedido ao Rêis que mandasse buscá o thesourão que havia.

O Rêis custou muito, mas porem, nam mancou. Espaiou-se a notiça da tropa qu' é vinha do Ri'de Janero pro Tijuco, que conde dentre dos das quadrias do Rio Verde uma entendeu, antonce, que aquillo era um desafôro muito grande, e de causo pensado combinou robá o thesouro do Rêis, antes da chegada da tropa, e correu pro Tijuco.

De modos que, meus senhores, tropa bateo cumo quebrado; mas porem, diamante de minh'alma! Nem caroço pra cherá. Depósto limpo, espuro da noite pro dia! Ist'é que foi gente na cadeia! Casas varejada, sacco de mantimento despejado, corxão, bahús, gavêtas, balaios, caxão, barrica, surrão, guardados, sotes, quintal, ni tudo se deo-se busca. As estrada fôro guardada; premessas e plemo a quem descobrisse, penas a quem subesse e não contasse, forca pros ladrão que robaro. Houve muitas injusta, muita mentira, muitos impute, muitos farços testemunho, muita vêiacaria, muita prisão, muito vexame e diamante virou tirira na mudança.

In conto isso, os menino stava furano as Matta do Rio Verde e o povo, a gente do Rêis tão sarapantado c'o estumipigio do roubo, que disto nem de leve se alembrou, nem nunca ninguem sonhou. Rôbo bem feito!

- Rôbo bem feito, tio Querino? Rôbo?

- Sê besta, home! Bem feito! Você sabe lá conto sangue de brasileiro aquillo tinha custado? Ai quem me dera qu'eu fosse um d'aquella abençoada quadria! Tanta felicidade não n'havera de chegá pra pob'e de Querino. Eu faria indas pra mió! Trondo de Rêis n'havera de vê, cumo não viu.

- Que faria, tio Querino?

- Lem do thesouro eu mandava um mocado de sordado pra cidade de pé junto e o Rêis que se contentasse c'o orão, c'as arrobas de ouro que de cá foi pra Portugal pru buxo delle e da gente delle, que mettero tudo na vórta da pá e acharo pouco e inda queria mais; in tamos que pru caso disso houve um baruião nas Minas e elle mandou matá, inforcá, esquartejá e desterrá muita gente brasileiro.

- E o thesouro?

- Ora, o thesouro! Thesouro stá hi mêmo. Este nunca sahio do Ri' Verde. Inventaro qu'elle stava aqui, stava acolá. Adio! Mentira! Vocês conhece um bananal brabo ao pé da serra da Caveira?

- Pois não! nois cunhece.

- Ah! quiqui! E' aonde stá elle. Stá difirço de hoje se achá elle, pruque o segredo era grande e os que delle sabia já morrero.

Eu seio, pruque os véios, meus parente me contaro.

Os meninos fizero o rôbo com chaves farça e viero c'o elle e la enterraro. Pra não se desconfiá, no causo d'arguma tropa que desse ou farcidade das incolumenças do Rêis, prantaro, antonce, os menino aquelle bananal in ribas, que hoje stá tão vastro, que ninguem dá venção e não se sabe mais do logá certo, de que ladro fica, inté dias qu'é hoje. (OLIVEIRA, 2015, p. 207-211).